



Marcelo da Silva Murilo

O DIÁRIO DE UM VIAJANTE

SOBRE A EXPEDIÇÃO LANGSDORFF, O MANUSCRITO DE
HÉRCULES FLORENCE E A LONGA VIAGEM FLUVIAL PELO
INTERIOR DO BRASIL (1825-1829)



SINOPSE

O DIÁRIO DE UM VIAJANTE:

SOBRE A EXPEDIÇÃO LANGSDORFF, O MANUSCRITO DE HÉRCULES FLORENCE E A LONGA VIAGEM FLUVIAL PELO INTERIOR DO BRASIL (1825-1829)

(O texto desta sinopse é parte do Prefácio, com autoria de
Daniel da Silva Klein)

A obra é uma análise de um texto cujo autor francês estudou o Brasil da década de 1820, em uma expedição paga pela Rússia, e que fora comandada por um alemão, famoso em sua época pelo seu trabalho desenvolvido em Portugal, ou seja, uma obra que enfoca parte da metade daquela Era das Revoluções de Eric Hobsbawm. Uma das características desse momento foram as bruscas modificações econômicas promovidas pela Revolução Industrial, que colocaram o mundo todo sob novas ordens imperiais. Concomitante, a Revolução Francesa literalmente decapitou a herança medieval, e todo esse cenário teve seu cume de mudanças com a Primavera dos Povos. Os nacionalismos das muitas Europas e anseios socialistas davam cabo àquele nascimento conturbado do mundo contemporâneo. Esse autor fazia parte da expedição Langsdorff, que percorreu o Brasil do Primeiro Reinado, entre 1824 e 1829, atravessou um país não menos diverso e que também gestava naquele momento, sua contemporaneidade. O foco, por óbvio, são os diários de Antoine Romuald Florence, ou, simplesmente, Hércules Florence na nomenclatura de Marcelo Murilo, e ele chegou em uma nação que tinha se tornado independente há apenas dois anos.

Marcelo da Silva Murilo

O DIÁRIO DE UM VIAJANTE

**SOBRE A EXPEDIÇÃO LANGSDORFF, O MANUSCRITO DE
HÉRCULES FLORENCE E A LONGA VIAGEM FLUVIAL PELO
INTERIOR DO BRASIL (1825-1829)**



O diário de um viajante: sobre a expedição Langsdorff, o manuscrito de Hércules Florence e a longa viagem fluvial pelo interior do Brasil (1825-1829)

Marcelo da Silva Murilo

ISBN 978-65-88975-86-2 • Feito Depósito Legal

Copyright© Edufac 2024

Editora da Universidade Federal do Acre (Edufac)

Rod. BR 364, Km 04 • Distrito Industrial

69920-900 • Rio Branco • Acre // edufac@ufac.br

Editora Afiliada



Diretor da Edufac

Gilberto Mendes da Silveira Lobo

Coordenadora Geral da Edufac

Ângela Maria Poças

Conselho Editorial (Consedufac)

Adcleides Araújo da Silva, Adelice dos Santos Souza, André Ricardo Maia da Costa de Faro, Ângela Maria dos Santos Rufino, Ângela Maria Poças (vice-presidente), Alexsandra Pinheiro Cavalcante Costa, Carlos Eduardo Garçon de Carvalho, Claudia Vanessa Bergamini, Délcio Dias Marques, Francisco Aquinei Timóteo Queirós, Francisco Naildo Cardoso Leitão, Gilberto Mendes da Silveira Lobo (presidente), Jáder Vanderlei Muniz de Souza, José Roberto de Lima Murad, Maria Cristina de Souza, Sheila Maria Palza Silva, Valtemir Evangelista de Souza, Vinícius Silva Lemos

Coordenadora Comercial • Serviços de Editoração

Ormifran Pessoa Cavalcante

Revisão Textual

Ormifran Pessoa Cavalcante

Projeto Gráfico / Arte da Capa

Rogério da Silva Correia

Universidade Federal do Acre

Biblioteca Central

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M977d Murilo, Marcelo da Silva, 1970-
O diário de um viajante: sobre a expedição Langsdorff, o manuscrito de Hércules Florence e a longa viagem fluvial pelo interior do Brasil (1825-1829) / Marcelo da Silva Murilo. — Rio Branco: Edufac, 2024.

196 p.: il.

ISBN 978-65-88975-86-2

1. Brasil — Descrição e viagens. 2. Langsdorff, G. H. von (Georg Heinrich von), 1977-7852. 3. Brasil — Descobertas e explorações. I. Título.

CDD: 918.1

Bibliotecária: Alanna Santos Figueiredo - CRB 11º/1003

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. Luiz Barros Montez.

À Profa. Dra. Luciana Marino do Nascimento.

Ao Pipgla-UFRJ.

À Universidade Federal do Acre (Ufac).

À Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).



LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 – JOVEM GUANÁ E GUANITA	84
FIGURA 2 – ÍNDIOS GUANÁS.....	85
FIGURA 3 – VELHO E MENINA GUATÓS.....	86
FIGURA 4 – BORORO E GUATÓ	87
FIGURA 5 – GUATÓ, DE NOME TOHÉ.....	88
FIGURA 6 – GUATÓ DA PASSAGEM VELHA, A 4 LÊGUAS DE VILA.....	89
FIGURA 7 – FAMÍLIA DE GUATÓS	90
FIGURA 8 – SATURNINO DA COSTA PEREIRA – PRESIDENTE DO ESTADO DO MATO GROSSO.....	91
FIGURA 9 – ÍNDIA BORORO, SERVENTE EM CUIABÁ	92
FIGURA 10 – ÍNDIA BORORO, COM FILHO	93
FIGURA 11 – ÍNDIA BORORO, DE JACOBINA.....	94
FIGURA 12 – BORORO, DE FRENTE E DE LADO	95
FIGURA 13 – BORORO E MULHER.....	96
FIGURA 14 – BORORO, SEXDIGITÁRIO, EM JACOBINA.....	97
FIGURA 15 – BORORO, EM VILA MARIA	98
FIGURA 16 – CRIANÇAS BOROROS	99

FIGURA 17 – JOVEM APIACÁ.....	100
FIGURA 18 – JOVENS APIACÁS.....	101
FIGURA 19 – JOVEM APIACÁ. DESENHADO EM DIAMANTINO, EM 25 DE MARÇO DE 1828	102
FIGURA 20 – JOVEM APIACÁ, CRIADA EM DIAMANTINO	103
FIGURA 21 – NEGRA REBOLO	104
FIGURA 22 – ÍNDIO APIACÁ	105
FIGURA 23 – BOCAIRI	106
FIGURA 24 – JOVEM MUNDURUCU	107
FIGURA 25 – MULHER E CRIANÇA MUNDURUCU.....	108
FIGURA 26 – FRANCISCO ÁLVARES MACHADO	109
FIGURA 27 – FAMÍLIA DE FRANCISCO ÁLVARES MACHADO	110
FIGURA 28 – DESENHO D’APRÈS NATURA, EM CAMAPUÃ.....	111
FIGURA 29 – NEGRA EM CAMAPUÃ.....	112
FIGURA 30 – MULHER DA TRIBO DOS CHAMACOCOS.....	113
FIGURA 31 – ÍNDIA CHAMACOCO, SERVENTE EM CUIABÁ [1]	114
FIGURA 32 – ÍNDIA CHAMACOCO, SERVENTE EM CUIABÁ [2]	115
FIGURA 33 – ÍNDIO CAIAPÓ	116
FIGURA 34 – ÍNDIO CHAMACOCO, CRIADO ENTRE OS GUANÁS	117
FIGURA 35 – POUSO DE JUNDIAÍ	118
FIGURA 36 – POUSO DA REPRESA GRANDE	119
FIGURA 37 – RANCHO DE TROPEIROS	120
FIGURA 38 – VISTA DO ALTO VISTA DE CUBATÃO	121
FIGURA 39 – ESTRADA VERGUEIRO. VISTA DO ALTO	122

FIGURA 40 – POVOAÇÃO DE ALBUQUERQUE	123
FIGURA 41 – CIDADE DE CUIABÁ. PRIMEIRA FOLHA	124
FIGURA 42 – CIDADE DE CUIABÁ. SEGUNDA FOLHA	125
FIGURA 43 – CIDADE DE CUIABÁ. TERCEIRA FOLHA	126
FIGURA 44 – CIDADE DE CUIABÁ. QUARTA FOLHA	127
FIGURA 45 – VISTA DOS ROCHEDOS DA CHAPADA, NOS ARREDORES DE CUIABÁ	128
FIGURA 46 – OUTRA VISTA DA CHAPADA, NOS ARREDORES DE CUIABÁ	129
FIGURA 47 – FAZENDA DO BURITI.....	130
FIGURA 48 – VILA MARIA.....	131
FIGURA 49 – CACHOEIRA DE TODOS OS SANTOS.....	132
FIGURA 50 – POUSO DE JUQUERI	133
FIGURA 51 – PORTO FELIZ	134
FIGURA 52 – PORTO FELIZ. VISTA DO RIO.....	135
FIGURA 53 – PIRAPORA	136
FIGURA 54 – VISTA DE CAMAPUÃ.....	137
FIGURA 55 – ANHUMAPOCA	138
FIGURA 56 – MACACO “COATÁ.....	139
FIGURA 57 – VISTA TIRADA NO CAMINHO DE GUIMARÃES AO QUILOMBO.....	140
FIGURA 58 – SALTO AUGUSTO.....	141
FIGURA 59 – PLANTA DO SALTO AUGUSTO	142
FIGURA 60 – SALTO AUGUSTO, PARA ALÉM DA ILHA.....	143
FIGURA 61 – VISTA DO AMAZONAS, PERTO DE MONTE ALEGRE	144

FIGURA 62 – PINHEIROS NO CAMINHO DE JUNDIAÍ	145
FIGURA 63 – SALTO DE ITU.....	146
FIGURA 64 – RIO TIETÊ, PERTO DE PORTO FELIZ.....	147
FIGURA 65 – JUNÇÃO DO PIRACICABA COM O TIETÊ	148
FIGURA 66 – BRAÇO ESTREITO DO AMAZONAS	149
FIGURA 67 – SALTO DO CAJURU	150
FIGURA 68 – SALTO DE AVANHANDAVA.....	151
FIGURA 69 – SALTO DO CORAU	152
FIGURA 70 – CACHOEIRA DA CANOA VELHA.....	153
FIGURA 71 – CACHOEIRA DA ILHA	154
FIGURA 72 – RIO PARAGUAI, VISTO DE ALBUQUERQUE	155
FIGURA 73 – CARREGADORES DE ÁGUA	156
FIGURA 74 – GUATÓS EM DUAS CANOAS.....	157
FIGURA 75 – GUATÓS.....	158
FIGURA 76 – ÍNDIOS GUATÓS, NA CONFLUÊNCIA DO RIO SÃO LOURENÇO.....	159
FIGURA 77 – MULHERES BOROROS, COM GRANDE CARGA.....	160
FIGURA 78 – APIACÁS, MULHERES SOCANDO PILÃO	161
FIGURA 79 – PIROGA TRIPULADA POR ÍNDIOS APIACÁS	162
FIGURA 80 – TRANSPORTE DE UM MALEITOSO EM REDE	163
FIGURA 81 – DERRUBADA DE UM TUCURI PARA A CONFECÇÃO DE UMA CANOA	164
FIGURA 82 – CONFECÇÃO DE CANOA	165
FIGURA 83 – EXPEDIÇÃO MERCANTIL DE PORTO FELIZ PARA CUIABÁ.....	166

FIGURA 84 – GUANÁS QUE VÃO A CUIABÁ.....	167
FIGURA 85 – EXPEDIÇÃO DO PORTO DE CUIABÁ.....	168
FIGURA 86 – DANÇA DOS BOROROS NA FAZENDA JACOBINA [1]	169
FIGURA 87 – DANÇA DOS BOROROS NA FAZENDA JACOBINA [2]	170
FIGURA 88 – MULHERES APIACÁS	171
FIGURA 89 – ENCONTRO DO SR. LANGSDORFF COM OS APIACÁS.....	172
FIGURA 90 – BATELÃO FEITO EM MIGALHAS	173
FIGURA 91 – VISITA DOS MUNDURUCUS AO ACAMPAMENTO DO TUCURIZAL	174
FIGURA 92 – DESCIDA EM UMA CORREDEIRA	175
FIGURA 93 – PARADA EM SÃO FLORÊNCIO.....	176
FIGURA 94 – RAJADA NO RIO AMAZONAS.....	177
FIGURA 95 – PARTIDA DE UMA EXPEDIÇÃO MERCANTIL DE PORTO FELIZ PARA CUIABÁ.....	178
FIGURA 96 – RIO PARDO. QUEIMADA NOS CAMPOS	179
FIGURA 97 – ACAMPAMENTO NO RIO PARDO. GRUPOS DO DESENHO ANTERIOR	180
FIGURA 98 – CASA DA FAZENDA BURITI.....	181
FIGURA 99 – HABITAÇÃO DOS APIACÁS NO JURUENA	182
FIGURA 100 – MALOCA DOS APIACÁS.....	183
FIGURA 101 – INTERIOR DE UMA CABANA MUNDURUCU	184
FIGURA 102 – ALDEAMENTO DE ÍNDIOS EM SANTARÉM.....	185
FIGURA 103 – PIRÂMIDE SUB FERDINANDO VI.....	186
FIGURA 104 – APIACÁS. ORNAMENTO PARA USAR NA MÃO.....	187
FIGURA 105 – APIACÁ COM AZAGAIA	188

FIGURA 106 – CANOA NA CORREDEIRA.....	189
FIGURA 107 – CANOA CHIMBÓ	190
FIGURA 108 – CHIMBÓ E PEROVA ENCALHADOS	191

SUMÁRIO

PREFÁCIO	15
INTRODUÇÃO	19
SOBRE A ORIGEM DA EXPEDIÇÃO LANGSDORFF, A PRIMEIRA EXPEDIÇÃO (FLUVIAL) CIENTÍFICA RUSSA NO BRASIL.....	22
QUEM FOI HÉRCULES FLORENCE E COMO ELE INGRESSOU NA EQUIPE DA EXPEDIÇÃO LANGSDORFF?.....	30
O DIÁRIO DE UM VIAJANTE: O MANUSCRITO DE HÉRCULES E A LONGA VIAGEM DE ESTUDOS PELOS RIOS DO INTERIOR DO BRASIL.....	36
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	80
IMAGENS.....	83
REFERÊNCIAS.....	192
SOBRE O AUTOR.....	194



PREFÁCIO

Esta é uma análise de um texto cujo autor francês estudou o Brasil da década de 1820, em uma expedição paga pela Rússia e que fora comandada por um alemão, famoso em sua época pelo seu trabalho desenvolvido em Portugal, ou seja, uma obra que enfoca parte da metade daquela *Era das Revoluções*, de Eric Hobsbawm. Uma das características daquele momento foram as bruscas modificações econômicas promovidas pela Revolução Industrial, que colocaram o mundo todo sob novas ordens imperiais. Concomitante, a Revolução Francesa literalmente, decapitou a herança medieval, e todo esse cenário teve seu cume de mudanças com a Primavera dos Povos. Os nacionalismos das muitas Europas e anseios socialistas davam cabo àquele nascimento conturbado do mundo contemporâneo.

Esse autor fazia parte da expedição Langsdorff, que percorreu o Brasil do Primeiro Reinado, entre 1824 e 1829. Ele atravessou um país não menos diverso e que também gestava naquele momento, sua contemporaneidade. O foco, por óbvio, são os diários de Antoine Romuald Florence ou, simplesmente, Hércules Florence, na nomenclatura de Marcelo Muriilo. Aquele expedicionário chegou em uma nação que tinha se tornado independente há apenas dois anos.

Dom Pedro I se via às voltas com uma série de rebeliões para sustentar a independência, porque era herdeiro de uma colônia portuguesa que na prática, foi dividida por séculos. Exemplo disso é que a porção norte, Grão-Pará, tinha muito mais relação com Lisboa do que Salvador ou Rio de Janeiro. A exploração das terras brasileiras sempre teve um sentido exportador, tal como nos alertou Caio Prado Júnior, e nesse período de transição o açúcar cedia espaço, aceleradamente, para o café, e o ouro das

Gerais escasseava, sendo substituído pelos diamantes do Distrito Diamantino.

Florence, contudo, viu uma São Paulo ainda prístina, sobretudo com suas matas atlânticas do potente vale do Tietê. Ele e a expedição partiram dali, rumo à povoação Albuquerque, atual Corumbá, no majestoso Pantanal. Desse lugar, seguiram para Cuiabá, onde ao ver os arredores, ficaram maravilhados com a Chapada dos Guimarães, em que cabe observar que ‘um pintor encontraria aqui muita matéria prima para praticar’. No Juruena encontram o gigantismo do vale amazônico, onde os rios são sempre muito mais largos, com suas margens densamente arborizadas. Desde a espetacular foz do Tapajós, Florence e a expedição chegam a Santarém, cidade plana e planejada, que chamou a atenção de todos, por sua beleza. Em Breves, no Marajó, conheceram o regime das marés e em pouco tempo, também se encantaram com Belém e seus parques. Quando adentraram no Atlântico amazônico, retiravam água doce do navio, mesmo que já estivessem com dez dias de viagem sem ver terra.

As cidades mais habitadas dessa grande viagem ficavam no Norte, entre Santarém e Belém, e no Sudeste, de São Paulo à região de Piracicaba. Dali, do lugar Pederneiras, a Langsdorff e seus partícipes andaram na maior parte de seu trajeto, conhecendo o que nominaram de deserto, onde ‘fala-se já em selvagens e onças, ou tigres da América’. Nesse deserto, encontraram a Ilha do Quilombo, no Tietê, que foi refúgio para escravizados em fuga; conheceram a precária Fazenda Camapuã e seu comandante, persistentemente instalado no Mato Grosso e, no pantanal, chamou atenção a composição social das vilas habitadas por índios, caburés e negros crioulos. Nesse interior desertificado, a aparência das vilas menores lembrava aldeias indígenas, como anotaram nos arredores de Cuiabá, onde os povos originários eram a maioria da população. Tomaram contato ao longo do caminho com Guatós, Mundurucus e Sateré-Maués. O grande deserto era, portanto, um adjetivo pejorativo para toda uma vasta paisagem habitada e majoritariamente indígena.

Hércules Florence experimentou um mundo em movimento, pautado por uma palavra: mudança. Esse termo caracteriza a história contemporânea e faz dos seus escritos um documento fundamental, tendo em vista que seus registros nos falam de um Brasil que se foi há muito. Como não se satisfazer mentalmente com os pomares de marmelo brabo, mangabas e cajus nas margens do rio Pardo, hoje tão degradadas e poluídas? Ou com mais um flagrante das Américas, outrora plenamente habitada por indígenas: a expedição procurou visitar o famoso Marco do Jauru ou, na linguagem popular, a Pirâmide do Paraguai, um monumento de mármore em plena floresta e que datava de 1754. Essa Pirâmide marcava um dos limites fronteiriços do Tratado de Madri, de 1750, mas estava completamente coberta pelas matas. Ao chegar no monumento, porém, encontraram o cacique Bororo João Pereira Leite, anunciado por cornetas e acompanhado principalmente, por mulheres, crianças e cerca de vinte cães. E as quantas fazendas encontradas? Todas elas com grande número de habitantes, dentre eles, libertos, escravizados e indígenas.

A produção de Florence é, portanto, um documento histórico, e Marcelo da Silva Murilo elabora aqui uma análise sobre todos esses cenários. Formado em História pela Universidade Federal do Espírito Santo em 1997, fez seu mestrado em Educação nessa mesma instituição. Tive a honra de cursar com ele a mesma turma de doutoramento em História Social, pela Universidade de São Paulo, tendo Murilo se titulado em 2015. Seu pós-doutoramento chegou em 2017, junto à Universidade Federal do Rio de Janeiro. Atualmente, desde 2009, é docente efetivo da Universidade Federal do Acre (Ufac).

Conheci o professor Marcelo Murilo alguns anos antes de nosso ingresso na Ufac, quando trabalhávamos no Departamento de Patrimônio Histórico e Cultural do Acre. Ali atuamos como historiadores concursados, junto com o também professor da Ufac, Wlisses James, e um dos atuais diretores do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Deyvesson Gusmão. Percorremos as ruas e becos de Rio Branco, a capital

do Acre, elaborando um estudo para o tombamento de suas construções mais significativas.

Nas idas e vindas, nossos caminhos se entrecruzaram, e Marcelo Murilo desenvolveu seus trabalhos, sempre pautados pelos pressupostos da grande área do Ensino de História, elaborando pesquisas originais, como uma análise da crise do século XIV nos livros didáticos. Fomentou encontros sobre educação estética, culturas afro-brasileiras e orientou trabalhos sobre arte-educação, escola e comunidade, tecendo um currículo embasado nas melhores práticas docentes em prol das universidades públicas, gratuitas e universais do Brasil. O livro que segue é mais uma das fronteiras percorridas por esse autor, tão caminhante quanto o escritor que ora analisa.

Prof. Dr. Daniel da Silva Klein,
Ribeirão Preto/São Carlos, SP,
Universidade Federal de São Carlos.

INTRODUÇÃO

A história das viagens estrangeiras ao Brasil abarca não somente as expedições de reconhecimento, ocupação, espoliação e colonização, mas também, aquelas voltadas para as artes (a exemplo das missões artísticas), e ainda as de cunho eminentemente científico, outrossim denominadas de “expedições científicas”.

Tomando por referência os relatos datados do século XIX, é correto afirmar que as expedições científicas (do período) vindas ao Brasil, organizadas e chefiadas por estrangeiros, foram responsáveis, dentre outras coisas, pela elaboração de um acervo documental profuso e de representativo valor patrimonial (material e imaterial). É neste contexto que a Expedição Langsdorff pode ser apontada como um exemplo de significativa relevância acadêmica. É possível asseverar que ela talvez não teria ocupado o lugar de relevância que ocupa no rol dos conteúdos de destaque da história escolar (história ensinada nas escolas de educação básica), se não fosse o minucioso trabalho de registro¹, levado a cabo por Hércules Florence², um de seus proeminentes partícipes.

Hércules Florence fez parte da viagem como um dos integrantes da expedição. Assim como outros, ele também protagonizou e testemunhou grande parte dos acontecimentos que marcaram os eventos da grande via-

-
- 1 Refiro-me aos relatos escritos à mão e às imagens pintadas e desenhadas por ele, durante todo o percurso da viagem.
 - 2 Neste livro, Antoine Hercule Romuald Florence, francês de nascimento e autor do diário que tomei para estudo, será nomeado em português, simplesmente, tal como se convencionou denominá-lo no Brasil: Hércules Florence. Também irei utilizar a mesma grafia adotada por Dayz Peixoto Fonseca (na obra “O viajante Hércules Florence: águas, guanás e guaranás”, publicada em 2008, em Campinas, pela Editora Pontes), onde “Hércules” é grafado com acento agudo na primeira sílaba. Tal observação se faz importante porque é possível encontrarmos obras onde o nome “Hércules” é grafado “Hercules”, ou seja, sem o acento agudo.

gem que, de 1825 a 1829, à época, sob o comando do cônsul da Rússia no Rio de Janeiro (o alemão Georg Heinrich von Langsdorff), percorreu, via fluvial, o interior do Brasil, indo do rio Tietê ao rio Amazonas.

O destaque amealhado por Hércules deve-se, dentre outras coisas, ao manuscrito contendo o relato da viagem; documento este por ele elaborado e que se tornou objeto de conhecimento público por meio de sua publicação, sob o título “Esboço da viagem do Sr. Langsdorff no interior do Brasil pelo 2º desenhista da comissão científica Hércules Florence”.

Sobre tal fato, assim escreve o autor de mesmo sobrenome, Ataliba Florence, em 2007:

Entre as descrições de viagens pelo interior do Brasil está merecendo bastante atenção da parte de cientistas, principalmente de etnógrafos e geógrafos, mas também dos leitores em geral, a que foi escrita por Hércules Florence da expedição do cônsul da Rússia Barão de Langsdorff, nos anos de 1825 a 1829, pelas então províncias de São Paulo, Mato Grosso e Pará. Florence escreveu seu manuscrito em forma de diário, sem nunca perder o fio da narração, no correr da viagem, e é para admirar como ele conseguia isso, pois se a expedição parava às vezes meses em cidades e vilas, outras vezes ela percorria por outro tanto tempo campos e matas, ou descia e subia em batelões e canoas rios caudalosos e perigosos por causa de saltos, corredeiras e cachoeiras. O manuscrito é escrito em francês, que era a língua materna de H. Florence, pois ele nascera em 1804 em Nice, capital (chef-lieu) do departamento francês dos Alpes Marítimos (Florence, 2007, p. XI-XII).

Recordo-me que desde o primeiro momento em que me decidi por desenvolver o estudo que acabou por culminar na elaboração deste livro, a questão precípua que me mobilizava era o desejo cada vez mais claro, de querer conhecer como era ou como se dava, em termos de sua estruturação (partes orgânicas), a feitura (ou escrita) de um diário de viagem, ainda que fosse lá, no século XIX.

No momento da escolha do recorte temático, confesso que desde logo, reconheci a impossibilidade e um estudo comparativo envolvendo múltiplas obras, dada a extensão e volume dos relatos relacionados ao período em questão. Foi então que optei por realizar um trabalho mais específico, com atenção voltada para o estudo de um documento único: a obra escolhida foi o diário de Hércules Florence.

A opção pelo diário de Hércules deve-se: a) à facilidade de acesso à fonte (documento), dada a sua republicação pela coleção “Edições do Senado Federal” (em seu volume 93); b) à repercussão do nome de Hércules, em função dos vários eventos organizados a partir do conjunto de suas obras, sobretudo pinturas e desenhos; c) à relevância acadêmica dos experimentos de Hércules, sobretudo depois da publicação do resultado dos estudos do professor Boris Kossoy, sobre a descoberta isolada da fotografia no Brasil; d) ao trabalho de memorialização (acerca da pessoa de Hércules Florence) levado a cabo por seus familiares, amigos e admiradores.

Em linhas gerais, o objetivo deste trabalho é identificar a ocorrência ou não de padrões que ajudem a estabelecer a estrutura, bem como os elementos de construção (ou feitura) da escrita do diário de viagem manuscrito por Hércules Florence, durante o decurso da Expedição Langsdorff.

SOBRE A ORIGEM DA EXPEDIÇÃO LANGSDORFF, A PRIMEIRA EXPEDIÇÃO (FLUVIAL) CIENTÍFICA RUSSA NO BRASIL

A Expedição Langsdorff foi uma expedição russa de caráter eminentemente científico que, no período de 1825 a 1829, percorreu o interior do Brasil, indo do rio Tietê ao rio Amazonas, desenvolvendo estudos relacionados a diferentes temas, de diversificados ramos do conhecimento, enfatizando-se, sobretudo, aspectos da natureza e sociedades, com trabalho direcionado para atividades de observação, registro, coleta e catalogação de materiais relacionados à fauna, flora, vegetação, clima, riquezas, registro etnográfico de populações indígenas e não-indígenas (moradores locais, residentes dos povoados, vilas e fazendas visitadas), seus hábitos, costumes, modo de vida, etc.

Fonseca (2008) afirma que a expedição fluvial científica russa foi “uma viagem de conhecimentos” (Fonseca, 2008). O trabalho de registro realizado por Hércules Florence em seu diário, demonstra tal aspecto.

...cuidou Hércules Florence de colher informação sobre os diferentes usos e costumes dos índios, seus modos de vestir, de se alimentar e trabalhar, suas expressões de alegria e atitudes de liberdade. Relatou com detalhes o modo de vida nas cidades nascentes, nos vilarejos e nas fazendas, como também as relações entre proprietários e empregados e as profissões como a dos mineradores de Diamantino...Observou e registou aspecto da convivência dos índios com os colonizadores, os novos proprietários da terra, e com os viajantes [...] Hércules presenciou o retorno ao Porto de Cuiabá, da Expedição do Exército Imperial brasileiro que havia ido conter os Guaicurus revoltosos

em Nova Coimbra. Ele relatou e desenhou, passando tudo a limpo depois em seu Diário de Bordo (Fonseca, 2008, p. 155-157).

“Langsdorff”, que nomeia genericamente a expedição, é o termo pelo qual ela se tornou popularmente conhecida; foi pego por empréstimo, do sobrenome do cientista viajante que a chefiou, Georg Heinrich von Langsdorff (também conhecido como barão de Langsdorff), médico e naturalista, nascido na Alemanha, no ano de 1774.

Langsdorff morou na Rússia e se naturalizou russo. Naquela cidade, chamavam-no Grigóry Ivanovitch Langsdorff. Foi ele o responsável pela idealização, organização e comando da Expedição aqui estudada.

Comenta-se, a exemplo do que menciona Genrik Genrikovich Manizer (Manizer, 1967, p. 33), que Langsdorff chegou a trabalhar como médico em Portugal. Segundo Manizer, a experiência de Langsdorff em Portugal favoreceu sua inserção na Sociedade Científica de Göttingen e, por conseguinte, a sua efetivação como membro correspondente da Academia de Ciências daquela Universidade.

Segundo Manizer, desde Portugal, Langsdorff não mais parou de se envolver em viagens; também menciona que bem antes da viagem pelos rios do interior do Brasil, Langsdorff chegou mesmo a participar de uma expedição russa de circum-navegação, ocasião em que chegou a permanecer, “de 20 de dezembro de 1803 a 4 de fevereiro de 1804 no litoral da ilha de Santa Catarina” (Manizer, 1967, p. 37). Conta ainda que Langsdorff chegou a escrever um livro sobre a viagem: “Bemerkungen auf einer Reise um die Welt in den Jahren” ou “Observações sobre uma viagem ao redor do mundo nos anos de 1803 a 1807”³ (Manizer, 1967, p. 35).

Ania Rodríguez Alonso diz que depois da participação na viagem ao redor do mundo, Langsdorff “estabeleceu-se na Rússia, onde se naturalizou como cidadão russo e foi eleito membro da Academia de Ciências de São Petersburgo” (Alonso, 2010, p. 47).

3 Tradução realizada com auxílio do *Google Tradutor*.

Langsdorff tornou-se um “cientista viajante”, desenvolvendo uma forte simpatia pela história natural. Em 1812, foi nomeado acadêmico extraordinário em Zoologia (abril) e em Botânica (junho) pela Academia de Ciências; no mesmo ano, foi feito côsul-geral da Rússia no Brasil, sem que perdesse “seu título e seus honorários de acadêmico” (Manizer, 1967, p. 46-47).

Manizer aponta que a chegada de Langsdorff ao Rio de Janeiro, cidade à época, que funcionava como sede da corte portuguesa no Brasil, ocorreu em abril de 1813 (Manizer, 1967, p. 47).

Segundo Boris N. Komissarov:

Em 1816, Langsdorff adquiriu perto do Rio de Janeiro, nas proximidades de Porto d’Estrella, a Fazenda Mandioca, onde fundou um inusitado, para a época, centro de pesquisa dotado de uma rica biblioteca, várias coleções de ciências naturais e jardim botânico. Por esta fazenda e pela hospitaleira casa de Langsdorff no Rio de Janeiro, passaram todos os viajantes europeus que chegaram ao Brasil: dentre eles, o mineralogista alemão, W. Eschwege, o botânico francês A. Saint-Hilaire, os membros da expedição austro-bávaro J. Spix, K. Martius, J. Pohl, J. Natterer e muitos outros (Komissarov, 2010, p. 15).

Vê-Se que a relação do Sr. Langsdorff com o Brasil e, mais especificamente, com o Rio de Janeiro ocorrera aproximadamente uma década anterior ao início da grande viagem. A aquisição das terras da fazenda Mandioca e a estruturação do centro de pesquisa demonstram a sua predisposição para o desenvolvimento de futuros projetos envolvendo o Brasil. A fazenda da Mandioca ficava localizada ao fundo da baía de Guanabara, no município de Magé-RJ (Komissarov, 1997, p. XV).

Segundo Komissarov (2010, p. 15), a fazenda Mandioca tornou-se um centro de estudos e passou a reunir pesquisadores estrangeiros, sobretudo europeus e russos.

Tanto Manizer quanto Komissarov mencionam o interesse pessoal de Langsdorff em viajar pelo interior do Brasil. Manizer falava que a missão “coincidia inteiramente com os interesses de toda a sua vida” (Manizer, 1967, p. 52); já Komissarov afirmava que no ano de 1817, “Langsdorff e

seus colegas, viajantes europeus, [já] debatiam no Brasil o projeto da futura expedição russa” (Komissarov, 2010, p. 27).

Em 1820, Langsdorff ausentou-se provisoriamente do Rio de Janeiro; foi à Paris, depois Alemanha; tudo indica que após ter feito uma publicação em Munique, em 1821, ele tenha seguido para São Petersburgo, na Rússia, lá chegando no mesmo ano. Seu retorno ao Brasil só ocorreu em 1822 (Manizer, 1967, p. 50-52).

É importante destacar que de modo geral, os propósitos de Langsdorff com essa ausência provisória do Brasil, eram dois. Em primeiro lugar, a “busca de colonos para suas terras” (Manizer, 1967, p. 50) e, em segundo, submeter ao governo russo e à Academia Imperial de Ciências, o projeto da grande e longa expedição científica ao Brasil.

Segundo relatos de Komissarov, desde 1813, Langsdorff vinha colecionando material científico resultante de pequenas incursões no Rio de Janeiro e Minas Gerais. Para ele, o material reunido foi levado para São Petersburgo e utilizado como instrumento de persuasão junto ao governo; persuasão essa que teve fim em 1821, quando o czar Alexandre I aprovou o projeto (Komissarov, 2010, p. 17).

Sobre os objetivos da expedição, Komissarov recorre às palavras do próprio Langsdorff: “descobertas científicas, pesquisas geográficas, estatísticas, e outras; estudos dos produtos ainda pouco conhecidos no comércio, coleções de todos os reinos da natureza que eu possa coletar” (Komissarov, 2010, p. 17); enfim, tudo que pudesse “concorrer para o enriquecimento das atuais coleções do Império” (Komissarov, 2010, p. 17).

Ainda segundo ele, Langsdorff apresentava como razão principal para tal empreendimento, “o desejo de que a Rússia não ficasse atrás das outras potências” (Komissarov, 2010, p. 17).

A realização de uma expedição científica na América do Sul, posicionava a Rússia no rol das nações interessadas pela história natural, não somente por fornecer material em abundância para o acervo do museu

da Academia Imperial de Ciência de São Petersburgo, mas também, pelas informações agregadas, pois naquela conjuntura econômica e política internacional, era algo valiosíssimo.

Quase todos os integrantes da expedição, salvo algumas exceções, foram recrutados fora do Brasil. Uns, a exemplo de Ludwig Riedel, seguiram para o Brasil ainda em 1821, ao passo que outros vieram no ano subsequente.

Segundo Boris Kossoy, Komissarov afirma que Riedel já se encontrava no Brasil desde 1821, e que havia se instalado em Ilhéus, na Bahia, lá ficando até novembro de 1822 (Kossoy, 2006, p. 55).

Sobre a data de retorno de Langsdorff ao Brasil e da chegada dos demais partícipes recrutados no estrangeiro, Komissarov esclarece: “em março de 1822, acompanhado dos futuros participantes da expedição e de quase duas dezenas de famílias de artesãos alemães, Langsdorff voltou ao Brasil” (Komissarov, 1997, p. XVII). Para ele, a pretensão de Langsdorff era instalar as famílias “em suas terras na Fazenda da Mandioca” (Komissarov, 1997, p. XVI).

Vale ressaltar que, dentre os recrutados no estrangeiro, não constava o nome de Hércules Florence. Os caminhos de Hércules e os do Sr. Barão, à época, cônsul representante do governo russo no Rio de Janeiro, ainda não haviam se cruzado.

A documentação referente à data de início e término da Expedição Langsdorff manifesta pontos de vista divergentes sobre a sistemática a ser tomada por base no estabelecimento de sua cronologia. Há consenso sobre a data⁴ de início e término da viagem propriamente dita, mas o mesmo não ocorre em relação à datação de início e término da expedição como um todo, pois há o entendimento de que a longa expedição não se resumiu à viagem fluvial unicamente, mas que alguns eventos, envolvendo o antes e

4 O documento estabelece que a viagem fluvial propriamente dita ocorreu no período de 1825 a 1829.

o depois, devem ser considerados como parte integrante dela, dado o seu caráter essencial.

Exemplo: o ano de 1821 é apontado como tendo sido a data em que o projeto de viagem, elaborado pelo Sr. Langsdorff, foi aprovado pelo então, Imperador da Rússia, Alexandre I; a data também é utilizada para indicar o momento em que o Sr. Langsdorff, mesmo estando fora do Brasil, deu início ao trabalho de recrutamento das pessoas que iriam fazer parte da equipe da expedição. Diante disso, há quem considere que, pelo fato do ano de 1821 ter sido o ano em que o projeto obteve o aval do Imperador e o ano do início do recrutamento da equipagem, ele deva constar como o ano de início das atividades da expedição.

Alguns outros, a exemplo de alguns pesquisadores brasileiros, optam por apontar o ano de 1822 como tendo sido o ano de início das atividades do projeto, no Brasil. Aqueles estudiosos alegam que em 1821, o Barão se encontrava fora do Rio de Janeiro; para eles a data de início deve ser o ano de 1822, porque foi o ano que o Sr. Langsdorff chegou de retorno ao Brasil, já com o aval do governo russo para o início dos trabalhos, portanto, já na condição de chefe da expedição. Ou seja, para esses pesquisadores a viagem fluvial foi parte do projeto, mas o projeto não compreendeu unicamente a viagem fluvial, mas também todas as providências que no Brasil, foram necessárias para que a viagem pudesse ter tido o seu início.

Penso que tais pontos de vista não são excludentes, mas que se justificam, se considerarmos que o projeto teve três momentos e que cada uma das atividades desenvolvidas estiveram, direta ou indiretamente, relacionadas a cada um desses três momentos: a) o antes (que responde pelas providências que antecederam a viagem; b) a viagem em si, desde a partida até o retorno, na cidade do Rio de Janeiro; c) o pós-viagem (ações e providências realizadas no Brasil e mesmo fora do país, a exemplo das atividades pós-viagem, ocorridas na França e Rússia).

Gostaria de enfatizar que no estudo que resultou no conteúdo deste livro, ocupei-me exclusivamente com a viagem propriamente dita, des-

de o seu início, até o seu final, que se deu no retorno à mesma cidade de onde partira.

No diário, Hércules diz que a expedição teve início com a partida da cidade do Rio de Janeiro, em 3 de setembro de 1825:

Numa sumaca chamada Aurora, que fazia viagens de cabotagem, partimos da cidade do Rio de Janeiro no dia 3 de setembro de 1825. O tempo mostrava-se favorável para depressa alcançarmos Santos, 40 léguas a S. O.; não estávamos, contudo, a cômodo nesse acanhado barco, tanto mais quanto, além das cargas e da bagagem nossa que levava, transportava 65 escravos, negros e negras, recentemente introduzidos d'África [...] Felizmente, dia e noite, soprou o vento fortemente, levando-nos à embocadura do canal de Santos em 48 horas, quando às vezes acontece que se gastam mais de três semanas no mesmo trajeto (Florence, H., 2007, p. 1).

Para Hércules a viagem só se deu por encerrada quando do retorno do grupo (os que sobreviveram) à cidade do Rio de Janeiro. Pelo que pude averiguar, tal fato só veio a ocorrer nos primeiros meses de 1829:

No dia 16 de setembro de 1828 chegamos, enfim, à cidade do Pará. Acolhidos pelo General João Paulo dos Santos Barreto, comandante então das armas da província, [...] Quatro meses inteiros esperamos pelo Sr. Riedel. Afinal chegou ele por seu turno magro e desfeito das moléstias que apanhara no rio madeira, onde de seu lado sofrera tanto como nós [...] dez dias depois da chegada daquele nosso companheiro partimos para o mencionado porto, trazendo a bordo o ex-Presidente da província José Felício Pereira de burgos. Quarenta e oito horas já tínhamos de viagem, e ainda apanhávamos água doce. Quinze dias depois de saídos, estivemos a naufragar nos baixios da costa do maranhão a 12 léguas de terra, pelo que aproamos logo para o norte a ir buscar a rota seguida por todos os navegantes e que por certo não deveríamos ter deixado. [...] Em boa hora e a tempo nos precavemos, prolongando-se contudo a viagem por mais 15 dias, o que motivou alguns incidentes desagradáveis; mas, afinal, com 46 dias de bordo alcançamos a cidade do rio de Janeiro, dando fim à nossa penosíssima, atribulada e infeliz peregrinação pelo interior do vasto Império do Brasil (Florence, H., 2007, p. 273-275).

Sabe-se que a decisão pela finalização das atividades da viagem ocorreu em 1828, mas a viagem de retorno ao Rio de Janeiro, como mostrado anteriormente, não foi possível de imediato, haja visto que as equipes se encontravam separadas. Hércules e Langsdorff ainda haveriam de se reunir com o grupo de Riedel, que havia seguido o itinerário dos rios Guaporé, Mamoré e Madeira; percurso diferente daquele seguido por Hér-

cules e Langsdorff, que fizeram o caminho passando pelo rio Arinos, Jurue-
na e Tapajós.

No registro das ocorrências de 1828, Hércules relata que a violência da febre que recaiu sobre o barão Langsdorff, obrigou-os a irem para o Pará e voltarem para o Rio de Janeiro; diz Hércules, que se não fosse o estado debilitado em que a saúde do Sr. Langsdorff se encontrava, antes de regressar ao Rio de Janeiro, eles possivelmente teriam subido o Amazonas, o rio Negro, o Branco, explorado Caracas e as Guianas.

Na Rússia, as atividades envolvendo o trato com o material coletado, bem como os relatórios institucionais prosseguiram, pelo menos até 1930.

QUEM FOI HÉRCULES FLORENCE E COMO ELE INGRESSOU NA EQUIPE DA EXPEDIÇÃO LANGSDORFF?

Como e quando os caminhos de Hércules e do barão se cruzaram? Quando e como se deu o ingresso de Hércules Florence na equipagem da Expedição Langsdorff?

Hércules Florence angariou notoriedade no Brasil, principalmente depois da repercussão de seus trabalhos como integrante da Expedição Langsdorff e mais recentemente (refiro-me ao final do século XX), em função do impacto gerado pela publicação da obra, resultante da pesquisa do professor Boris Kossoy, que apontou Hércules como tendo sido o responsável pela descoberta isolada da fotografia no Brasil.

É de conhecimento público o fato de que cada vez mais, pesquisadores (acadêmicos e não acadêmicos) de diversificadas áreas de conhecimento (incluindo-se aí a área de artes), têm se ocupado do estudo dos trabalhos de Hércules, seja em função dos relatos da viagem em si, ou em função do acervo artístico elaborado por ele⁵ durante a mesma; soma-se a isso o reconhecimento público do valor de seus experimentos e inventos, sobretudo aqueles relacionados à história da fotografia⁶.

5 Os registros artísticos elaborados por Hércules durante a viagem, compreendem importante acervo iconográfico da expedição; foram resultantes de suas atividades como membro-desenhista (2º desenhista) da Expedição Langsdorff.

6 Para o professor e pesquisador Boris Kossoy, Hércules Florence foi o responsável pela descoberta isolada da fotografia no Brasil.

O nome Hércules Florence, bem como o conteúdo do riquíssimo acervo deixado por ele, tem se propagado ininterruptamente, dentro e fora do país (publicações, colóquios, seminários, mostras, exposições⁷, etc.)

No Brasil, um dos trabalhos científicos de fôlego e mesmo precursor em termos de pesquisa universitária, sobre Hércules Florence, foi o desenvolvido pelo professor Boris Kossoy, que acabou por identificar o pioneirismo das experiências de Hércules com a fotografia.

O professor Boris Kossoy, tendo por sustentáculo os estudos e as comprovações acerca das invenções de Hércules em relação à fotografia, chegou mesmo a propor uma reescrita da história da fotografia, tendo como foco as experiências precursoras de Hércules.

As pesquisas de Kossoy ocorreram no período de 1972 a 1976⁸, sendo neste último ano que os resultados da investigação começaram a ser divulgados efetivamente. O produto do abrangente estudo do prof. Kossoy foi por ele reunido em um livro, por várias vezes reeditado. Sua primeira edição foi publicada no Brasil, em 1977, pela Faculdade de Comunicação Social Anhembi (Kossoy, 1977); depois dela, ainda teve uma segunda edição, de 1980, publicada pela editora Livraria Duas Cidades (Kossoy, 1980), e ainda uma terceira, em 2006, pela Editora da USP (Kossoy, 2006). O livro de Kossoy também foi publicado na Europa (Viena⁹, Paris¹⁰, Madri¹¹) e na América do Norte (México¹²), o que expressa sua significativa relevância

7 Um bom exemplo foi a exposição “O olhar de Hercule Florence sobre os índios brasileiros”, ocorrida em 2015, na Universidade de São Paulo; a exposição foi fruto de uma parceria entre o instituto Hercule Florence e o Museu de Arqueologia e Etnologia da USP. Detalhes disponível em: <http://revistapesquisa.fapesp.br/2015/05/02/exposicao-reune-obra-de-hercule-florence/>.

8 Cf. Currículo *Lattes* do autor. Disponível em: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4787935J3>. Acesso em: 15 set. 2017.

9 Em Viena, até o início de março de 2018, houve a publicação de uma edição da obra; a publicação foi no ano de 2015.

10 Em Paris, até o início de março de 2018, houve a publicação de uma edição da obra; a publicação foi no ano de 2016.

11 Em Madri, até o início de março de 2018 também houve apenas a publicação de uma única edição da obra; a publicação foi no ano de 2017.

12 No México, até o início de março de 2018 houve a publicação de duas edições da obra, uma no ano de 2004 e outra em 2011.

para a história da fotografia e por conseguinte, para a repercussão do nome e dos trabalhos de Hércules.

Hércules Florence nasceu na França, na cidade de Nice, hoje uma das três principais cidades que integram o departamento francês dos Alpes Marítimos. Viveu aproximadamente 75 anos, mais precisamente, de fevereiro de 1804 a março de 1879¹³. Seus pais, Arnaud Florence (pai) e Augustine de Vignallys (mãe), tiveram além dele, outros filhos. Hércules ficou órfão de pai antes mesmo de completar os quatro anos de idade¹⁴.

Mesmo não tendo sido brasileiro de nascimento, Hércules viveu aproximadamente dois terços de sua vida no Brasil; grande maioria desse tempo vividos onde é hoje a então cidade de Campinas, no atual Estado de São Paulo. Foi na cidade de Campinas o local onde Hércules constituiu sólida e extensa família; muitos de seus descendentes ainda lá residem. A cidade de Campinas, à época em que Hércules a escolheu como domicílio, era apenas uma vila, denominada Vila de São Carlos.

O século XIX no Brasil, foi marcado por expedições estrangeiras; dos inúmeros europeus que aportaram em terras brasileiras no período, muitos eram os que chegavam na condição de integrantes de expedições, fossem elas de caráter artístico ou científico. Com Hércules Florence foi um pouco diferente. Ele aqui chegou em condições até certo ponto, distintas das de seus compatriotas.

Mas afinal, se Hércules era francês de nascimento, como veio parar no Brasil? Em quais condições aqui chegou?

Kossoy informa que foi em fevereiro de 1824, que Hércules deixou de modo definitivo, a Europa, e que depois de 45 dias viajando, finalmente chegou ao Rio de Janeiro (Kossoy, 2006).

13 Sobre o ano de nascimento e morte de Hércules, ver Kossoy (2006) e Fonseca (2008).

14 Kossoy (2006) e Fonseca (2008) mencionam tal aspecto.

Hércules não chegou ao Brasil como membro de nenhuma expedição. Mas na condição de trabalhador tripulado da Marie Thérèse¹⁵, onde, segundo Kossoy, desempenhava a função de “grumete”¹⁶.

Já no Rio de Janeiro, aceitou o convite para um novo trabalho, não mais seguindo com a fragata francesa. Sabe-se que trabalhou como caixeiro por um ano, depois “optou por um novo emprego, na tipografia e livraria de um outro francês [isso porque no emprego de caixeiro, seu patrão era Pierre Dillon, também francês, e que, segundo Kossoy, era dono de *uma casa de roupas*], Pierre Plancher” (Kossoy, 2006, p. 50-51).

Não sei dizer se Hércules houvera cursado escola de desenho ou pintura, suponho que não, mas no que tange à sua aproximação com a pintura, encontrei, no trabalho de Kossoy, duas informações (ou pistas) sobre isto. A primeira, notifica que o pai de Hércules chegou a dar aulas de desenho “na Escola Central do departamento dos Alpes Marítimos e na Circunscrição de Nice” (Kossoy, 2006, p. 43), isso por curtíssimo espaço de tempo. A segunda, faz saber que Hércules desenvolveu a aptidão para o desenho, ainda quando era jovem, incentivado “pelos amigos de sua mãe” (Kossoy, 2006, p. 43).

A considerar o anúncio¹⁷ reavido e mencionado por Kossoy, pode-se supor que no Brasil, Hércules somente veio a ser contratado como desenhista (de mapas, plantas, etc.) a partir de julho de 1825 (Kossoy, 2006, p. 51).

A inclusão do nome de Hércules Florence na equipe da expedição ocorreu no Rio de Janeiro, em 1825.

Assim descreve Ataliba Florence, o momento em que se deu o início da vinculação do nome de Hércules Florence à Expedição Langsdorff:

15 Nome da embarcação que o trouxe ao Brasil.

16 “Grumete” é um termo usado para definir genericamente a pessoa que trabalha na embarcação desenvolvendo diversos tipos de atividades, consideradas “de menor prestígio”, a exemplo dos serviços de limpeza; são em geral, aprendizes, recrutados como parte da tripulação.

17 No anúncio, Hércules oferece seus serviços de desenhista. Kossoy afirma que a comunicação foi publicada por Hércules, num periódico local.

[...] chegando ao Brasil em 1824 na fragata francesa Marie Thérèse, comandada pelo Capitão de Rosamel, ele pediu licença para desembarcar e empregou-se na casa de negócio do francês Sr. Dillon, conhecido do capitão (...) Depois de quase um ano passou para a livraria e tipografia do francês Sr. Pierre Plancher, o fundador do Jornal do Comércio do Rio de Janeiro. Estava havia 4 meses ali, quando um vizinho veio lhe mostrar um anúncio, pelo qual o cônsul da Rússia procurava um desenhista para acompanhá-lo em uma expedição científica pelo interior do Brasil. É o que conta Estevão Léon Bourroul em sua biografia de Hércules Florence, página 49, e Félix Pacheco na sua Pedro Plancher no quarto capítulo, intitulado Hércules Florence (Florence, A., 2007, p. XII).

Segundo Ataliba, Hércules teria reivindicado a vaga ao cônsul, sendo admitido como membro-desenhista (2º desenhista) da expedição.

No diário, o próprio Hércules menciona sobre o trabalho por ele desenvolvido, ao longo da expedição:

Passei pela cidade de Itu e fiquei três dias com meus companheiros de expedição. Cabe aqui dizer a razão por que eu viajava separado deles. Havendo pedido ao Sr. Cônsul a honra de acompanhá-lo em sua exploração ao interior do Brasil, anuiu ele, fazendo-me ver que, levando grande bagagem, muita satisfação teria em me encarregar de dirigir sua condução. Aceitei sem hesitar e pus todos os cuidados em bem-cumprir minha palavra até Porto Feliz, embora com prejuízo do fim para que eu fora mandado, visto como, durante 10 meses, raros desenhos pude executar. Entretanto, para diante o cônsul, a rogos meus, ocupou-me somente como desenhista (Florence, H., 2007, p. 16).

Observa-se que de fato, Hércules fora contratado como membro-desenhista da expedição, no entanto, isso não impediu Langsdorff de designar-lhe outras tarefas, durante o dia a dia dos trabalhos da expedição.

Sabe-se que Hércules não foi o único na função de membro-desenhista da Expedição Langsdorff. Em 1825, um primeiro jovem, também francês, já havia sido contratado antes dele, para a mesma incumbência, chama-se Aimé-Adrien Taunay. Taunay havia entrado na expedição para cobrir a saída de Johann Moritz Rugendas, cujo nome já constava desde 1821¹⁸. Ao substituir Rugendas, Langsdorff colocou Taunay como primeiro-desenhista. É por isso que Hércules, quando é admitido, já é admitido no cargo de segundo-desenhista.

18 O pintor Johann Moritz Rugendas havia sido contratado em 1821, mas só chegou ao Brasil em 1822.

A considerar as informações que consegui reunir, é possível asseverar que a participação de Hércules Florence na Expedição Langsdorff teve um caráter *sui generis*¹⁹.

¹⁹ As informações foram reunidas ao longo de um estudo (relacionado ao tema) que empreendi em 2017.

O DIÁRIO DE UM VIAJANTE: O MANUSCRITO DE HÉRCULES E A LONGA VIAGEM DE ESTUDOS PELOS RIOS DO INTERIOR DO BRASIL

Quando participou da primeira expedição científica russa ao Brasil, Hércules Florence ocupou a função de 2º desenhista da expedição. O desenhista contratado inicialmente, foi o pintor alemão Johann Moritz Rugendas²⁰. Segundo Ataliba Florence (Florence, A., 2007, p. XVIII), Rugendas desligou-se da equipe ainda no Rio de Janeiro. Na recomposição da comissão, os cargos de desenhistas ficaram nas mãos dos franceses Aimé-Adrien Taunay²¹ e Antoine Hercule Romuald Florence²². Adriano Taunay ficou com o cargo de 1º desenhista da expedição e Florence ficou como segundo desenhista.

Hércules não trabalhou somente como 2º desenhista, pois desempenhou duas outras funções de notória relevância.

No trajeto do Rio de Janeiro até a cidade de Porto Feliz, ficou ele encarregado da direção e coordenação das providências, envolvendo o transporte das bagagens, equipamentos e provisões, bem como dos arranjos de estalagens e serviços, necessários ao bom andamento da viagem. A terceira função desempenhada por Florence, e que, do meu ponto de vista,

20 Maurício Rugendas.

21 Adriano Amado Taunay.

22 Hércules Florence.

foi a maior de suas realizações na equipagem da Expedição Langsdorff, foi sem dúvida a confecção do *Diário da Viagem*. Trata-se de um manuscrito (em textos e imagens), contendo anotações pessoais diárias do que ele viu e ouviu, bem como das experiências que vivenciou ao longo do percurso da grande expedição russa, pelos rios, povoados e cidades do interior do Brasil.

Se a expedição chegou a produzir algum resultado significativo em relação aos propósitos para os quais fora organizada, é certo que a atuação e o trabalho realizado por Hércules Florence foram determinantes. Sua grande contribuição foi sem dúvida, o registro da jornada; ela revela a singularidade da sua participação e o seu grau de comprometimento com o projeto.

Os escritos, os desenhos e as pinturas, produzidos por Hércules Florence ao longo da viagem, ainda hoje repercutem, nos permitindo conhecer determinados aspectos da vida, economia e sociedade das populações residentes no interior do Brasil, em meados da primeira metade do século XIX, além de outras tantas contribuições.

É Ataliba Florence quem menciona que o manuscrito foi construído originalmente, em francês, na forma de diário, no decorrer da viagem (Florence, A., 2007, p. XI).

Alfredo Taunay²³ foi quem traduziu o manuscrito de Hércules. Disse ele, que estava remexendo “uns papéis velhos por ocasião de uma mudança de casa”, quando acabou se deparando com o manuscrito que continha “a descrição minuciosa da primeira parte da desconhecida jornada do cônsul Langsdorff” (Taunay, Alfredo, 2007, p. XXVIII). O diário havia ficado “esquecido” junto aos pertences de Alfredo Taunay.

Como o diário de Hércules foi parar *nas coisas esquecidas* de Alfredo Taunay? Sobre isso, Ataliba Florence esclarece:

23 Alfredo d'Escagnolle Taunay.

Ao passar pelo Rio de Janeiro em 1829, de volta da expedição, Florence deixou seu diário nas mãos da família Taunay, que tinha grande interesse em conhecer como decorrera a expedição, pois nela perdera seu tão esperançoso filho Amado Adriano Taunay, sucumbido afogado ao querer atravessar a cavalo o longínquo rio Guaporé, afluente do rio Madeira (Florence, A., 2007, Pp. XIII).

Ataliba também menciona que o manuscrito ficou na casa de Alfredo Taunay “durante os longos anos de 1829 a 1874”, ou seja, por quase cinquenta anos (quarenta e cinco, para ser mais preciso).

É Alfredo Taunay quem redescobre o documento, enquanto estava a remexer alguns de seus pertences pessoais. Depois de rever o documento, Taunay faz contato com Hércules para consultá-lo se o mesmo era favorável a uma possível tradução do documento. Hércules consente com a realização da tradução do manuscrito. Então, o Visconde de Taunay traduz o manuscrito, do francês para o português e depois, publica-o.

Assim relata Ataliba:

O visconde dirigiu-se logo a Hércules Florence, último sobrevivente da expedição e residente em Campinas, e pediu seu consentimento para traduzir o diário para o português e para publicá-lo na Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro. Obtido o consentimento e feita a tradução, a publicação apareceu em 1875 no tomo 38 da Revista trimestral daquele instituto sob o título: “Esboço da viagem feita pelo Sr. De Langsdorff no interior do Brasil, desde setembro de 1825 até março de 1829”. Escrito em original francês pelo 2º desenhista da Comissão científica Hércules Florence. Traduzido por Alfredo d’Escragnolle Taunay (Florence, A., 2007, p. XIII).

O próprio Alfredo Taunay menciona que, quando leu o manuscrito que levava o título “Esboço da viagem do Sr. Langsdorff no interior do Brasil pelo 2º desenhista da comissão científica Hércules Florence”, foi logo traduzindo e lhe dando como destino as “páginas da Revista do Instituto Histórico” (Taunay, Alfredo, 2007, p. XXIX).

Realmente a primeira publicação impressa do manuscrito (já traduzido para o português) ocorreu em 1875, numa edição nova da revista – denominada “Revista Trimestral” – do então, Instituto Histórico Geográfico e Etnográfico do Brasil, situado na rua do Ouvidor, número 69, na cidade do Rio de Janeiro.

Segundo o que se soube, por meio de Alfredo e mesmo por Ataliba, é que até antes da publicação do IHGEB, quase não havia circulado no Brasil, notícias sobre a Expedição Langsdorff e seus desdobramentos.

Os relatos da viagem de Hércules Florence – na condição de participante da Expedição Langsdorff – foram reunidos em duas partes e divulgados em dois tomos (tomos XXXVIII e XXXIX) da Revista Trimestral do Instituto Histórico Geographico e Ethnographico do Brasil, hoje denominado Instituto Histórico e Geográfico do Brasil, o IHGB.

Um dos tomos a propalar os escritos foi o de número XXXVIII (trinta e oito). Esse tomo da revista trimestral foi publicada em 1875, subdividido, por sua vez, em duas partes. Na primeira, os relatos de Florence vão da página 337 até a página 469. Importa destacar que o diário não ocupa toda a extensão da revista, mas apenas uma parte dela. Outra coisa importante que vale pormenorizar é que também há, na primeira parte do tomo 38, numa posição imediatamente anterior aos escritos de Hércules, um texto sobre a expedição Langsdorff, de autoria do próprio Alfredo de Taunay; o texto intitula-se “A expedição do cônsul Langsdorff ao interior do Brasil”. Nele, Taunay resume a história da grande jornada fluvial empreendida pela expedição, e ainda expõe o contexto em que se deu a “descoberta” do manuscrito de Hércules, há muito esquecido. Na segunda parte do tomo 38, os relatos são retomados (a partir de onde parou), numa nova paginação; ou seja, prosseguem da página 231 até a 301.

É sabido que o diário não coube por completo em um único tomo da revista, por isso, foi necessário a publicação da parte que faltava, num outro fascículo; isso aconteceu logo no ano seguinte, com a publicação do tomo XXXIX. Este tomo 39 da revista trimestral foi publicado, portanto, no ano de 1876; e, da mesma forma que no fascículo anterior, ele também foi subdividido em duas partes. O conteúdo que restava (ainda não publicado) do diário de Hércules foi incorporado à segunda parte do tomo 39, da página 157 até a 182.

Na época, dada a importância política do Instituto Histórico e Geográfico e o papel por ele desempenhado nos círculos de poder local do período, a própria revista trimestral já era tomada como objeto de prova *sui generis*; consequentemente, com a publicação traduzida do manuscrito de Hércules, o “diário da viagem” passou então a figurar como documento histórico de grande relevância para estudos posteriormente desenvolvidos, nas mais diversas áreas do conhecimento.

Atualmente²⁴, o IHGB tem disponibilizado o acesso aos dois fascículos da Revista Trimestral pela internet.

Já é possível baixar o arquivo em formato PDF do tomo XXXVIII²⁵ e XXXIX²⁶ da revista.

Foi por tudo até aqui exposto, sobre o Diário de Hércules Florence, somado à credibilidade da qual o documento ainda hoje desfruta, que optei por tomá-lo como objeto de análise.

Desde a publicação na “Revista Trimestral”, os relatos de Hércules não mais permaneceram no esquecimento. Várias outras edições do manuscrito foram impressas e difundidas, contribuindo para consolidação da Expedição Langsdorff como objeto historiográfico e para proeminência de nomes como os do barão Langsdorff e do próprio Hércules.

Nem todas as publicações brasileiras posteriores à do IHGB apresentaram os relatos da extensa viagem na íntegra; em alguns casos, houve publicações de partes dela, em outros, apenas a edição de trechos do diário. Infelizmente, não será possível aqui relacionar, com maior exatidão, as ocorrências a esse respeito, mas é possível mencionarmos algumas, a título de exemplo.

24 Refiro-me ao ano de 2017, ano em que desenvolvi o estudo que resultou neste livro.

25 O tomo XXXVIII (primeira e segunda parte) foi publicado em 1875. Integra o acervo IHGB e possui versão digitalizada que pode ser baixada (por *download*). Está disponível na *homepage* do IHGB, disponível pelo *link*: <<https://ihgb.org.br/>>.

26 O tomo XXXIX (primeira e segunda parte) foi publicado em 1876. Também integra o acervo IHGB e possui versão digitalizada, disponível na *homepage* do IHGB, pelo *link*: <<https://ihgb.org.br/>>.

Sabe-se que em 1928, houve uma reedição da primeira parte do relato, na Revista do Museu Paulista. Sobre isto, menciona Alfredo Taunay: “em 1928 reeditei no tomo XVI da Revista do Museu Paulista a primeira parte deste tão valioso relato sob o título ‘De Porto Feliz a Cuiabá’, a título de homenagem muito grata do Museu...” (Taunay, 2007, p. XXIII).

É o mesmo Alfredo Taunay quem, em setembro de 1941, menciona a decisão dos amigos Guilherme Florence e Paulo Florence, em reeditar os relatos de Hércules. É possível que daí se explique a intensificação das repercussões da obra. Desde então, vários exemplares do documento passaram a ser publicados no formato de livro.

Recentemente localizei alguns exemplares antigos, colocados à venda em sebos; na oportunidade, foi possível identificar uma edição publicada em 1948, pela Melhoramentos, e outra publicada em 1977, pela editora Cultrix, ambas sob o título “Viagem fluvial do Tietê ao Amazonas, de 1825 a 1829”.

A publicação mais recente do documento data de 2007. Em 2007, o Conselho Editorial do Senado Federal republicou o documento (contendo todas as partes da viagem) em formato de livro. A obra também foi intitulada “Viagem fluvial do Tietê ao Amazonas de 1825 a 1829”, e faz parte do volume 93 da série “Edições do Senado Federal”, integrando a coleção “Obras Raras e Especiais” (revistas, livros e manuscritos) da Biblioteca do Senado Federal; está disponível em PDF e é possível baixá-la pela internet, através do acesso ao acervo da “coleção digital de obras raras”²⁷.

A edição do Senado contém atualizações e correções; a obra inclui, além dos escritos de Hércules – “Esboço da viagem feita pelo Sr. de Langsdorff no interior” do Brasil, desde setembro de 1825 até março de 1829 – uma introdução, redigida por Ataliba Florence, um prefácio – “Duas palavras como prefácio” – de Afonso de Escragnoille Taunay, e o texto de au-

²⁷ A coleção digital de obras raras e especiais pode ser acessada na internet, através do seguinte endereço: <<http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/4>>.

toria de Alfredo de Eschagnolle Taunay, sobre a expedição Langsdorff – “A expedição do cônsul Langsdorff ao interior do Brasil”. Esse texto acompanha as publicações do diário de Hércules, desde a divulgação na Revista Trimestral de 1875.

Quero ressaltar que o Diário de Viagem de Hércules Florence, enquanto documento, reflete um tipo específico de escrita de relato de viagem, muito comum, não somente na primeira, mas também na segunda metade do século XIX. A identificação dos aspectos que constituem tal escrita se faz indispensável, sobretudo enquanto arrimo na sustentação de análises envolvendo estudos relacionados às escritas de histórias, História e memória.

A análise do relato da viagem de Hércules Florence a bordo da Expedição Langsdorff me permitiu identificar algumas das características que compreendem a estrutura de sua escrita.

Daqui em diante, apresentarei e exemplificarei cada uma delas, ou pelo menos aquelas que até então, pude reunir²⁸.

São partes que integram as características da estrutura do diário de Hércules Florence: a) Ênfase nas ocorrências diárias; b) Relatos pautados em experiências reais; c) Caráter autobiográfico dos relatos. d) Apresentação seletiva dos acontecimentos com foco em eventos breves; e) Emprego de uma cronologia linear e progressiva, de caráter tipicamente usual; f) Aproximação entre História e vida diária; g) Diversidade temática; h) Uso de imagens.

Passemos a detalhar cada uma dessas características:

a) Ênfase nas ocorrências diárias

A primeira característica marcante da escrita do diário de Hércules Florence é a “ênfase nas ocorrências diárias”.

28 Os exemplos foram selecionados com base nas ocorrências registradas no manuscrito.

As “ocorrências diárias” são os acontecimentos do dia a dia; compreendem a manifestação das mais diversas experiências.

As ocorrências diárias definem o cotidiano das pessoas e se desenvolvem no âmbito da vida social.

Agnes Heller considera que quando nascemos, já nascemos inseridos na cotidianidade; para ela “a vida cotidiana é a vida de todo indivíduo” (Heller, 2008, p. 34). Assim, dirigir um carro, comer, tomar banho, levar o filho à escola, jogar futebol, ir ao dentista, etc., todas essas ações ou atividades podem, em certa medida, serem tomadas como “ocorrências diárias” ou ocorrências da vida diária. Também fazem parte deste grupo, acontecimentos tais como, o nascimento de um filho, o aniversário de um ente querido, a conquista de um emprego novo, a finalização de um projeto importante, entre outros, ou seja, todo evento da vida social. Daí resulta que os termos “ação”, “acontecimento” e “evento” são termos empregados como sinônimos de “ocorrência diária”.

No diário, Hércules enfatiza sobremaneira tais ocorrências; aqui e acolá, os exemplos são muitos.

1º Exemplo:

Numa sumaca chamada *Aurora*, que fazia viagens de cabotagem, partimos da cidade do Rio de Janeiro no dia 3 de setembro de 1825. O tempo mostrava-se favorável para depressa alcançarmos Santos, 40 léguas a S. O.; não estávamos, contudo, a cômodo nesse acanhado barco, tanto mais quanto, além das cargas e da bagagem nossa que levava, transportava 65 escravos, negros e negras, recentemente introduzidos d’África... (Florence, H., 2007, p. 1).

2º Exemplo:

Dias 7, 8 e 9. Viagem sempre trabalhosa e aborrecida em razão dos contínuos baixios. No dia 7, transpusemos uma cachoeira de primeira ordem, cujo nome, porém, passou-me da memória. As cargas foram varadas por terra. A 8 fez-se o mesmo por causa de outra, bem como a 9. Esta última cachoeira, a maior das que temos até agora transposto, chama-se *Baririguaçu*. Nas praias, desenterramos ovos de tartaruga em abundância: não faltaram também patos-do-mato nem jacutingas. (Florence, H., 2007, p.36).

3º Exemplo:

No quarto dia de parada, vimos chegar duas canoas com guanás: nove homens e duas mulheres. Um já velho tinha entre os seus a patente de capitão-mor que nos mostrou com grande ufanía e assinada pelo antigo governador-geral da província João Carlos Augusto de Oyenhausen. (Florence, H., 2007, p. 99).

4º Exemplo:

No dia 1º maio de 1827 partimos para a vila de Guimarães. Em caminho fomos visitar a fazenda do *Buriti*, de cana-de-açúcar, e pertencente a uma velha chamada D. Antônia, a qual chegou ao mesmo tempo que nós, vinda de Cuiabá. (Florence, H., 2007, p. 143).

5º Exemplo:

Partimos às 10 horas e ao meio-dia chegamos a uma grande cachoeira. O primeiro remador que saltou na praia gritou: Rasto de Joaquinzinho! Nome de um dos homens extraviados, crioulozinho por nós trazido de Itu e bom caçador. Acudimos todos a ver, mas ficamos tristemente desenganados, verificando que havia muitas pegadas de homens, mulheres e crianças. Por ali tinham os *mundurucus* passados deixando um fogo que não se apagara de todo. (Florence, H., 2007, p. 247).

Na escrita do diário, Hércules enfatiza os acontecimentos corridos dia após dia. Os acontecimentos diários constituem a matéria prima com a qual Hércules trabalha; funcionam como uma espécie de espinha dorsal da estrutura de sua escrita. A considerar tratar-se de um diário, tal aspecto se apresenta como traço fundamental.

b) Relatos pautados em experiências reais

A segunda característica marcante da escrita do diário de Hércules Florence é que relatos que dele fazem parte, são “relatos pautados em experiências reais”.

A vida cotidiana é marcada pelos mais diversos tipos de experiências; daí decorre seu caráter heterogêneo.

É importante salientar que as experiências que integram a cotidianidade são, salvas raríssimas exceções, experiências reais, ou seja, vividas de fato, independentemente de quem as tenha vivenciado.

Não se pode negar a evidência de que há na escrita de Hércules, um certo apelo (e até mesmo apego) literário, no entanto, a preocupação com a fidedignidade dos eventos fez com que ele privilegiasse, salvo raras exceções, apenas manifestações por ele observadas no decorrer da viagem.

Nos relatos de Hércules, mesmo nos casos em que há um apelo ao pitoresco, a ênfase no vivido é algo veemente.

1º Exemplo:

Dia 18. O ajudante do guia que fora na véspera a um *barreiro* (lugar onde há depósitos de sais naturais) fazer durante a noite espera de antas, matou lá quatro desses animais. Quando amanheceu, um batelão foi buscá-los, mas não trouxe senão três, porque o quarto caíra n'água e desaparecera. Nossa gente comeu carne a fartar. A abundância reinava no acampamento: por todos os lados faziam-se assados e *churrascos* (Florence, H., 2007, p. 39).

2º Exemplo:

Nos campos do rio Pardo comemos alguns frutos silvestres. O *marmelo-brabo*, por exemplo, que agradava mesmo fora destes ínvios recantos, é pouco mais ou menos do tamanho de uma maçã; desfaz-se na boca numa massa cheia de grãos muito miúdos, é agridoce e tem dentro algumas sementes: a *mangaba*, cuja cor é de um amarelo desmaiado quando bem madura; tão mole como o sorvo, porém mais suculenta, saciando mais e sabendo ao paladar deliciosamente: o *caju* que é também muito saboroso, e outras frutas, enfim, umas muito boas, outras de gosto medíocre (Florence, H., 2007, p. 61).

3º Exemplo:

Dizem que os *guatós* vivem com mais de uma mulher; a maior parte dos que vi levavam uma única. Lembro-me, porém, que numa ocasião troquei algumas palavras com um deles que tinha na sua canoa três mulheres. Perguntei-lhe se todas eram suas; respondeu-me que sim. Pedi-lhe então por gracejo uma e ele retorquiu-me zangado que eu deveria ter trazido comigo a minha. Repliquei-lhe que não fora isso possível. 'Pois bem', disse-me ele, 'se você tivesse aqui sua mulher, eu a trocava por uma destas (Florence, H., 2007, p. 105).

4º Exemplo:

10 de setembro. Antes do dia estávamos de pé, à espera da canoa que da barranca do rio devia levar-nos à embocadura do Jauru, onde íamos ver a pirâmide do Paraguai, célebre no país e conhecida de alguns geógrafos. De repente anunciou-nos o som da corneta a chegada dos bororos: era o cacique João Pereira Leite e sua gente, mas em maior número, principalmente quanto a mulheres e crianças, do que víamos na Jacobina poucos dias atrás. Consigo traziam uns vinte cães (Florence, H., 2007, p. 182).

5º Exemplo:

31 de março de 1838. Há 22 dias que viemos nos meter neste maldito porto. O Sr. de Langsdorff ministra e toma vomitórios e outros medicamentos. Quanto a mim, só tive felizmente dois dias de violentas dores de cabeça, seguidas de fraqueza. Enfim, hoje, pelas 10 horas da manhã, nossa flotilha, composta de duas canoas, um batelão e uma canoinha, montada por um guia, dois pilotos, três ajudantes e 28 remadores, deixou o porto para ir ter, pelo meio de regiões insalubres, e por caudais muitas vezes perigosos, a *Uxi-tuba*, ponto do Tapajós, pouco distante do Amazonas (Florence, H., 2007, p. 206).

Esse quinto exemplo remete ao episódio em que os expedicionários estavam ainda nos limites da província de Mato Grosso; haviam saído de Cuiabá, passado por Diamantino e chegado ao porto do rio Preto (que também aparece nos mapas do período como “rio Negro”), pois o percurso garantia-lhes o acesso ao rio Arinos, que era a intenção do grupo alcançar esse rio e, pelo Arinos, atingirem o Tapajós. No rio Preto, eles ficaram aproximadamente 22 dias, enfrentando dificuldades e padecimentos. No trecho transcrito, Florence relata as condições de saúde dele e do barão Langsdorff, quando da permanência no porto do rio Preto. As condições locais no porto do rio Preto eram extremamente precárias e grande parte da tripulação encontrava-se enferma, atingida pelas “sezões”.

Os relatos escritos por Hércules são de fato, pautados prioritariamente em experiências reais; umas, vividas por ele e os demais integrantes da expedição, outras, vividas pelas pessoas com as quais ele encontrou ao longo do caminho.

Muito embora o elemento ficcional também faça parte da escrita de Hércules, vale ressaltar que o diário se sustenta nas experiências acerca do vivido. As situações, ações, casos e eventos relatados por ele, são parte de uma experiência real da qual ele participou ativamente; são ações, situações, eventos e casos, salvo raras exceções, vividos pelo grupo.

c) Caráter autobiográfico dos relatos

A terceira característica marcante da escrita do diário de Hércules Florence é seu “caráter autobiográfico”.

Os relatos do diário de Hércules são preponderantemente produtos de uma experiência concreta do narrador e de todo o agrupamento da Expedição Langsdorff. No diário, Hércules narra fatos e ocorrências que fizeram parte de momentos importantes de sua vida (ou experiência pessoal) e da vida de seus companheiros.

1º Exemplo:

Passei pela cidade de Itu e fiquei três dias com meus companheiros de expedição. Cabe aqui dizer a razão por que eu viajava separado deles. Havendo pedido ao Sr. Cônsul a honra de acompanhá-lo em sua exploração ao interior do Brasil, anuiu ele, fazendo-me ver que, levando grande bagagem, muita satisfação teria em me encarregar de dirigir sua condução. Aceitei sem hesitar e pus todos os cuidados em bem-cumprir minha palavra até Porto Feliz, embora com prejuízo do fim para que eu fora mandado, visto como, durante 10 meses, raros desenhos pude executar. Entretanto, para diante o cônsul, a rogos meus, ocupou-me somente como desenhista (Florence, H., 2007, p. 16).

2º Exemplo:

Deixando a monção continuar a subir o rio com a habitual lentidão, fomos, eu e os Srs. Riedel e Taunay, por terra umas duas léguas até ao salto do Corau. Não leváramos senão uma espingarda de caça, algumas cargas de chumbo fino, uma bala e dois biscoutos que constituíram nosso jantar. Chegados antes do pôr-do-sol ao salto, demos-nos pressa em formar provisório abrigo com folhas de palmeira *quacuri*. Felizmente matou o Sr. Taunay um lagarto que nos serviu de ceia e que a fome transformou em manjar suculento. Deparou-se-nos também um cacho de bananas que pendia de raquíptico tronco. Caso houvessem estado maduras, não teriam escapado à gente de Costa Rodrigues: por incomíveis as deixaram, mas nosso apetite era tal que, assadas assim mesmo verdes, foram regalo precioso (Florence, H., 2007, p. 63).

3º Exemplo:

No dia do batizado tudo foram festas. Os músicos da fazenda que eram negros cativos tocaram desde a aurora árias debaixo das janelas da casa e passearam em bando ao redor do pátio grande. O ar estrugia com os foguetes que a cada momento se soltavam. Donos, hóspedes, agregados e escravos, todos assistiram à missa celebrada pelo vigário, irmão de D. Ana. A igreja mal podia conter as 200 pessoas presentes. Fez-se o batismo logo depois da missa, e durante a cerimônia, a música, os rojões e foguetes atrovavam com extraordinário estrépito. Esplêndido almoço foi-nos servido no alpendre da casa; e depois do meio-dia regalou-nos o tenente-coronel com um banquete, no qual correu em abundância o generoso vinho do Porto, cousa tanto mais agradável quanto ainda não bebêramos vinho de qualidade alguma nessa casa (Florence, H., 2007, p. 186).

4º Exemplo:

Saindo no dia 1º de março de 1828 para irmos só visitar o porto do Rio Preto, ponto de embarque para Santarém, fizemos duas léguas e meia e fomos dormir no sítio chamado *Água Fria*. No dia seguinte vencemos igual caminho antes de alcançarmos o porto, por uma picada aberta há pouco à foice e machado na floresta, e conseqüentemente erigido de tocos de todas as grossuras, cortados a um palmo do chão, o que muito incomodava os cavalos, fazendo-os por vezes tropicar (Florence, H., 2007, p. 203).

5º Exemplo:

Durante minha estada no Pará, travei relações com o Dr. Antônio Correia de Lacerda, naturalista conhecido e estimado na Europa. Embora português, presidiu a província em épocas bastante críticas, respeitado pela gente de todos os partidos (Florence, H., 2007, p. 276).

O diário contempla o registro de situações e acontecimentos da rotina da expedição, situações que o próprio Hércules vivenciou e acontecimentos nos quais ele mesmo se viu direta ou indiretamente envolvido; daí o caráter autobiográfico deste tipo de escrita da história; aspecto muito comum nos relatos de viajantes.

d) Apresentação seletiva dos acontecimentos, com foco em eventos breves

A quarta característica marcante da escrita do diário de Hércules Florence é a ênfase na “apresentação seletiva dos acontecimentos”, com foco nos eventos breves, ou seja, de breve ou mesmo curtíssima duração.

Eles envolvem em sua grande maioria, episódios de duração em minutos, horas, dias, semanas ou meses.

1º Exemplo:

Subimos o rio légua e meia até à cidade [provavelmente ele fala do atual rio Pedreira, próximo ao ponto de formação do Estuário de Santos], cujo aspecto longe está de anunciar um porto de grande comércio: na verdade viam-se apenas fundeados alguns navios costeiros e um palhaborde português. Acolhidos pelo cônsul inglês, fomos nos acomodar numa casa próxima à povoação, onde nos demoramos perto de 20 dias, durante os quais choveu constantemente, o que não é de estranhar por ser a localidade de clima úmido e chuvoso quase todo o ano. Raramente tem-se um dia de sol (Florence, H., 2007, p. 1-2).

2º Exemplo:

Fui hospedar-me em casa de um parente dos meus dois companheiros de viagem, primeiro teto brasileiro em que fruí as doçuras da hospitalidade e daí por diante tive sempre ocasião de reconhecer os cuida dos afetuosos e tocantes com que o povo brasileiro exercita este dever de caridade. Sem dúvida alguma é ele muito mais hospitaleiro do que qual quer outro da Europa e há sua razão para isso. Aqui a terra produz muito mais alimento do que podem os habitantes consumir. Mesmo no Brasil já não há hoje nas cidades marítimas tanta facilidade de vida, não só pelo aumento de população, afluência de estrangeiros, como pelo luxo próprio dos grandes centros. Há hotéis e hospedarias: no interior é coisa que se não encontra. O viajante sabe que em qualquer parte em que houver um morador, há de ser por ele acolhido e tratado, não tendo mais do que apresentar-se à sua porta (Florence, H., 2007, p. 14-15).

3º Exemplo:

No tempo marcado voltaram de sua excursão os Srs. Riedel, Taunay, Hasse e Rubzoff. O Sr. Cônsul por seu lado não tardou a chegar. Juntos todos, demoram-nos ainda mês e meio em Porto Feliz até 22 de junho, dia designado para a nossa definitiva partida. O Sr. Hasse, porém, decidiu-se a ficar por ter de efetuar seu casamento¹ com a filha do nosso amigo, o Sr. Francisco Álvares (Florence, H., 2007, p. 19).

4º Exemplo:

Depois do meio-dia, tivemos bela e cômoda navegação. Os estirões vão sendo muito espaçados. O rio tem pouca velocidade e superfície muito unida, o que dá a uma grande ilha o nome de *Ilha Morta*, abaixo da qual pousamos, aproveitando o abrigo de uma alentada figueira. Os galhos em que se dividia o tronco eram da grossura de um pé de noqueira. Os mais baixos se curvavam para o chão, atirando raízes adventícias que formavam umas espécies de colunas. O tronco principal era tão grosso que mal podia ser abarcado por quatro homens; dava sombra espessa a mais de 20 passos em torno. Aí passamos a noite (Florence, H., 2007, p. 37).

5º Exemplo:

Pela manhã de 14, alcançamos a povoação de Albuquerque, assente à margem direita do rio e em terreno um tanto alto e enxuto. Quatro lances de casas em torno de uma praça, uma capelinha intitulada igreja e uma casa para os oficiais de primeira linha, constituem o povoado (Florence, H., 2007, p. 99).

Vê-se que nos trechos do manuscrito são relatados eventos breves, de tempo de duração reduzido.

Na sua cronologia da vida diária, a escrita do diário contempla quase que exclusivamente, os dias, meses e anos, ao invés das décadas e sécu-

los. É possível observar que, associada à brevidade das ocorrências, está a apresentação seletiva dos eventos cotidianos.

No dia-a-dia da viagem, o grupo vivencia uma série de experiências e atividades que fazem parte da rotina dos viajantes, na sua grande maioria (o que não é uma regra), atividades relacionadas aos trabalhos e propósitos da expedição.

Nem todos os acontecimentos e experiências foram registradas no diário; no texto do documento, somente algumas delas aparecem. Há um foco no registro dos pequenos e breves eventos do dia a dia, porém, não são todas as ocorrências diárias que são, de fato, relatadas; há uma “seleção espontânea”, onde o narrador estabelece, de forma latente, o que deve ou não fazer parte do relato.

Me pareceu que a seleção ocorreu de modo quase que espontâneo, dado não somente a velocidade e o volume de informações, mas também o ritmo em que elas se apresentam; imagino que isso não tenha impedido Hércules de incorporar critérios particulares de seleção, mesmo que fossem eles critérios intrínsecos. Não podemos esquecer que a expedição Langsdorff foi uma expedição científica; o diário nos dá margem para crer que os pesquisadores da expedição se comportaram dentro dos parâmetros daquilo que era costumeiro se esperar de um cientista viajante do período.

Quando Langsdorff aprovou o projeto da grande viagem, ele já havia estabelecido que o objetivo da expedição seria o levantamento das riquezas do país, o mapeamento da fauna e da flora, a elaboração de inventários da cultura material, dos costumes, da gente, etc. Importa considerar que a equipe, incluindo-se aí os desenhistas-membros da expedição haviam assumido o compromisso com tais registros. A tipologia dos registros induz a crer que Hércules possuía um roteiro preestabelecido sobre o que não poderia ficar de fora do diário (a exemplo da topografia das cidades, das riquezas naturais, das atividades e costumes cotidianos da gente). Ele transpõe para o diário aspectos relevantes da natureza e da vida material das pessoas e grupos. Tais aspectos tornaram-se conhecidos por meio da

observação participante que Hércules empreendera. Tais realizações não conflitaram em relação aos objetivos da expedição, nem mesmo com os compromissos outrora assumidos por Hércules com o barão Langsdorff; pelo contrário, é Hércules quem elege o que é ou não digno de nota. Em relação a esse ponto, é possível perquirir que o critério por ele utilizado, na seleção dos registros, esteve quase sempre relacionado com os objetivos da expedição.

e) Emprego de uma cronologia linear e progressiva, de caráter tipicamente usual

A quarta característica marcante da escrita do diário de Hércules Florence é o “emprego de uma cronologia linear e progressiva, de caráter tipicamente usual”.

Nos relatos que integram o diário, Hércules desenvolve uma escrita marcada pelo emprego de uma cronologia que é ao mesmo tempo, linear, progressiva e costumeira, ou seja, pautada na contagem dos dias, meses e anos.

Um bom exemplo disso aparece logo no início do diário. Hércules dá início ao diário estabelecendo uma marca cronológica:

Numa sumaca chamada Aurora, que fazia viagens de cabotagem, partimos da cidade do Rio de Janeiro no dia 3 de setembro de 1825 [...] Felizmente, dia e noite, soprou o vento fortemente, levando-nos à embocadura do canal de Santos em 48 horas... (Florence, H., 2007, p. 1).

Vê-se que Hércules estabelece o dia 3 de setembro de 1825 como sendo a data da saída (ou partida) da expedição. Segundo ele, a expedição teve início com a saída do Rio de Janeiro. Eles saíram dessa cidade e navegaram até a Baía de Santos. Através dessa Baía, eles adentraram o estuário e subiram o rio, até a parte habitada da cidade de Santos, São Paulo. Acredito que o rio que subiram tenha sido o rio Pedreira, pois é o rio cujas águas desembocam no estuário, antes de ganhar a Bahia de Santos.

Todo esse percurso – do curto trecho da costa atlântica até a cidade de Santos – foi feito por meio da navegação marítima e compreendeu uma

etapa importante, a primeira etapa do longo percurso que compreendeu toda a expedição.

Foi a partir da cidade de Santos que os expedicionários alcançaram o povoado de Cubatão. De Cubatão, fizeram uma longa caminhada até a cidade de Porto Feliz (na época uma pequena cidade da antiga província de São Paulo); ao longo do percurso até Porto Feliz, conheceram alguns outros povoados. Foi da cidade de Porto Feliz que, de fato, a Expedição Langsdorff deu início à grande jornada pelos rios do interior do Brasil.

A grande viagem fluvial pelo interior do Brasil principiou, de fato, pela navegação do rio Tietê, em 3 de setembro de 1825.

O “3 de setembro de 1825” foi o primeiro dos muitos registros que assinalaram a cronologia da expedição na exploração do interior do Brasil. A cronologia seguiu, mesmo que de forma dispersa e com algumas breves interrupções, o percurso dos rios, do Tietê ao Amazonas.

O caminho percorrido pela expedição não se tratava na verdade, de um caminho novo. Integrava uma rota que já vinha sendo utilizada por outras monções, desde o século XVIII. As expedições que optavam por esse caminho, tinham por hábito partirem de Porto Feliz, e seguirem pela navegação do rio Tietê; foi justamente essa a opção pela qual o barão Langsdorff, comandante geral da expedição, decidiu realizar.

No âmbito da cronologia do diário de Hércules, os dias e as horas também foram posicionados como “marcas” de temporalidade (marcas temporais). Exemplo: “dia e noite, soprou o vento fortemente, levando-nos à embocadura do canal de Santos em 48 horas, quando às vezes acontece que se gastam mais de três semanas no mesmo trajeto” (Florence, H., 2007, p. 1).

O diário é bastante rico em termos de indicadores cronológicos. Com um pouco de paciência e cautela, é possível remontar-se toda a cronologia da viagem, desde a saída do Rio de Janeiro até a chegada, na cidade de Belém.

Na escrita do diário, Hércules também fez uso de outros marcadores de tempo, diferentes de meses, dias e horas. São marcadores que se prestam mais facilmente à dedução.

Quando a Expedição Langsdorff adentrou a província de São Paulo, a caminho da cidade de Porto Feliz, o barão Langsdorff, juntamente com seus empregados e os demais integrantes da equipe, incluindo-se aí Riedel, Taunay e Rubzoff, realizaram um desvio do itinerário, alegando terem por objetivo a visita a uma fábrica, a de ferro, em São João de Ipanema, que ficava a seis léguas a nordeste de onde até então estavam. Hércules menciona que a visita à fábrica compreendia na verdade, uma digressão pelo sul da província (neste caso, a província de São Paulo, da qual a cidade de Porto Feliz fazia parte), coisa que o cônsul (ou barão) não pôde, ele mesmo, realizar, porque recebeu um chamado, a negócios, que exigia sua presença no Rio de Janeiro.

Langsdorff se ausenta provisoriamente da expedição, passa a direção dos trabalhos para o Riedel, e segue para o Rio de Janeiro. Hércules foi o único que não seguiu com Riedel na digressão, preferindo seguir na frente, para Porto Feliz, pois havia recebido a incumbência de “mandar construir canoas” e ainda a de promover os preparativos para a viagem até Cuiabá. Tudo haveria de ser providenciado com antecedência.

Ficou combinado então que Florence seguiria para Porto Feliz, Riedel, que se achava ainda com Taunay e Rubzoff, comandaria a digressão pelo sul da província de São Paulo, até a fábrica de ferro de São João de Ipanema, e enquanto isso, o cônsul atenderia ao chamado no Rio de Janeiro. Esperava-se que Riedel, Taunay e Rubzoff, estivessem em Porto Feliz antes mesmo que o cônsul retornasse da viagem ao Rio de Janeiro (Florence, H., 2007, p. 17-18).

Ocorreu que, cinco meses depois, Riedel, Taunay e Rubzoff retornaram e de fato, reencontraram com Hércules em Porto Feliz, antes mesmo de reencontrarem com o barão, que chegara do Rio de Janeiro pouco tempo depois, ou seja, num intervalo curto de tempo; foi somente depois

da chegada do barão que todos puderam novamente se reunir para darem prosseguimento ao itinerário da viagem.

Como sugerido anteriormente, a reunião dos vários “apontadores” (ou “marcas”) presente no diário, pôde nos possibilitar a reconstrução de toda a cronologia da viagem.

No diário, Hércules diz que permaneceu em Porto Feliz durante todos os cinco meses em que Riedel, Taunay, Rubzoff e o cônsul estiveram ausentes: “durante a ausência desses senhores, ausência de cinco meses, fiquei naquela cidade”.

Ora, se até o retorno de Riedel, Taunay, Rubzoff, transcorreram cinco meses, isso quer dizer que a expedição houvera chegado em Porto Feliz próximo ao dia 7 de dezembro de 1825. E se em setembro, estavam em Santos, é fato que demoraram uns três meses para perfazerem o percurso até Porto Feliz. A julgar pelas demais marcas cronológicas presume-se que o uso desse intervalo de tempo foi empregado no conhecimento dos lugares situados ao longo do percurso da rota (Cubatão, São Paulo, Campinas, Itu, etc.).

Se Hércules não se ausentou da cidade de Porto Feliz, até que Riedel, Taunay, Rubzoff findassem a digressão (atividade que durou cinco meses), então tem-se 7 de maio (dia aproximado) de 1826 como uma nova marca cronológica, pois foi o mês de retorno dos seus companheiros e o mesmo da chegada do barão, vindo do Rio de Janeiro.

O quebra-cabeça se completa no 22 de junho de 1826: “Juntos todos, demoramo-nos ainda mês e meio em Porto Feliz, até 22 de junho, dia designado para a nossa definitiva partida” (Florence, H., 2007, p. 19).

Ao somar-se os cinco meses em que Hércules esteve em Porto Feliz, sem a presença do cônsul, mais um mês e meio em que lá permaneceram, todos juntos, já na presença do cônsul, pode-se prever que a expedição tenha estado em Porto Feliz, ao todo, seis meses e meio, aproximadamente:

um longo período. Talvez Porto Feliz tenha sido a cidade em que a expedição mais tempo pousou.

Daí decorre o seguinte esboço cronológico: 1) 3 de setembro de 1825, saída do Rio de Janeiro; 2) 5 de setembro de 1825, chegada em Santos; 3) 3 meses explorando alguns lugares entre Santos e Porto Feliz; 4) 7 de setembro de 1825, chegada em Porto Feliz, data em que o barão retorna ao Rio de Janeiro; 5) 7 de maio de 1826, data em que o barão chega de volta do Rio de Janeiro; 6) todo o grupo, juntos, permanecem por mais um mês e meio em Porto Feliz; 7) 22 de junho de 1825, data em que a Expedição Langsdorff parte do porto da cidade de Porto Feliz, dando início à grande viagem fluvial, do Tietê ao Amazonas.

Ao todo, nove meses e meio se passaram entre a saída do Rio de Janeiro e o início da navegação pelo rio Tietê.

Muitas outras evidências cronológicas vão sendo registradas aqui e acolá na extensão de todo o diário.

1º Exemplo:

Desde esse dia até 1º de janeiro de 1827, fomos vendo palhoças de guató. O São Lourenço estava cheio e portanto muito correntoso. Subíamos com lentidão desanimadora. Boa viagem era aquela em que se venciam duas léguas no fim de um dia inteiro de incessante fadiga (Florence, H., 2007, p. 106).

2º Exemplo:

No dia 4 de janeiro, entramos no rio Cuiabá, deixando o São Lourenço à direita. Já então abrandara a praga dos mosquitos. Que alívio! A 8, chegamos a um lugar chamado “Banal”, pela grande quantidade de pés de bananas que aí se acha. Nos primeiros tempos das explorações dos paulistas, um desses intrépidos descobridores de ouro quis atender para o bem dos viajantes e fundar até um estabelecimento de agricultura. João Lemos, assim se chamava ele, aí se fixou: construiu uma casa num alto, que para fugir das inundações teve que aterrar, plantou bananeiras, laranjeiras e mamoeiros; mas depois, por motivos especiais que não souberam contarnos, abandonou o muito que já estava feito (Florence, H., 2007, p. 109).

3º Exemplo:

Enfim a 30 de janeiro de 1827, atingimos o porto tão desejado de Cuiabá. Aproximamos ao troar das salvas de mosquetaria que partiam de entre os nossos e eram correspondidas de terra. O guarda da alfândega levou-nos para o seu

escritório, enquanto esperávamos os animais que deviam levar-nos até à cidade, distante um quarto de légua (Florence, H., 2007, p. 122).

Hércules relata que no dia 27 de dezembro de 1826, a monção chegou na embocadura do rio São Lourenço e no dia 4 de janeiro, eles deixam o São Lourenço e iniciam a navegação do rio Cuiabá. Dia 30 foi que a expedição chegou na cidade de Cuiabá, província de Mato Grosso.

Quero ainda mostrar mais uma sequência de exemplos da cronologia construída por Hércules.

4º Exemplo: registro da chegada do grupo na cidade de Santarém:

Chegamos a Santarém no dia 1º de julho de 1828. Do porto avista-se o Amazonas que aí tem duas léguas de largo. Assente na confluência dos dois rios e à margem oriental do Tapajós, é o povoado bonito e bem situado em terreno plano que desce por uma rampa suave para a água. Numa eminenciazinha a E. vêem-se ainda as ruínas de um fortim construído pelos holandeses, quando até aí levaram suas conquistas. O país em torno é chato umas três léguas para o sul, onde se erguem montanhas, as primeiras que vimos desde Itaituba. As ruas são largas, cortadas em ângulo reto e bem alinhadas a cordel. A igreja, bem no centro, a melhor que se me deparou desde São Paulo, tem fachada ornada de um frontão e de duas torres (Florence, H., 2007, p. 263).

5º Exemplo: registro do início da viagem até Belém (já cumprindo o itinerário de retorno ao Rio de Janeiro):

A bordo da goleta mercante, partimos para a cidade de Belém no dia 1º de setembro de 1828. Abrindo velas à fagueira brisa, depressa deixamos de avistar Santarém com seus navios ancorados e suas duas torres, entrando em cheio no imenso Amazonas. A gosto se me dilatava o peito, navegando em alterosa embarcação naquele rio que tanto tem de largo quanto muitos da Europa de comprido, avistando grandes ilhas a correrem, chatas e extensas como pontões gigantescos cobertos de luxuriante vegetação, avistando a Guiana, admirando o movimento das ondas como em pleno oceano, e de vez em quando tendo ante os olhos um horizonte em que o céu se confundia com as águas do grande caudal. Poucos dias depois de entrados nele e em lugar muito largo e semeado de baixios e escolhos, tivemos que suportar as fúrias de um furacão equatorial. A trovoadas não cessava e o vento soprava rijo. Nestas condições caiu densa noite. Eis senão quando o proeiro deu um grande grito em guarani: *Itá!* (pedra). Não houve tempo senão de fazer força no leme; mais dois minutos, estava o barco perdido. Deitamos então âncora ao fundo, mas o rio parecia o mar em fúria, quebrando-se em vagalhões e espumando, e, como, pela correnteza, o navio não podia pôr popa ao vento que soprava de NE., recebíamos de flanco as vagas de modo demais incômodo. Tão fortes eram os balanços, tão rápidos, que me era impossível ficar na rede, pelo que subi ao tombadilho, donde presenciei toda aquela cena de furor. Tão altos se elevavam os cachões, que uma falua que ficava próxima

de nós parecia querer vir se atirar dentro da goleta, subindo e descendo com o movimento das águas a seis metros de altura. Às 9 horas tudo entrou em calmaria; a trovoadá dissipou-se; o rio voltou à primitiva tranqüilidade; e o ar refrigerado soprou suavemente (Florence, H., 2007, p. 266-267).

6º Exemplo: registro da chegada em Belém do Pará:

No dia 16 de setembro de 1828 chegamos, enfim, à cidade do Pará. Acolhidos pelo General João Paulo dos Santos Barreto, comandante então das armas da província, dele recebemos a hospitalidade brasileira realçada pelas vantagens que dá a sociedade de um homem de mérito e de ciência (Florence, H., 2007, p. 266-267).

7º Exemplo: registro da partida em direção ao retorno ao Rio de Janeiro, saindo do Pará:

Quatro meses inteiros esperamos pelo Sr. Riedel. Afinal chegou ele por seu turno magro e desfeito das moléstias que apanhara no rio Madeira, onde de seu lado sofrera tanto como nós [...] Como já tínhamos fretado um brigue brasileiro para alcançarmos o Rio de Janeiro, dez dias depois da chegada daquele nosso companheiro partimos para o mencionado porto, trazendo a bordo o ex-Presidente da província José Felício Pereira de Burgos. (Florence, H., 2007, p. 2767).

8º Exemplo: registro das dificuldades da viagem de retorno ao Rio:

Quinze dias depois de saídos, estivemos a naufragar nos baixios da costa do Maranhão a 12 léguas de terra, pelo que aproamos logo para o norte a ir buscar a rota seguida por todos os navegantes e que por certo não deveríamos ter deixado. Se não fora a mudança da cor do mar e o aviso da sonda, estávamos irremediavelmente perdidos. Em boa hora e a tempo nos precavemos, prolongando-se contudo a viagem por mais 15 dias, o que motivou alguns incidentes desagradáveis; mas, afinal, com 46 dias de bordo alcançamos a cidade do Rio de Janeiro, dando fim à nossa penosíssima, atribulada e infeliz peregrinação pelo interior do vasto Império do Brasil. (Florence, H., 2007, p. 276-277).

A chegada ao Rio de Janeiro pôs fim àquela fase do ciclo de viagens da Expedição Langsdorff: “...mas, afinal, com 46 dias de bordo alcançamos a cidade do Rio de Janeiro, dando fim à nossa penosíssima, atribulada e infeliz peregrinação pelo interior do vasto Império do Brasil”. Era então março de 1829, a data em que a Expedição finalizava os trabalhos da grande viagem fluvial pelos rios do interior do território brasileiro.

Toda essa narrativa constitui a cronologia da viagem em si. Ela é de caráter linear, isso porque ao relatar, Hércules adota a ordem cronológica dos acontecimentos.

A reunião das marcas temporais permite-nos a reconstituição da cronologia completa da viagem, desde o dia da partida do litoral brasileiro, em 3 de setembro de 1825, até o retorno, em março de 1829.

É uma cronologia progressiva, pois é pautada na evolução dos dias, meses e anos. O relato é desenvolvido em etapas. As etapas correspondem ao êxito em relação à superação de cada ponto do itinerário que ia sendo cumprido.

É uma cronologia construída a partir de “marcos” de caráter geográfico e fluvial, correspondentes biunivocamente. Assim, o rio Tietê está para a província de São Paulo, assim como o rio Cuiabá está para o Mato Grosso, e o Amazonas para o Grão-Pará. Vencer o Tietê significava também o início da navegação pelo Cuiabá, deixar o Cuiabá era mergulhar nas águas dos rios (afluentes) que conduziriam a expedição ao grande rio Amazonas.

Acrescenta-se ao caráter progressivo, a forma objetiva como Hércules associa a datação ao conjunto das ocorrências relatadas.

É uma cronologia apresentada de forma dispersa ao longo de todo o texto. É objetiva, mas não é dada; solicita-nos o trabalho de remontá-la gradualmente, solicita-nos uma atenção redobrada.

Sobre ela, ainda nos cabe a seguinte questão: quais seriam os elementos constitutivos dessa cronologia de viagem?

A cronologia de viagem de Hércules Florence é desenvolvida por meio dos seguintes elementos: 1) do registro das datas e dos acontecimentos da expedição; 2) estabelecimento de uma hierarquia que marca a importância de cada acontecimento no contexto do conjunto dos eventos vividos ao longo da expedição; 3) estabelecimento de indicadores da sucessão de tempo; 4) uso de formas diversas de marcação de tempo; 5)

estabelecimento de marcas cronológicas de destaque; 6) uso do tempo cronológico como noção de tempo histórico.

Sobre o registro das datas e dos acontecimentos da expedição, são por si só, históricos, pois Hércules ao decidir redigir um diário, já apontada para o fato de que ele julgava ser a viagem algo de extrema relevância do ponto de vista histórico.

Com vistas ao estabelecimento de uma hierarquia que marca a importância de cada acontecimento no contexto do conjunto dos eventos vividos ao longo da expedição, essa prática revela que para alguns dos acontecimentos a referência temporal é vaga e em outros ela é mais precisa, objetiva e direta, situação que só não é válida em relação ao período em que Hércules ficou sem realizar os registros, fazendo-o de memória.

Nas partes decisivas da expedição, aquelas que implicaram a passagem por locais estratégicos e considerados pontos-chave do itinerário desenvolvido, as principais marcações do roteiro contaram com uma datação mais cuidadosa e precisa, a exemplo das chegadas e partidas nos principais povoados e cidades por onde a expedição passou.

Sobre o estabelecimento de indicadores da sucessão de tempo, ao longo do diário, Hércules estabelece alguns indicadores que permitem a remontagem da sucessão dos acontecimentos que marcaram as experiências do grupo e mesmo as dele em especial; tais indicadores contribuem para o estabelecimento de uma certa unidade no documento, garante a sua não-fragmentação e permite a reconstrução mental dos fatos; também permite a costura de uma ideia de totalidade. É por meio de tais recursos empregados por Hércules Florence, que temos uma boa noção do início, meio e fim da viagem; os indicadores apresentados por Hércules nem sempre são numéricos, as vezes ele se vale de elementos bastante criativos.

Sobre o uso de formas diversas de marcação de tempo, é correto afirmar que Hércules faz uso de formas diversas de marcação temporal, mas prevalece a forma tradicional, com marcações de dia, mês e ano. Os

acontecimentos não aparecem necessariamente organizados, mas ordenados; não aparecem organizados, porque a marcação, embora seja contínua, não é ininterrupta, ou seja, há várias interrupções e falhas no registro desses indicadores, de modo que é possível constatar um extenso intervalo de texto sem indicadores de tempo plausíveis. A remontagem da organização de tudo isso, na busca por uma maior precisão e eficiência, exige muito cálculo e trabalho.

Sobre o estabelecimento de “marcas” cronológicas de destaque, são aquelas que, na escrita de Hércules, vêm expressas como as mais importantes em relação ao contexto da viagem, a exemplo da datação envolvendo a doença do barão e o agravamento de seu estado de saúde; ambas foram decisivas. Assim, as datas e indicadores relacionados a esse drama figuram como uma marca de suma relevância na história da viagem. Outro exemplo de marca cronológica de destaque é a data de partida da cidade de Porto Feliz; ela se destaca porque significou o início da viagem fluvial, propriamente dita.

Sobre o uso do tempo cronológico como noção de tempo histórico, a cronologia de Hércules transita no âmbito de uma noção do “tempo histórico”, numa distinção de “tempo/clima” e “tempo/cultural”, sua contagem é linear e ascendente.

f) Aproximação entre História e vida

A sexta característica marcante da escrita do diário de Hércules Florence é a “aproximação entre História e vida”.

A pensadora Agnes Heller, argumenta sobre a relação entre a História e a vida cotidiana, que a “...vida cotidiana não está ‘fora’ da história, mas no ‘centro’ do acontecimento histórico...”; segundo ela, a vida cotidiana “...é a verdadeira ‘essência’ da substância social.” (Heller, 2000, p. 20).

Daí decorre que os acontecimentos da vida diária são, em si mesmos, acontecimentos históricos; estão associados a uma história que é ao mesmo tempo, individual (que se desenvolve no âmbito da vida pessoal) e

coletiva (quando envolve identidades coletivas, a exemplo das coletividades, grupos, associações etc.).

As “ocorrências da vida diária” podem ser tomadas como ocorrências históricas, mas não dizem respeito necessariamente a uma História (conhecimento), mas a uma história vivida. Uma história que se opera no âmbito da experiência, ou seja, da vida e do vivido, não envolvendo necessariamente aspectos da síntese histórica.

Hércules Florence não elabora sínteses históricas e nem mesmo se propõe a fornecer explicações sobre os acontecimentos observados, mas trabalha o “memoriar”, ou seja, com a elaboração de memórias. Na aplicação do subterfúgio da escrita criativa acerca daquilo que é por ele observado, faz permanecer, como o ato de tornar permanente tudo aquilo que cedo ou tarde escapa ou pode escapar à visão.

Tal linha de raciocínio nos conduz aos seguintes entendimentos:

1) em Hércules Florence, as ações, acontecimentos, eventos e todo tipo de situações vividas compreendem o conjunto das ocorrências históricas situadas no âmbito do vivido; pertencem à Memória e não à História, pois a estrutura orgânica dos seus registros não constitui sínteses históricas, mas estabelecem permanências. Enquanto Memória, os registros do diário de Hércules resultam em documento de grande valor, cujos estudos podem servir a relevantes propósitos históricos e historiográficos.

2) há em Hércules uma noção de tempo histórico que não difere do tempo cronológico, pois ele usa tempo histórico como tempo cronológico. Sua narrativa não demonstra uso de subterfúgios, mas busca ser a mais literal possível, mesmo em meio às inserções poéticas de que se vale para as descrições paisagísticas da natureza.

3) Hércules trabalha com um tipo de memória que preferimos denominar de memória imediata. Esta compreende o registro descritivo daquilo que se vê ou se observa. Nela não há ênfase no conteúdo subliminar, mas sim no teor objetivo que se manifesta ao olhar.

É na memória imediata (que compreende o passado próximo) que Hércules Florence vai buscar a atualidade dos acontecimentos históricos. O trabalho dele é, como diria Braudel, “recitativo”; são relatos de memórias, aquelas que ele pôde entrever, alcançar, ou mesmo “pescar”, fossem elas dele, ou não; são memórias por ele apanhadas e incorporadas no corpo do diário como manifestação de fatos envolvendo as experiências vividas e/ou testemunhadas por ele, ao longo da Expedição Langsdorff. Soma-se aí as memórias de acontecimentos observados por outrem, mas que de alguma forma, chegaram até ele.

4) o elemento fundamental da escrita de Hércules é a ênfase na aproximação entre História e vida diária. Na verdade, para ele esses contextos confundem-se. Os acontecimentos breves que marcam o dia a dia da viagem e das experiências dos viajantes é o que integra o corpo do diário e o que há de mais importante nele.

g) Diversidade temática

Nos relatos, Hércules se vale de uma exaustiva variação temática. Vejamos algumas delas:

1) Os “ataques dos mosquitos” – ao longo da navegação pelos rios, esse tema aparece de forma constante no diário Hércules, chegando mesmo a significar um obstáculo real à continuidade da expedição. Isso revela um ambiente hostil.

1º Exemplo:

Impossível me fora exprimir o sofrimento que diariamente nos causam os enxames de mosquitos. É praga capaz de trazer o abandono de uma região inteira por quem não tenha a constância do selvagem. Em tal quantidade nos cercavam tão teimosos se precipitavam sobre nós para sugar-nos, que o ar em derredor parecia escuro. Quando comíamos, ficava os pratos inçados, o molho cheio deles; entravam-nos pela boca. Debalde dos pés à cabeça vestíamos roupas grossas; debalde calçávamos botas e luvas. Através das vestes e pela costura das botas, por pouco que tivessem uso, ferravam-nos tremendas picadas metendo-se pelas calças adentro. É horrível! Para garantir um tanto mais o corpo, era preciso por cima de toda a roupa embrulhar-se numa grande colcha ou manta, o que produzia calor intolerável; como meio de defender o rosto, só havia, desde o alvorecer até ao cair da tarde, agitar um leque ou um abano (Florence, H., 2007, p. 108).

As queixas eram frequentes.

2º Exemplo:

“À noite, fomos atormentados por nuvens de mosquitos, que nos obrigaram a armar os mosquiteiros: nesse asilo, porém, tivemos que suportar calor quase intolerável.” (Florence, H., 2007, p. 60).

3º Exemplo:

Fomos durante esses dias nos aproximando do grande Paraguai que já se ia avolumando, como verificávamos no Taquari, não só pela diminuição de correnteza, como pelo alagamento das margens, o que nos punha em dificuldades para achar terreno seco que servisse de acampamento. Nesses tempos de cheia é que caem em chusmas os mosquitos. Incomodavam-nos de modo insuportável. (Florence, H., 2007, p. 87).

4º Exemplo:

“Continuou nossa navegação com extrema lentidão, tanto mais incômoda quanto os mosquitos não nos deixavam um instante de sossego.” (Florence, H., 2007, p. 102).

5º Exemplo:

Fatigados de navegação tão lenta e penosa como o subir o São Lourenço nessa estação de águas, víamo-nos, segundo dissemos, assaltados por nuvens de mosquitos que nos ocasionavam cruéis aflições. Tal era a quantidade desses temíveis insetos que o ar se escurecia; enegreciam os lugares em que pousavam; voavam em torno de nós, pisando-nos desapiedadamente (Florence, H., 2007, p. 106).

A infestação de mosquitos acabou por constituir um obstáculo natural ao desenvolvimento da viagem, pois as picadas não somente provocavam perturbações e desgastes, mas também ferimentos pelo corpo todo (sobretudo rosto, mãos e pés), infecções e doenças.

No diário, há observações categóricas sobre as “picadas de piuns” e de “borrachudos”. Segundo Hercules menciona, as picadas de piuns deixavam o rosto, as mãos e os pés cobertos de feridas (Florence, H., 2007, p. 225-226). Das agulhoadas de borrachudos advinham vermelhidão, irritação, coceira e inchaço da parte atingida, acabando por provocar algumas inflamações (Florence, H., 2007, p. 226).

Pelo que pude observar, esse tipo de ocorrência aconteceu com tanta frequência ao longo da viagem, que é possível dizer que passou a fazer parte do dia a dia do grupo. Daí resulta que uma das preocupações diárias passou a ser a necessidade de encontrar uma forma de se proteger ou mesmo de amenizar o infortúnio. Uma das estratégias utilizadas era calçar botas e luvas e “por cima de toda a roupa embrulhar-se numa grande colcha ou manta” (Florence, H., 2007, p. 108); para o rosto recorria-se ao uso de leque ou abano (Florence, H., 2007, p. 108). Ainda se recorria à queima de “uma espécie de terra chamada *copim*, cuja fumaça espessa, se enxotava os mosquitos” (Florence, H., 2007, p. 109); a queima desse material também era muito prejudicial à saúde (Florence, H., 2007, p. 109).

Se por um lado, os relatos de Hércules possam transparecer a impressão de um ambiente hostil e ameaçador, por outro revelam o total despreparo da equipe (do Sr. barão) para interagir com um ambiente natural, muito diferente daquele ao qual eles estavam habituados.

II) As “febres intermitentes” ou “sezões” – as febres intermitentes, também denominadas de “sezões”, eram um tipo de enfermidade de gravíssimas consequências; foram responsáveis por muitas baixas na tripulação. Até mesmo Hércules sentiu no próprio corpo os efeitos dela.

1º Exemplo:

Não tive tempo senão de tirar muito às pressas um esboço. A trovoadá desabou sobre nós com tal fúria que, antes de alcançarmos a canoa, correndo sobre as rochas, já estávamos varados pela chuva. Despi-me todo, na crença de que a roupa molhada e fria poderia fazer-me mal e pus-me a trabalhar de remo para conservar o sangue em agitação, e não me deixar tolher pela chuva e o vento. Cheguei, porém, à barraca transido de frio; o capote e as cobertas mal me davam algum calor. (Florence, H., 2007, p. 239-240).

Segundo Hércules, nas vilas eram muitas as mortes que as febres (ou sezões) provocavam.

Quando se abateu sobre os viajantes, a febre tornou precário o estado de saúde de muita gente, até mesmo Hércules e Langsdorff não escaparam delas; em alguns momentos Hércules e Langsdorff chegaram a

paralisarem as atividades que diariamente desenvolviam (incluindo-se a escrita dos diários)²⁹, em função dos constrangimentos físicos que a doença impunha.

Há no diário de Hércules um conjunto de relatos sobre tal enfermidade.

2º Exemplo:

Durante nossa estada de três meses, dessas febres morreram três rapazes, uma mocinha, cuja enfermidade não durou mais de três dias, duas ou três pessoas de idade e cinco ou seis crianças. Por toda a parte só se vêem doentes; entretanto a população não passa de 3.000 almas. (Florence, H., 2007, p. 200).

3º Exemplo:

“Principalmente nos arredores da vila é que reinam as febres, o que faz com que os mineiros, para não caírem doentes, vão muito raras vezes às suas lavras.” (Florence, H., 2007, p. 200).

4º Exemplo

“Estiveram logo a braços com as febres intermitentes, chamadas aqui *sezões*, os Srs. de Langsdorff e Rubzoff, e mais oito camaradas” (Florence, H., 2007, p. 204).

5º Exemplo:

“6 e 7 de abril. Tive arrepios de frio e febre” (Florence, H., 2007, p. 207).

6º Exemplo:

“Por vezes causaram-nos essa praga e a febre acessos de raiva e re-
criminações inconvenientes.” (Florence, H., 2007, p. 226).

7º Exemplo:

Continuaram muito doentes os Srs. Langsdorff e Rubzoff. A fraqueza era tal que não podiam sair da rede: a perda de apetite completa. Os calafrios

29 Langsdorff também escreveu seus diários sobre a grande viagem; são manuscritos que na sua versão impressa e traduzida somam quase três volumes de texto. Em muitos momentos, a escrita do diário teve que ser paralisada em função de sua debilidade física e mental.

voltavam-lhes diariamente às mesmas horas, precedendo acessos de febre de tal violência que nos faziam involuntariamente soltar gritos entrecortados e dar pulos de agitar as árvores, onde a rede, mosquito e toldo estavam armados. Vi a folhagem dessas árvores, cujo tronco tinha uns 33 centímetros de diâmetro, tremer na altura de 40 palmos. Cada rede estava suspensa a duas delas. “os calafrios voltavam-lhes diariamente às mesmas horas, precedendo acessos de febre de tal violência que nos faziam involuntariamente soltar gritos entrecortados e dar pulos de agitar as árvores... (Florence, H., 2007, p. 238).

8º Exemplo:

...toda a noite ardi em febre, acompanhada de grande dor de cabeça e extrema fraqueza, com todos os sintomas, enfim, das febres intermitentes. Com efeito fui de novo atacado e durante 10 dias por elas muito maltratado, não tanto, porém, como os meus companheiros, a quem eu dava o braço para ajudar a caminhar. Desde então tive mais ou menos calafrios e febre até Santarém (Florence, H., 2007, p. 239-240).

Segundo Hércules, não houve quem não adoecesse acometido pelas febres. Elas eram geralmente precedidas por calafrios, e em alguns casos, podendo ainda ocorrerem dores de cabeça, convulsões, esgotamento físico e inapetência; dentre a tripulação, muitos foram os que sucumbiram. Nem mesmo o chefe da expedição escapou.

O estado de saúde do senhor Langsdorff se agravou paulatinamente. Além da “perda da memória das coisas recentes” (Florence, H., 2007, p. 243), o senhor barão também experimentou o “transtorno de idéias” (Florence, H., 2007, p. 243). Hércules qualificou o quadro de saúde do Sr. Langsdorff como “perturbador”, uma consequência da violência das “sezões”.

No Tucurizal, ainda enquanto navegavam nas águas do rio Juruena, Langsdorff decidiu que parassem para construir uma nova canoa. A parada foi feita numa floresta de “tucuris”, numa área de mata chamada Tucurizal.

O “tucuri” é uma árvore que dá um fruto que serve como alimento. Segundo Hércules Florence, nas regiões do interior do Brasil o fruto do “tucuri” era muito utilizado na alimentação de indígenas e viajantes; segundo ele, o tronco dessa árvore era empregado na construção de canoas. Diz ele que as embarcações utilizadas ao longo da navegação do Juruena “eram todas de madeira [de] ‘tucuri’” (Florence, H., 2007, p. 241).

Hércules Relata que foi no Tucurizal que a perturbação física e mental de Langsdorff se manifestou de forma mais grave, expondo a impossibilidade de prosseguimento da viagem.

III) As “chegadas” e “partidas” – foram muitas as rotas e variados os percursos, ora por terra, ora por água (me refiro às águas dos rios). O deslocamento constante de um ponto ao outro, permitiu a fixação dos limites de cada trecho, marcando os pontos de chegada e os pontos de partida, fossem eles aldeias, cidades, vilas, ou simples aglomerações de famílias isoladas em seus casebres.

Foram inúmeros os momentos de “chegadas” e “partidas”. É possível identificá-los em toda a extensão do diário. Trazemos alguns exemplos de registros de “chegadas”:

1º Exemplo:

“Enfim a 30 de janeiro de 1827, atingimos o porto tão desejado de Cuiabá. Aproamos ao troar das salvas de mosquetaria que partiam de entre os nossos e eram correspondidas de terra” (Florence, H., 2007, p. 122).

2º Exemplo:

“Afinal, ao meio-dia, toda a monção caiu no rio. Recomeçando a subir, chegamos já com noite à casa do Capitão Bento Pires” (Florence, H., 2007, p. 121).

3º Exemplo:

Depois de subirmos ao alto da Criminosa, fizemos ainda légua e meia por declive suave e chegamos a Jacobina, alvo de nossos maiores desejos, não só por causa das comodidades que esperávamos encontrar e que se prodigalizavam segundo diziam, a todas as classes de viajantes, como também pela sua importância, cada vez mais exaltada neste caminho, à medida que as distâncias se iam encurtando. (Florence, H., 2007, p. 163).

4º Exemplo:

“Chegamos a Santarém no dia 1o de julho de 1828. Do porto avista-se o Amazonas que aí tem duas léguas de largo” (Florence, H., 2007, p. 263).

Agora, alguns exemplos de “partidas”:

1º Exemplo:

“No dia 19 de dezembro, partimos de Albuquerque. O comandante acompanhou-nos até à praia e, em honra ao Sr. Cônsul, mandou dar umas salvas. Iam conosco vários *guanás*” (Florence, H., 2007, p. 102).

2º Exemplo:

“De Cuiabá partimos no dia 28 de abril de 1827 e, transpondo, a duas léguas E., o riozinho *Coxipó-guaçu*, fomos pousar, uma légua adiante, num morador daqueles lugares” (Florence, H., 2007, p. 129).

3º Exemplo:

“Partimos da maloca dos apiacás, e pelas 3 horas da tarde abicamos na embocadura do rio dos Peixes, onde acampamos cedo para darmos ao guia tempo de pescar” (Florence, H., 2007, p. 221).

4º Exemplo:

“A bordo da goleta mercante, partimos para a cidade de Belém no dia 1o de setembro de 1828. Abrindo velas à fagueira brisa, depressa deixamos de avistar Santarém com seus navios ancorados e suas duas torres, entrando em cheio no imenso Amazonas” (Florence, H., 2007, p. 266).

Uma das partidas marcantes foi a saída de Porto Feliz.

A grande viagem fluvial pelos rios do interior do Brasil teve início, de fato, em Porto Feliz, em 22 de junho de 1826, através da navegação das águas do rio Tietê.

Dada a relevância do empreendimento, o momento da partida do porto da cidade foi celebrado por pessoas ilustres e autoridades locais e com direito a salvas de mosquetaria³⁰, coisa muito comum na época.

De modo geral, o roteiro desenvolvido acabou por estabelecer três pontos principais de “parada”, que nos dão uma boa ideia dos trechos da

30 Estouros de pólvoras.

viagem: Porto Feliz (na antiga província de São Paulo), Cuiabá (na antiga província de Mato Grosso) e Santarém (na antiga província do Grão-Pará).

IV) Os acidentes naturais, a exemplo dos saltos, cachoeiras e corredeiras – os acidentes naturais, tais como saltos (queda d'água brusca), corredeiras e cachoeiras, bem como as fortes correntezas dos rios, também aparecem com muita frequência na lista de temas que integram o diário.

Hércules menciona vários desses acidentes naturais. Os saltos de Itu, Avanhandava e Itapura (no Tietê), Urubupungá (no Paraná) e Augusta (no Juruena) são alguns dos exemplos, dentre muitos outros.

Diz Hércules que dos grandes acidentes naturais que a monção teve que transpor, o salto de Itu não foi mais difícil de atravessar do que o salto de Avanhandava. Como Hércules mesmo afirma, o salto Avanhandava era uma grande cascata, um espetáculo de grande beleza, mas cuja transposição, por água, era impossível. Para transpô-la, tiveram que descarregar as embarcações e vará-la por terra, ou seja, embrenhar-se por varadouros (caminhos abertos na mata).

Era hábito dos viajantes que por lá passavam atravessarem o salto Avanhandava por terra, passando pela mata.

Metemo-nos por um caminho aberto na mata no qual havia, de dois em dois passos, troncos roliços atravessados e deixados por nossos predecessores de viagem, a fim que as canoas pudessem ser arrastadas por terra, visto como a transposição por água é impossível. Chamam-se esses caminhos *varadouros*. No meio deste inclina-se o terreno, de modo que começamos a descer” (Florence, H., 2007, p. 39-40).

Vale ressaltar que a transposição do salto Itapura ocorreu de forma semelhante à do salto Avanhandava, no entanto, dada as especificidades da catarata, demoraram três dias para “fazer varar por terra as canoas e cargas” (Florence, H., 2007, p. 44).

Depois de Itapura, foi a vez da passagem de Urubupungá, no rio Paraná, e assim por diante.

Outro exemplo de travessia difícil foi a passagem pelo salto do Co-rau: “As canoas foram arrastadas ora em seco, ora por água até ao lado direito da queda, onde há um varadouro de subida tão íngreme que, para galgá-lo, nossa gente empregou grandes esforços. Todos esses penosos trabalhos nos consumiram quatro dias” (Florence, H., 2007, p. 63).

É de se considerar que o emprego de grande esforço físico era mesmo necessário na ultrapassagem deste tipo de obstáculo. É por isso que a boa aptidão era imprescindível. Não estar saudável comprometia sobremaneira as possibilidades de sucesso do empreendimento.

A cachoeira de São Simão de Gibraltar só pode ser vencida depois de passados quatro dias, pois em alguns de seus trechos, as canoas tiveram que ser “arrastadas sobre as pedras” (Florence, H., 2007, p. 257).

Algumas corredeiras eram tão perigosas, que para serem transpostas era preciso que todos saltassem na água, retirassem o peso das canoas e as arrastassem pelas pedras. Muitos foram os momentos em que tal recurso teve que ser empregado.

Com exceção do ocorrido com Adriano Taunay, que morrera afogado ao tentar atravessar a nado o rio Guaporé (em Vila Bela), não houve episódios funestos; a morte de Adriano Taunay foi um fato isolado, envolvendo a transposição dos acidentes naturais e geográficos, pois muitos foram sendo um a um superados. Toda a equipe teve que lidar com a superação dos seus próprios limites humanos.

V) O dia a dia da alimentação do grupo – o diário contempla trechos contendo anotações sobre as alternativas utilizadas pelos viajantes para resolverem o problema da alimentação no transcorrer da navegação pelos rios; há registros de algumas iniciativas.

1º Exemplo:

“Assim mesmo apanharam quanto cacho verde puderam descobrir para comerem as bananas assadas, ou então esperar que amadureçam. Encheram canoas com esse precioso achado” (Florence, H., 2007, p. 109).

2º Exemplo:

“Não me lembro de nada digno de nota até ao dia 17, em que o Sr. Cônsul despachou uma canoinha para ir buscar nos primeiros moradores os mantimentos que já nos iam faltando” (Florence, H., 2007, p. 119).

3º Exemplo:

Nos campos do rio Pardo comemos alguns frutos silvestres. O *marmelo-brabo*, por exemplo, que agradava mesmo fora destes ínvios recantos, é pouco mais ou menos do tamanho de uma maçã; desfaz-se na boca numa massa cheia de grãos muito miúdos, é agridoce e tem dentro algumas sementes: a *mangaba*, cuja cor é de um amarelo desmaiado quando bem madura; tão mole como o sorvo, porém mais suculenta, saciando mais e sabendo ao paladar deliciosamente: o *caju* que é também muito saboroso, e outras frutas, enfim, umas muito boas, outras de gosto medíocre (Florence, H., 2007, p. 61).

4º Exemplo:

“Depois do meio-dia partimos e, após três léguas de marcha, chegamos à outra fazenda do padre. O feitor e a família eram muito miseráveis e a casa tão porca que preferimos pernoitar fora. Nada achamos que comer, não tendo remédio senão nos contentarmos com uma *jacuba* (mistura de farinha de milho, água fria e açúcar)” (Florence, H., 2007, p. 162).

Os viajantes também comiam do alimento que eles mesmos haviam armazenado para a viagem. Dada as características da viagem, eles comiam em pouca quantidade. Na maioria das vezes, comiam carne de caça, de pesca e frutos silvestres.

Também houvera o consumo de produtos cultivados pela população local, tais como frutas, legumes, farinha, entre outros, além dos animais de criação que apanhavam com um ou outro morador que tinha o hábito de criar animais de pequeno porte para consumo próprio.

Havia uma variedade de itens utilizados na alimentação diária. Muitos mantimentos eram pegos com os moradores locais (geralmente, residentes nas margens dos rios ou proximidades); eram estes quem muitas vezes, forneciam as provisões.

Muito embora esta tenha sido uma prática adotada pelo grupo, vale ressaltar que não foi a única.

Os relatos dão conta de nos informar do uso de “frutos silvestres” comestíveis na alimentação dos viajantes, no caso, o “marmelo-brabo”, a “mangaba” e o “caju”, mencionados no primeiro exemplo, e o fruto do “tucuri”, no segundo, ambos produzidos de forma espontânea, ou seja, pelo concurso da própria natureza e sem o cultivo organizado (humano). No decorrer da viagem muitas fontes desse tipo de alimento eram encontradas, sobretudo, nas proximidades dos rios.

Outra saída consistia no uso da carne de caça, também encontrada em abundância e variedade durante quase todo o percurso. Antas, veados, caititus e macacos aparecem na lista de animais que se comiam; destes, comia-se em maior número, as antas e os macacos, das mais variadas espécies (coatás, barrigudos, monos etc.).

Na saída do salto de Avanhandava, ainda no Tietê, comeram carne de “ariranha”. Ao longo do relato, houve menção à caça de aves, tais como o “urubu-branco” ou “urubutinga” e o “socó-boi”.

Dentre os produtos cultivados, encontramos a banana que, geralmente era consumida *in natura* (quando madura) e mesmo assada (quando verde).

Voltando ao percurso, a monção havia vencido o rio São Lourenço e entrado no rio Cuiabá. Estava num lugar chamado Bananal³¹. Hércules menciona que o lugar recebia esse nome pela grande quantidade de pés de banana que os viajantes costumavam avistar no local. Muitos dos que iam

31 A presença do bananal nas várzeas, ao longo do Cuiabá, mostra-nos que o lugar já havia sido trabalhado economicamente, por meio do emprego de uma agricultura diversificada, voltada para a produção de bananas, laranja e mamão. É o próprio Hércules quem afirma isso. Diz ele, que o empreendimento havia sido realizado no tempo dos paulistas (primeiras explorações), por um tal de João Lemos. Segundo Hércules, os paulistas exploraram as águas do rio Cuiabá em busca de ouro. Foi nesse período que João Lemos resolveu fixar moradia no local e realizar o empreendimento agrícola, acreditando que o negócio poderia atender aos viajantes que navegavam por aquelas águas. Quando a expedição por lá passou, já não havia mais nem João Lemos, nem sua casa, mas havia ainda uma produção espontânea de frutas, que eram consumidas pelos que iam e vinham.

e vinham se serviam das bananas que, espontaneamente eram ali produzidas. Ao aproximarem-se do Bananal, os tripulantes da expedição trataram logo de desembarcar e irem à busca dos cachos de bananas que, mesmo verdes, foram apanhadas.

Havia também os pratos feitos com produtos cultivados. No exemplo apresentado, Hercules fala sobre a “jacuba”. Ele assim define esse alimento: “mistura de farinha de milho, água fria e açúcar” (Florence, H., 2007, p. 162).

Soma-se à pesca do pirarucu, a tartaruga (elencada como oriunda de produção espontânea), e o consumo de cultivados (cacau, café e açúcar).

Comia-se pirarucu, tartaruga, lagarto, carne de vaca, porco, galinha, carneiro, cabra. Muitas refeições eram realizadas em casa de moradores locais, pessoas simples e mesmo, autoridades.

Em muitas situações, comia-se nas embarcações ou parava-se para o repasto diário.

h) O uso de imagens.

A oitava característica marcante da escrita do diário de Hércules Florence foi o uso de imagens (pinturas, desenhos, garatujas).

Como já mencionado, esse diário foi originalmente escrito na forma de manuscrito, ou seja, feitos à mão.

No manuscrito, Hércules não se valeu somente do uso da palavra escrita, mas também de imagens (uso do não-verbal).

Na condição de segundo desenhista da expedição Langsdorff, Hércules elaborou um rico acervo, contendo o registro imagético dos acontecimentos e testemunhos da expedição³². Algumas dessas imagens integram o corpo do diário.

32 Hércules Florence fez parte da equipe dos artistas (desenhistas e pintores) contratados pelo Sr. Langsdorff para fazerem o registro visual de tudo que fosse útil para composição do acervo de imagens da Expedição, obviamente que para fins de catalogação e estudo.

É profusa e diversificada a gama de registros produzidos. Demonstram um senso de apurada observação etnográfica. As imagens compreendem em geral, um número expressivo de desenhos e pinturas, realizadas de 1825 a 1829. Elas são representadas por Hércules ainda hoje, e influenciam de forma quase ininterrupta a perpetuação, revisitação e ressignificação do tema – a Expedição Langsdorff, seja na forma de livros, mostras ou mesmo exposições de arte, frequentemente organizadas a partir da seleção de peças do acervo, por sua vez, constituído pela reunião de algumas de suas obras.

Tomemos como exemplo a edição do volume 93 da coleção Edições do Senado Federal, publicada em 2007. A obra reúne pouco mais de 100 imagens de autoria de Hércules³³, que abordam temáticas diversas e remetem a variadas experiências e testemunhos: pessoas, grupos, seres, lugares, cidades, objetos, coisas, habitações, instalações, caminhos, natureza, fauna, entre outros.

Que imagens são essas? Qual o contexto em que foram produzidas? De quê nos falam? Quais interesses sustentam? Com que propósito foram elaboradas?

São imagens construídas e registradas ao longo de todo o percurso da viagem. Datam do período da expedição (ou seja, de 1825 a 1829). Elas possuem uma expressiva variação temática, pois falam das dificuldades e situações vivenciadas pelo grupo, descrevem pessoas, grupos, hábitos, costumes, modos de vida, culturas, lugares, paisagens naturais, seres, objetos e materiais, com destaque para o registro das populações indígenas e da paisagística dos lugares, permitindo assim, a localização de determinados lugares e de sua gente.

Dada a peculiaridade do traço da escrita pictórica de Hércules, vê-se que as imagens não manifestam uma preocupação estilística de caráter predominantemente estético, muito embora reconheça-se o emprego

33 Com exceção de apenas 3 desenhos de Adriano Taunay, incluídos na edição, e de uma outra obra com a autoria de Hércules, realizada já em São Paulo, depois de findada a viagem.

da habilidade e da técnica. Há coerência, mas as imagens não estão associadas a um padrão ou modelo estilístico pré-determinado; se tivesse que enquadrá-las num modelo específico, eu diria que elas são a expressão de uma tipológica única: “pintura ou desenho de viagem”, onde a observação e o olhar do artista não se prendem a peculiaridades, mas também, não se ocupam de arranjos e efeitos característicos de determinadas escolas pictóricas.

Nas obras de Debret, por exemplo (em se tratando de algumas que integram o livro “Viagem pitoresca e histórica ao Brasil”), a preocupação com a manifestação de uma estética carregada de comprometimentos ideológicos é clara, mas em Hércules, muito embora tal aspecto não esteja de todo ausente, há uma espécie de tentativa de esquivar-se do debate político sobre questões pertinentes ao período, como era o caso da escravidão.

Os desenhos, mesmo carregados de traços objetivos e ligeiros, não deixam de reverberar as condições de sua produção e a realidade de sua época. Sobre as condições de produção, refiro-me às restrições que uma expedição fluvial impõe ao trabalho do artista, para quem os minutos, horas, dias e meses contam num tempo-ritmo diferente. No que tange à realidade de sua época, me refiro mais precisamente às expedições de caráter eminentemente acadêmico e científico.

Mas há sem dúvida, em Hércules, uma preocupação com o registro e com a captura, senão do instante, mas do momento.

Nos seus “desenhos de viagem”, Hércules não quer se relacionar intimamente com pessoas, objetos, materiais ou mesmo situações representadas. As representações imagéticas de Hércules Florence são a expressão daquilo que prefiro denominar de “excertos de visualidades regionais”. Estes correspondem a tudo aquilo que é possível entrever da manifestação visual do mundo, das coisas e seres, seja da cultura ou da natureza. Neste caso, são regionais, porque as imagens derivadas desses excertos, manifestam uma profunda relação de identidade com a localidade onde foram registradas; aos olhos humanos elas se manifestam como um fenômeno

natural (quando são partes vivas do bioma no qual as sociedades estão inseridas) ou como um fenômeno cultural, quando há a manifestação daquilo que é resultante da ação humana (mesmo neste segundo caso, as culturas resultantes manifestam relação de interdependência com o bioma no qual estão inseridos os grupos que respondem pela sua elaboração). São excertos (de visualidades regionais) capturados pelo olhar de um artista-viajante, Hércules Florence, e por que não dizer desse artista-cientista-viajante.

As representações de Hércules possuem um caráter descritivo e informacional, não poupam objetividade, mas também não excluem a sutileza literária. O valor científico das imagens deve-se sobretudo, ao fato de terem sido obtidas por meio da observação direta, participativa e sistemática.

É certo que Hércules não se ocupou em refletir as obras, mas restringiu o seu trabalho apenas ao registro, fosse ele visual ou de memória. Penso que em algum momento, Hércules Florence deixou transparecer a sua preocupação em querer demonstrar, por meio das imagens descritivas, que ele esteve naqueles lugares, viu aquelas coisas, se relacionou com algumas daquelas pessoas, vivenciou experiências desafiadoras, momentos difíceis, mas que em muitos casos apresentados, foram reais, manifestam a captura de pessoas, momentos, objetos e situações presentificados, ou seja, cada imagem por ele traçada manifesta a representação da sua presença naquele tempo-espaço, naquele tempo-lugar.

1º Exemplo: imagens que abordam o registro isolado de pessoas e grupos, tais como “Jovem guaná e guanita” (Figura 1), “Índios guanás” (Figura 2), “Velho e menina guatós” (Figura 3), “Bororo e guató” (Figura 4), “Guató, de nome Tohé” (Figura 5), “Guató da Passagem Velha, a 4 léguas de Vila” (Figura 6), “Família de guatós” (Figura 7), “Saturnino da Costa Pereira – Presidente do Estado do Mato Grosso” (Figura 8), “Índia bororo, servente em Cuiabá” (Figura 9), “Índia bororo, com filho” (Figura 10), “Índia bororo, de Jacobina” (Figura 11), “Bororo, de frente e de lado” (Figura 12), “Bororo e mulher” (Figura 13), “Bororo, sexdigitário, em Jacobina” (Figura 14), “Bo-

roro, em Vila Maria” (Figura 15), “Crianças bororos” (Figura 16), “Jovem apiacá” (Figura 17), “Jovens apiacás” (Figura 18), “Jovem apiacá. Desenhado em Diamantino, em 25 de março de 1828” (Figura 19), “Jovem apiacá, criada em Diamantino” (Figura 20), “Negra rebolo” (Figura 21), “Índio apiacá” (Figura 22), “Bocairi” (Figura 23), “Jovem mundurucu” (Figura 24), “Mulher e criança mundurucu” (Figura 25), “Francisco Álvares Machado” (Figura 26), “Família de Francisco Álvares Machado” (Figura 27), “Desenho d’après natura, em Camapuã” (Figura 28), “Negra em Camapuã” (Figura 29), “Mulher da tribo dos chamacocos” (Figura 30), “Índia chamacoco, servente em Cuiabá [1]” (Figura 31), “Índia chamacoco, servente em Cuiabá [2]” (Figura 32), “Índio caiapó” (Figura 33), “Índio chamacoco, criado entre os guanás” (Figura 34).

2º Exemplo: imagens que abordam o registro de instalações, assim como as figuras 35 e 36, respectivamente intituladas “Pouso de Jundiá” e “Pouso da Represa Grande”.

3º Exemplo: imagens que abordam o registro de lugares, cidades e caminhos, como o “Rancho de tropeiros” (Figura 37), a “Vista do alto Vista de Cubatão” (Figura 38), “Estrada Vergueiro. Vista do alto” (Figura 39), “Povoação de Albuquerque” (Figura 40), “Cidade de Cuiabá. Primeira folha” (Figura 41), “Cidade de Cuiabá. Segunda folha” (Figura 42), “Cidade de Cuiabá. Terceira folha” (Figura 43), “Cidade de Cuiabá. Quarta folha” (Figura 44), “Vista dos rochedos da Chapada, nos arredores de Cuiabá” (Figura 45), “Outra vista da Chapada, nos arredores de Cuiabá” (Figura 46), “Fazenda do Buriti” (Figura 47), “Vila Maria” (Figura 48), “Cachoeira de Todos os Santos” (Figura 49), “Pouso de Juqueri” (Figura 50), “Porto Feliz” (Figura 51), “Porto Feliz. Vista do rio” (Figura 2), “Pirapora” (Figura 53), “Vista de Camapuã” (Figura 54).

4º Exemplo: imagens que abordam o registro da fauna, tais como “Anhumapoca” (Figura 55), “Macaco Coatá” (Figura 56).

5º Exemplo: imagens que abordam o registro de natureza, intituladas “Vista tirada no caminho de Guimarães ao Quilombo” (Figura 57), “Sal-

to Augusto” (Figura 58), “Planta do Salto Augusto” (Figura 59), “Salto Augusto, para além da ilha” (Figura 60), “Vista do Amazonas, perto de Monte Alegre” (Figura 61), “Pinheiros no caminho de Jundiá” (Figura 62), “Salto de Itu” (Figura 63), “Rio Tietê, perto de Porto Feliz” (Figura 64), “Junção do Piracicaba com o Tietê” (Figura 65), “Braço estreito do Amazonas” (Figura 66), “Salto do Cajuru” (Figura 67), “Salto de Avanhandava” (Figura 68), “Salto do Corau” (Figura 69), “Cachoeira da Canoa Velha” (Figura 70), “Cachoeira da Ilha” (Figura 71), “Rio Paraguai, visto de Albuquerque” (Figura 72).

6º Exemplo: imagens que abordam o registro do dia a dia (de pessoas e grupos), como “Carregadores de água” (Figura 73), “Guatós em duas canoas” (Figura 74.), “Guatós” (Figura 75), “Índios guatós, na confluência do rio São Lourenço” (Figura 76), “Mulheres bororos, com grande carga” (Figura 77), “Apiacás, mulheres socando pilão” (Figura 78), “Piroga tripulada por índios apiacás” (Figura 79), “Transporte de um maleitoso em rede” (Figura 80), “Derrubada de um tucuri para a confecção de uma canoa” (Figura 81), “Confecção de canoa” (Figura 82), “Expedição mercantil de Porto Feliz para Cuiabá” (Figura 83), “Guanás que vão a Cuiabá” (Figura 84).

7º Exemplo: imagens que abordam o registro de eventos, situações e momentos peculiares, como a “Expedição do porto de Cuiabá” (Figura 85), “Dança dos bororos na fazenda Jacobina [1]” (Figura 86), “Dança dos bororos na fazenda Jacobina [2]” (Figura 87), “Mulheres Apiacás” (Figura 88), “Encontro do Sr. Langsdorff com os apiacás” (Figura 89), “Batelão feito em migalhas” (Figura 90), “Visita dos mundurucus ao acampamento do Tucurizal” (Figura 91), “Descida em uma corredeira” (Figura 92), “Parada em São Florêncio” (Figura 93), “Rajada no rio Amazonas” (Figura 94), “Partida de uma expedição mercantil de Porto Feliz para Cuiabá” (Figura 95), “Rio Pardo. Queimada nos campos” (Figura 96), “Acampamento no rio Pardo. Grupos do desenho anterior” (Figura 97).

8º Exemplo: exemplo de imagens que abordam o registro de habitações: “Casa da fazenda Buriti” (Figura-98), “Habitação dos apiacás no Juruena” (Figura-99), “Maloca dos apiacás” (Figura-100), “Interior de uma

cabana mundurucu” (Figura-101), “Aldeamento de índios em Santarém” (Figura-102).

9º Exemplo: imagens que abordam o registro de monumentos, objetos, coisas e materiais, tais como a “Pirâmide Sub Ferdinando VI” (Figura 103), “Apiacás. Ornamento para usar na mão” (Figura 104), “Apiacá com azagaia” (Figura 105), “Canoa na corredeira” (Figura 106), “Canoa chimbó” (Figura 107), “Chimbó e Perova encahados” (Figura 108).

CONSIDERAÇÕES

FINAIS

No que tange aos eventos que marcaram as atividades da Expedição Langsdorff é certo que o protagonismo maior coube ao senhor barão, afinal, a expedição levou o seu sobrenome e foi ele quem a chefiou. Mesmo assim, não podemos deixar de considerar a imprescindível, singular e crucial contribuição prestada por Hércules Florence.

Penso eu que graças a Hércules (obviamente que não somente a ele) a Expedição pôde consolidar um lugar de permanência no rol dos acontecimentos dignos da atenção de historiadores, professores, pesquisadores e estudiosos em geral.

Muito embora não seja de meu interesse entrar no debate envolvendo o êxito ou fracasso da Expedição Langsdorff, nem tampouco exaltá-la, quero concluir relacionando alguns de seus aspectos, aspectos esses que me foi possível elencar em função da leitura do Diário.

1º) A Expedição Langsdorff consolidou a reconstituição de uma rota fluvial, na época, já quase esquecida, mas ainda em uso, ligando a região sudeste ao norte do Brasil, ou seja, o Rio de Janeiro à Amazônia brasileira, passando pelo interior do país.

2º) A Expedição Langsdorff consolidou o mapeamento (pelo menos em relação ao trajeto percorrido) de algumas etnias indígenas do interior do Brasil.

3º) A Expedição Langsdorff promoveu o reconhecimento do estabelecimento das zonas de interesse do Estado brasileiro (da primeira metade do século XIX) em alguns pontos do interior do território nacional, por meio da presença e ausência de suas instituições e das pessoas que as representavam.

4º) A Expedição Langsdorff constatou a diversidade da fauna e flora brasileira, bem como as características da geografia do interior do Brasil, incluindo-se aí aspectos dos biomas existentes nas áreas por onde a expedição passou.

5º) A Expedição Langsdorff constatou a diversidade cultural e social dos diversos grupos de habitantes do interior do território nacional.

6º) A Expedição Langsdorff assegurou o levantamento dos aspectos da economia praticada no interior do Brasil, incluindo-se aí aspectos da economia espontânea e da economia não-espontânea.

7º) A Expedição Langsdorff promoveu o mapeamento discreto de povoados, vilas e cidades existentes no interior do Brasil da primeira metade do século XIX.

8º) A Expedição Langsdorff testemunhou a presença de negros africanos e descendentes de africanos no interior do Brasil e em vilas e povoados da Amazônia brasileira.

9º) A Expedição Langsdorff confirmou que a escravidão de negros e negras se estendeu até os rincões da Amazônia brasileira.

Embora o reprodutivismo acrítico e o pensamento eurocêntrico predomine na escrita de Hércules, todos os pontos relacionados integram a lista de alguns dos achados que pude entrever no texto do diário.

Nos relatos, Hércules narra acontecimentos, situações, descreve o relevo, o clima, a fauna, a flora e a geografia dos lugares por onde passou, as populações com as quais teve contato - com destaque para as populações indígenas - seus modos de ser, viver e trabalhar, enfim, os mais diversos

aspectos da natureza e sociedade do Brasil da primeira metade do século XIX, visto pelo olhar de um estrangeiro europeu, recém-chegado.

Segundo Luiz Montez:

[...] os relatos de viagens também se oferecem como “discursos de veracidade”, isto é, como testemunhos que se propõem a repassar experiências, relatar acontecimentos *realmente* acontecidos no passado. Sejam atuando como entretenimento literário do leitor, sejam como substitutos estéticos correspondentes aos desejos de aventura destes últimos, sejam como alimento para matar a curiosidade diante de novos mundos etnológicos que se descortinavam em função do extraordinário aumento da mobilidade humana, como advertência a futuros viajantes etc. - e possuam eles caráter performativo mais ou menos claros -, os relatos de viagens representam para o investigador contemporâneo um rico manancial como fontes documentais para a atividade historiográfica. (Montez, 2014, p. 281).

Os relatos dos viajantes estrangeiros sobre o Brasil, sobretudo seus aspectos de natureza e sociedade, inserem-se na tradição historiográfica brasileira como documento de caráter *sui generis* (cartas, diários, crônicas etc.), fontes prestimosas para pesquisa e estudos históricos.

Ainda hoje, tais relatos têm inspirado sínteses de significativa relevância acadêmica.

IMAGENS

FIGURA 1 – JOVEM GUANÁ E GUANITA

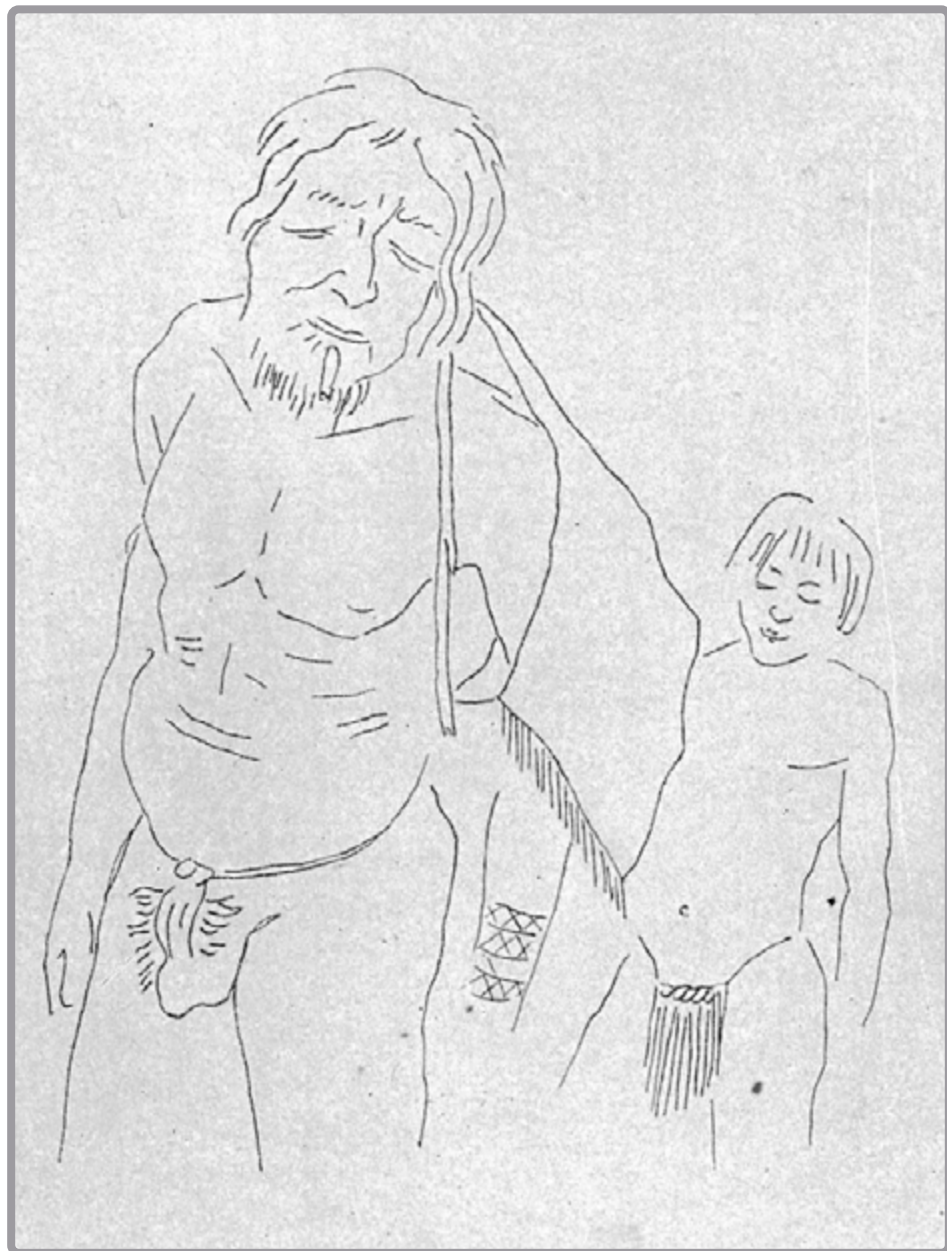


Fonte: Florence, H., 2007, p. 94.

FIGURA 2 – ÍNDIOS GUANÁS

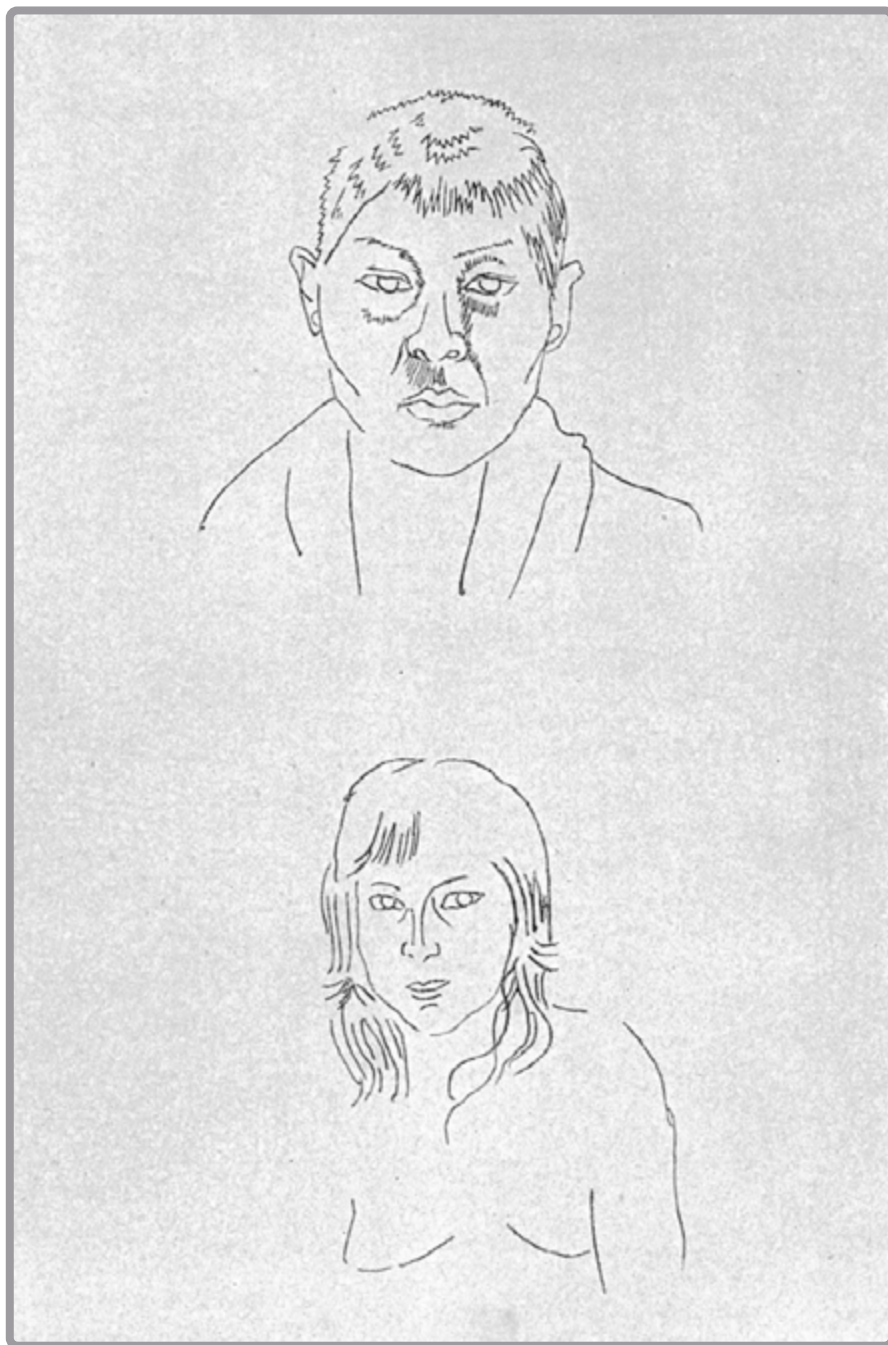


FIGURA 3 – VELHO E MENINA GUATÓS



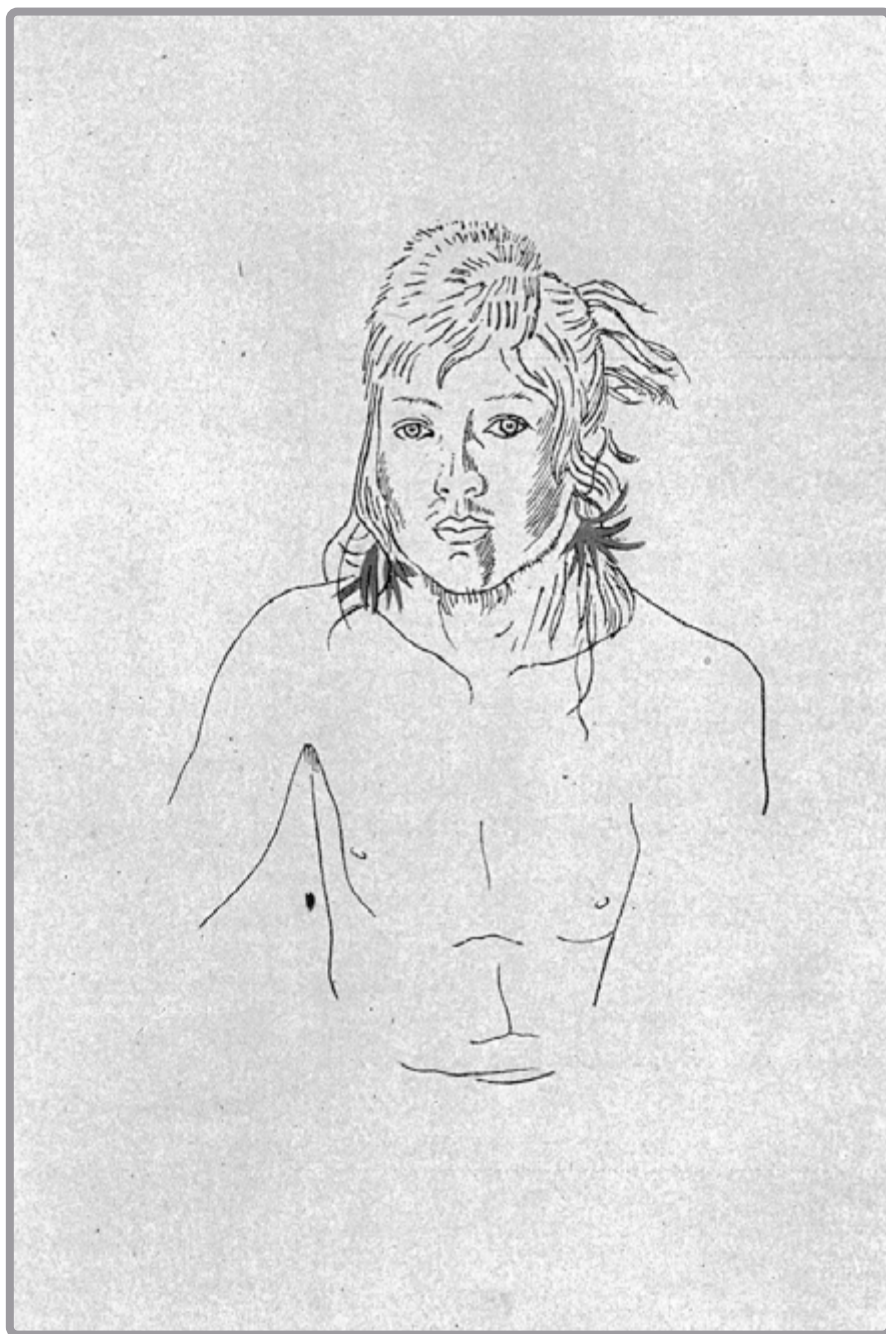
Fonte: Florence, H., 2007, p. 112.

FIGURA 4 – BORORO E GUATÓ



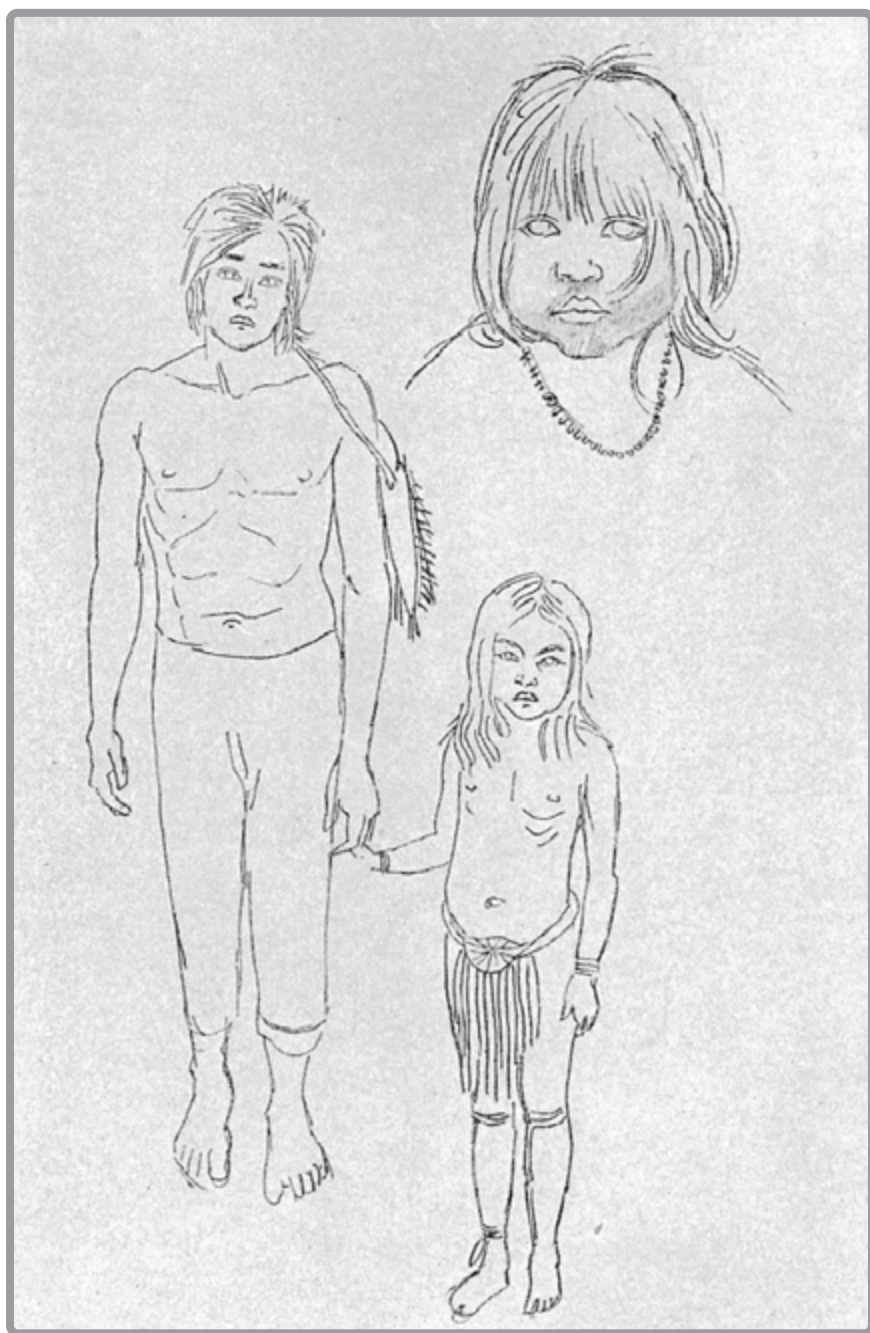
Fonte: Florence, H., 2007, p. 113.

FIGURA 5 – GUATÓ, DE NOME TOHÉ



Fonte: Florence, H., 2007, p. 115.

FIGURA 6 – GUATÓ DA PASSAGEM VELHA, A 4 LÉGUAS DE VILA



Fonte: Florence, H., 2007, p. 116.

FIGURA 7 – FAMÍLIA DE GUATÓS



Fonte: Florence, H., 2007, p. 118.

**FIGURA 8 – SATURNINO DA COSTA PEREIRA –
PRESIDENTE DO ESTADO DO MATO GROSSO**



Fonte: Florence, H., 2007, p. 131.

FIGURA 9 – ÍNDIA BORORO, SERVENTE EM CUIABÁ



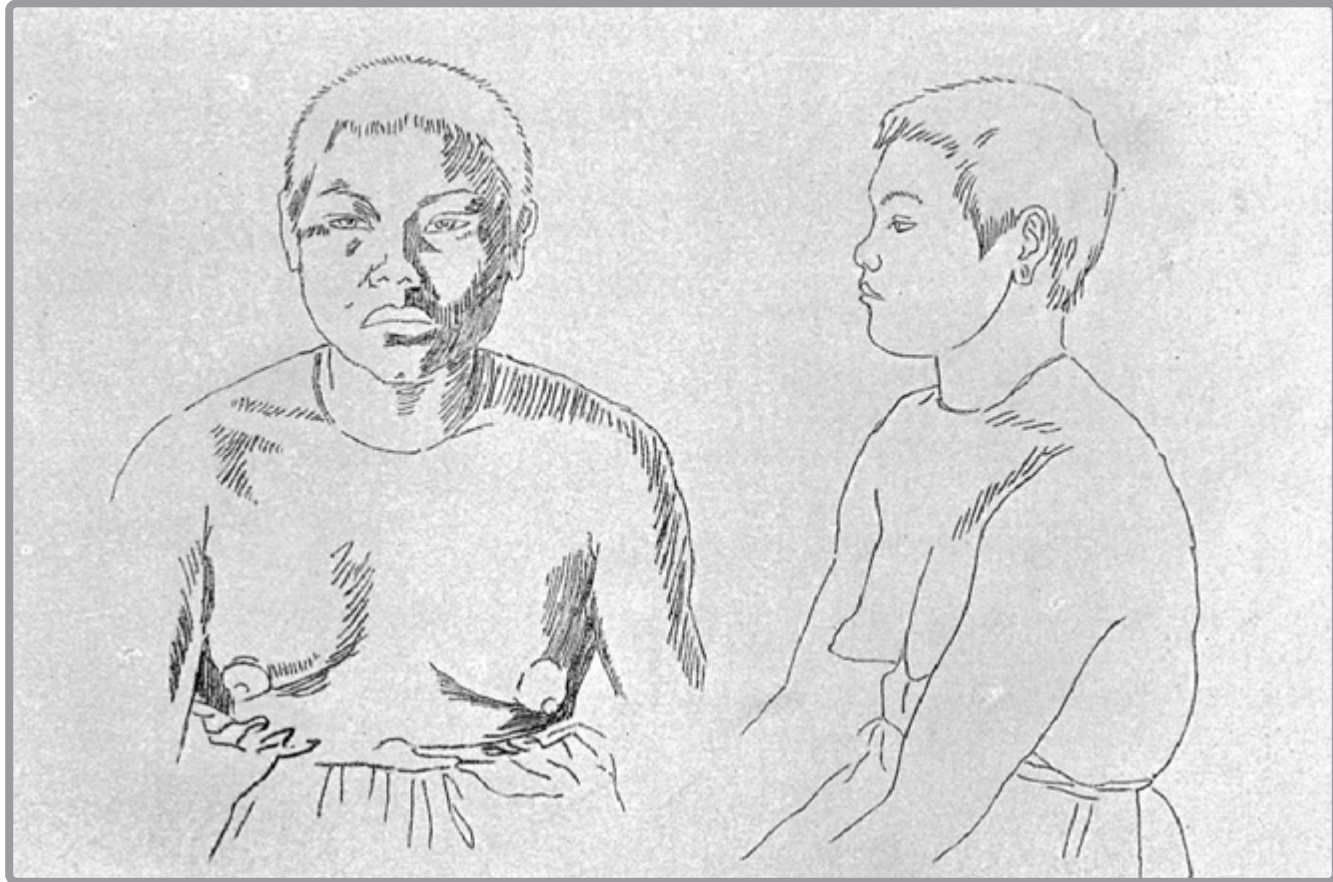
Fonte: Florence, H., 2007, p. 156.

FIGURA 10 – ÍNDIA BORORO, COM FILHO



Fonte: Florence, H., 2007, p. 157.

FIGURA 11 – ÍNDIA BORORO, DE JACOBINA



Fonte: Florence, H., 2007, p. 158.

FIGURA 12 – BORORO, DE FRENTE E DE LADO



Fonte: Florence, H., 2007, p. 173.

FIGURA 13 – BORORO E MULHER



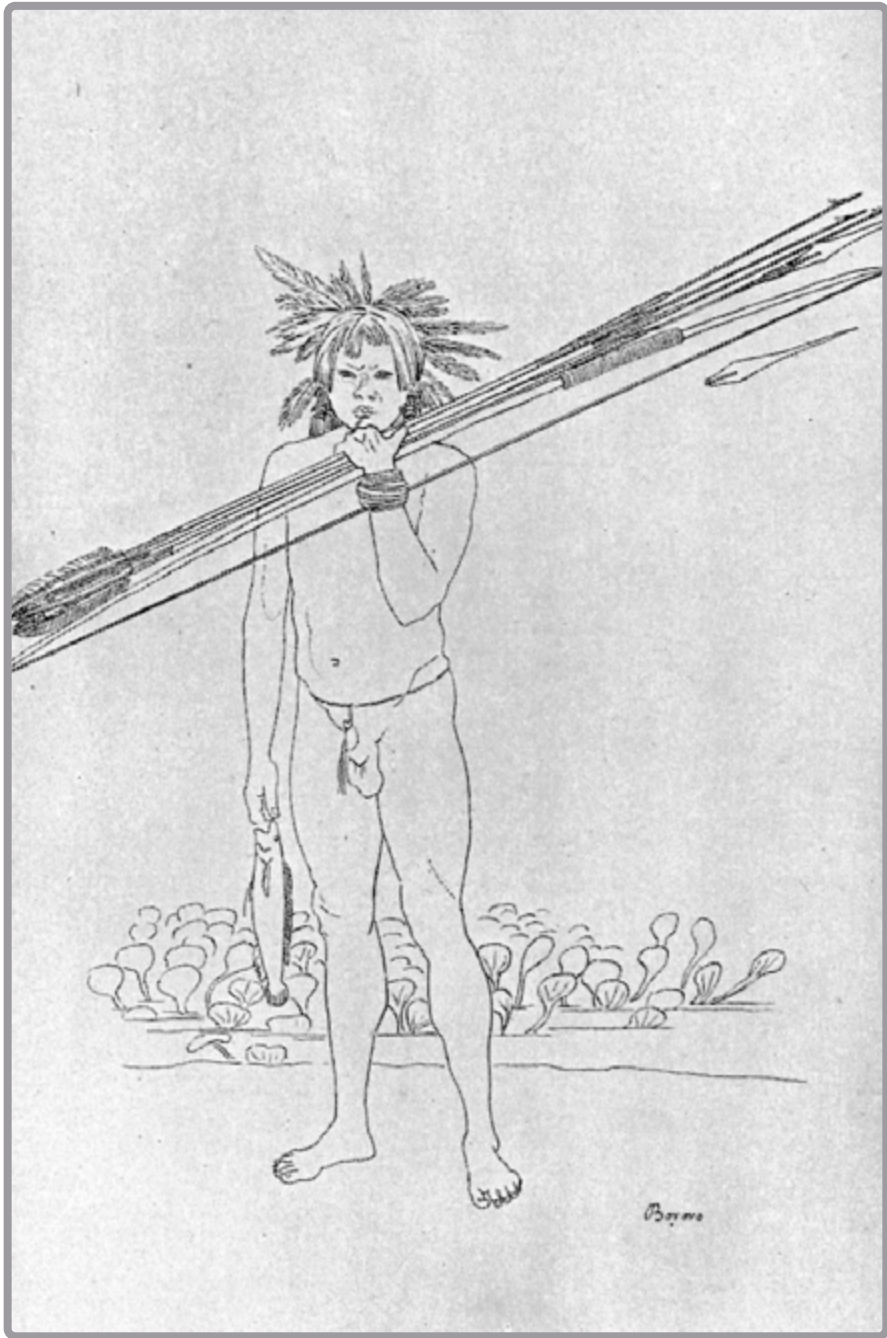
Fonte: Florence, H., 2007, p. 174.

FIGURA 14 – BORORO, SEXDIGITÁRIO, EM JACOBINA



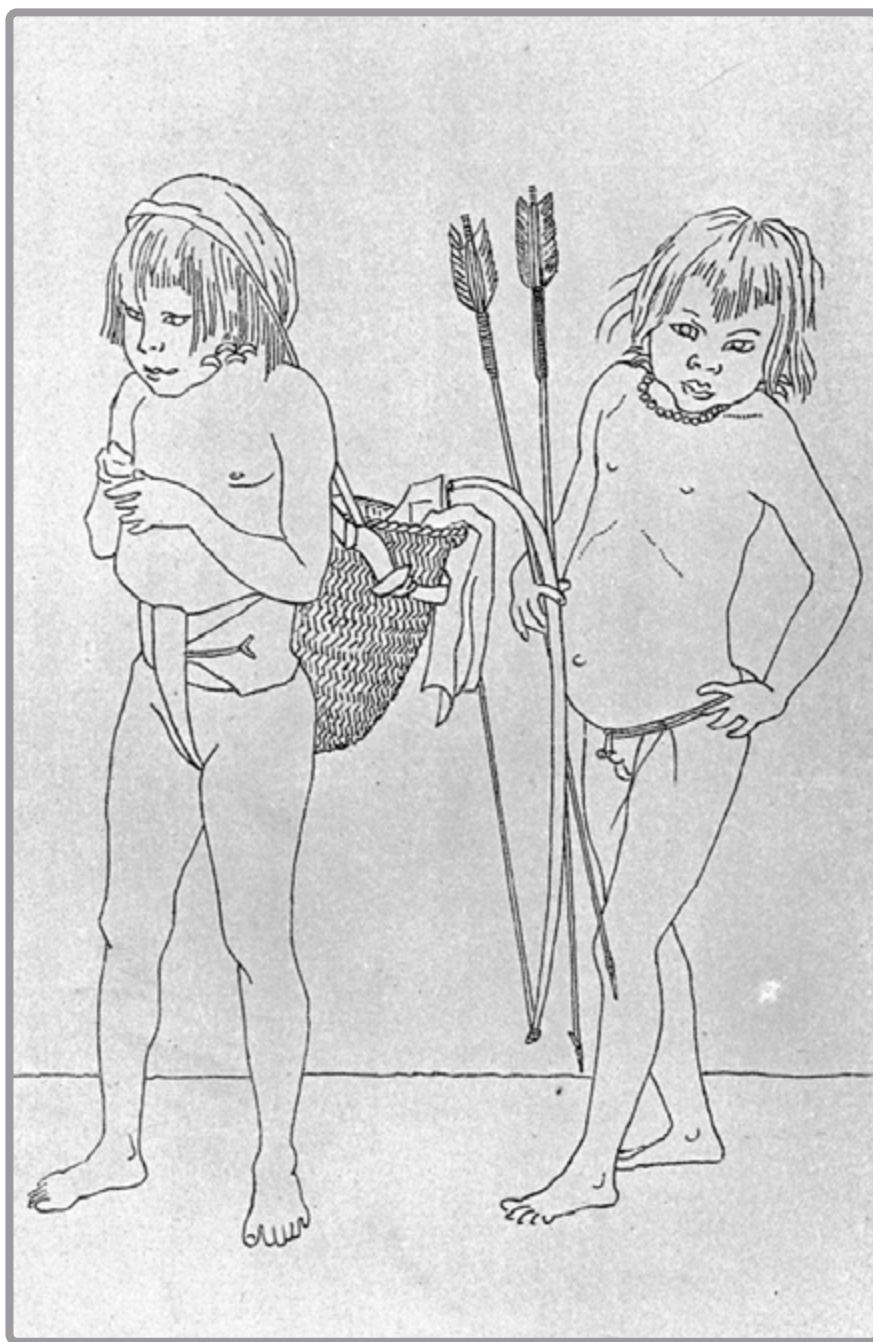
Fonte: Florence, H., 2007, p. 175.

FIGURA 15 – BORORO, EM VILA MARIA



Fonte: Florence, H., 2007, p. 176.

FIGURA 16 – CRIANÇAS BOROROS



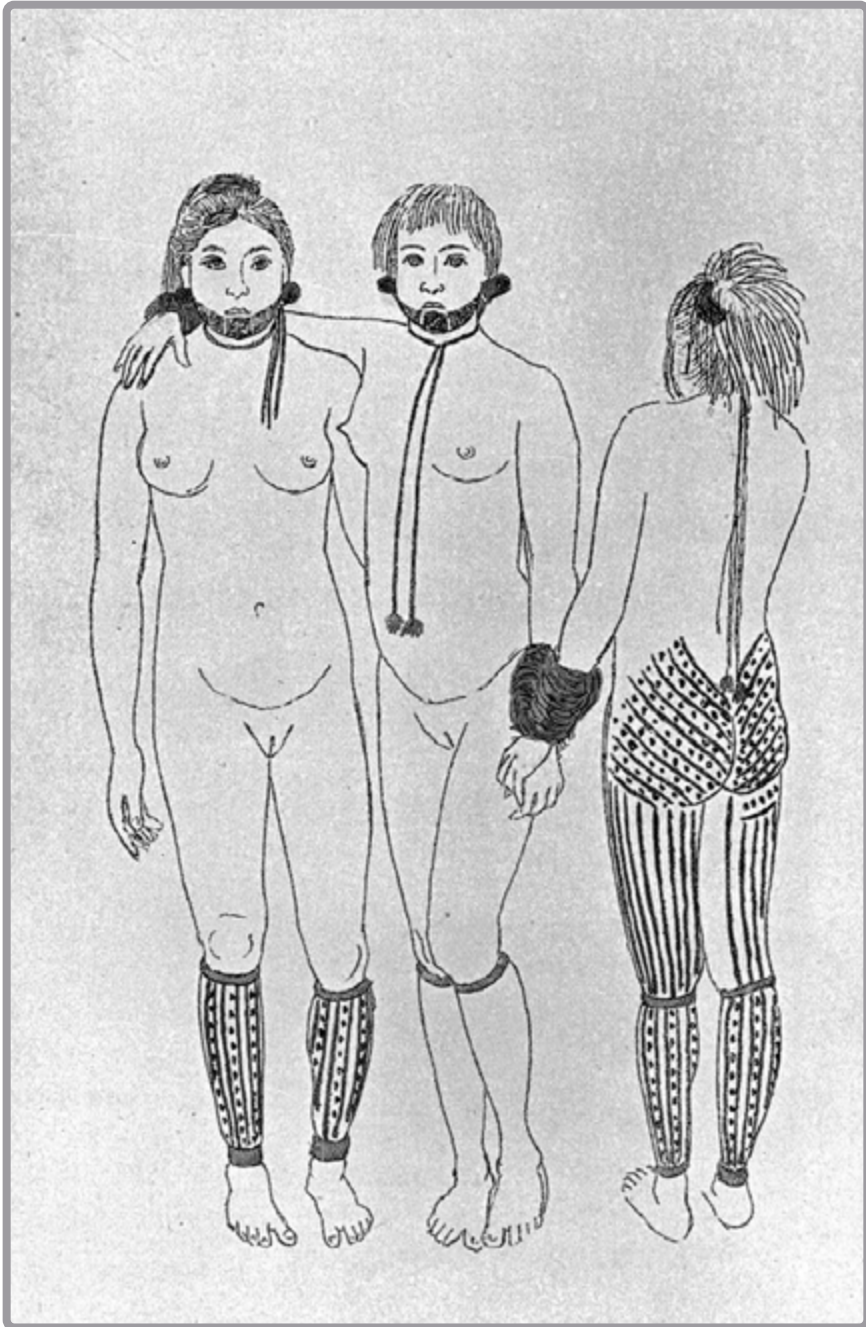
Fonte: Florence H., 2007, p. 178.

FIGURA 17 – JOVEM APIACÁ



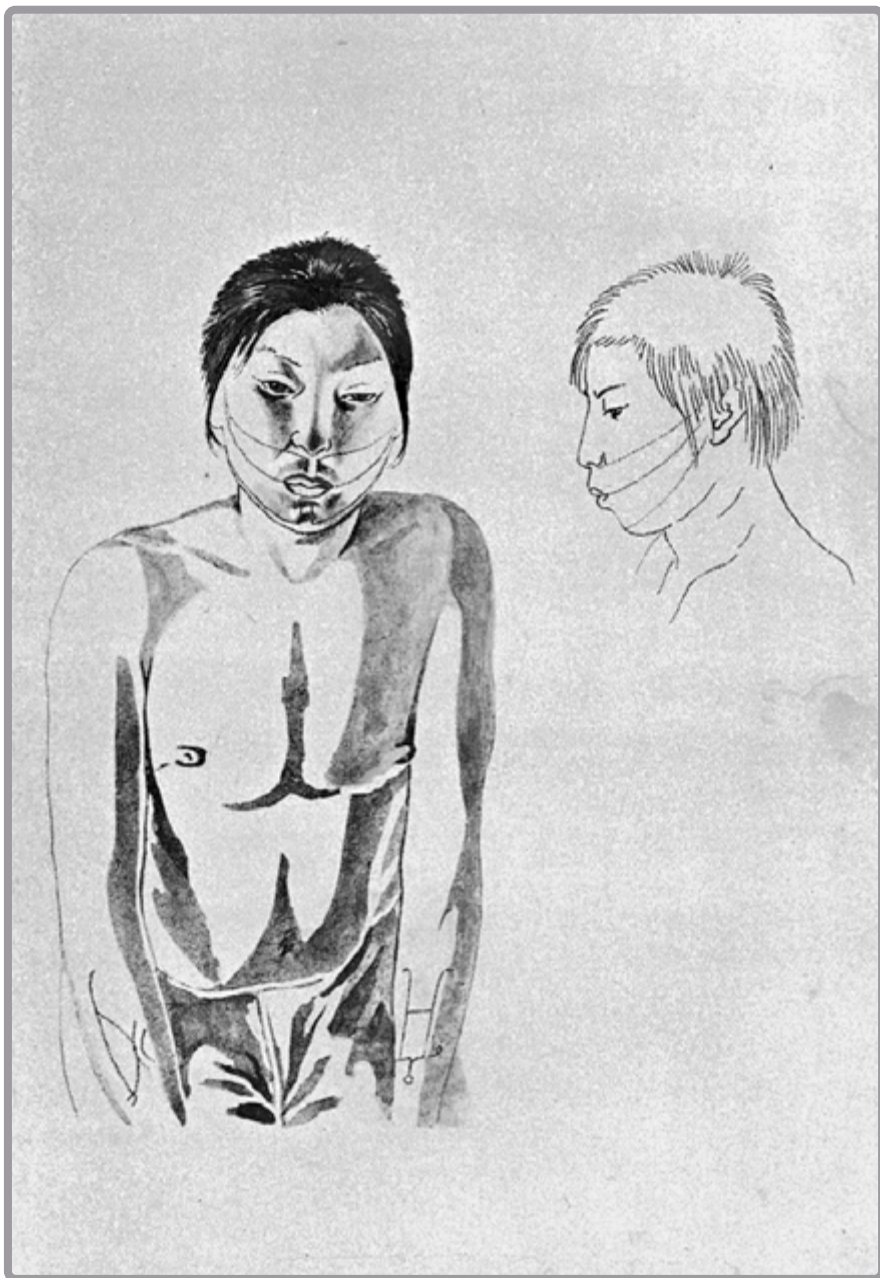
Fonte: Florence, H., 2007, p. 190.

FIGURA 18 – JOVENS APIACÁS



Fonte: Florence, H., 2007, p. 192.

**FIGURA 19 – JOVEM APIACÁ. DESENHADO EM DIAMANTINO,
EM 25 DE MARÇO DE 1828**



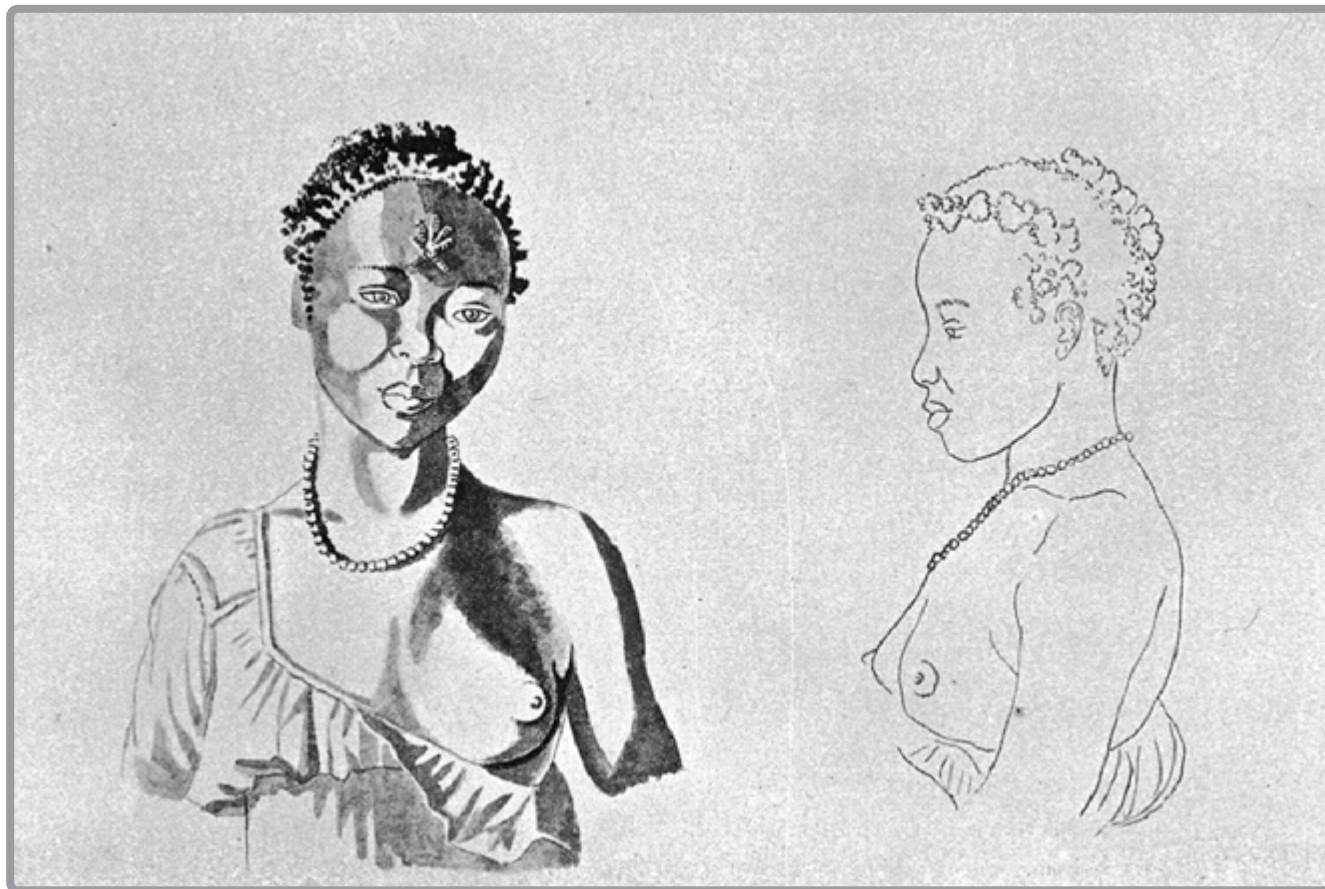
Fonte: Florence, H., 2007, p. 194.

FIGURA 20 – JOVEM APIACÁ, CRIADA EM DIAMANTINO



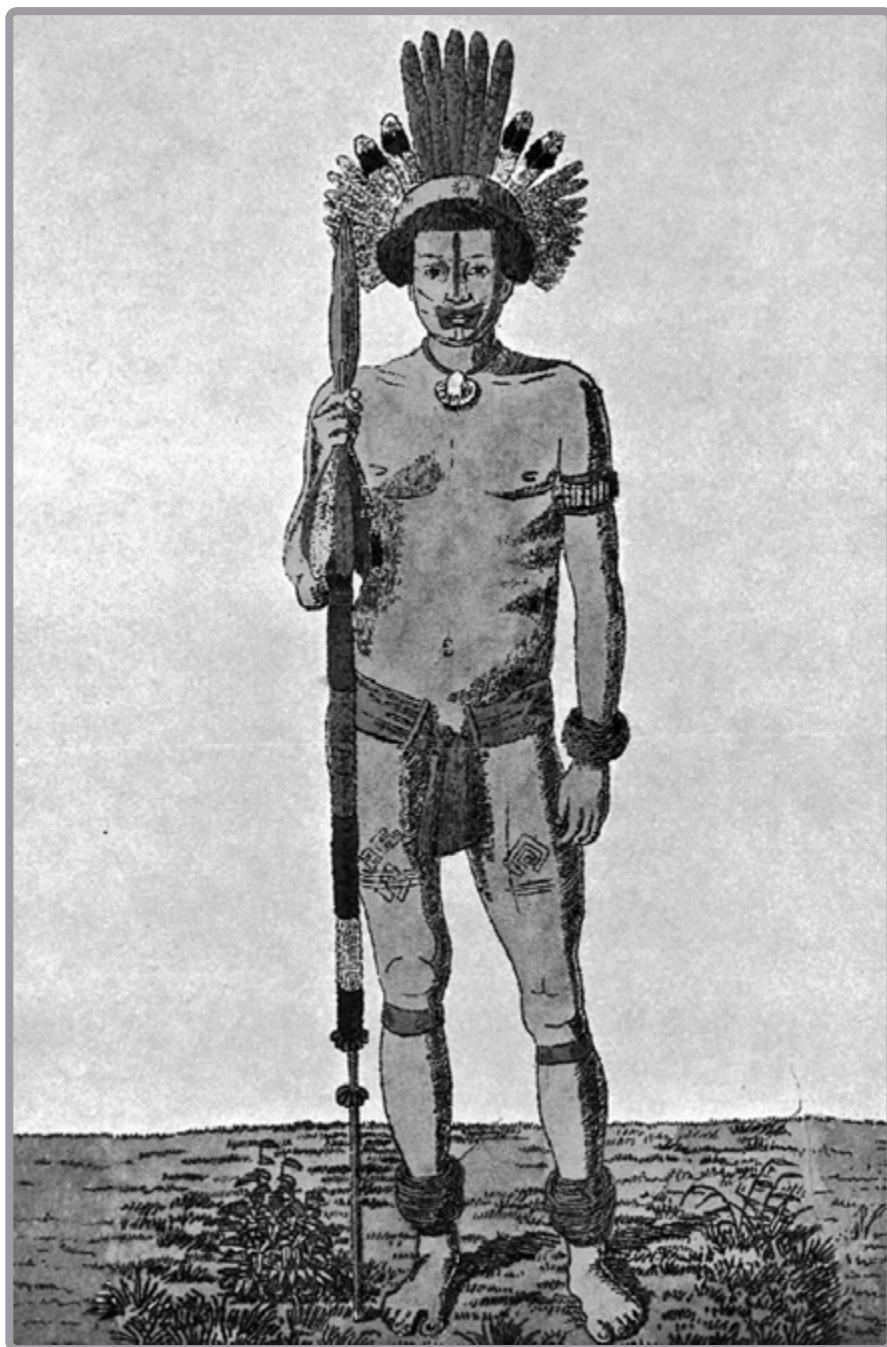
Fonte: Florence, H., 2007, p. 195.

FIGURA 21 - NEGRA REBOLO



Fonte: Florence, H., 2007, p. 196.

FIGURA 22 – ÍNDIO APIACÁ



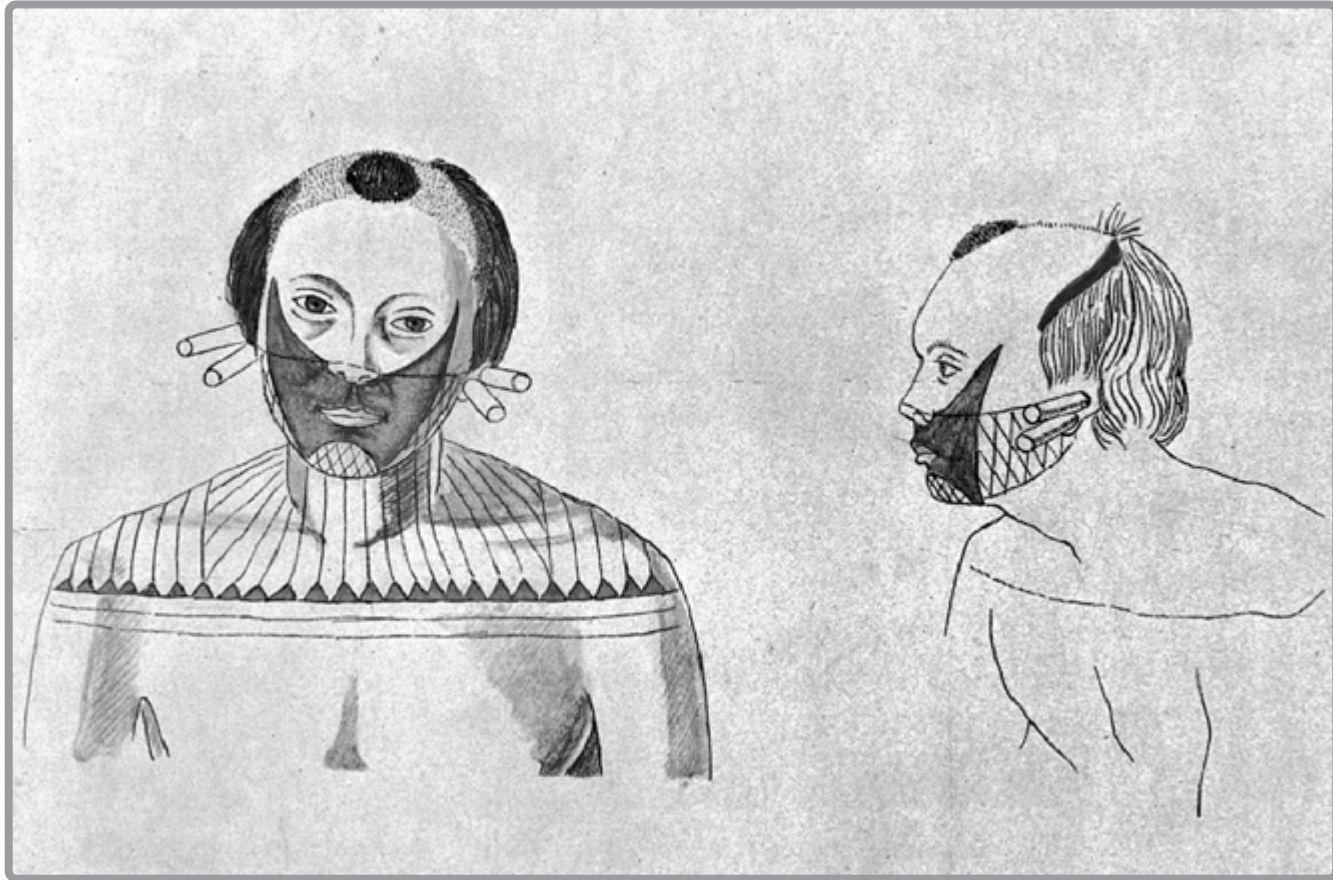
Fonte: Florence, H., 2007, p. 213.

FIGURA 23 – BOCAIRI



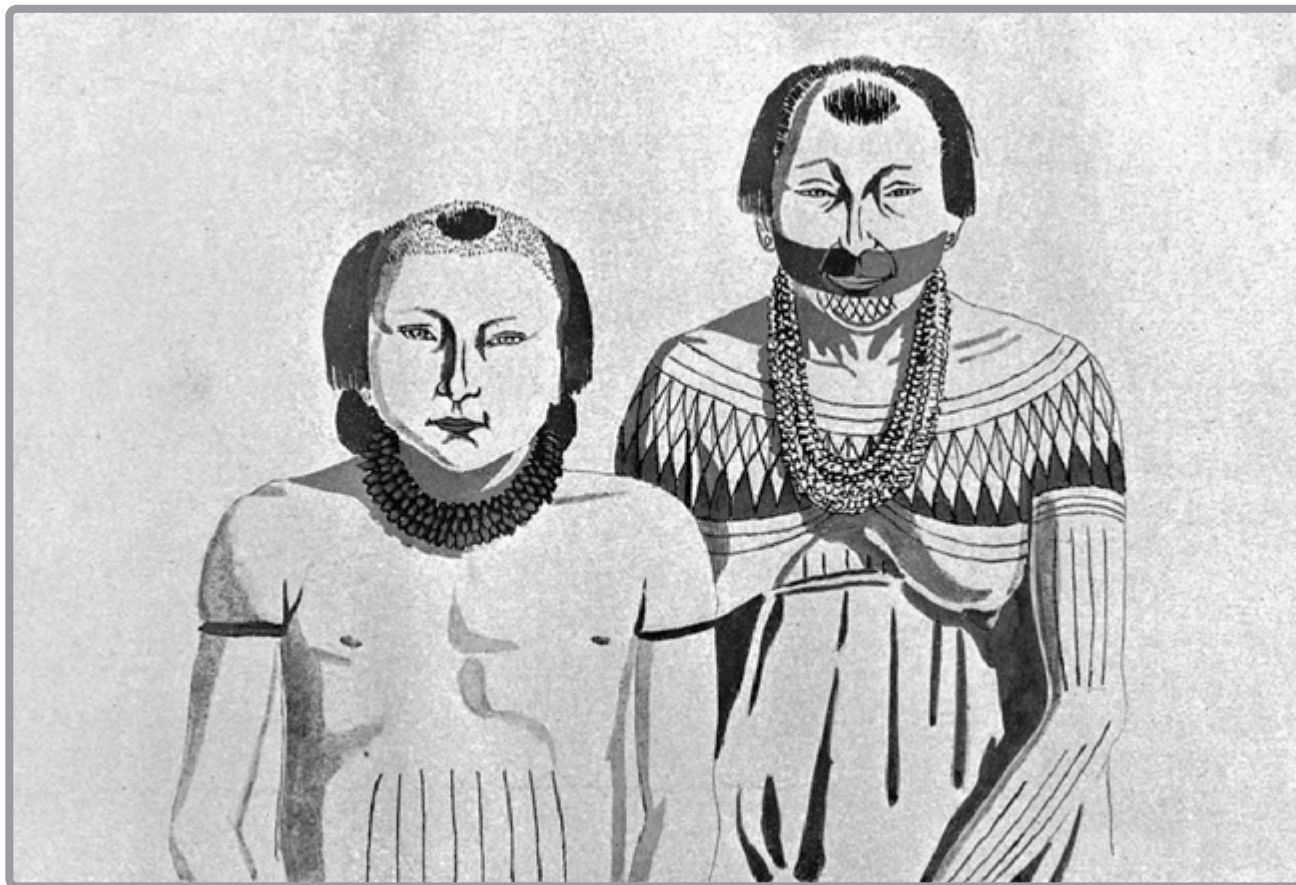
Fonte: Florence, H., 2007, p. 215.

FIGURA 24 – JOVEM MUNDURUCU



Fonte: Florence, H., 2007, p. 250.

FIGURA 25 – MULHER E CRIANÇA MUNDURUCU



Fonte: Florence, H., 2007, p. 251.

FIGURA 26 – FRANCISCO ÁLVARES MACHADO



Fonte: Florence, H., 2007, p. 29.

FIGURA 27 – FAMÍLIA DE FRANCISCO ÁLVARES MACHADO



FIGURA 28 – DESENHO D'APRÈS NATURA, EM CAMAPUÃ



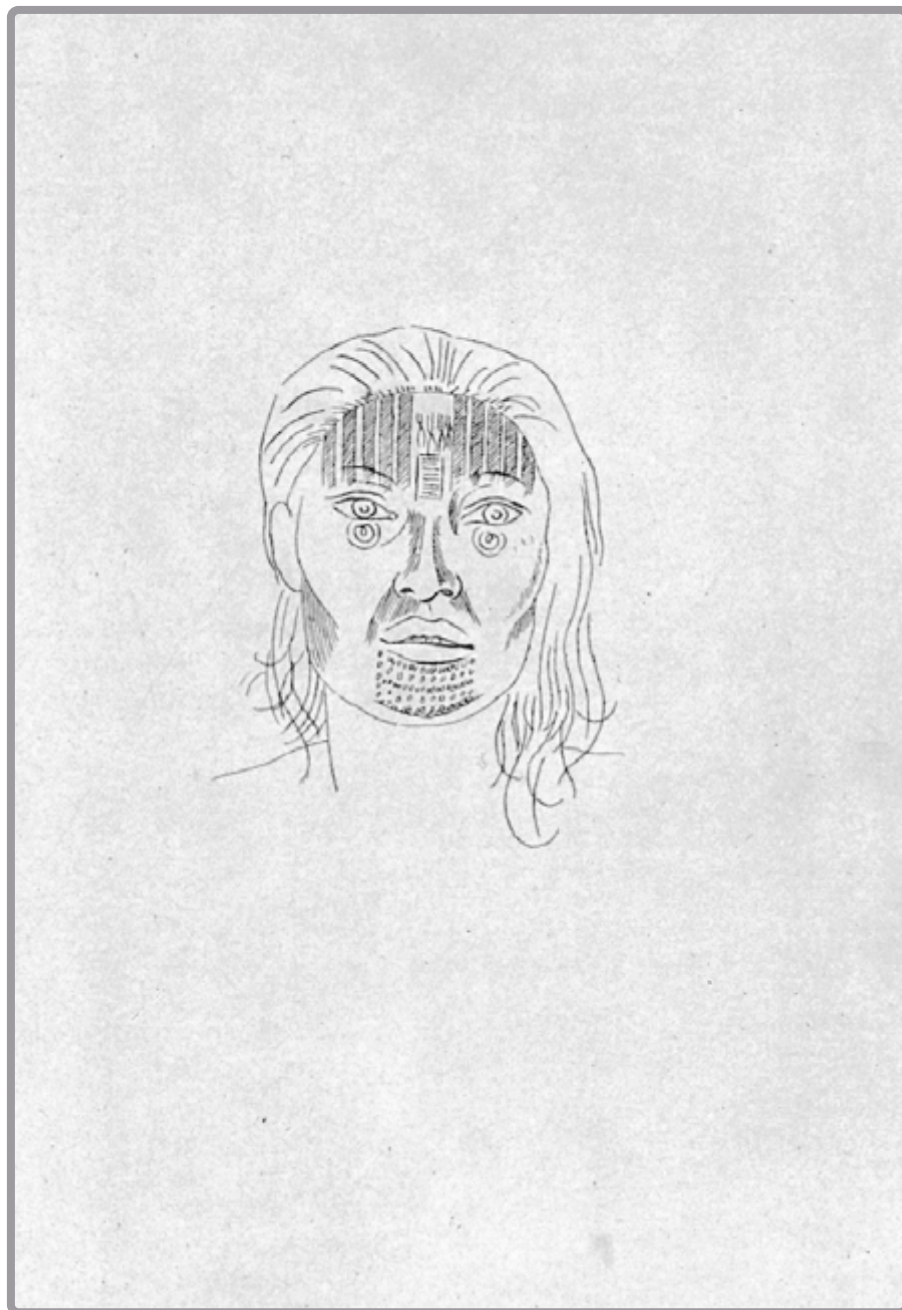
Fonte: Florence, H., 2007, p. 72.

FIGURA 29 – NEGRA EM CAMAPUÃ



Fonte: Florence, H., 2007, p. 73.

FIGURA 30 – MULHER DA TRIBO DOS CHAMACOCOS



Fonte: Florence, H., 2007, p. 75.

FIGURA 31 – ÍNDIA CHAMACOCO, SERVENTE EM CUIABÁ [1]



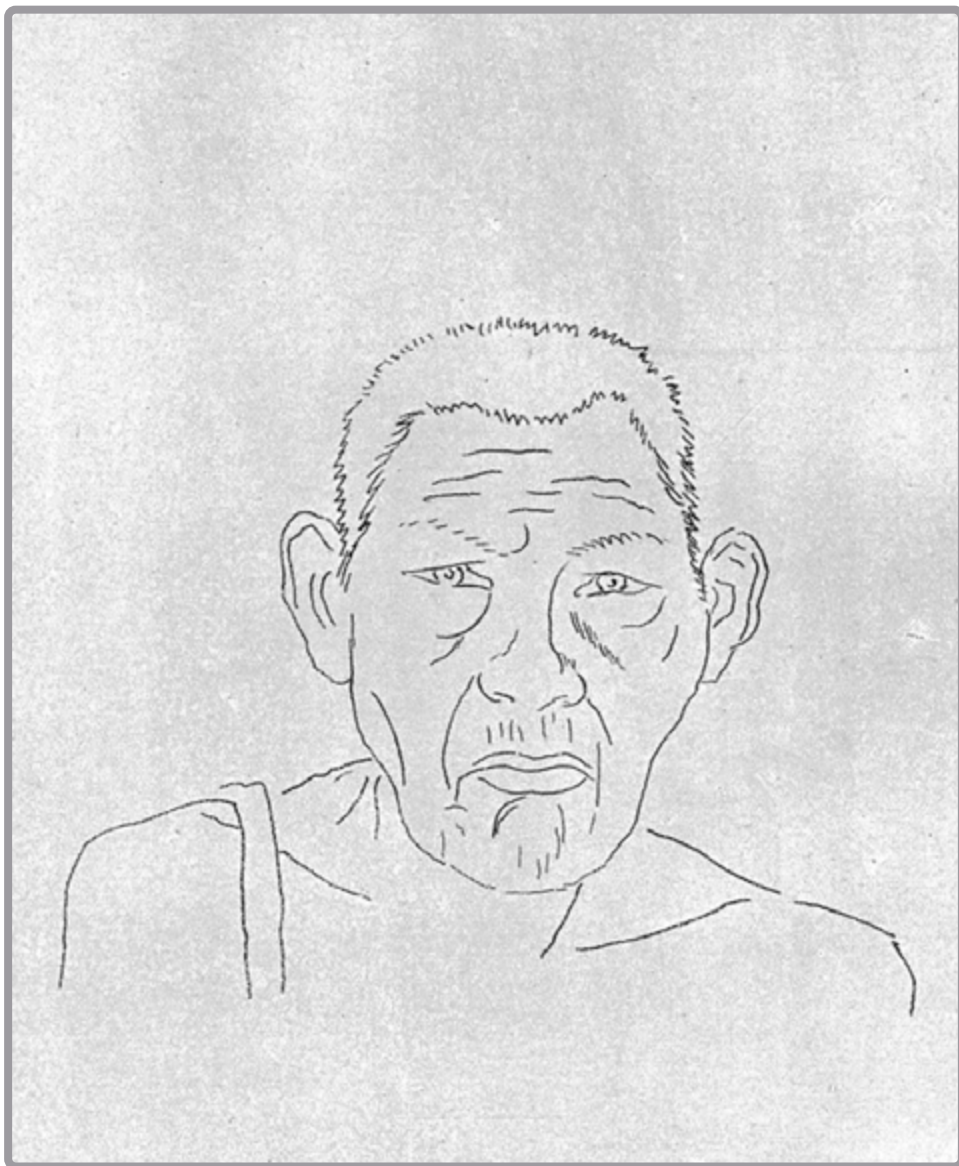
Fonte: Florence, H., 2007, p. 76.

FIGURA 32 – ÍNDIA CHAMACOCO, SERVENTE EM CUIABÁ [2]



Fonte: Florence, H., 2007, p. 77.]

FIGURA 33 – ÍNDIO CAIAPÓ



Fonte: Florence, H., 2007, p. 91.

FIGURA 34 – ÍNDIO CHAMACOCO, CRIADO ENTRE OS GUANÁS

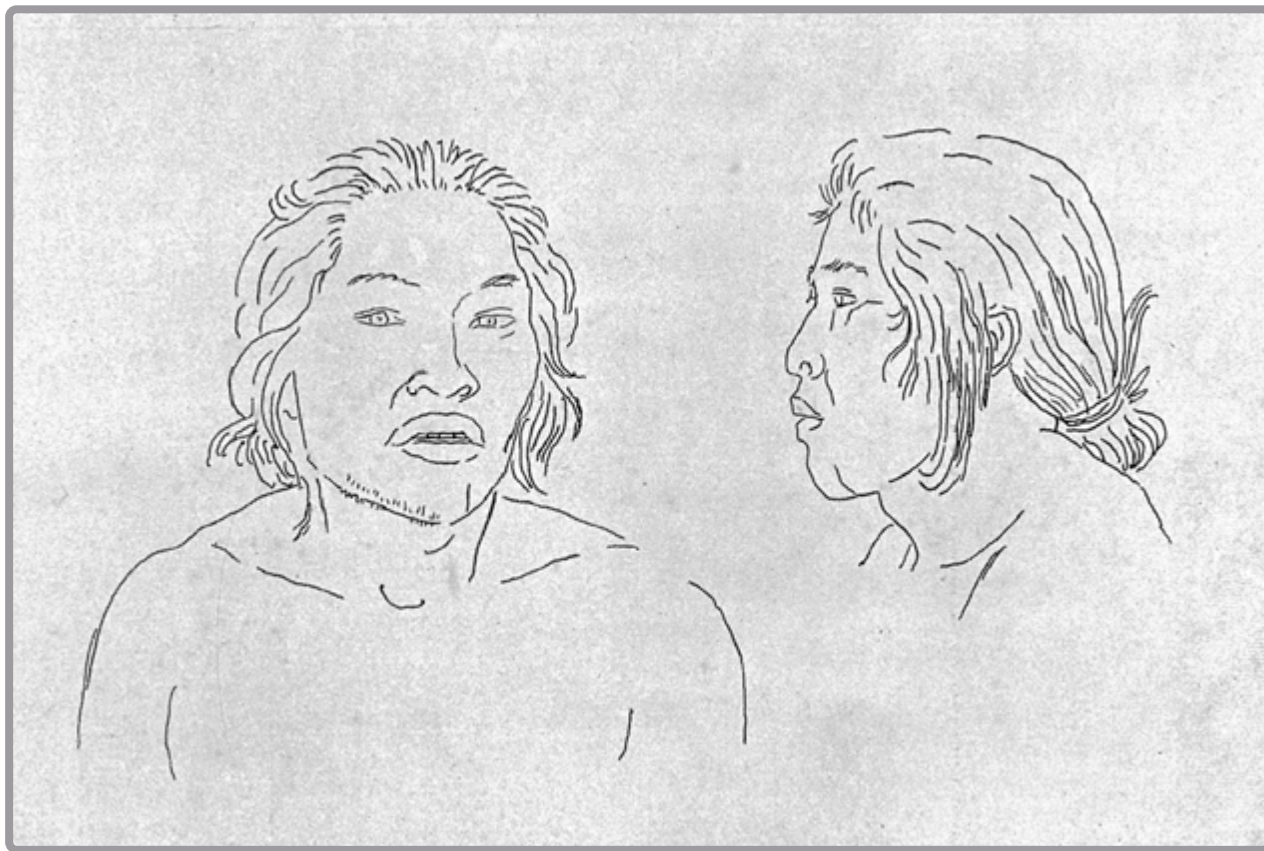


FIGURA 35 – POUSO DE JUNDIAÍ

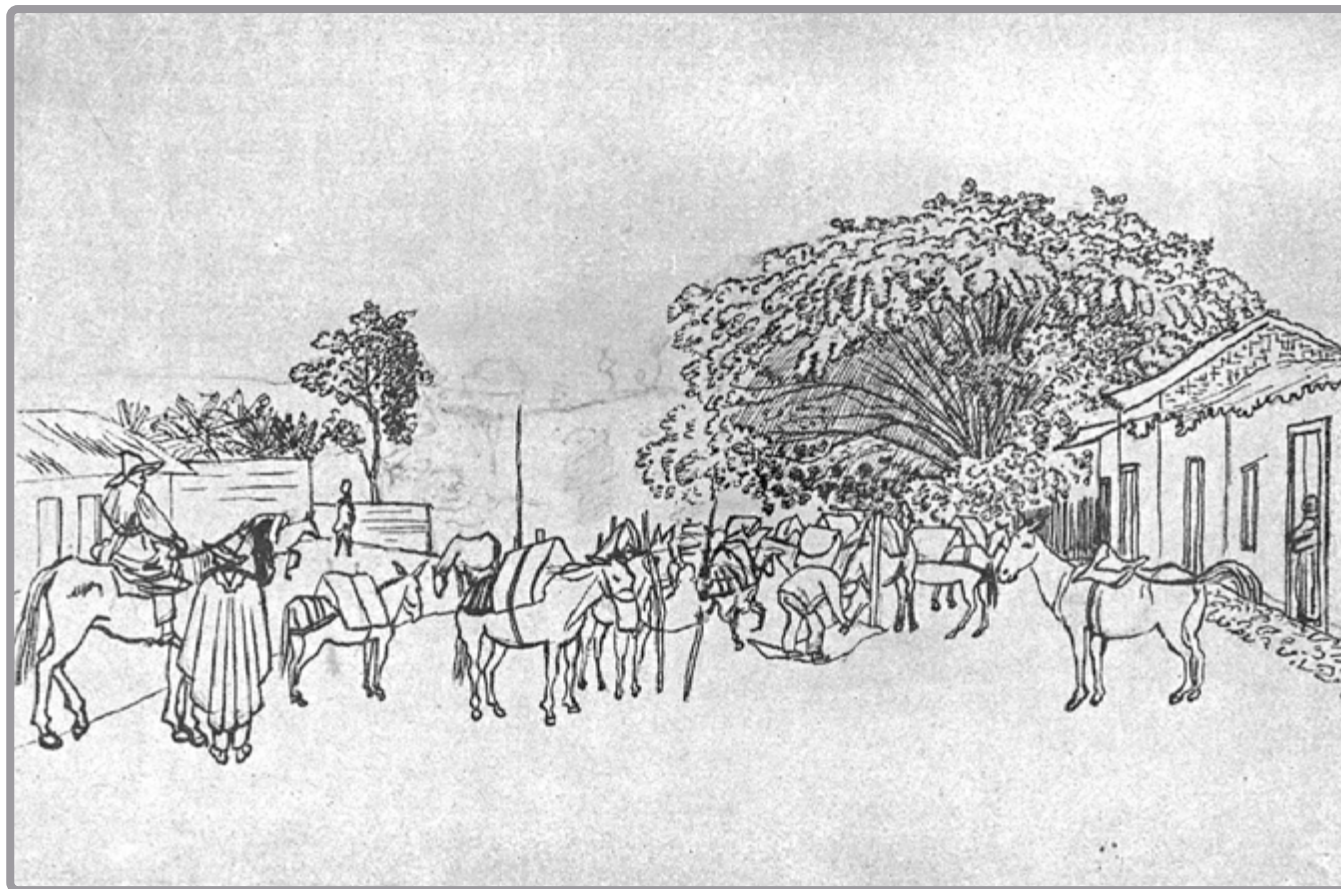
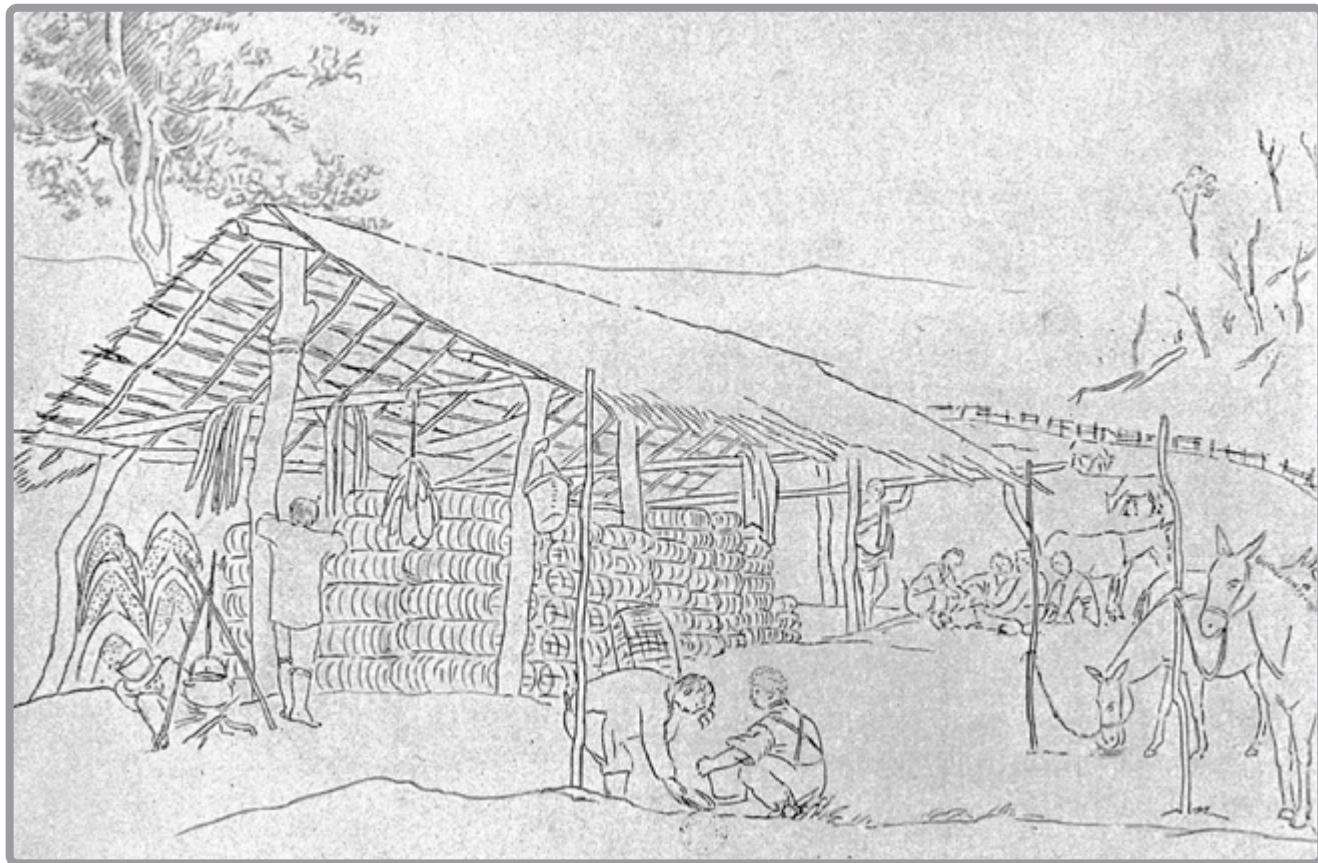


FIGURA 36 – POUSO DA REPRESA GRANDE

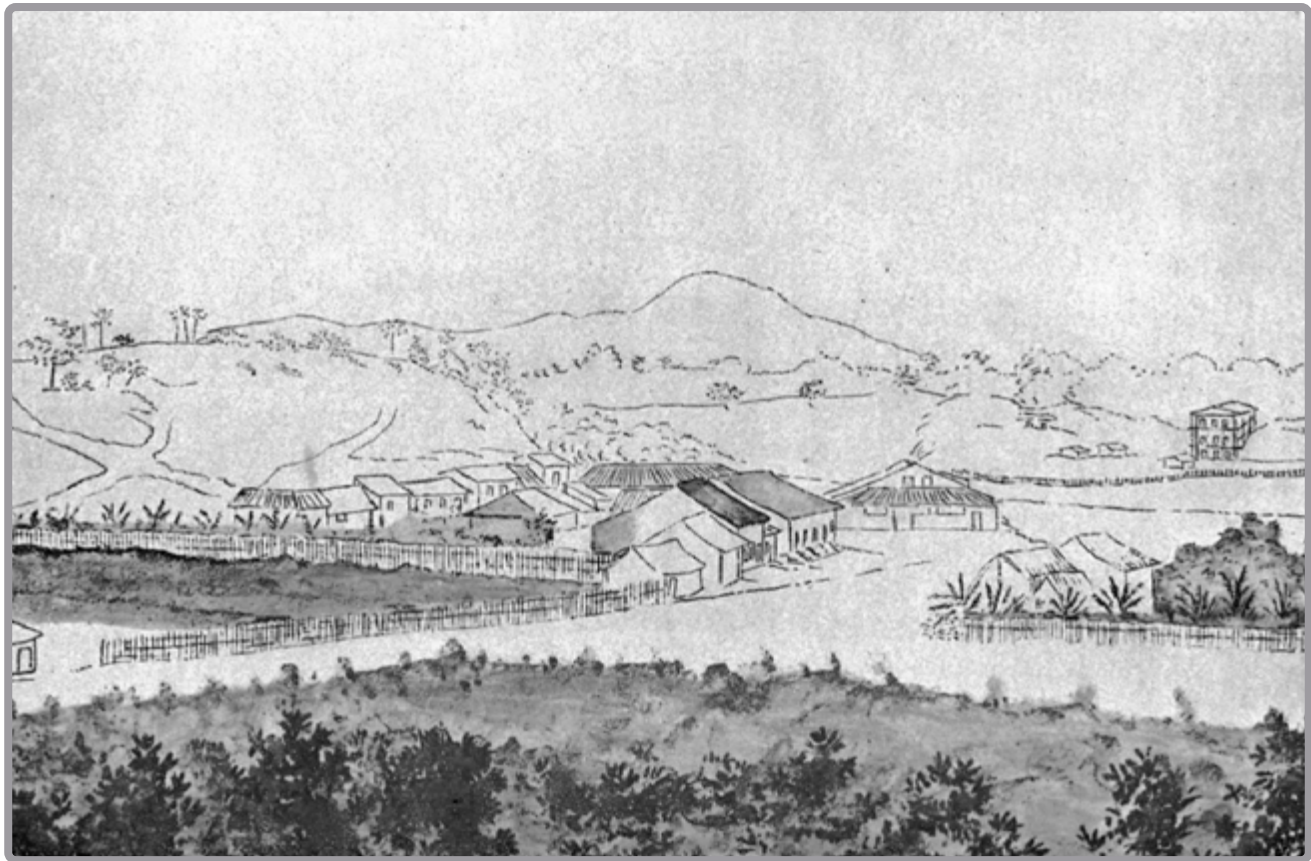


FIGURA 37 – RANCHO DE TROPEIROS



Fonte: Florence, H., 2007, p. 6.

FIGURA 38 – VISTA DO ALTO VISTA DE CUBATÃO



Fonte: Florence, H., 2007, p. 7.

FIGURA 39 – ESTRADA VERGUEIRO. VISTA DO ALTO

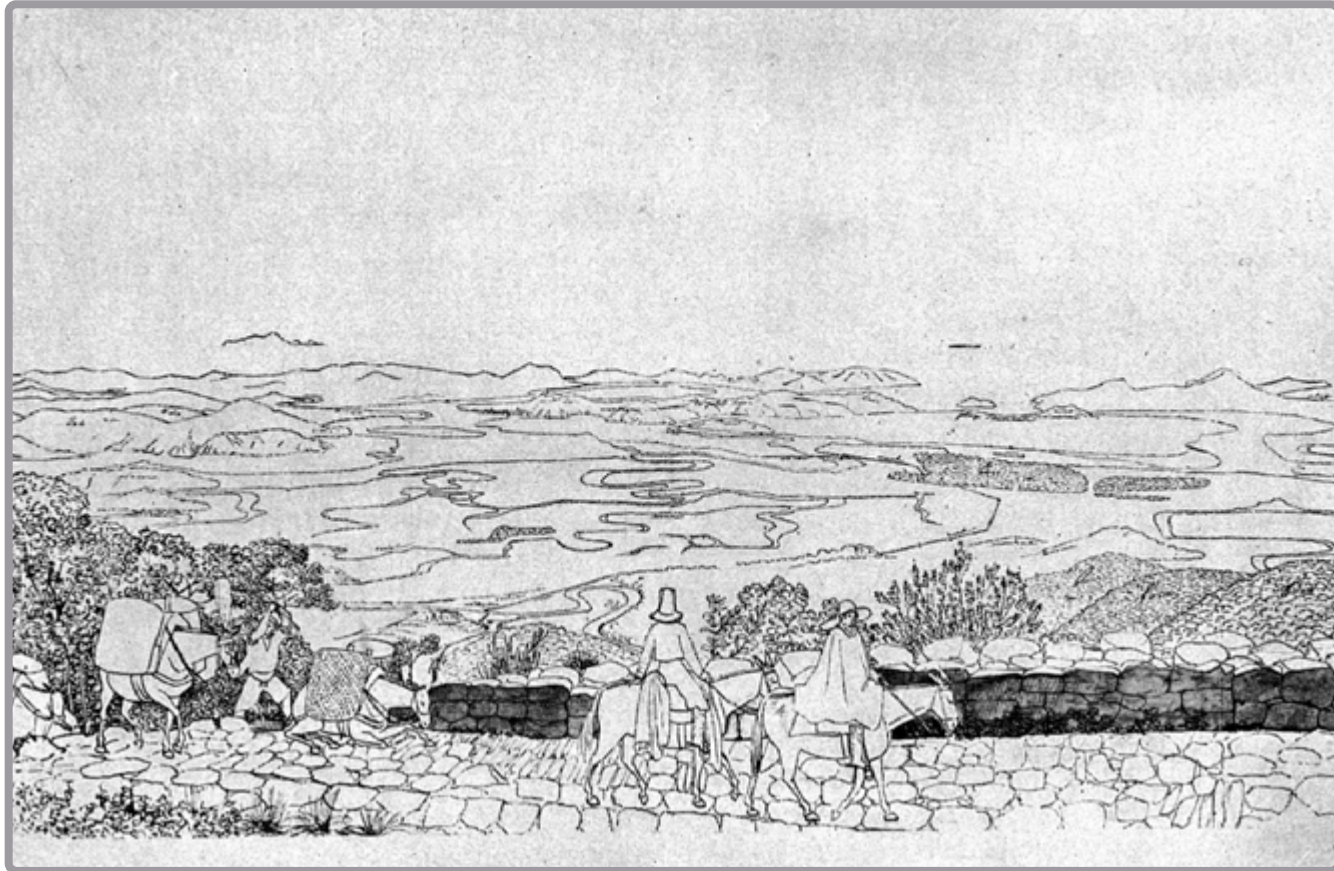
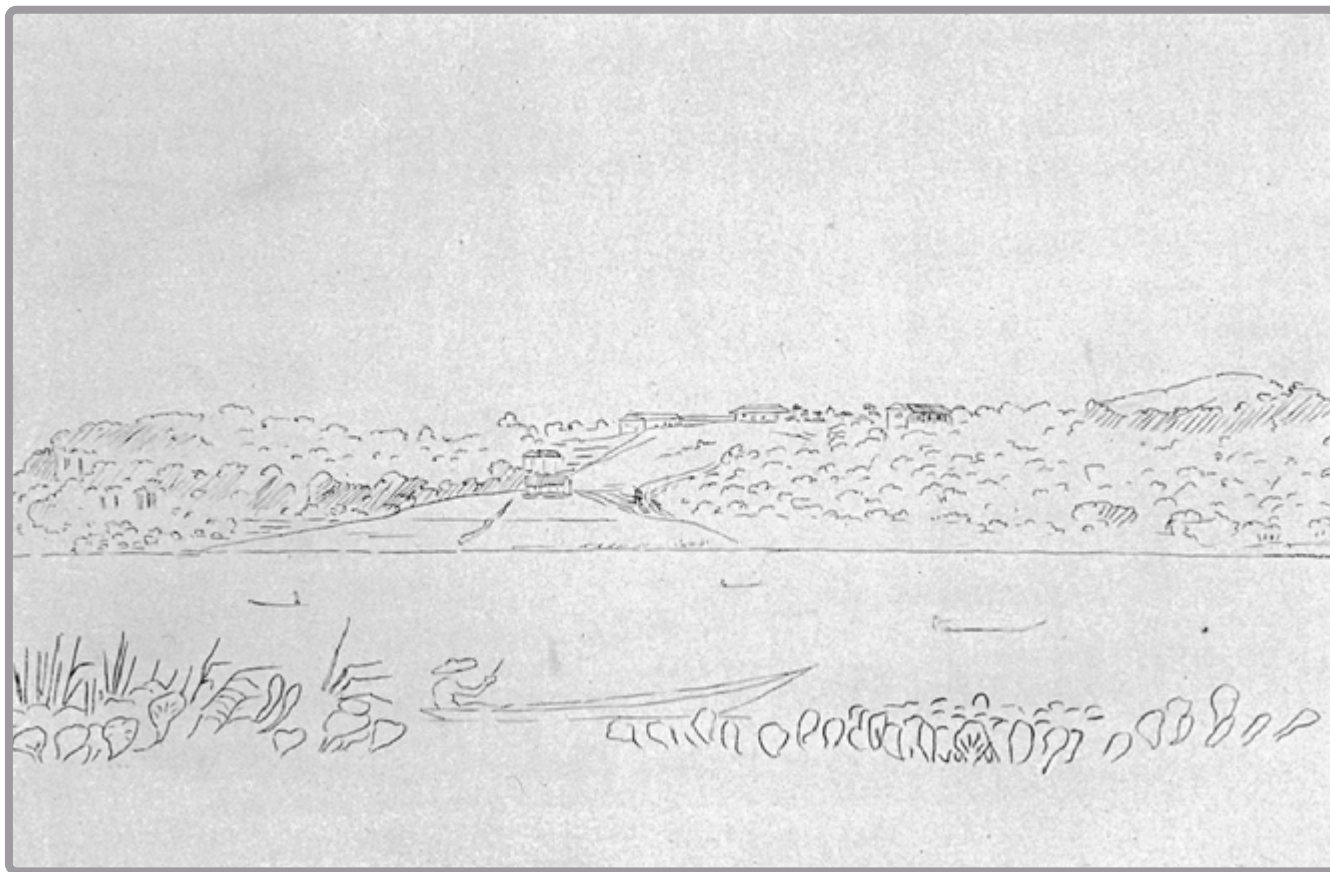


FIGURA 40 – POVOAÇÃO DE ALBUQUERQUE



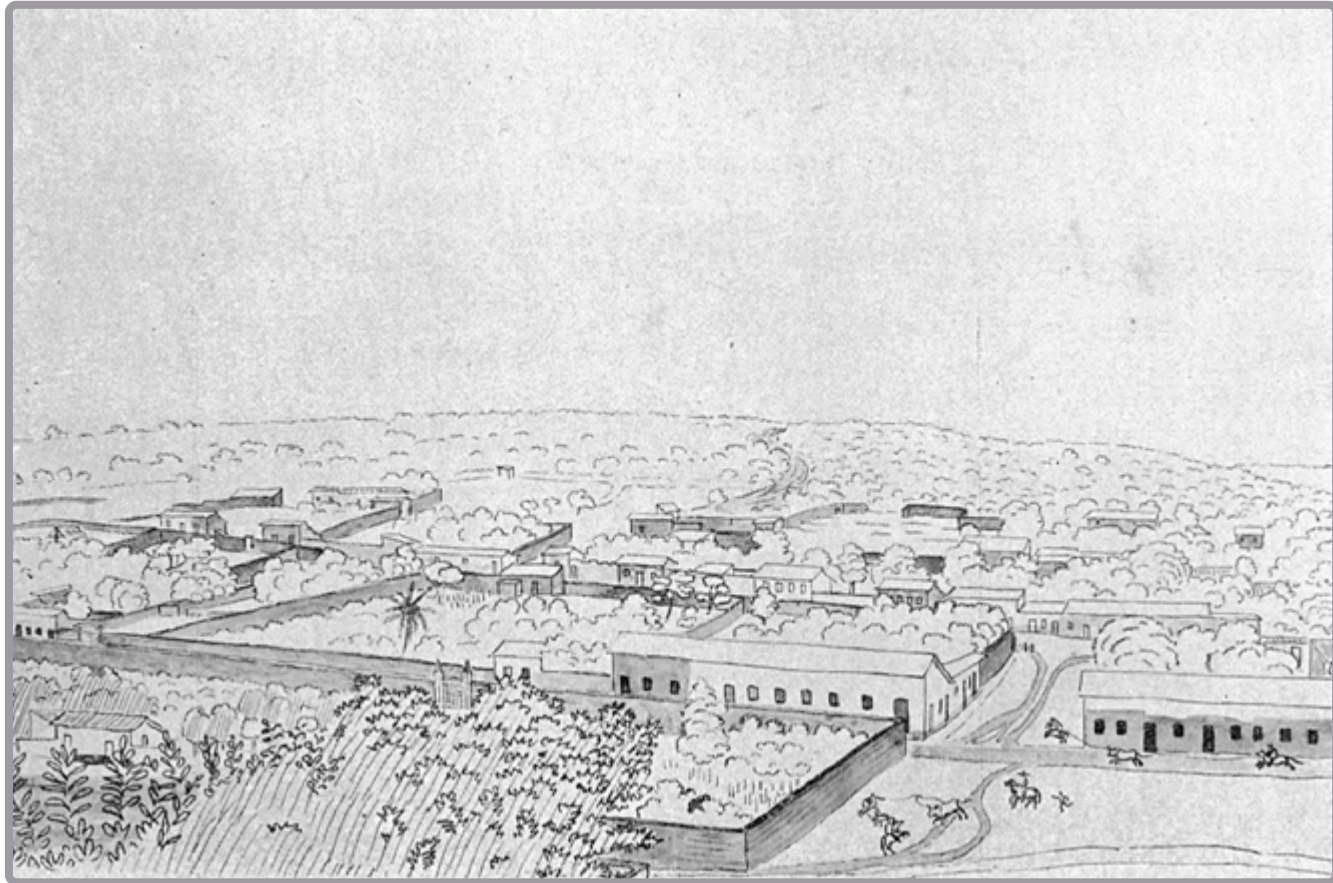
Fonte: Florence, H., 2007, p. 96.

FIGURA 41 – CIDADE DE CUIABÁ. PRIMEIRA FOLHA



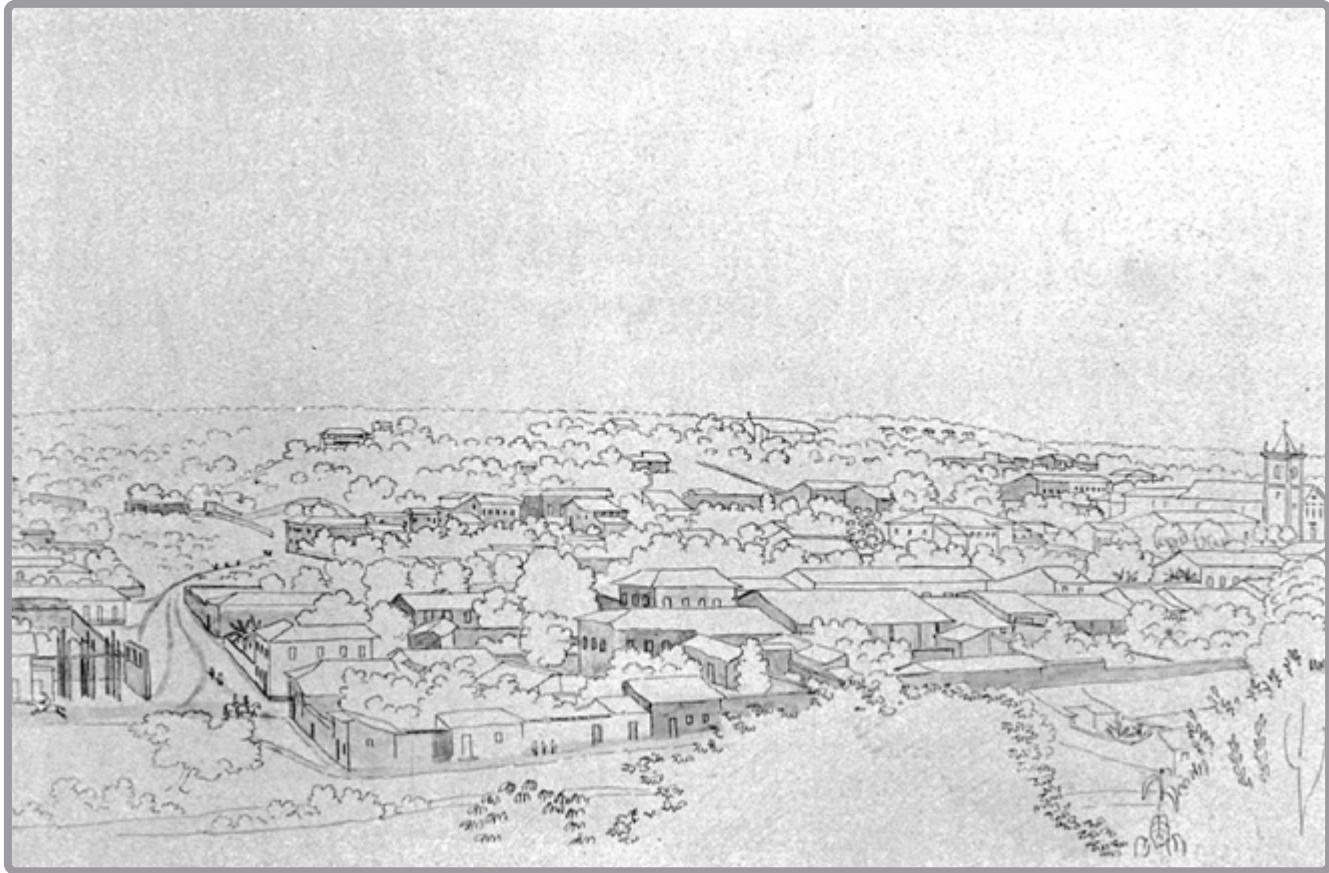
Fonte: Florence, H., 2007, p. 133.

FIGURA 42 – CIDADE DE CUIABÁ. SEGUNDA FOLHA



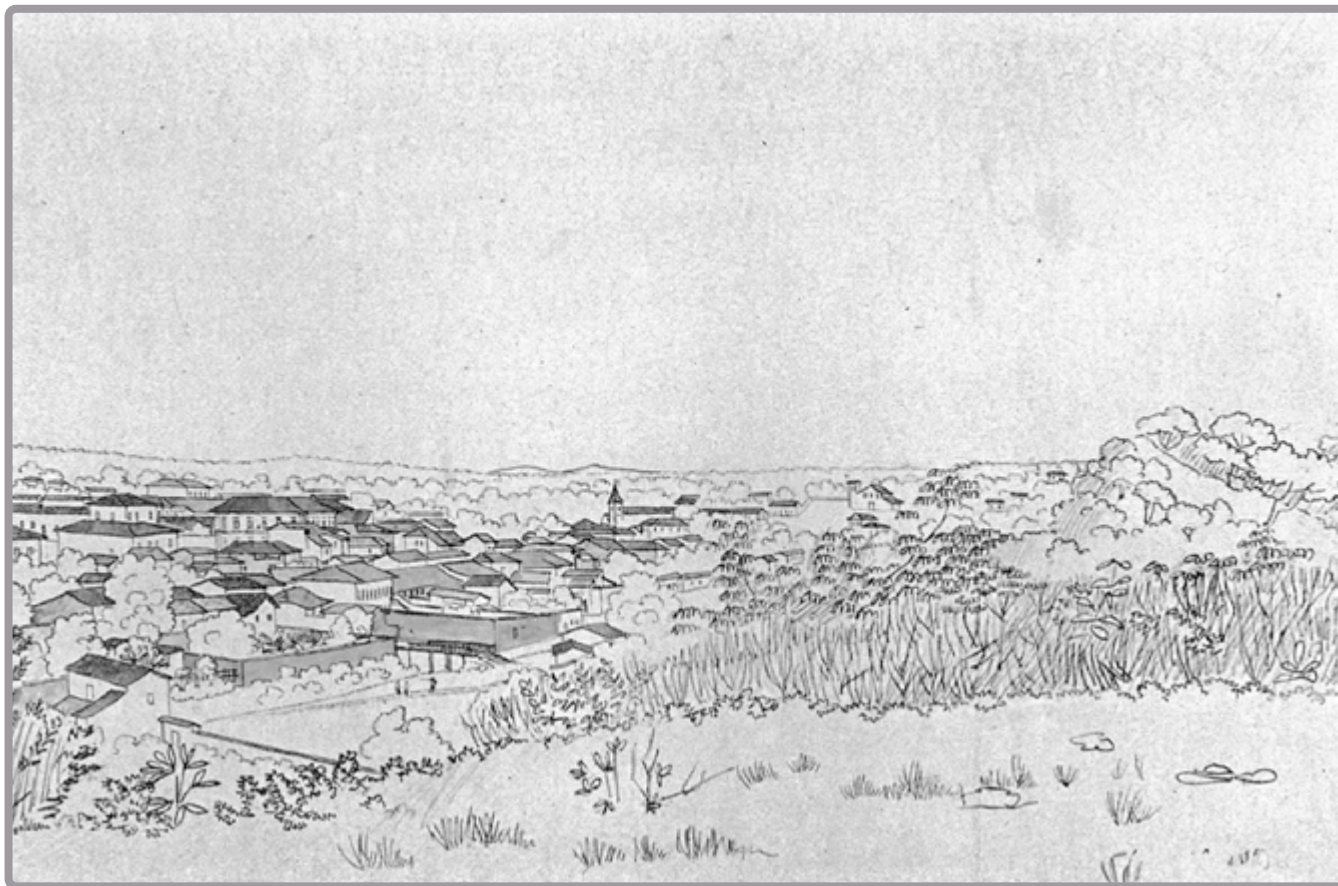
Fonte: Florence, H., 2007, p. 134.

FIGURA 43 – CIDADE DE CUIABÁ. TERCEIRA FOLHA



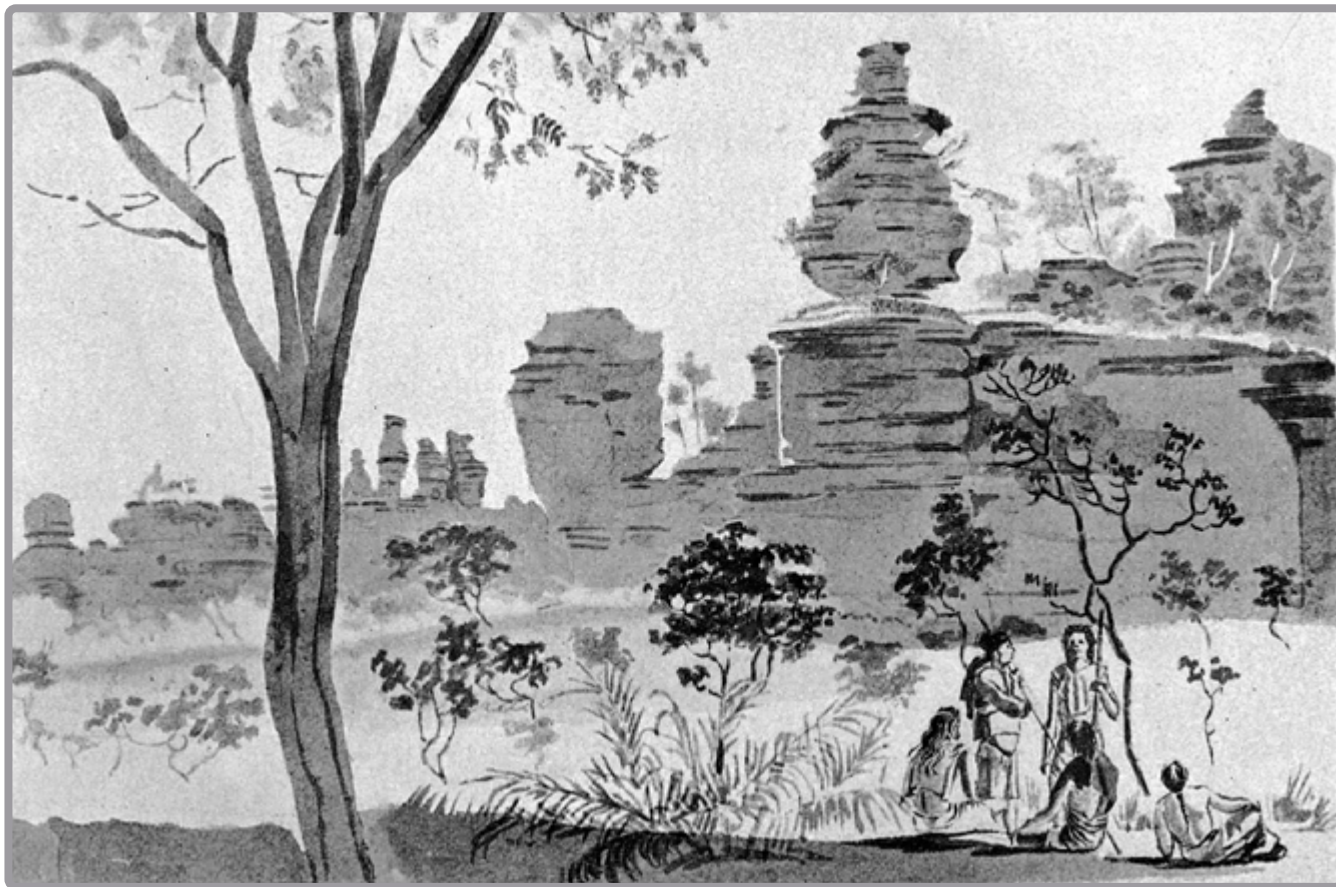
Fonte: Florence, H., 2007, p. 135.

FIGURA 44 – CIDADE DE CUIABÁ. QUARTA FOLHA



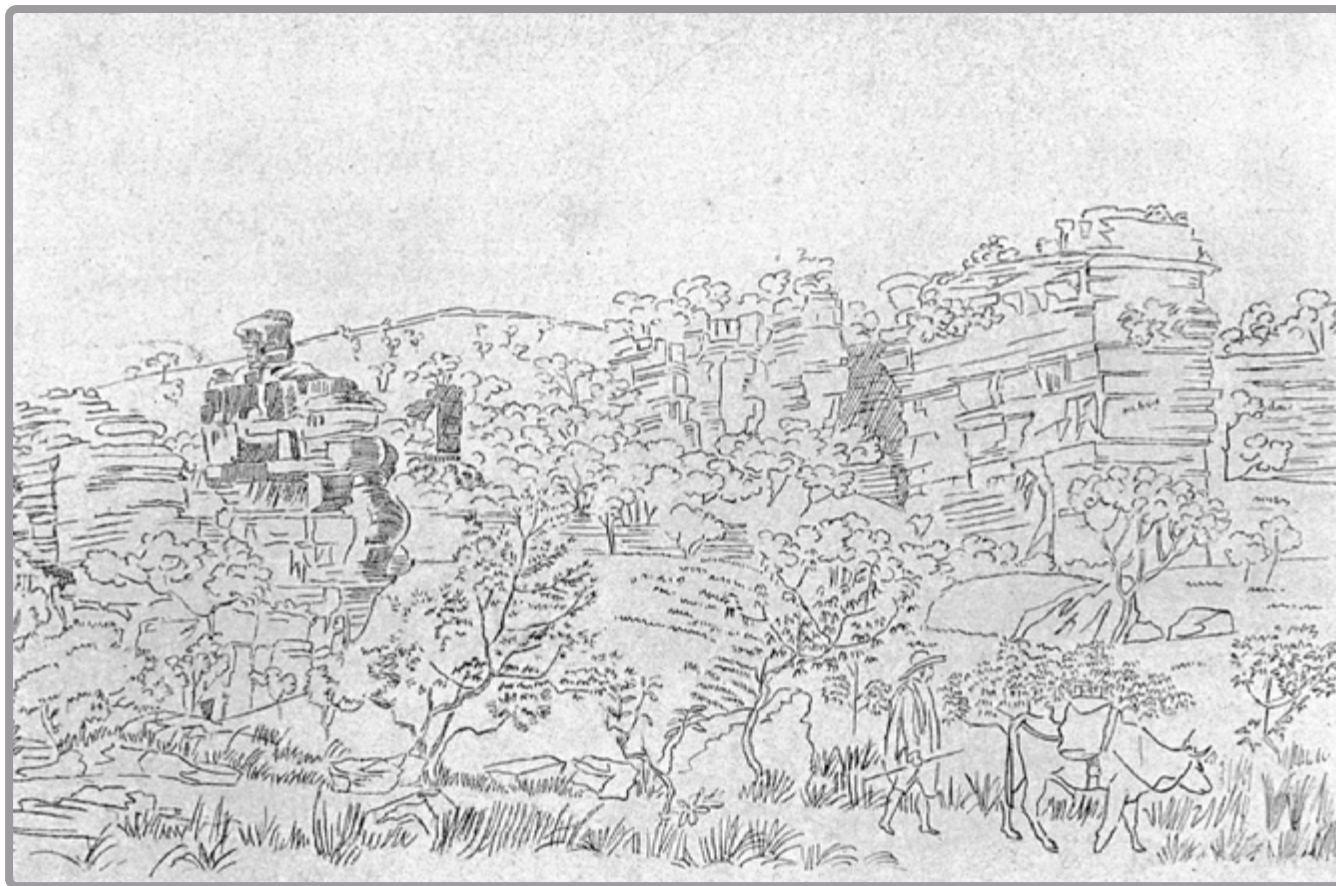
Fonte: Florence, H., 2007, p. 136.

FIGURA 45 – VISTA DOS ROCHEDOS DA CHAPADA, NOS ARREDORES DE CUIABÁ



Fonte: Florence, H., 2007, p. 137.

FIGURA 46 – OUTRA VISTA DA CHAPADA, NOS ARREDORES DE CUIABÁ



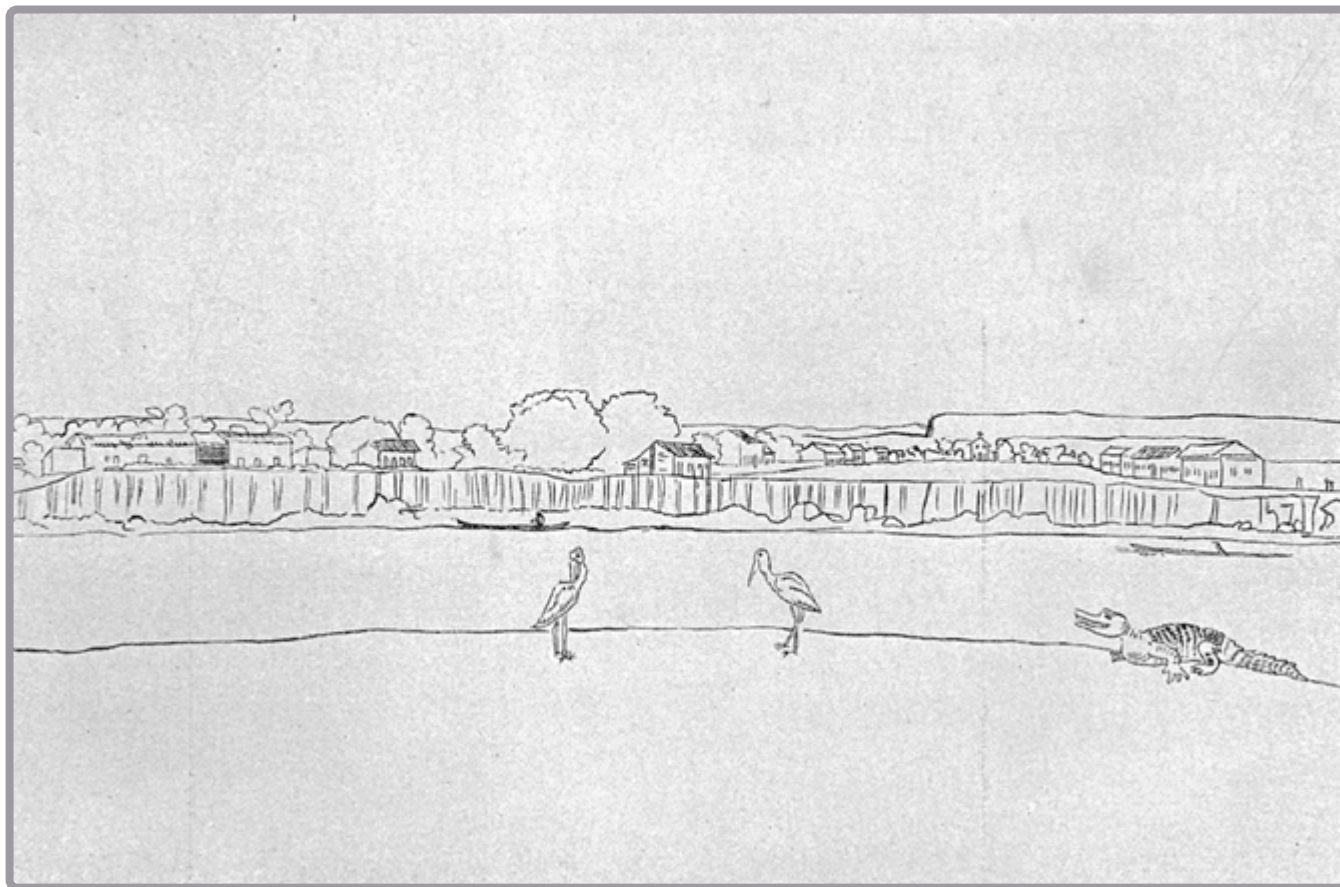
Fonte: Florence, H., 2007, p. 151.

FIGURA 47 – FAZENDA DO BURITI



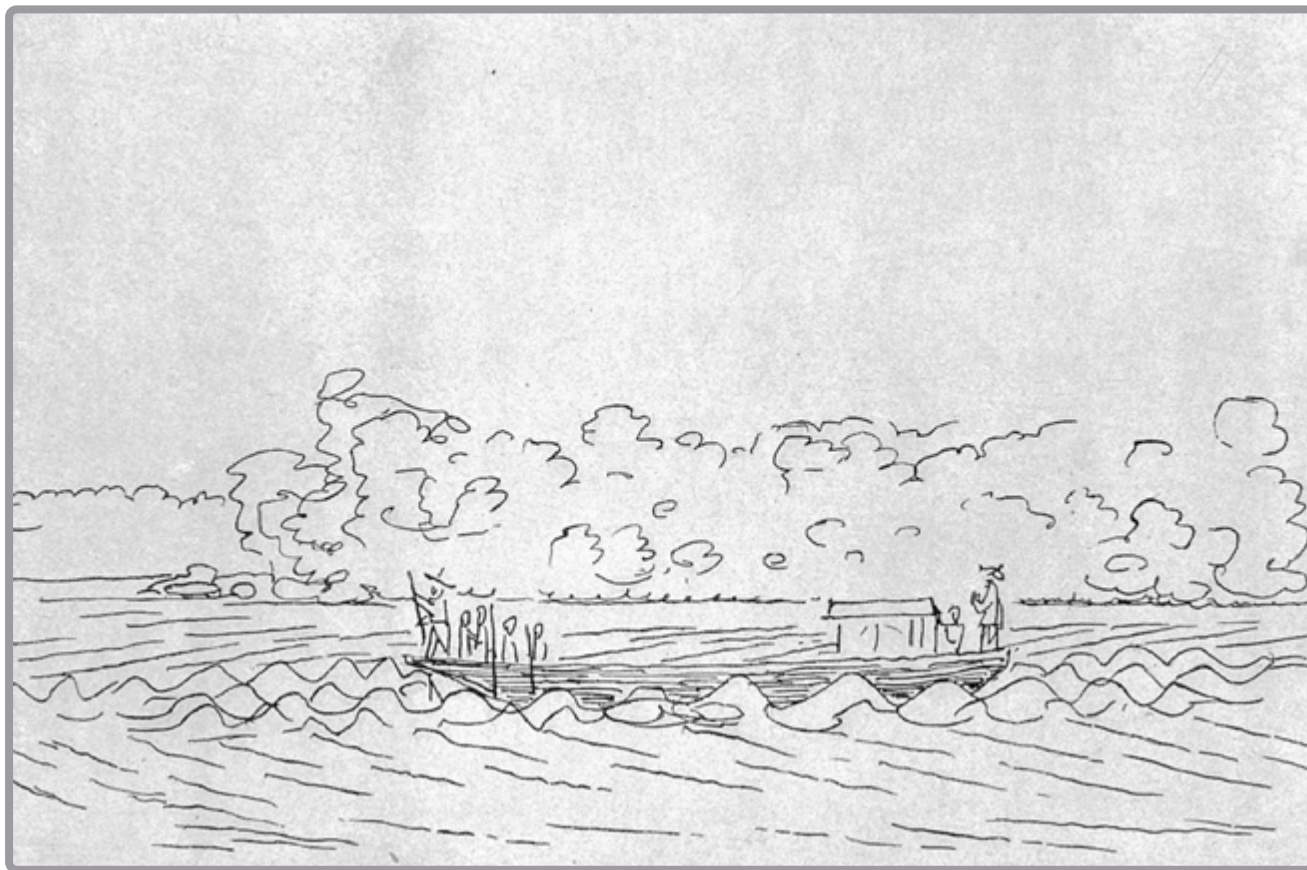
Fonte: Florence, H., 2007, p. 152.

FIGURA 48 – VILA MARIA



Fonte: Florence, H., 2007, p. 155.

FIGURA 49 – CACHOEIRA DE TODOS OS SANTOS



Fonte: Florence, H., 2007, p. 254.

FIGURA 50 – POUSO DE JUQUERI



FIGURA 51 – PORTO FELIZ

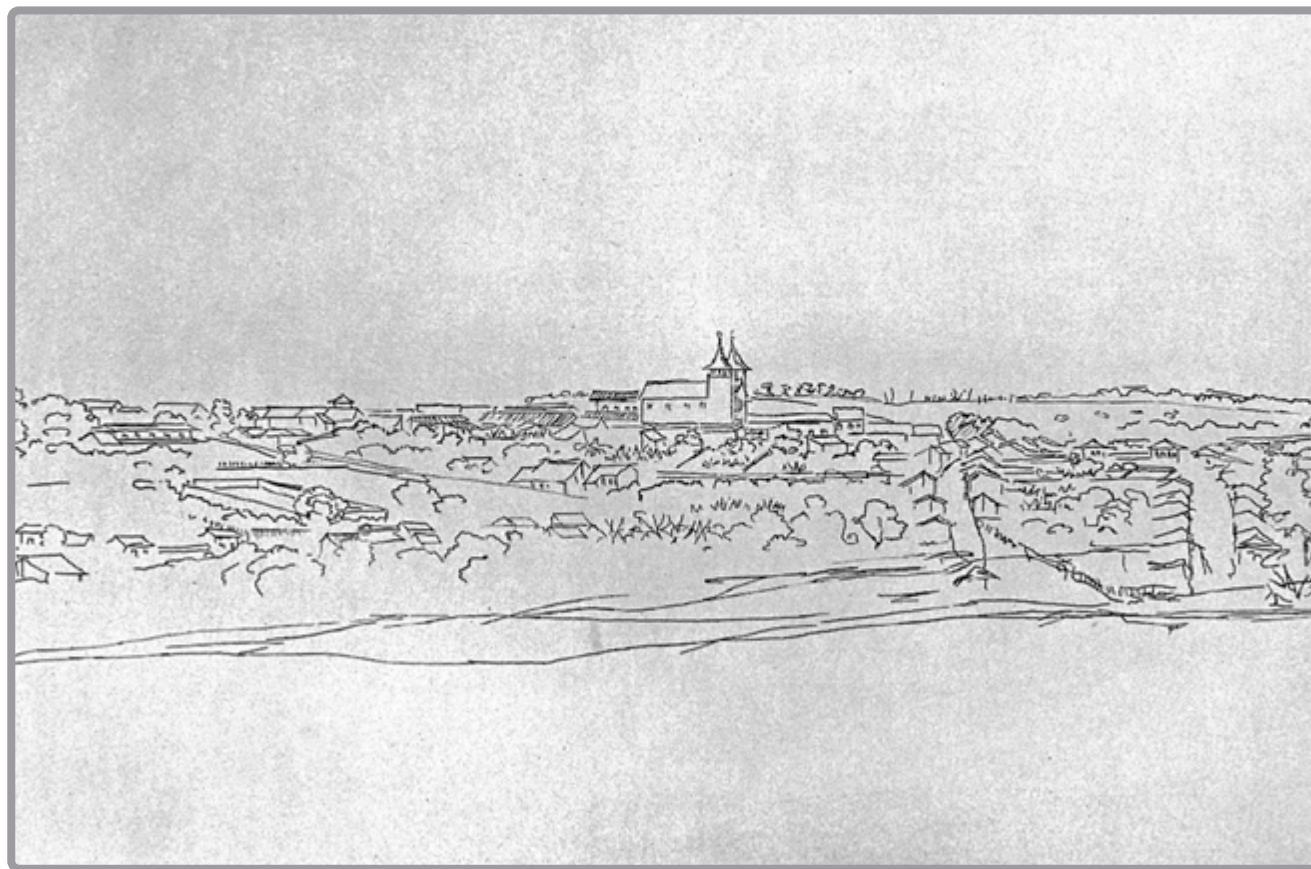


FIGURA 52 – PORTO FELIZ. VISTA DO RIO

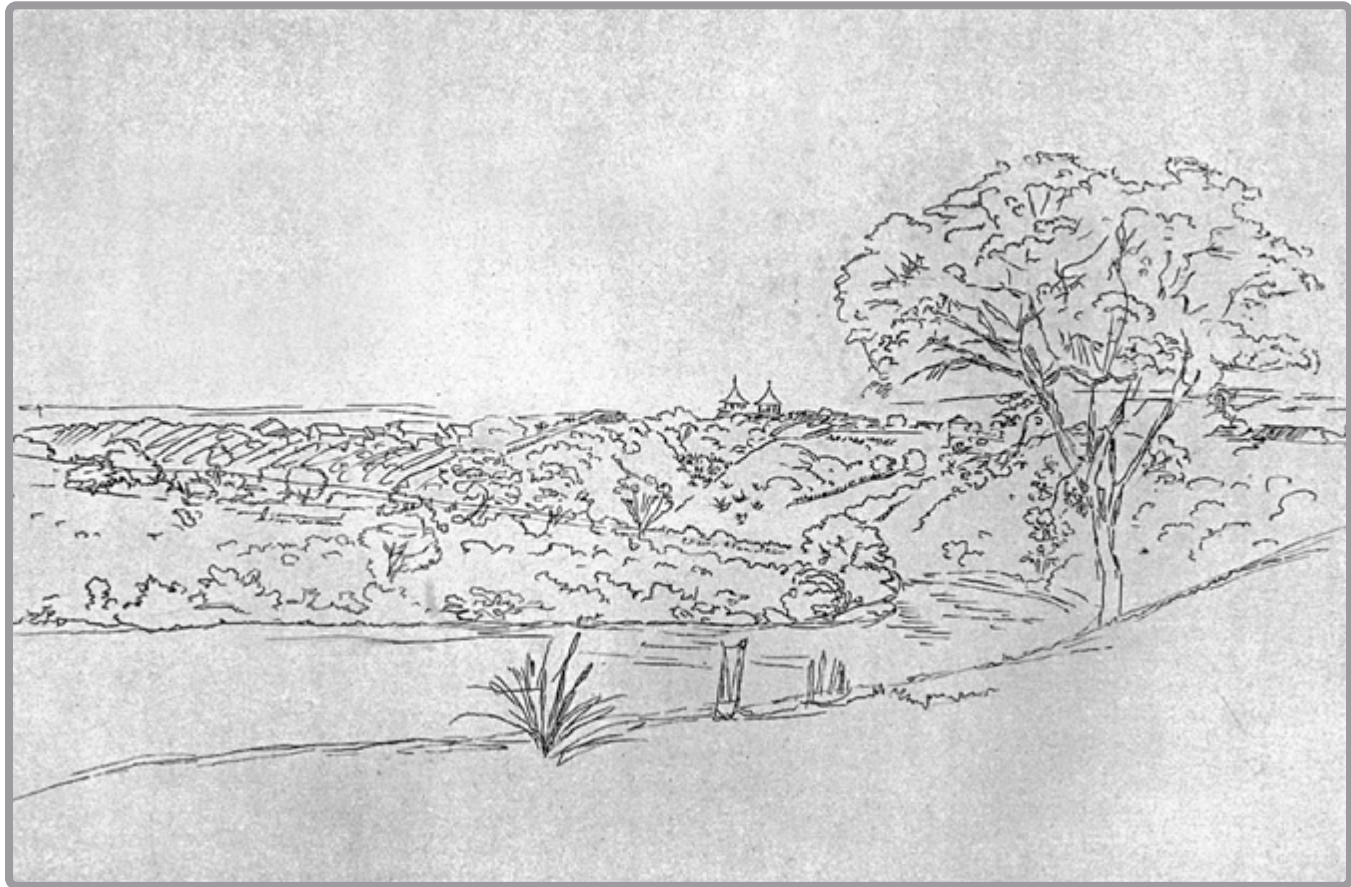


FIGURA 53 – PIRAPORA

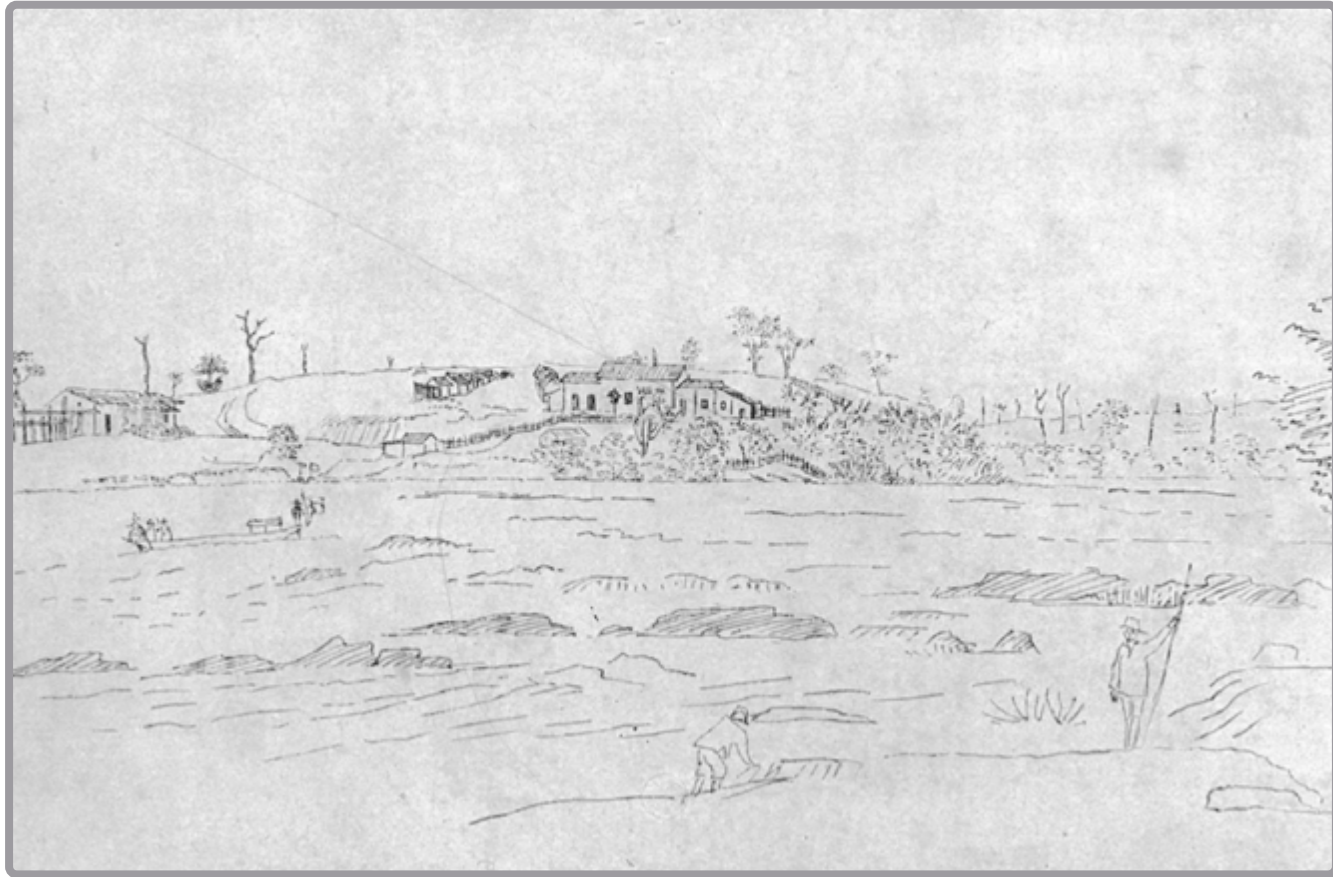


FIGURA 54 – VISTA DE CAMAPUÃ

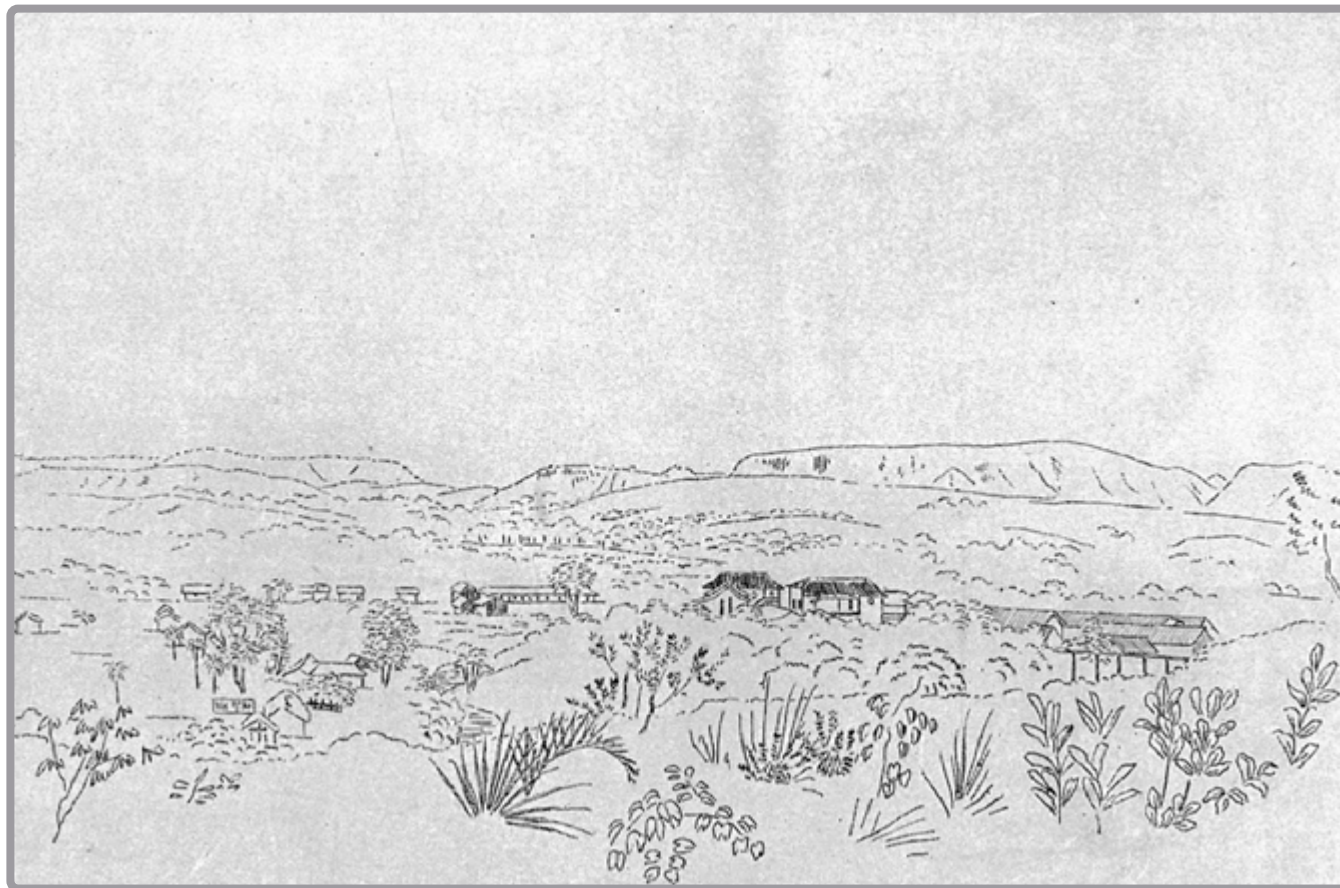
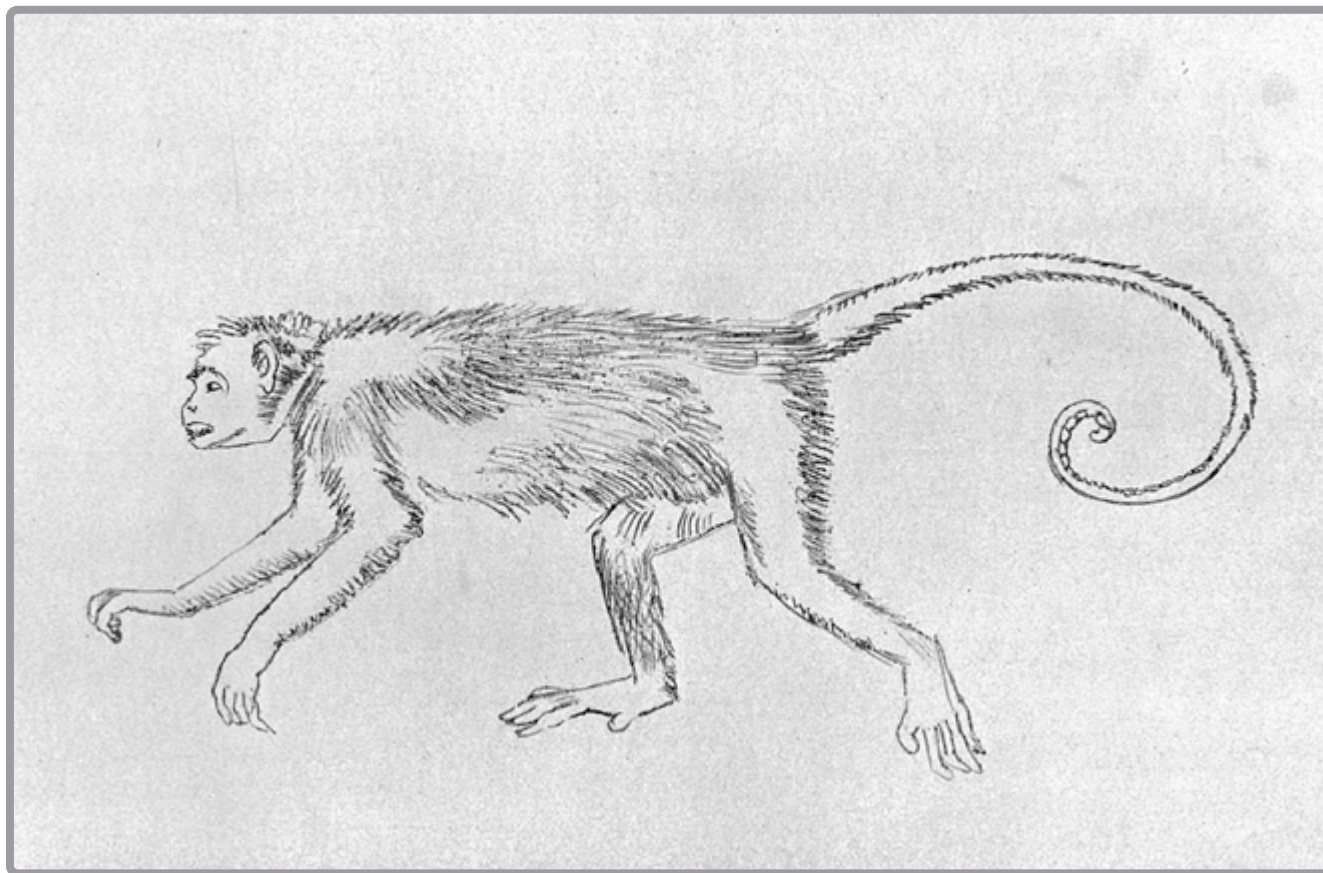


FIGURA 55 – ANHUMAPOCA



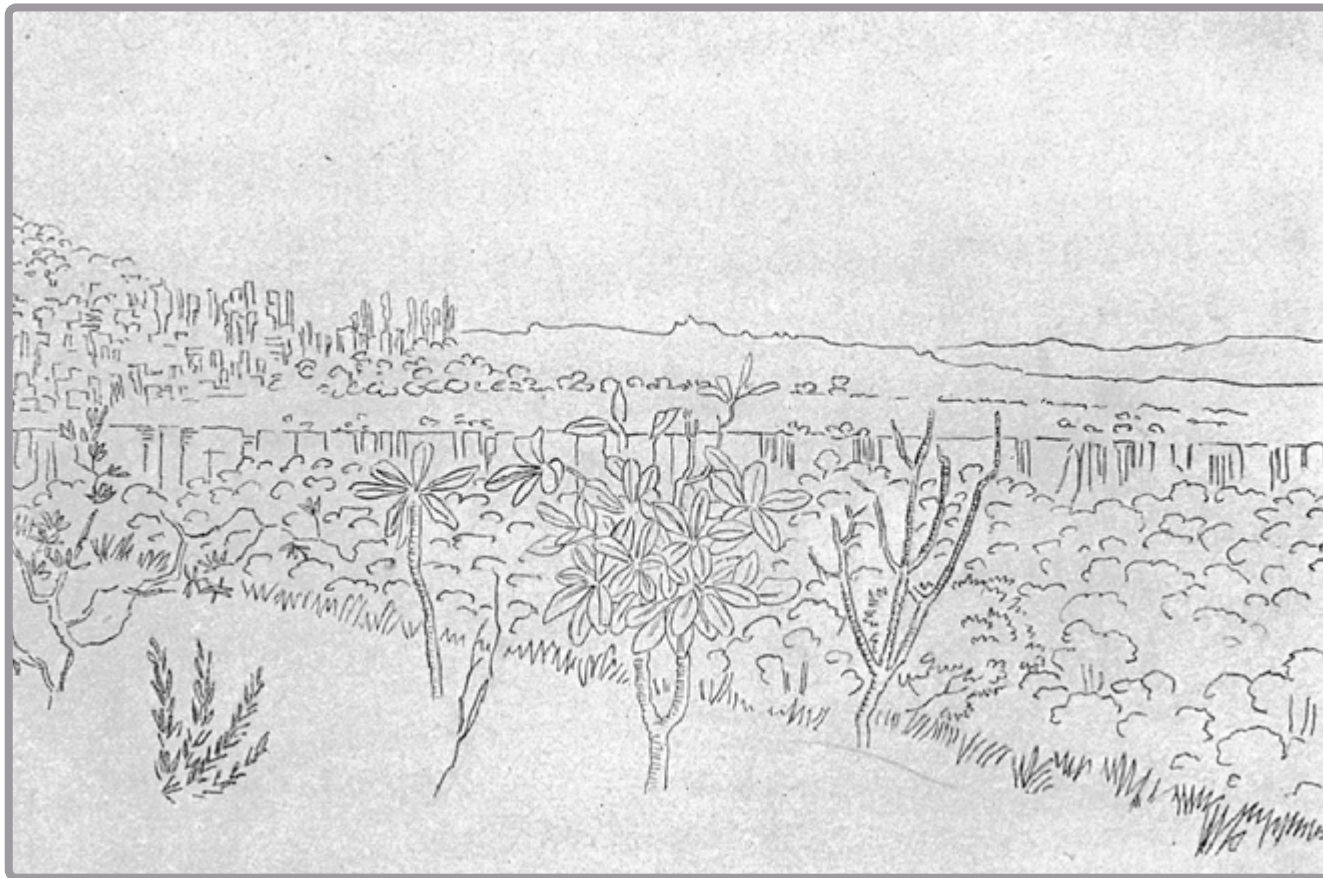
Fonte: Florence, H., 2007, p. 97.

FIGURA 56 – MACACO “COATÁ”



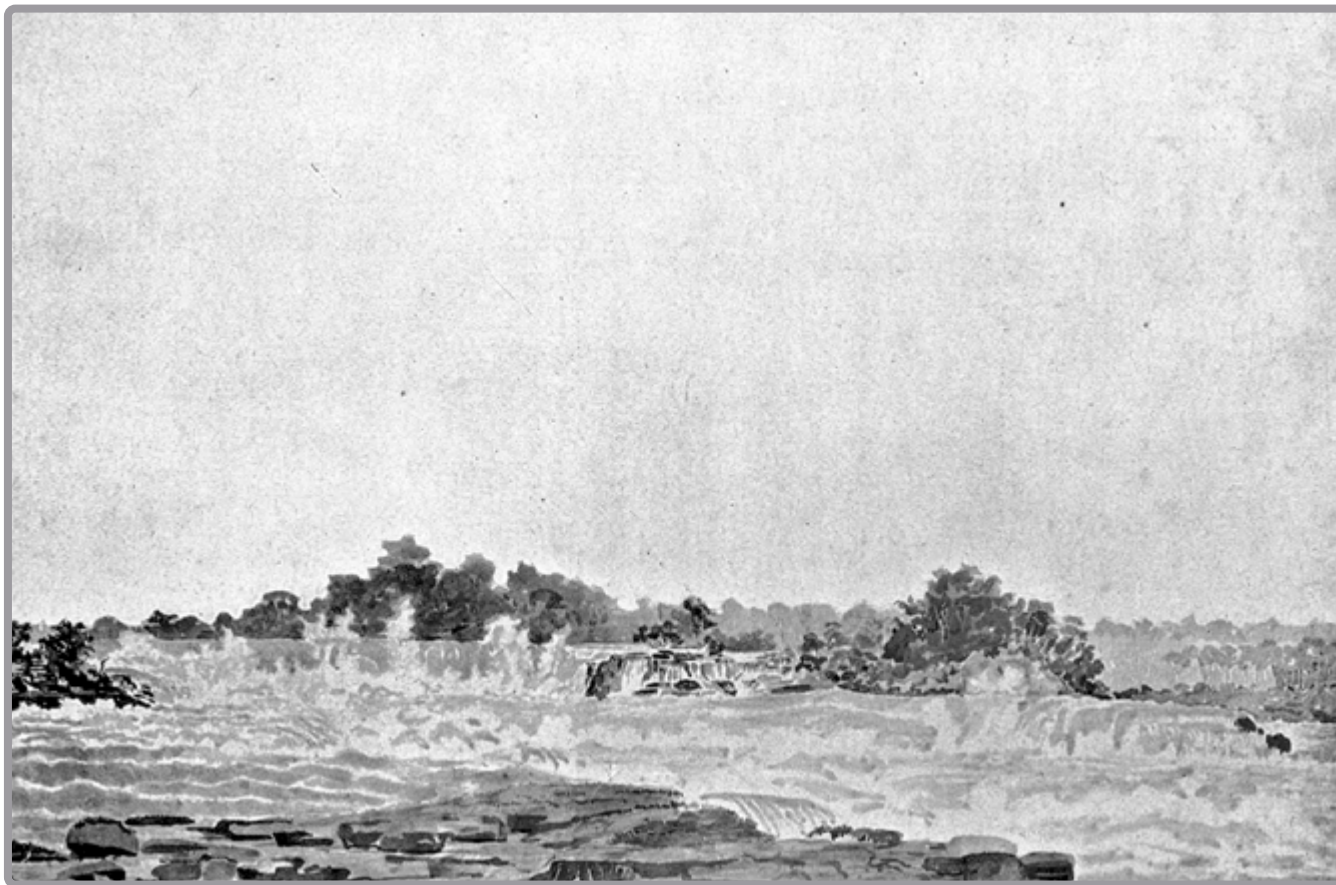
Fonte: Florence, H., 2007, p. 237.

FIGURA 57 – VISTA TIRADA NO CAMINHO DE GUIMARÃES AO QUILOMBO



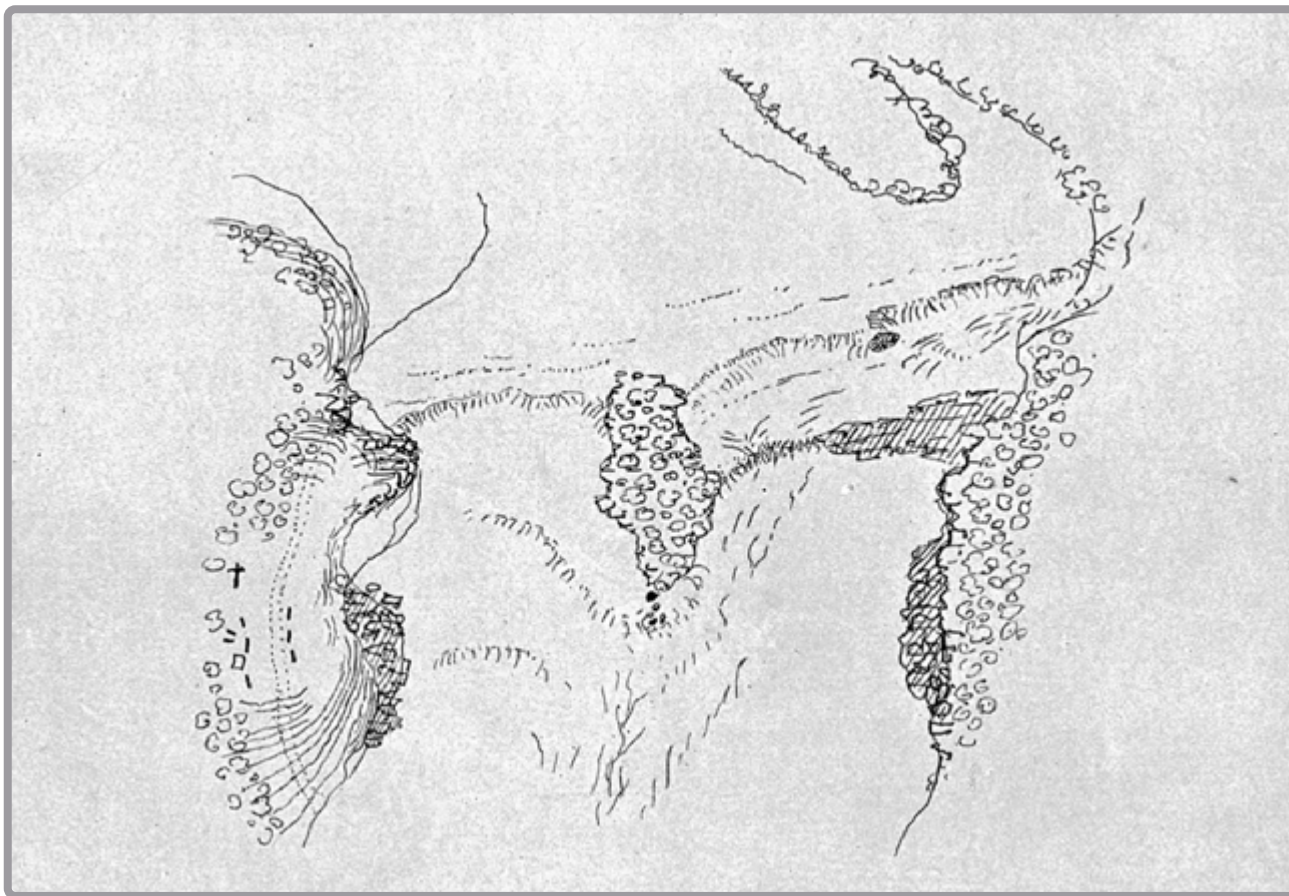
Fonte: Florence, H., 2007, p. 154.

FIGURA 58 – SALTO AUGUSTO



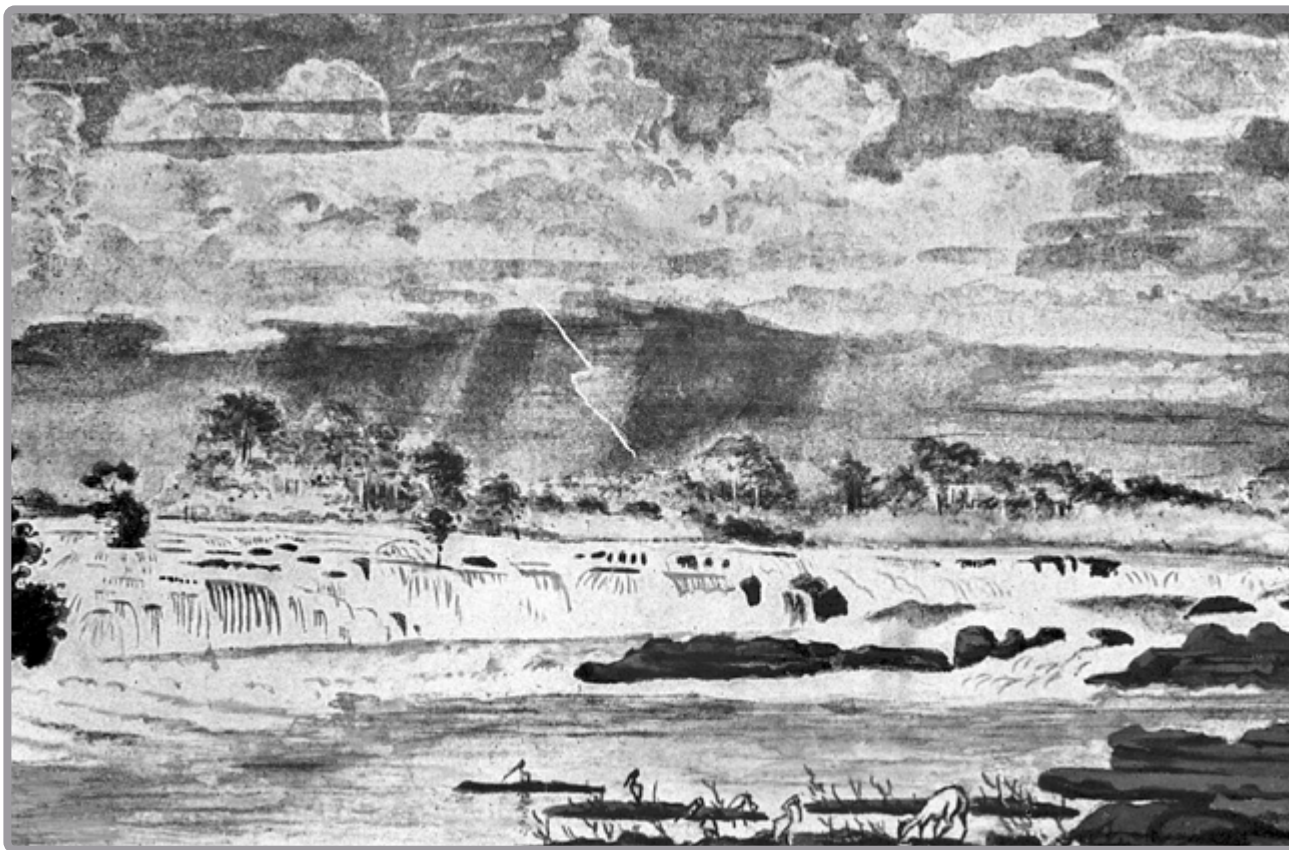
Fonte: Florence, H., 2007, p. 230.

FIGURA 59 – PLANTA DO SALTO AUGUSTO



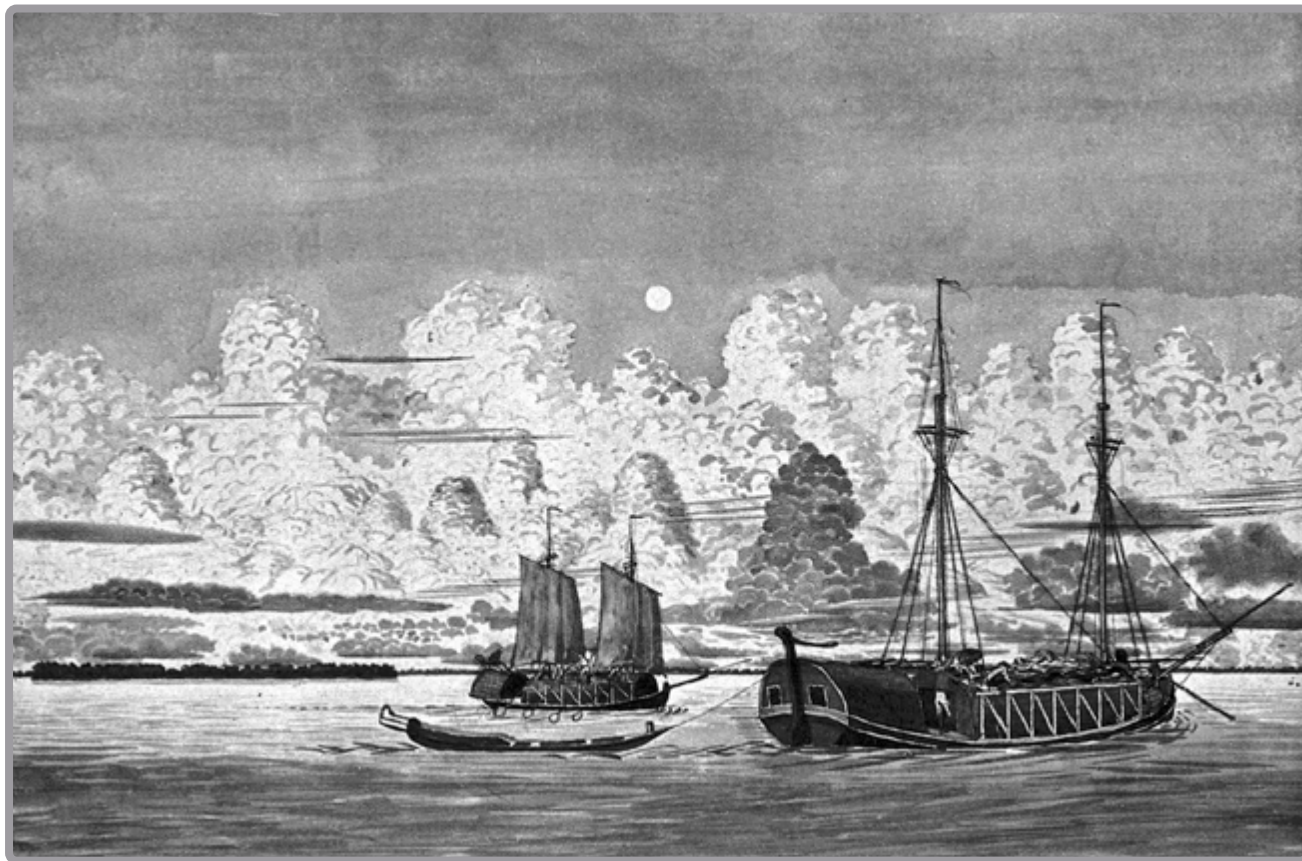
Fonte: Florence, H., 2007, p. 232.

FIGURA 60 – SALTO AUGUSTO, PARA ALÉM DA ILHA



Fonte: Florence, H., 2007, p. 233.

FIGURA 61 – VISTA DO AMAZONAS, PERTO DE MONTE ALEGRE



Fonte: Florence, H., 2007, p. 269.

FIGURA 62 – PINHEIROS NO CAMINHO DE JUNDIAÍ

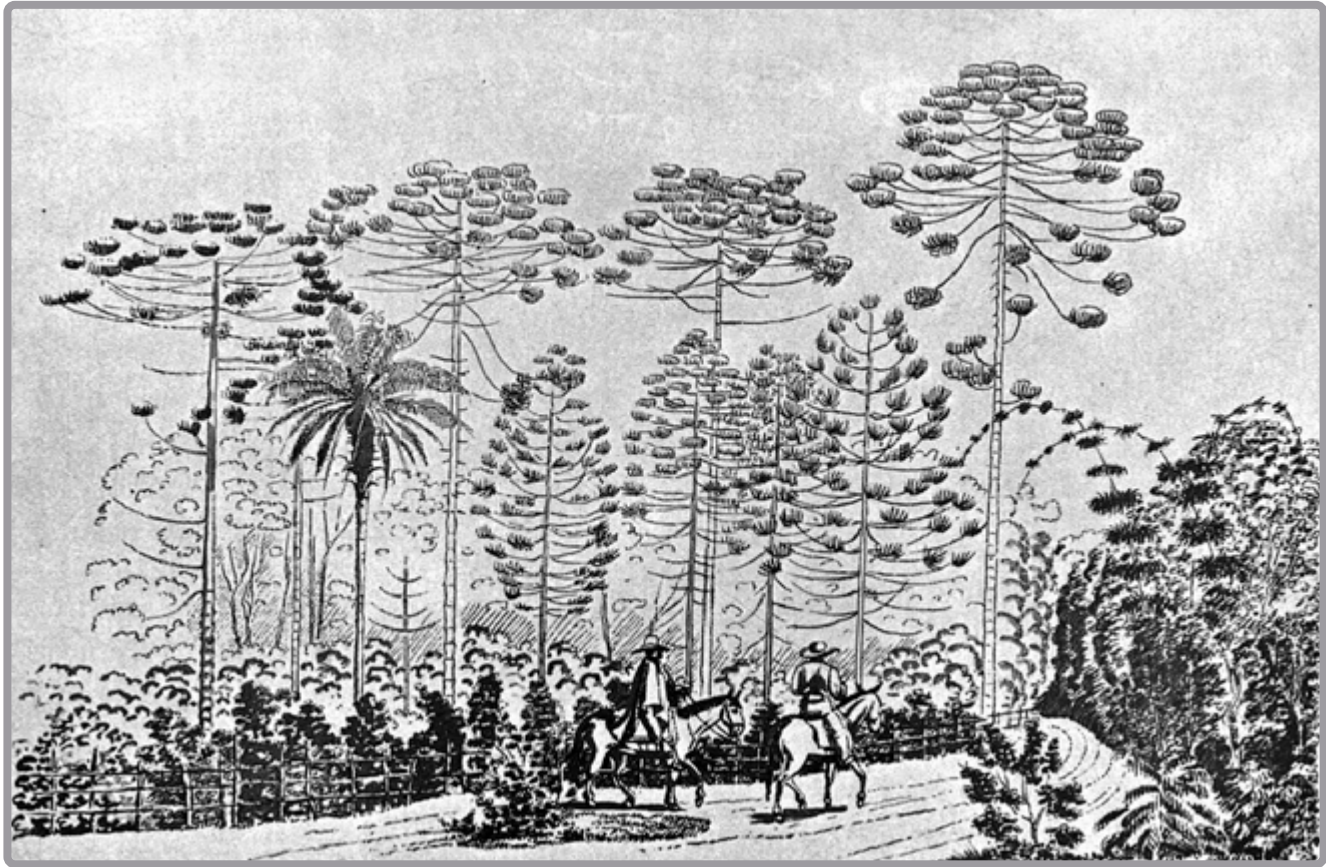


FIGURA 63 – SALTO DE ITU

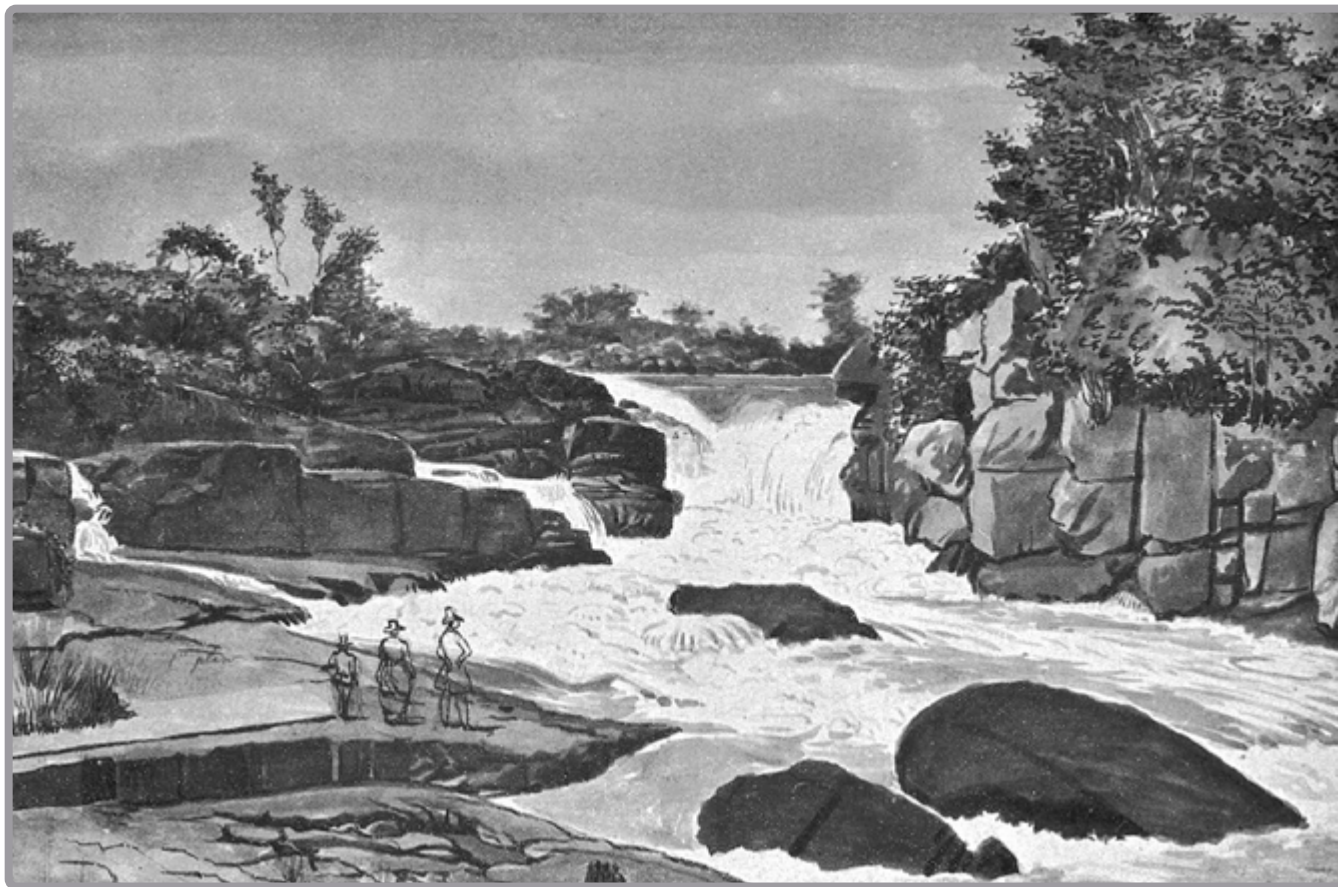


FIGURA 64 – RIO TIETÊ, PERTO DE PORTO FELIZ

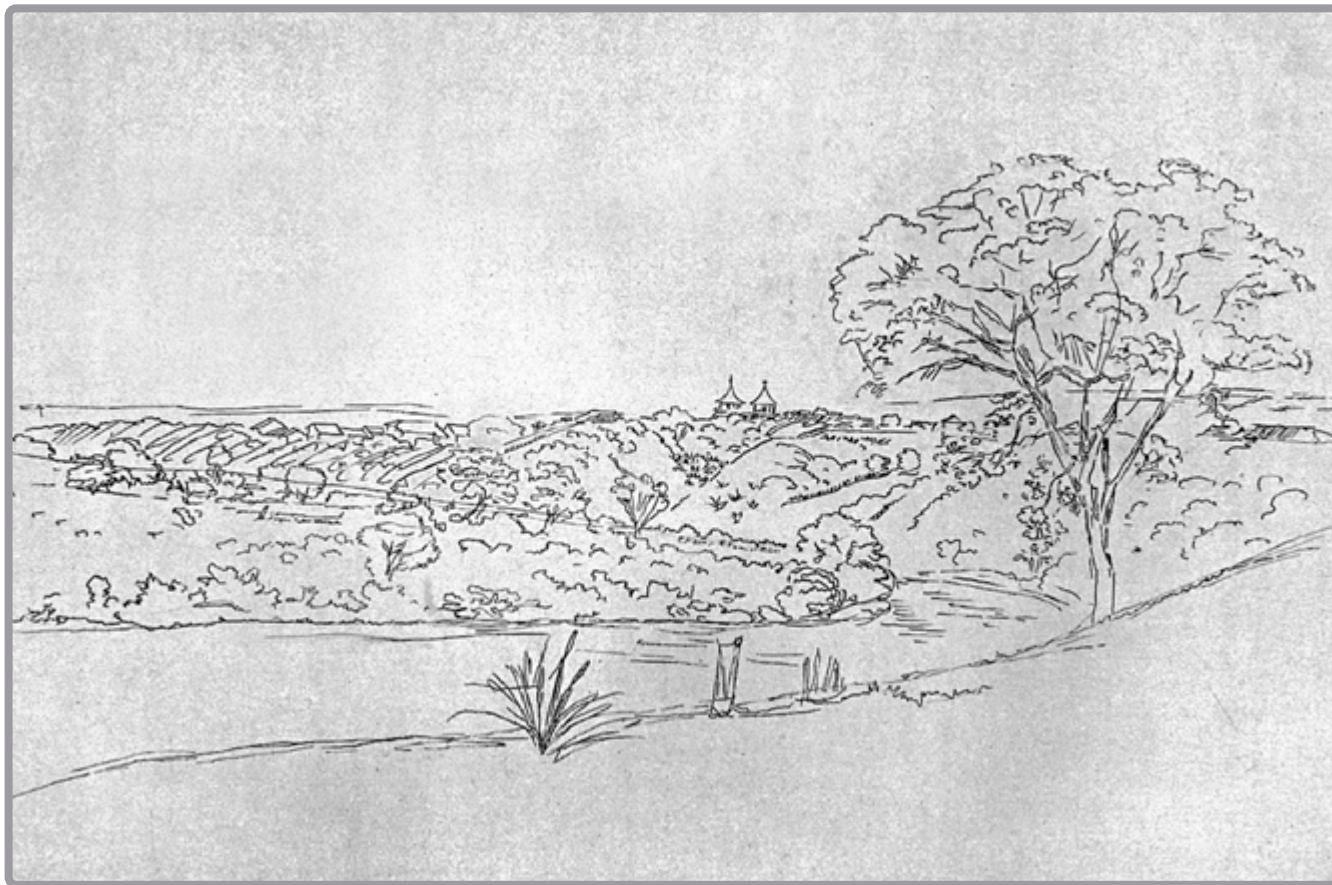


FIGURA 65 – JUNÇÃO DO PIRACICABA COM O TIETÊ

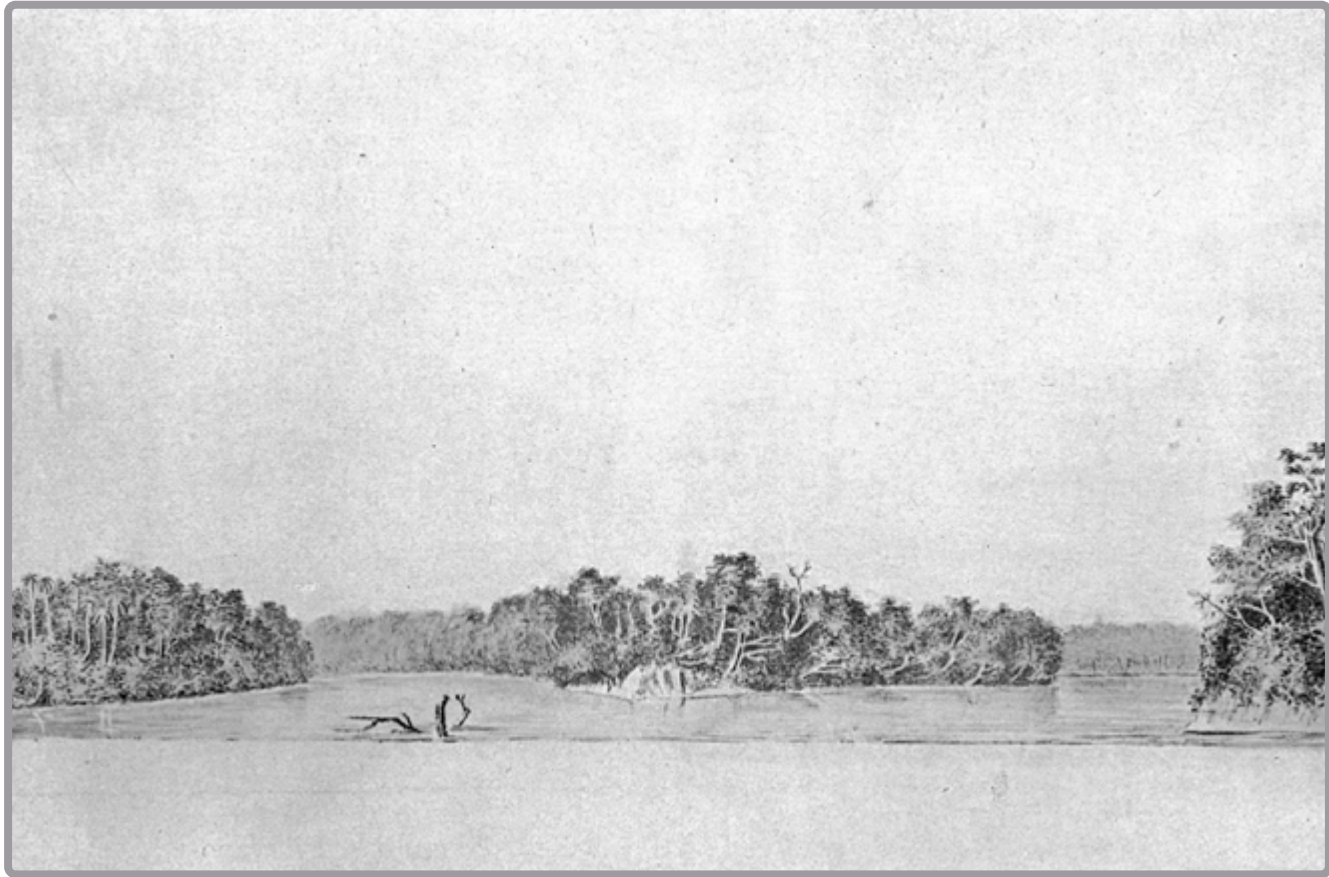
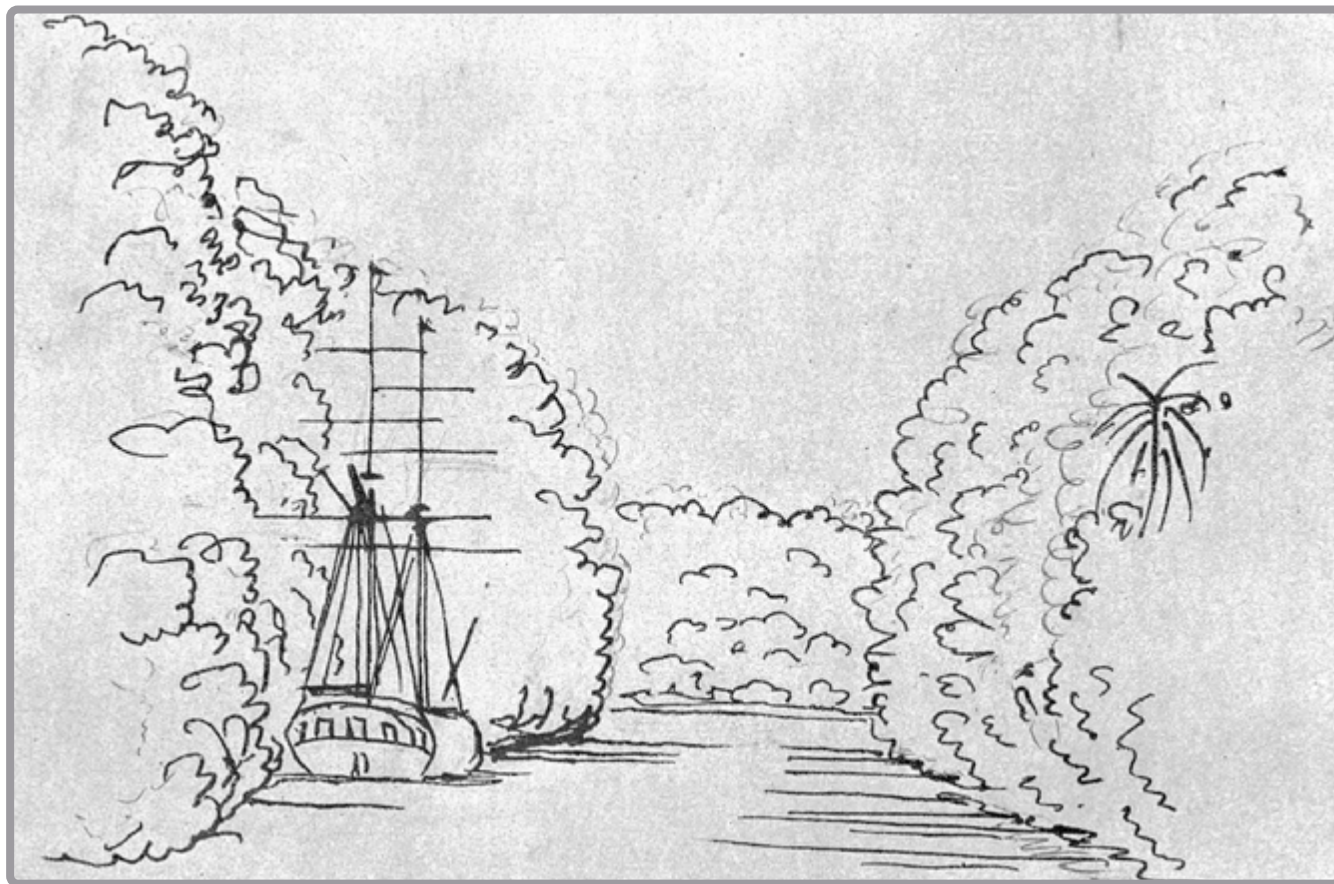


FIGURA 66 – BRAÇO ESTREITO DO AMAZONAS



Fonte: Florence, H., 2007, p. 271.

FIGURA 67 – SALTO DO CAJURU



FIGURA 68 – SALTO DE AVANHANDAVA

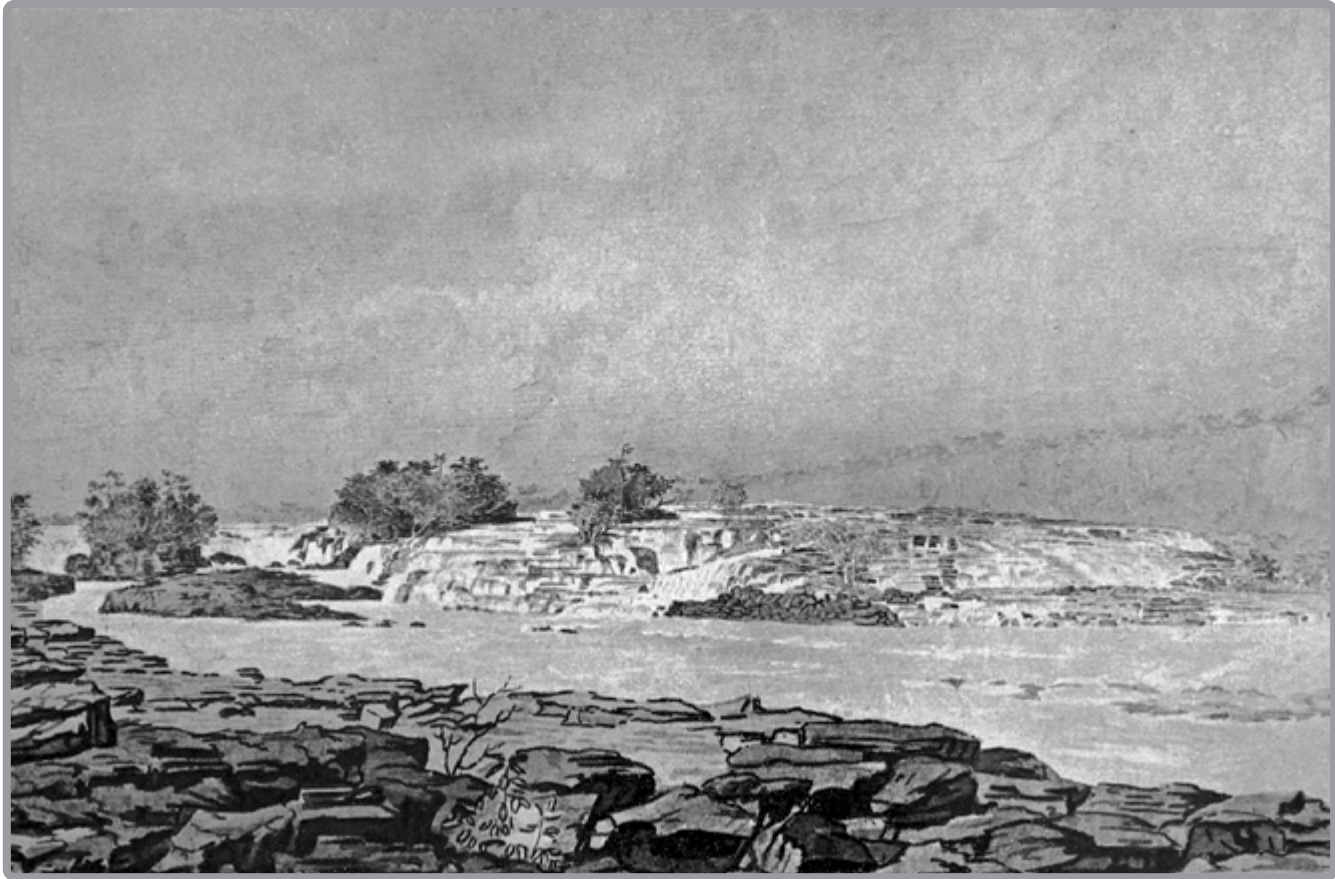
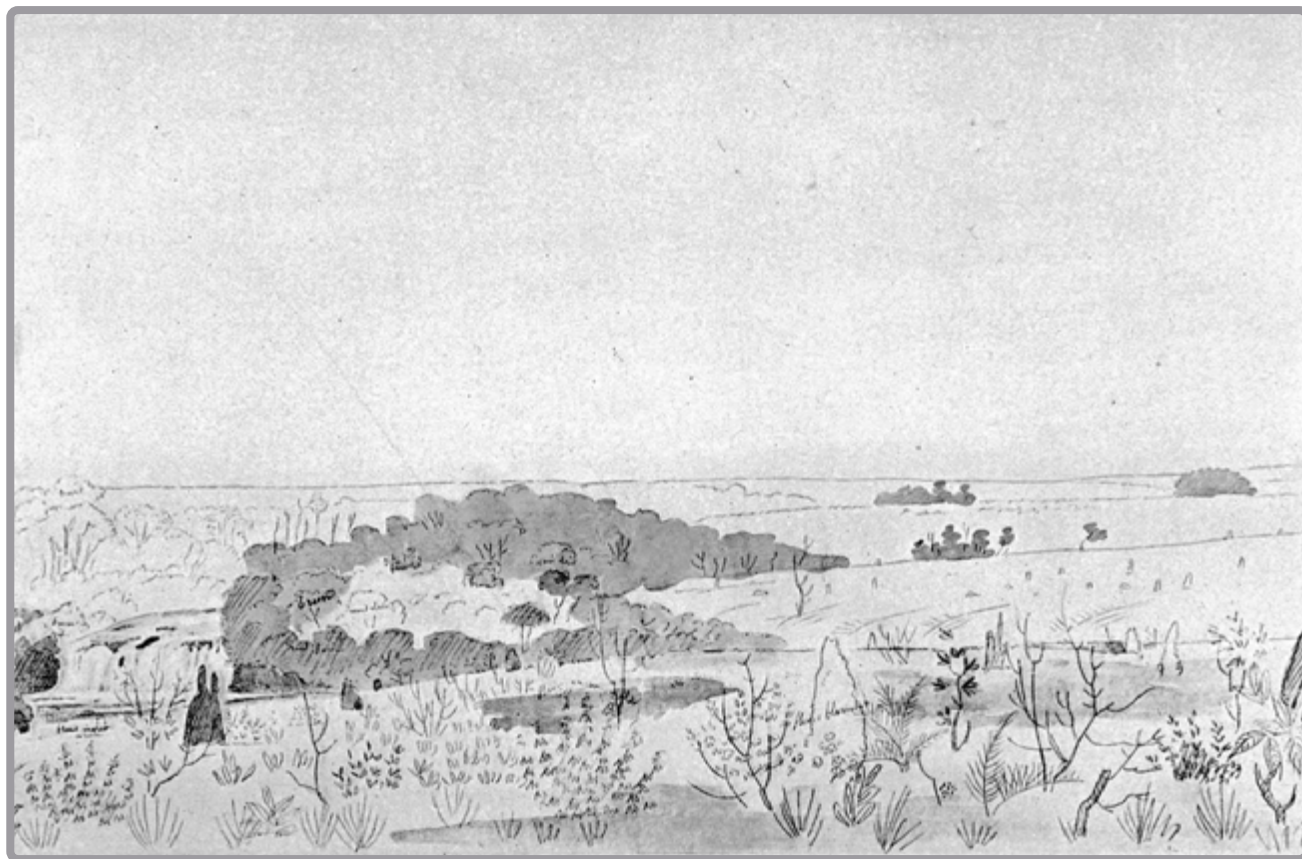
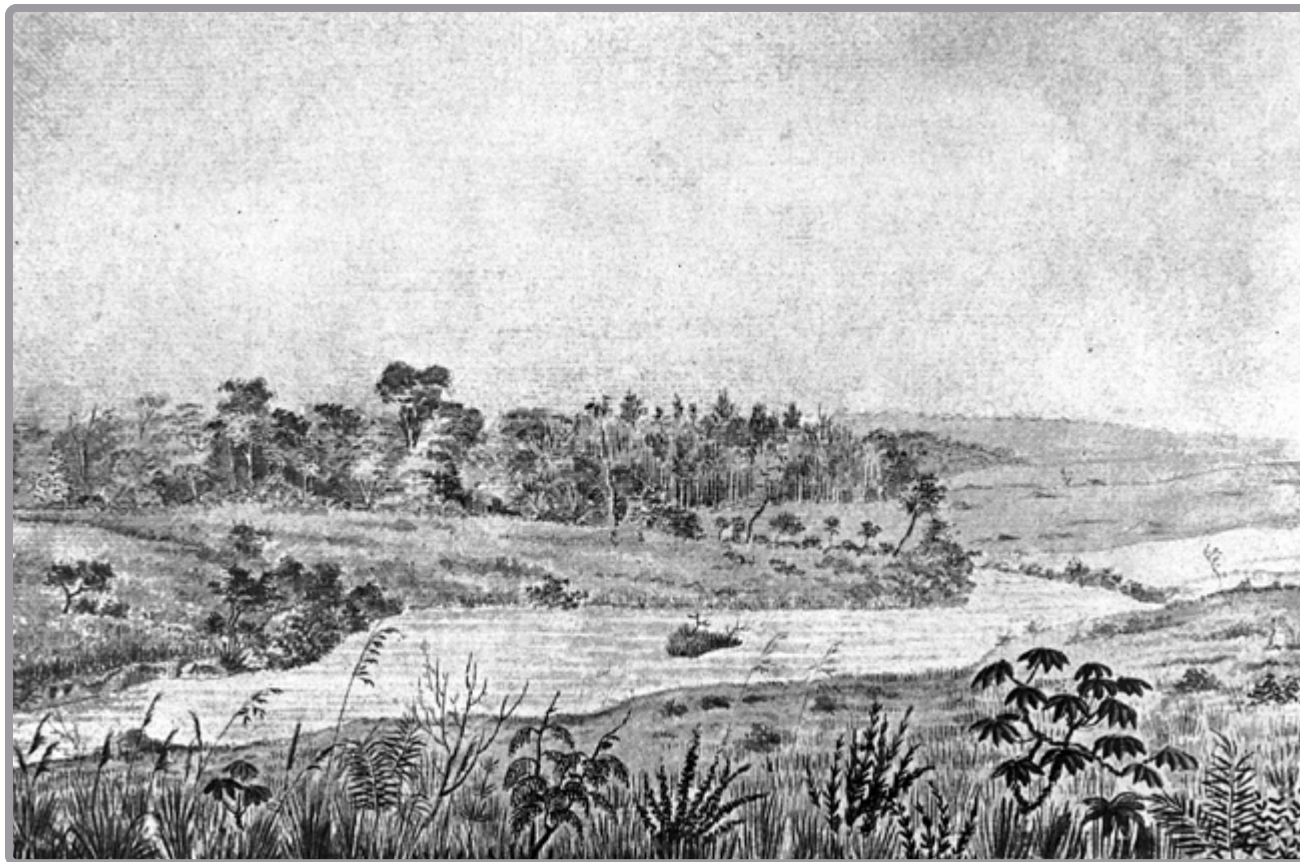


FIGURA 69 – SALTO DO CORAU



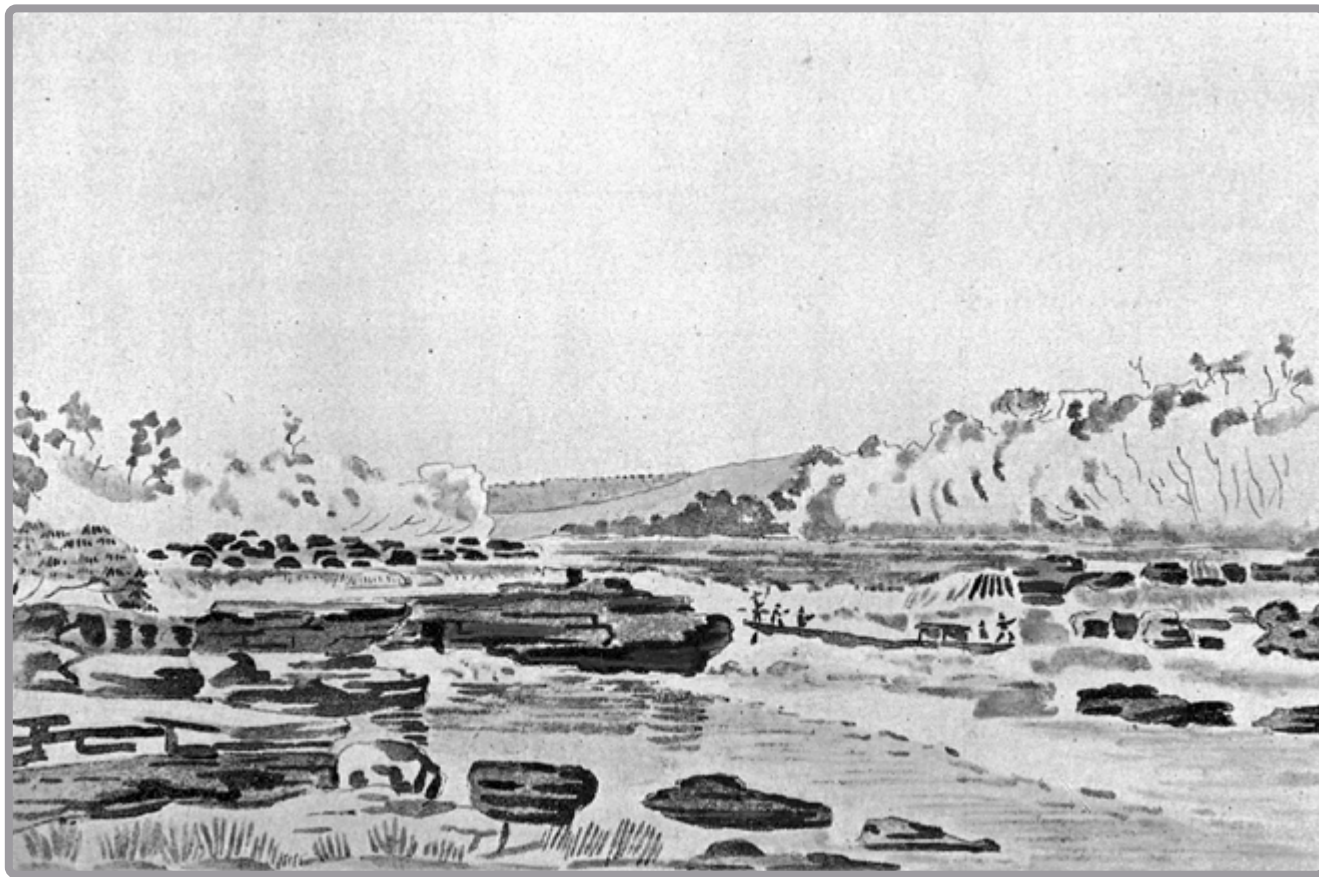
Fonte: Florence, H., 2007, p. 57.

FIGURA 70 – CACHOEIRA DA CANOA VELHA



Fonte: Florence, H., 2007, p. 70.

FIGURA 71 – CACHOEIRA DA ILHA

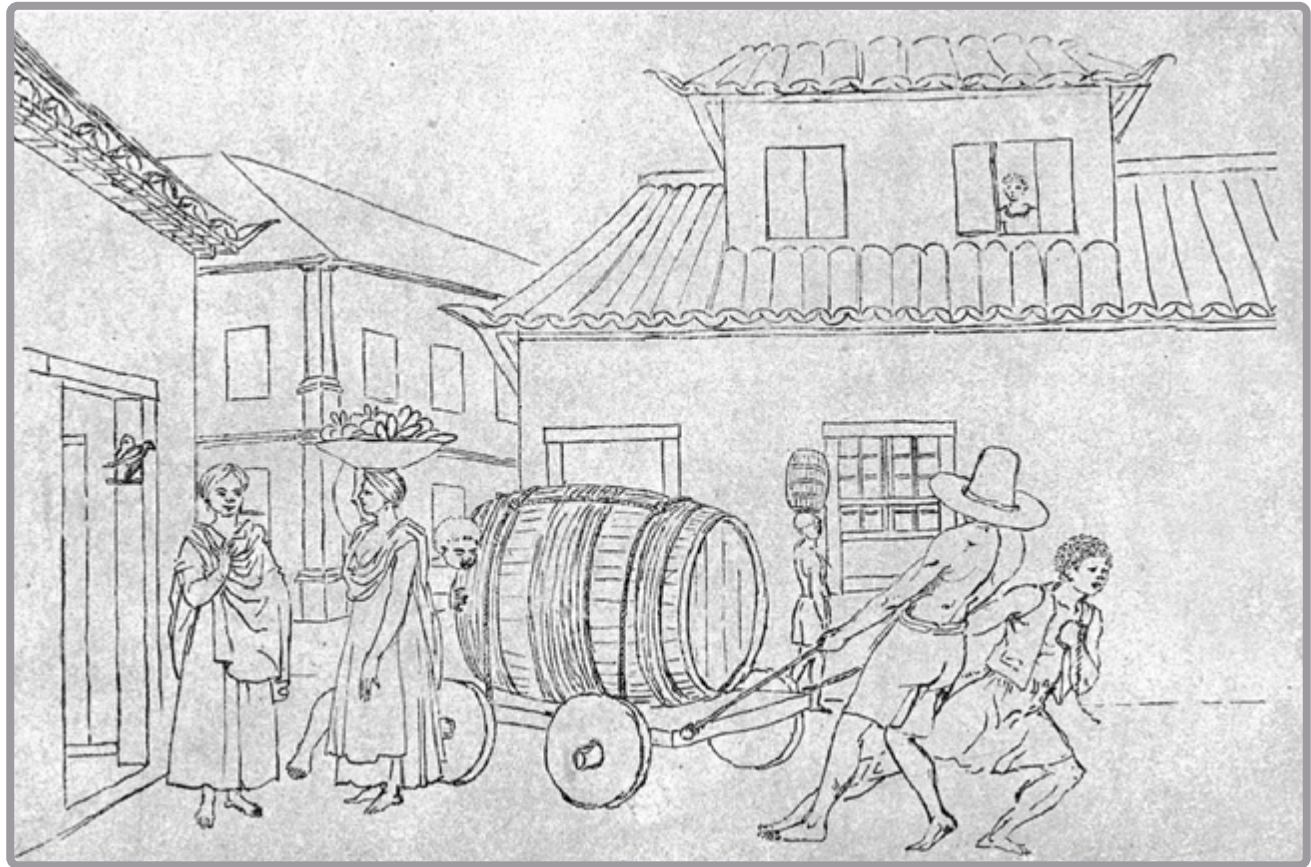


Fonte: Florence, H., 2007, p. 74.

FIGURA 72 – RIO PARAGUAI, VISTO DE ALBUQUERQUE

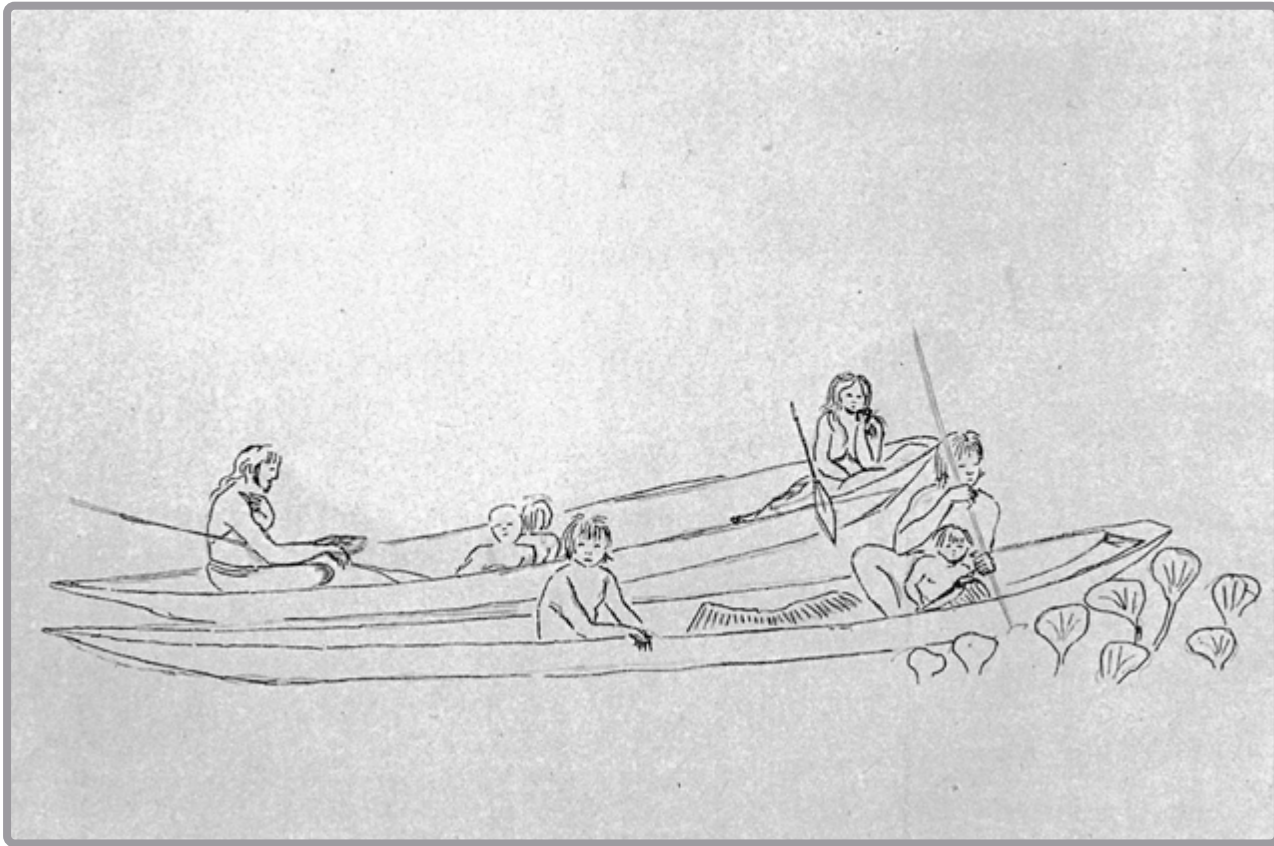


FIGURA 73 – CARREGADORES DE ÁGUA



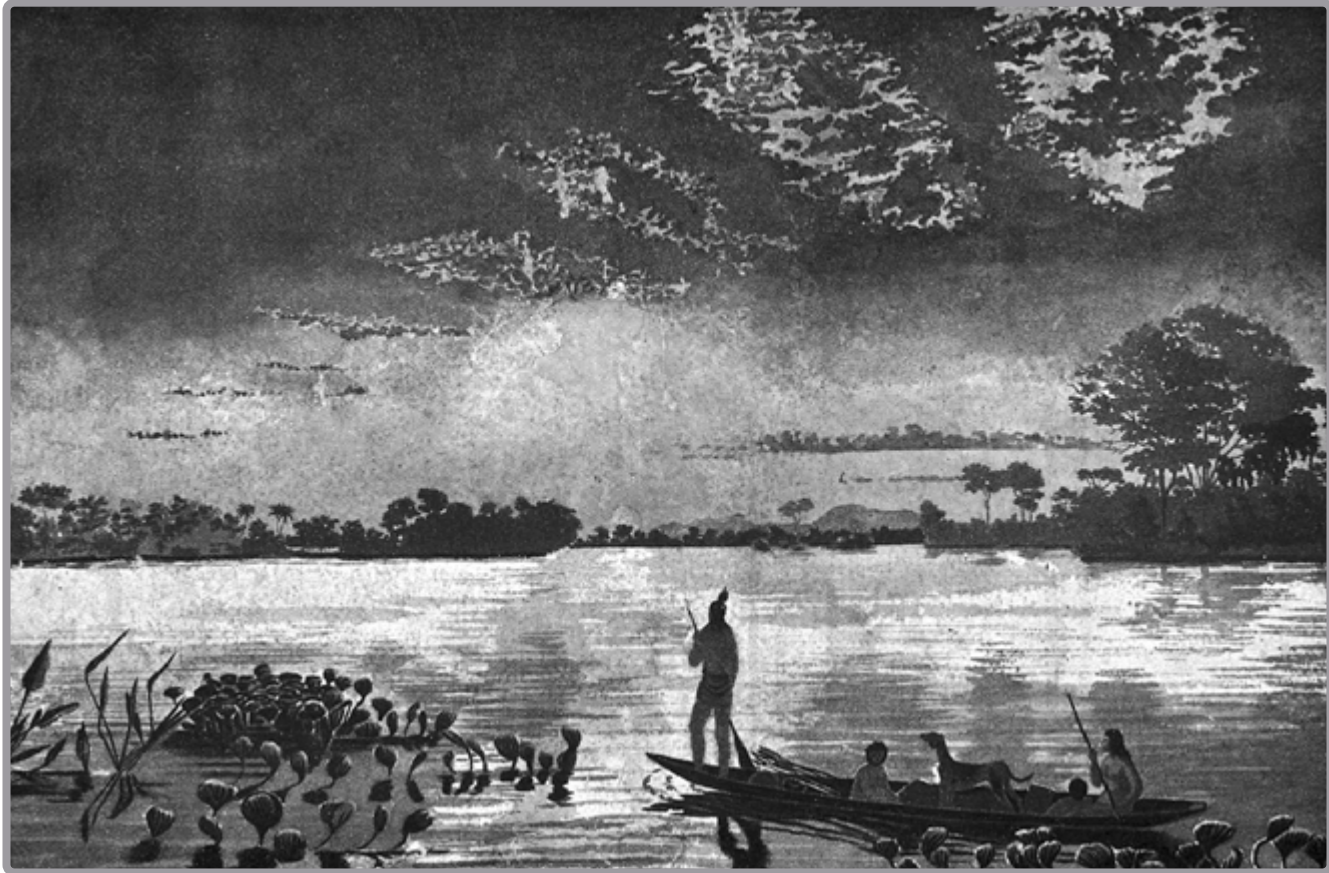
Fonte: Florence, H., 2007, p. 5.

FIGURA 74 – GUATÓS EM DUAS CANOAS



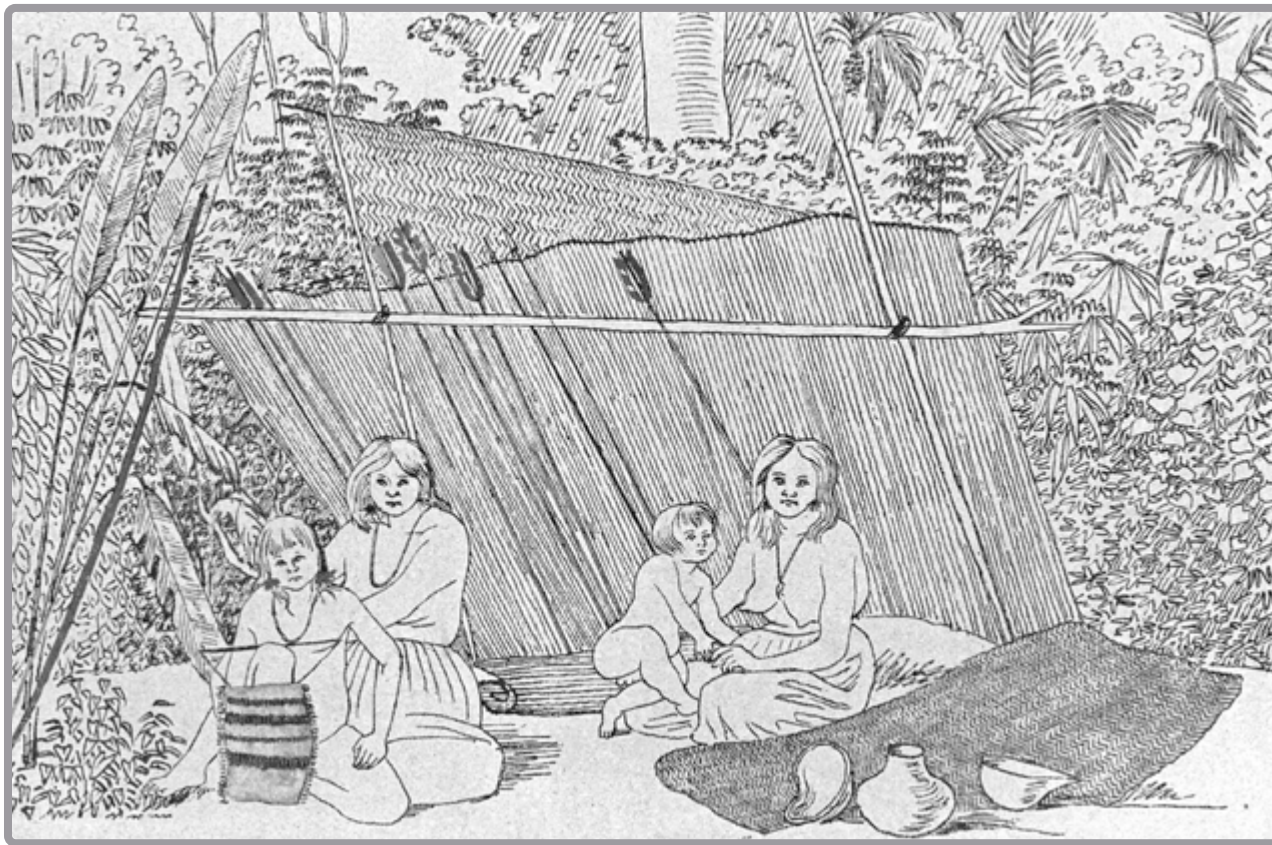
Fonte: Florence, H., 2007, p. 111.

FIGURA 75 – GUATÓS



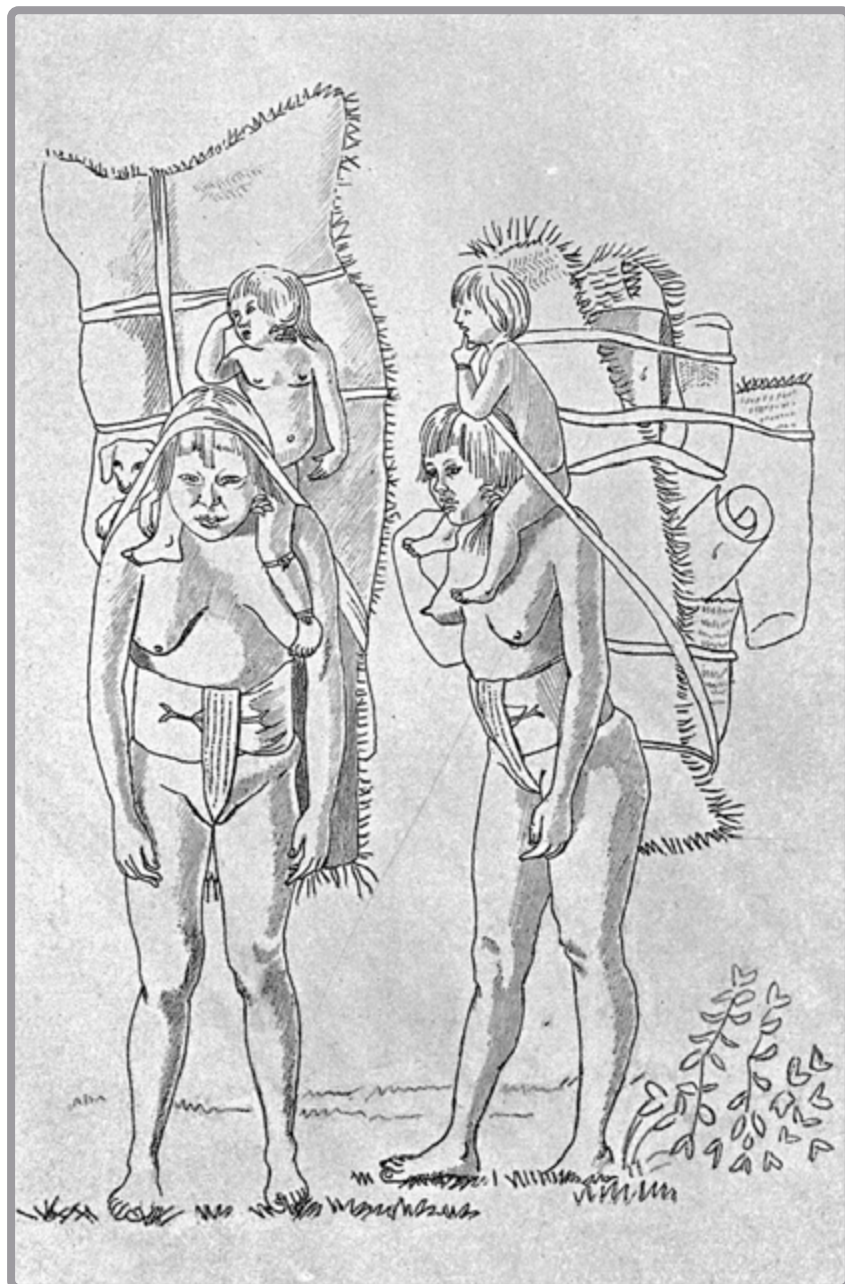
Fonte: Florence, H., 2007, p. 114.

FIGURA 76 – ÍNDIOS GUATÓS, NA CONFLUÊNCIA DO RIO SÃO LOURENÇO



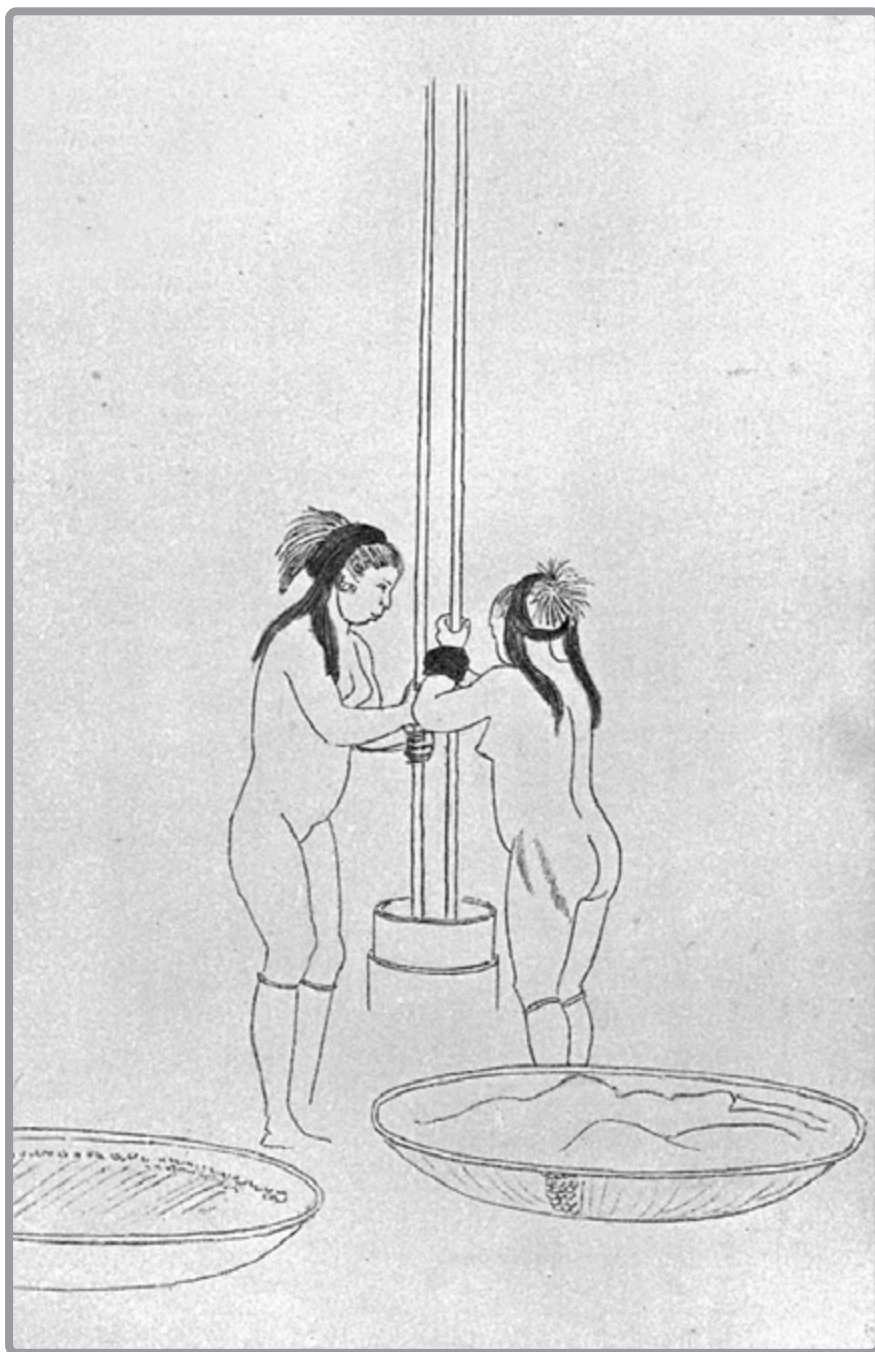
Fonte: Florence, H., 2007, p. 117.

FIGURA 77 – MULHERES BOROROS, COM GRANDE CARGA



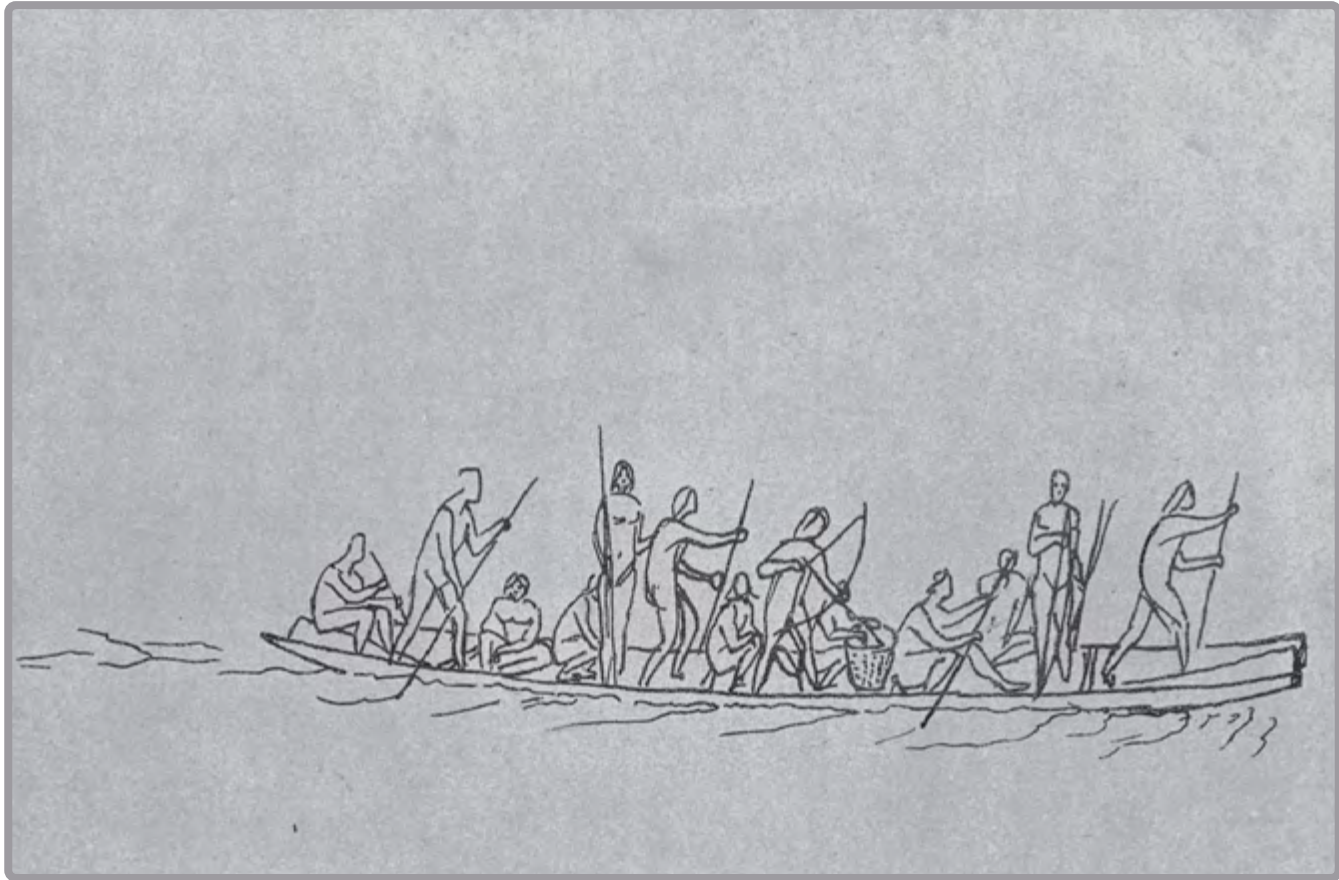
Fonte: Florence, H., 2007, p. 177.

FIGURA 78 – APIACÁS, MULHERES SOCANDO PILÃO



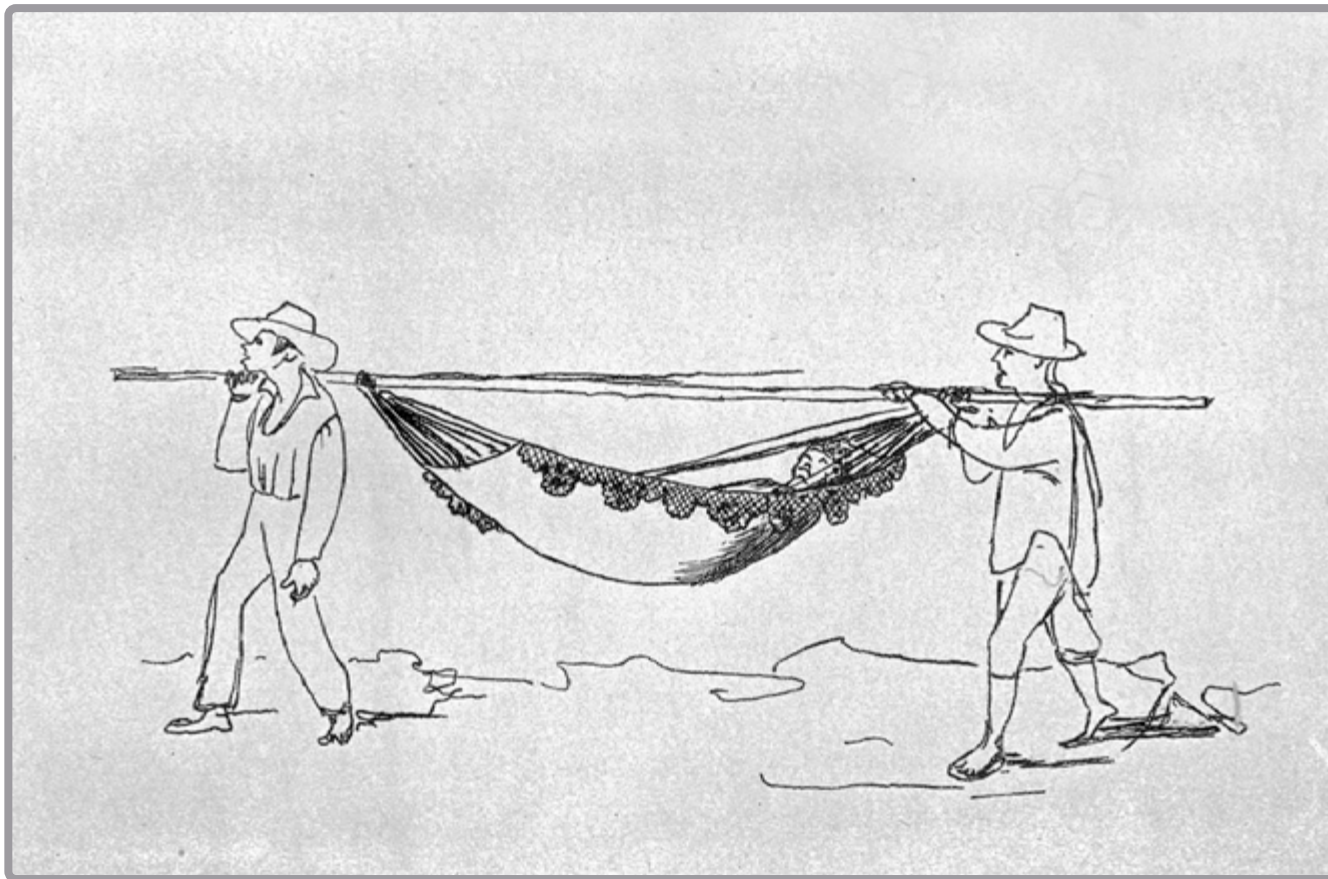
Fonte: Florence, H., 2007, p. 191.

FIGURA 79 – PIROGA TRIPULADA POR ÍNDIOS APIACÁS



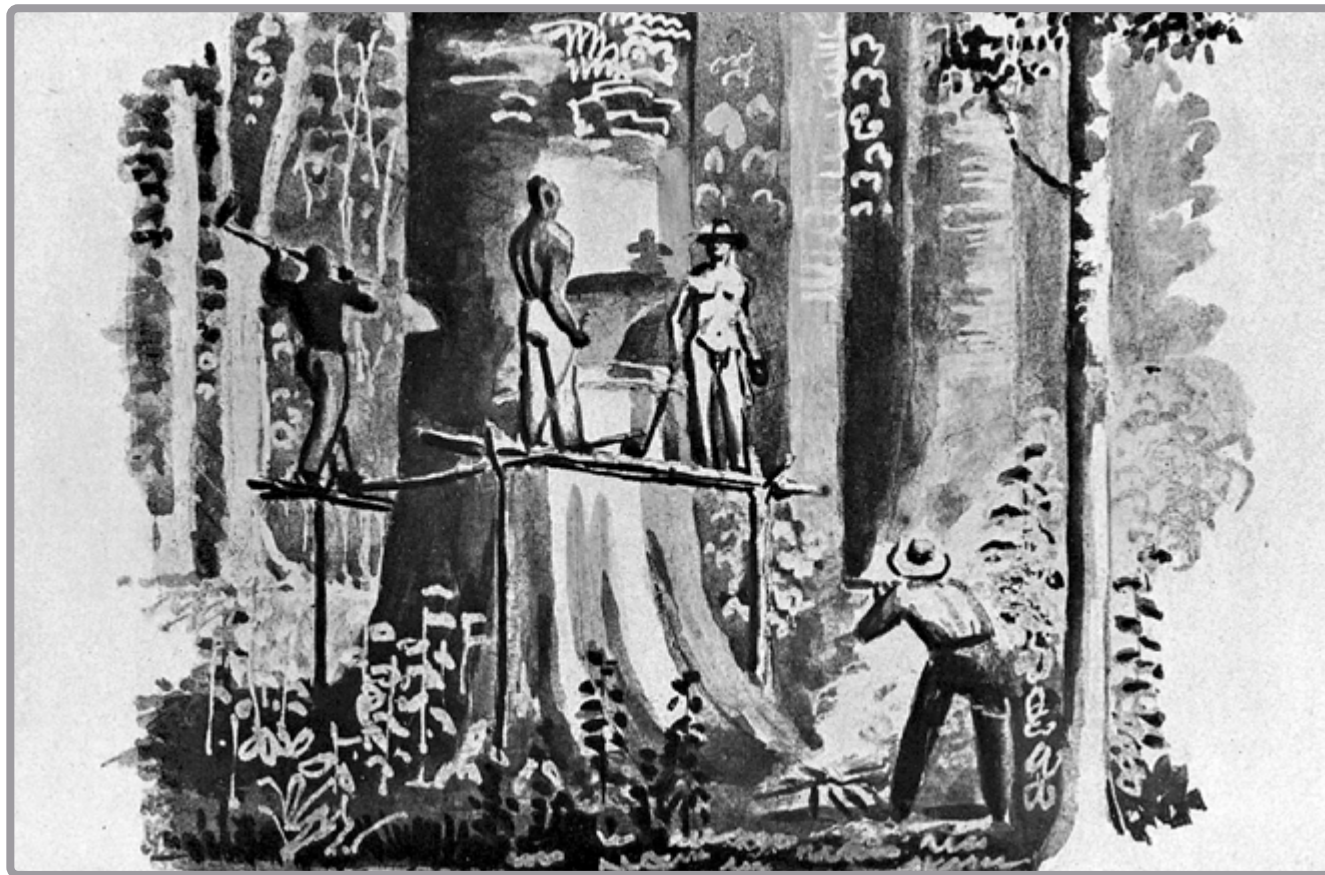
Fonte: Florence, H., 2007, p. 209.

FIGURA 80 – TRANSPORTE DE UM MALEITOSO EM REDE



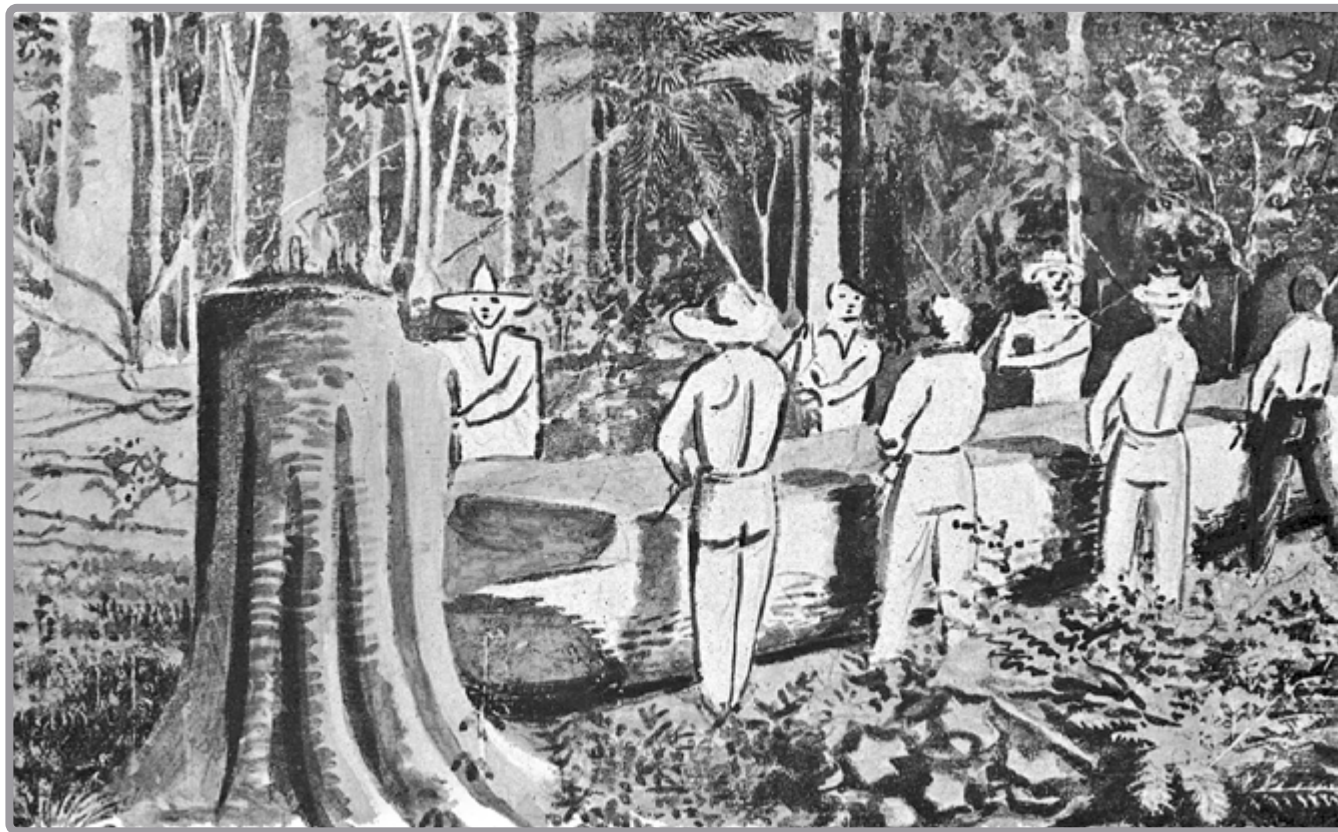
Fonte: Florence, H., 2007, p. 217.

FIGURA 81 – DERRUBADA DE UM TUCURI PARA A CONFEÇÃO DE UMA CANOA



Fonte: Florence, H., 2007, p. 235.

FIGURA 82 – CONFECÇÃO DE CANOA



Fonte: Florence, H., 2007, p. 236.

FIGURA 83 – EXPEDIÇÃO MERCANTIL DE PORTO FELIZ PARA CUIABÁ

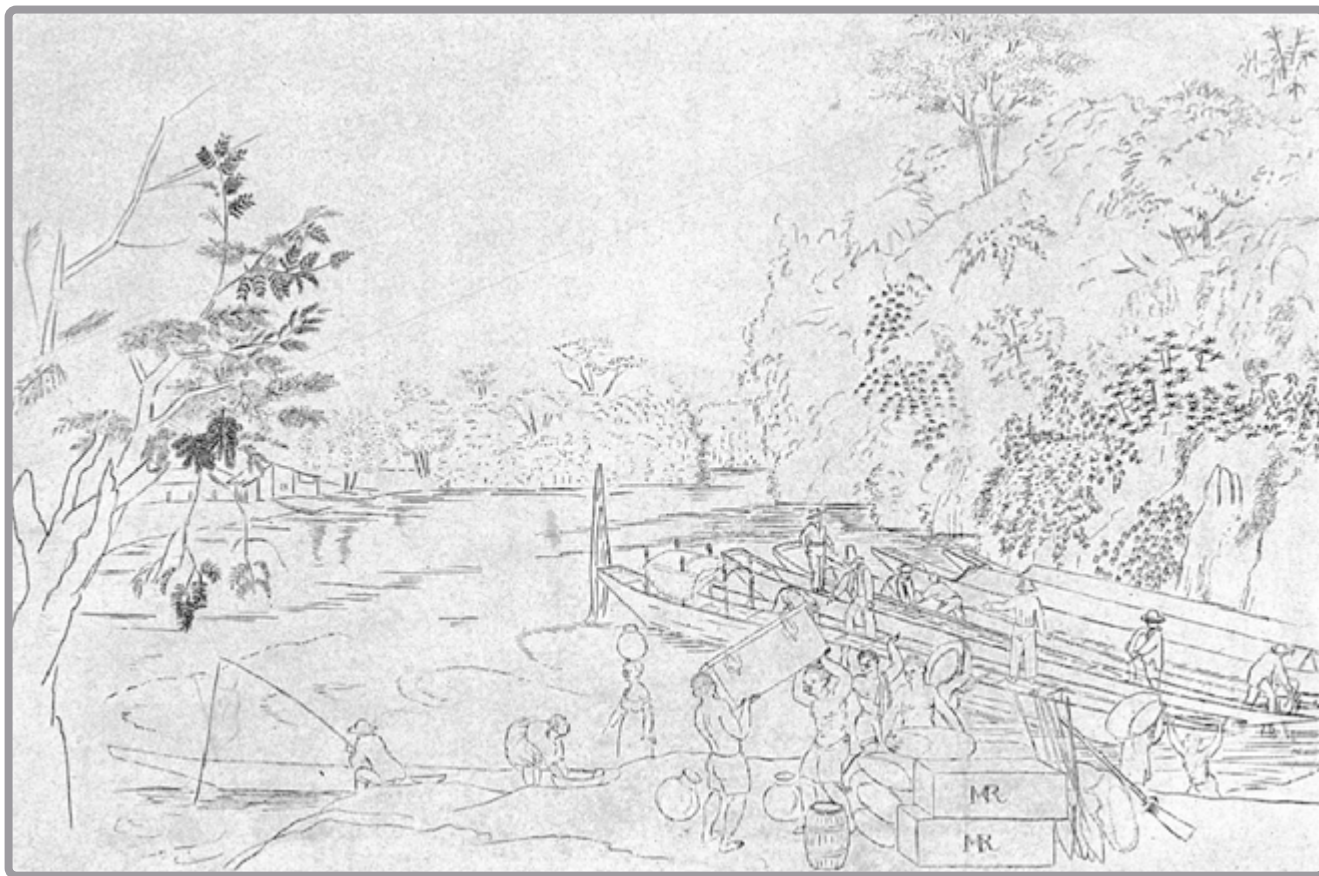


FIGURA 84 – GUANÁS QUE VÃO A CUIABÁ

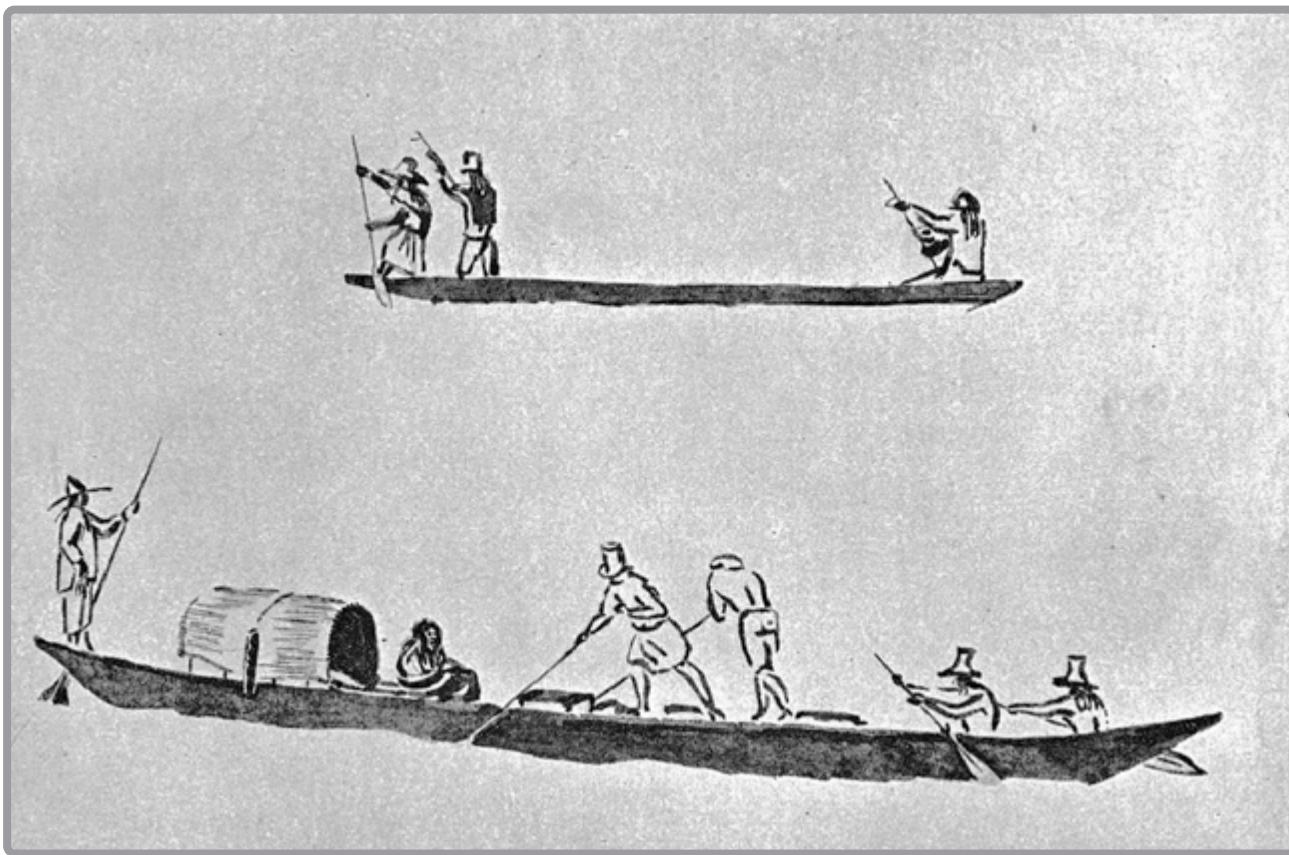
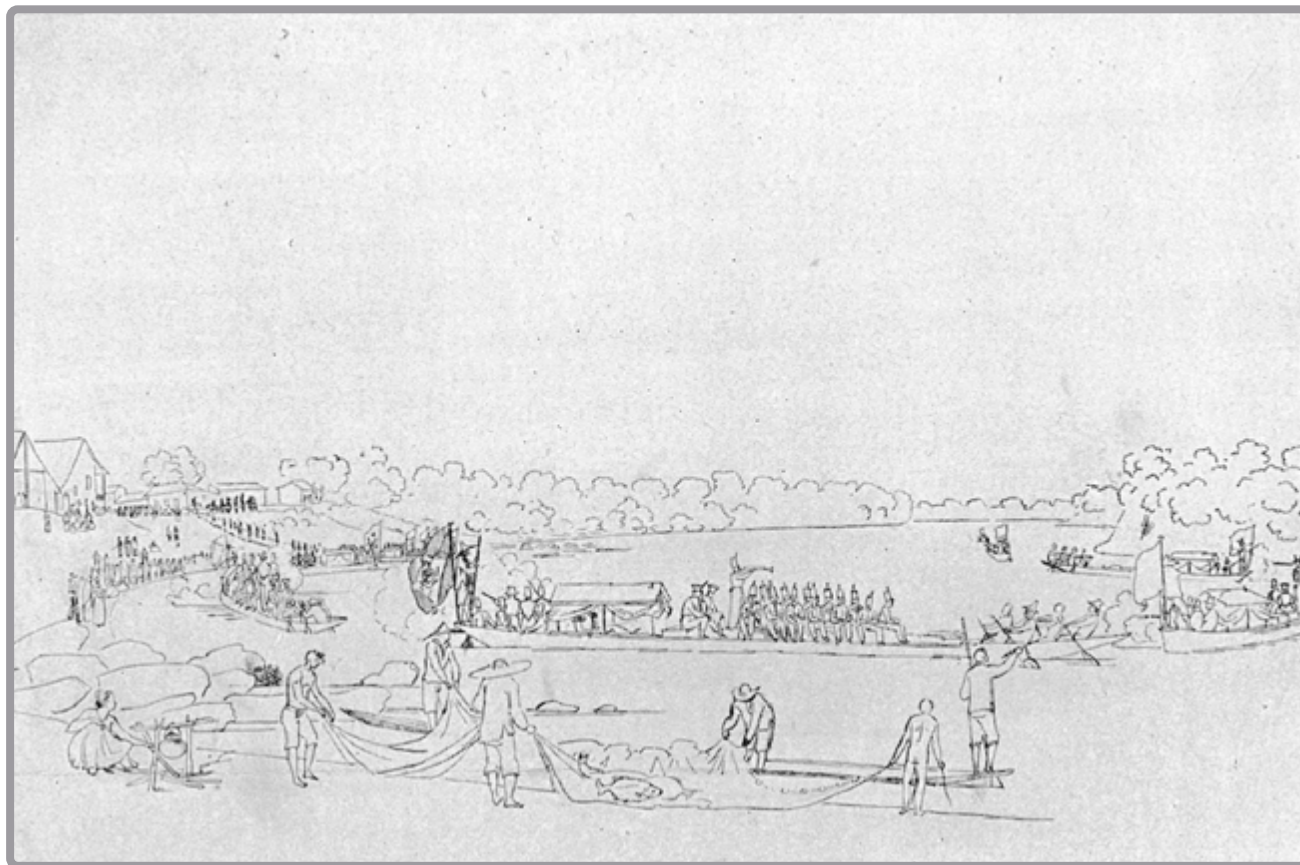
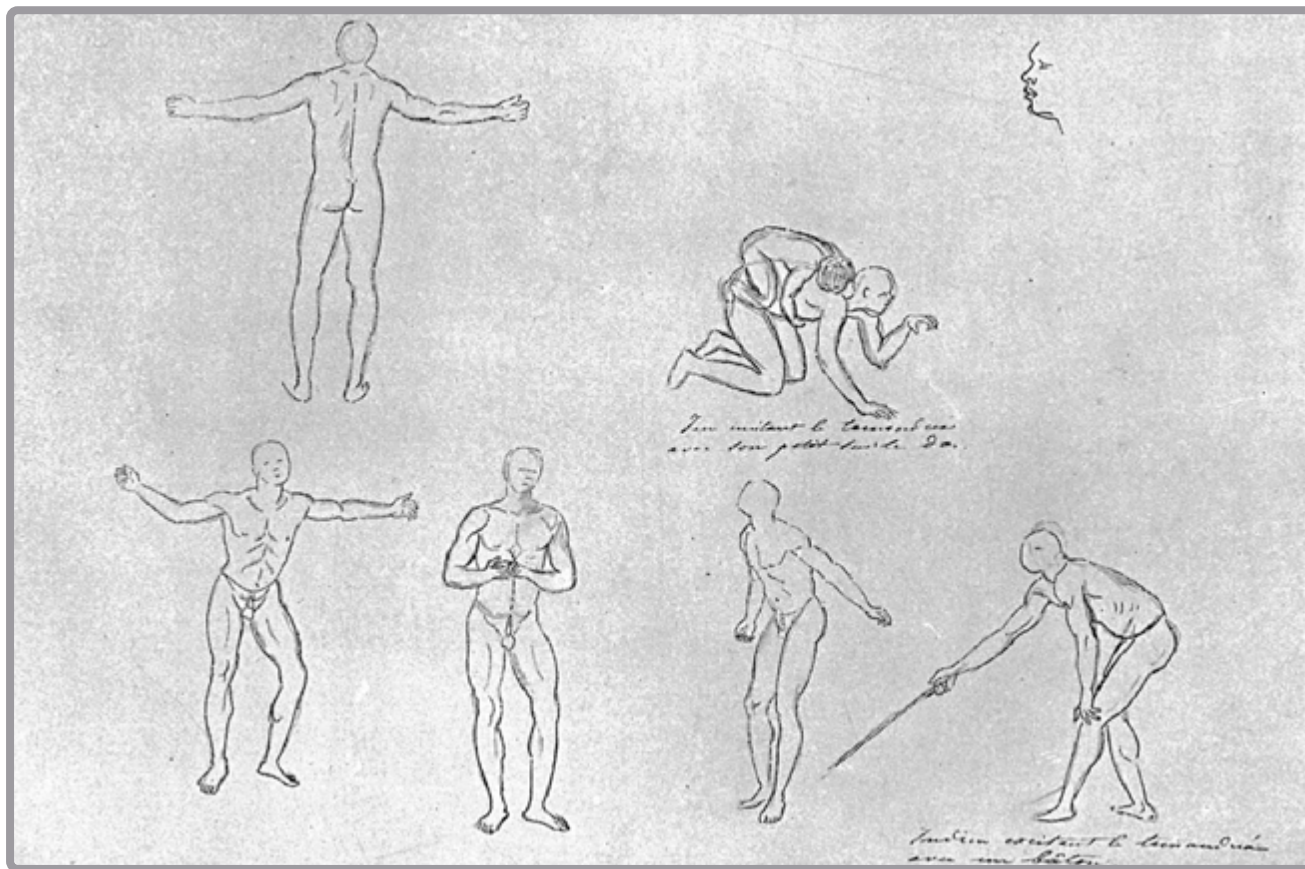


FIGURA 85 – EXPEDIÇÃO DO PORTO DE CUIABÁ



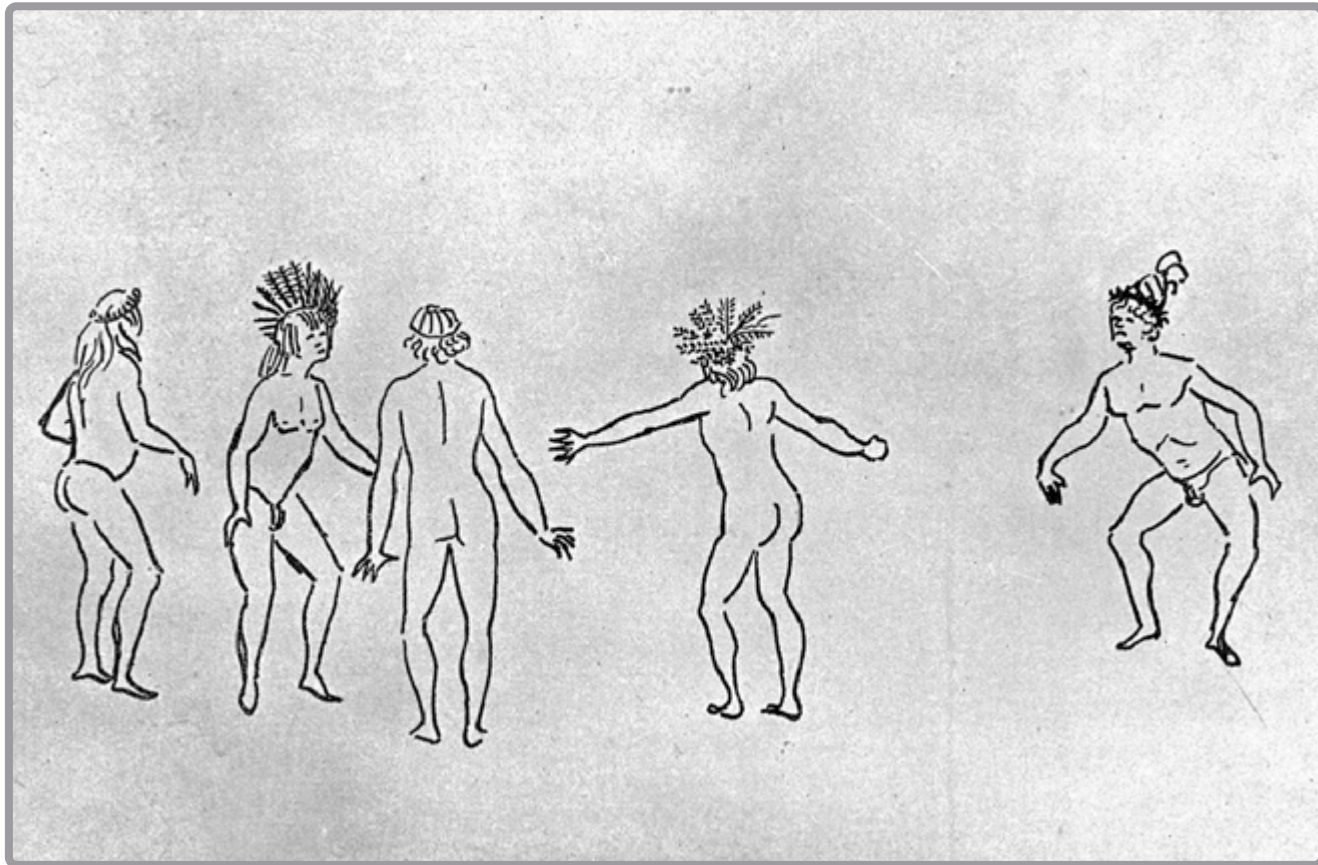
Fonte: Florence, H., 2007, p. 132.

FIGURA 86 – DANÇA DOS BOROROS NA FAZENDA JACOBINA [1]



Fonte: Florence, H., 2007, p. 171.

FIGURA 87 – DANÇA DOS BOROROS NA FAZENDA JACOBINA [2]



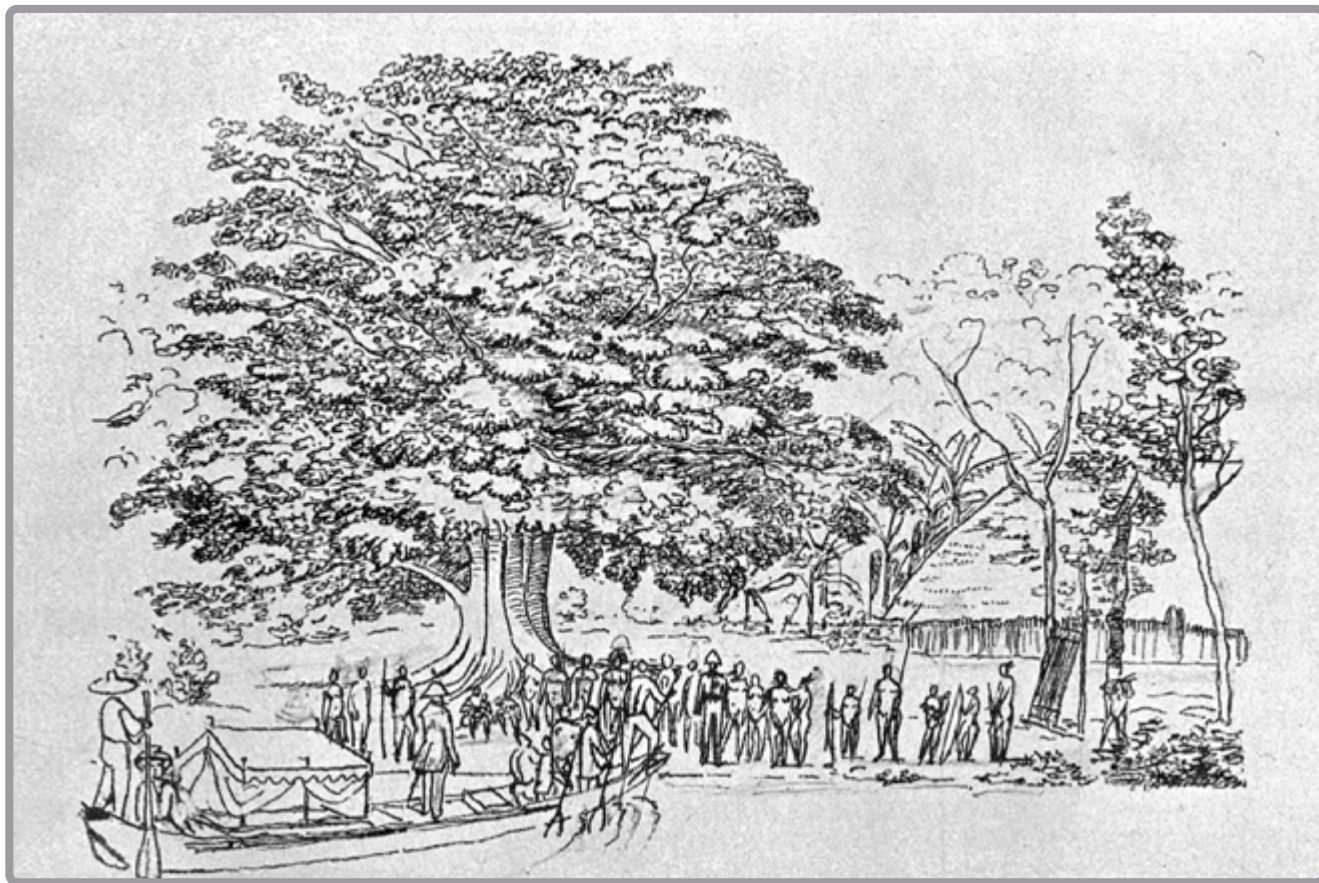
Fonte: Florence, H., 2007, p. 172.

FIGURA 88 – MULHERES APIACÁS



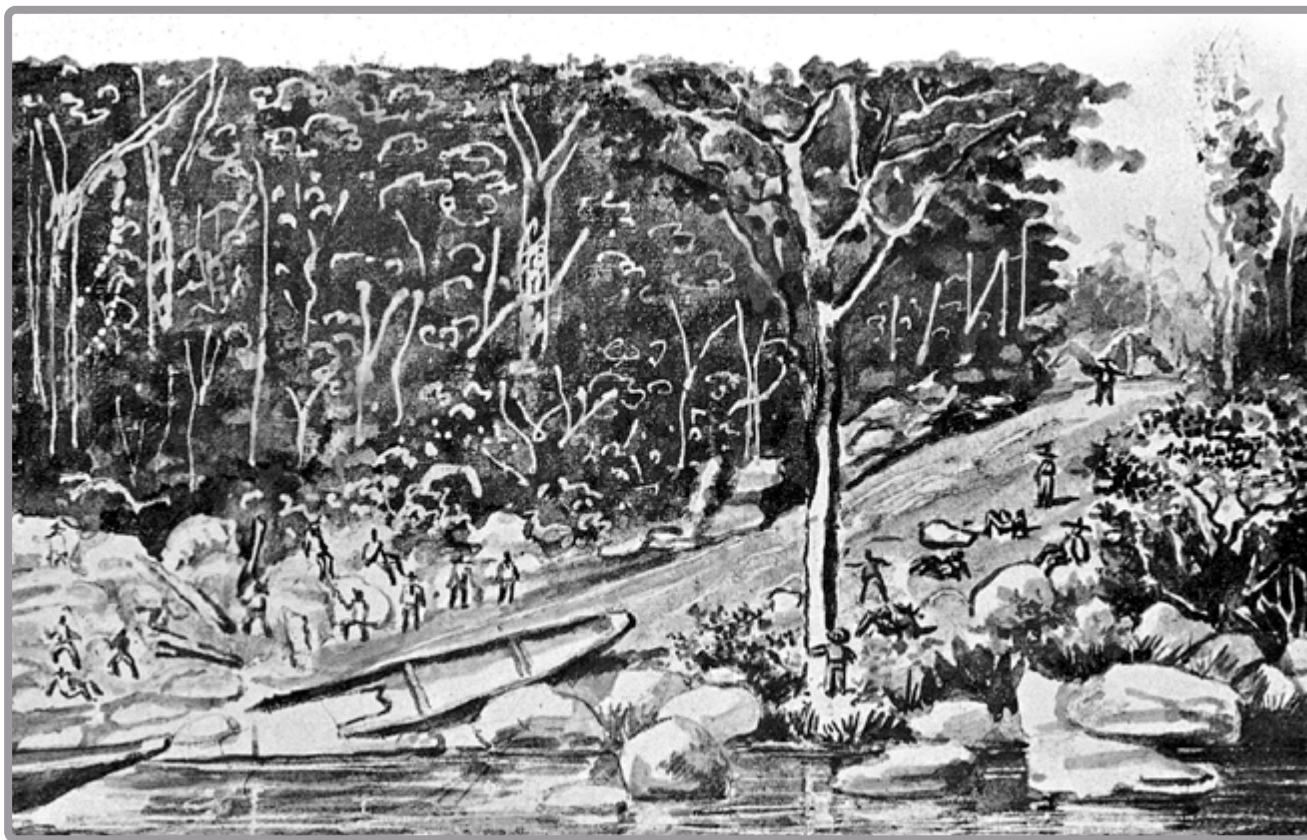
Fonte: Florence, H., 2007, p. 193.

FIGURA 89 – ENCONTRO DO SR. LANGSDORFF COM OS APIACÁS



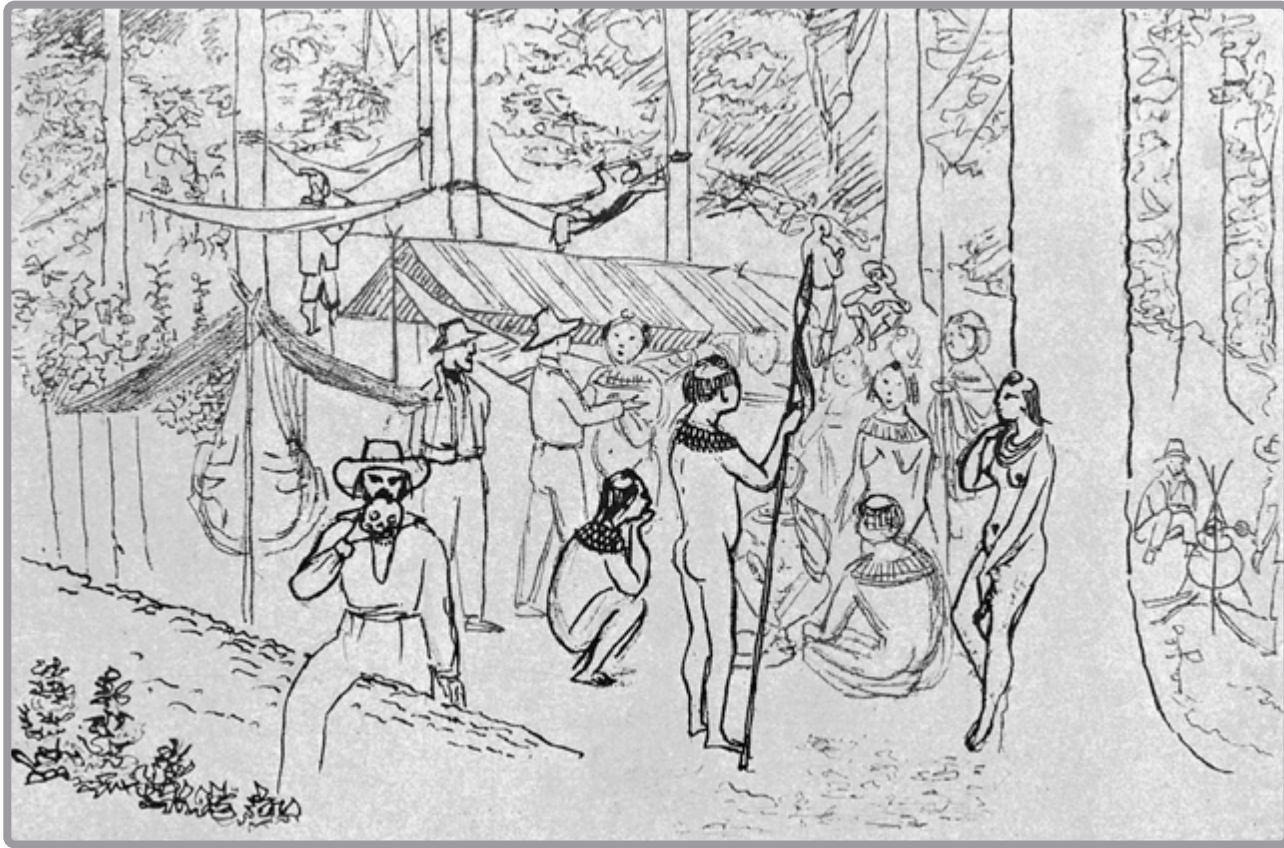
Fonte: Florence, H., 2007, p. 210.

FIGURA 90 – BATELÃO FEITO EM MIGALHAS



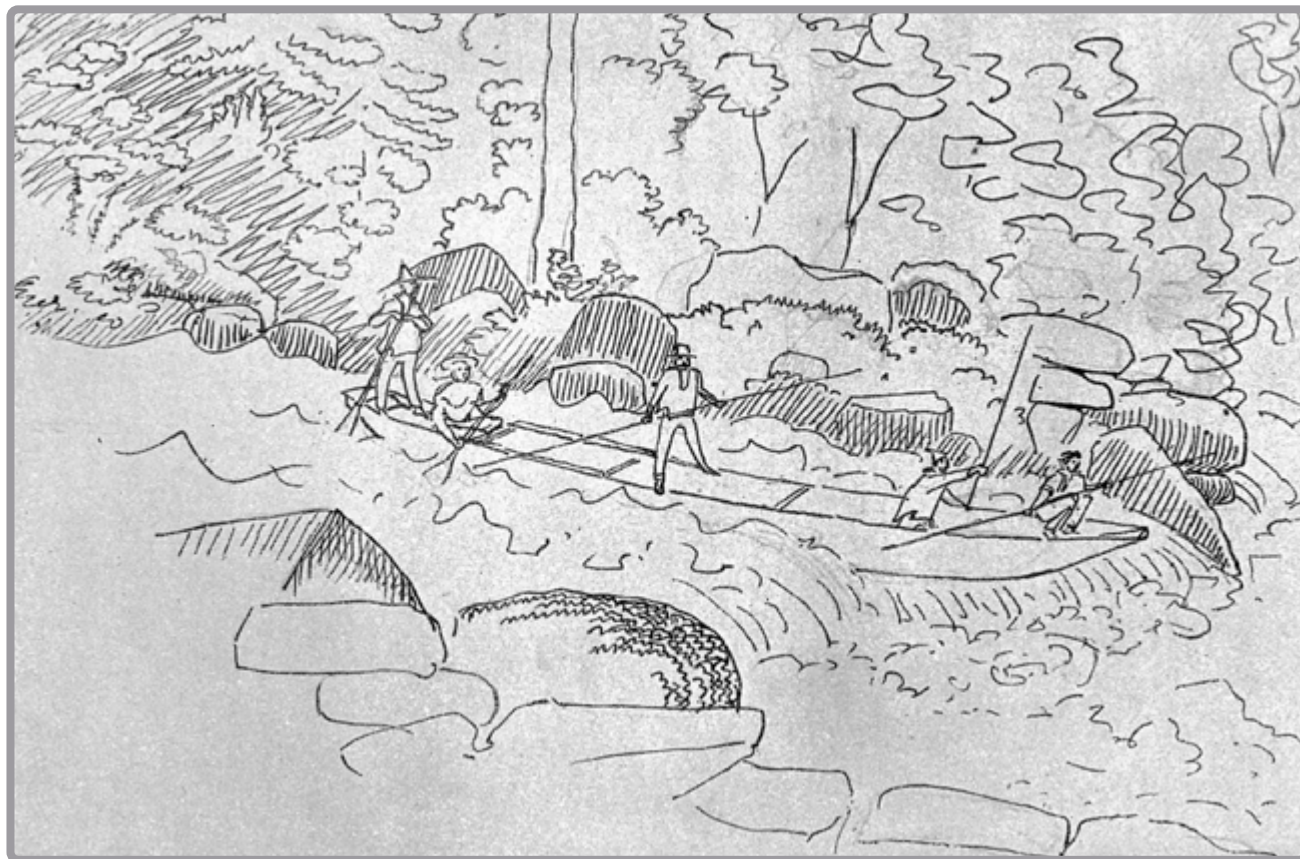
Fonte: Florence, H., 2007, p. 234.

FIGURA 91 – VISITA DOS MUNDURUCUS AO ACAMPAMENTO DO TUCURIZAL



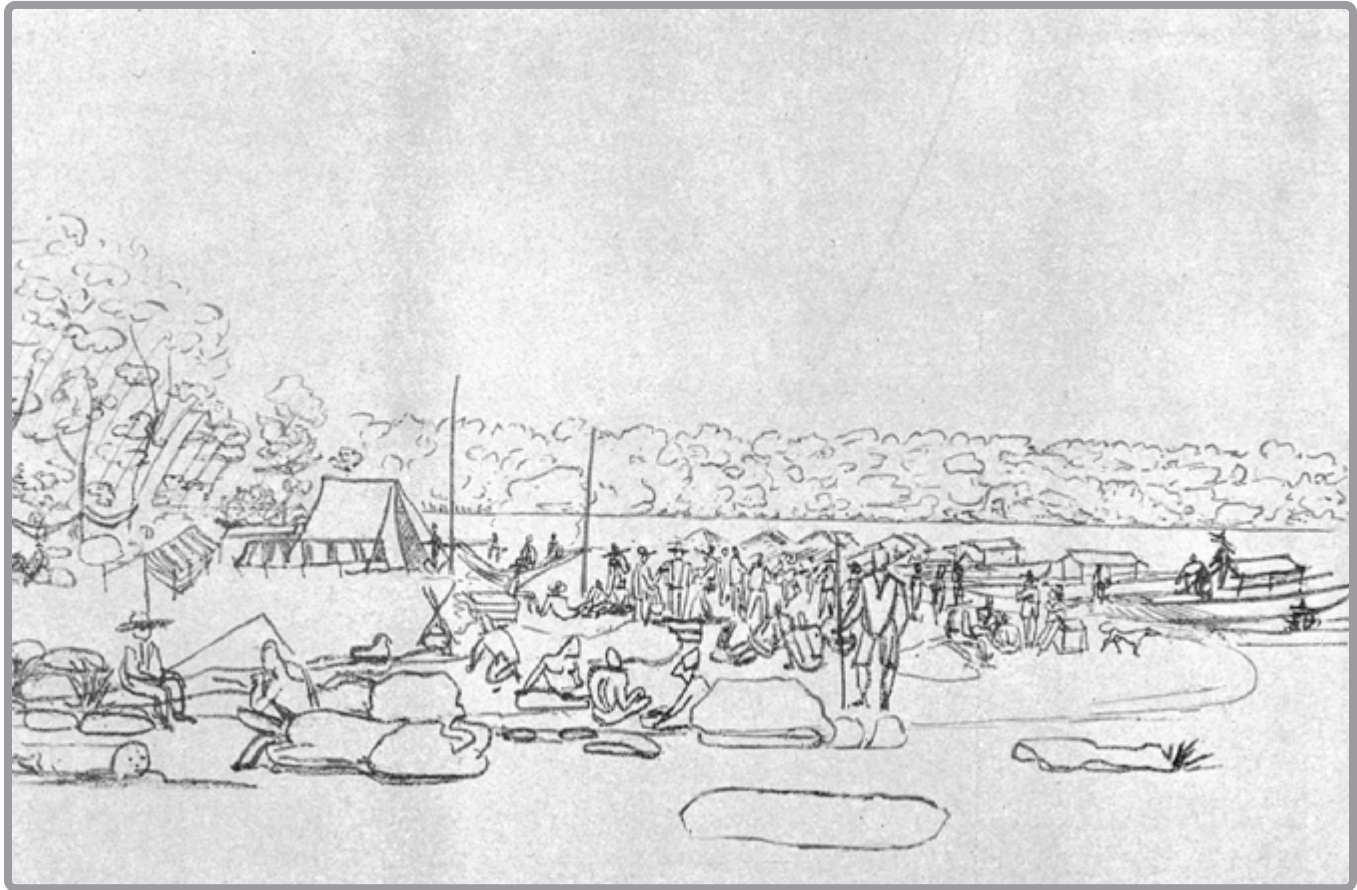
Fonte: Florence, H., 2007, p. 249.

FIGURA 92 – DESCIDA EM UMA CORREDEIRA



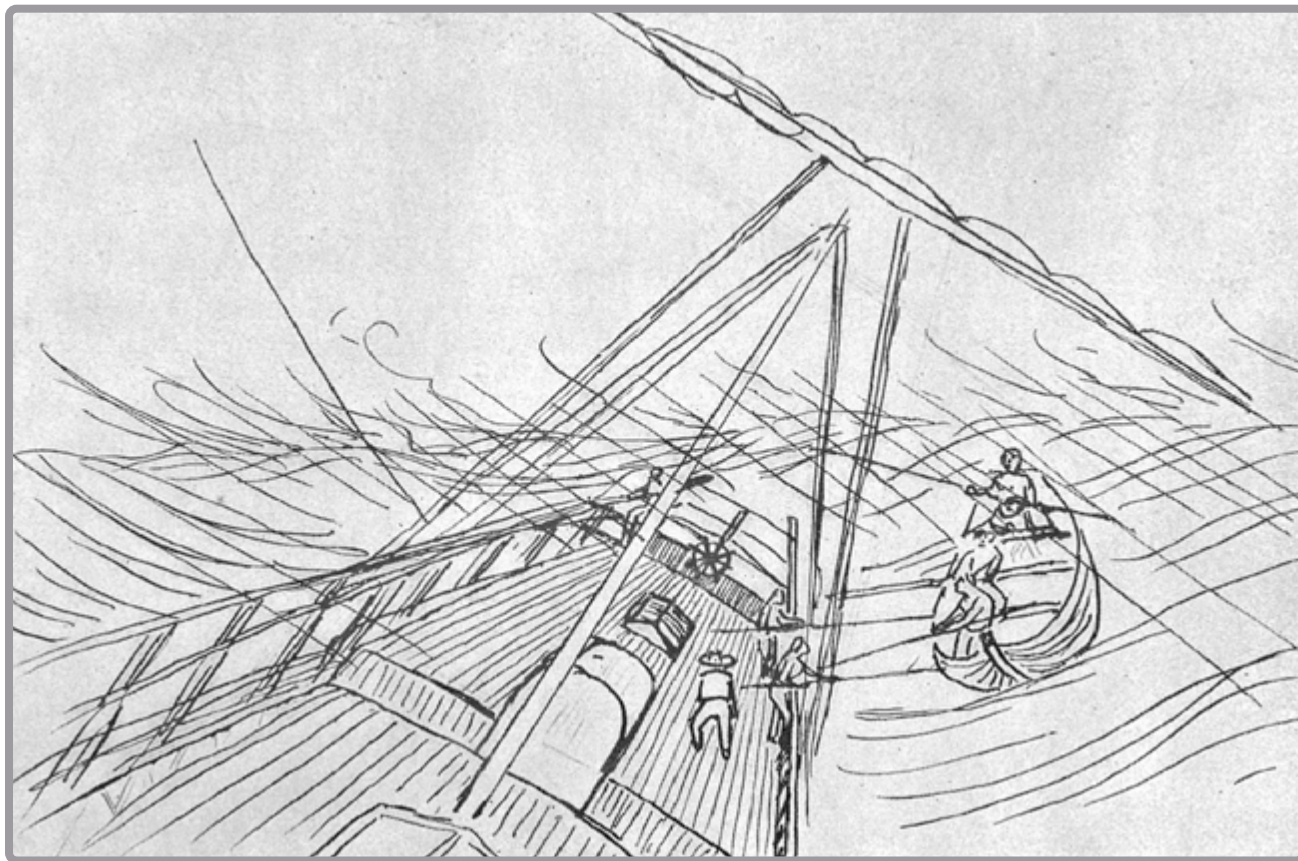
Fonte: Florence, H., 2007, p. 252.

FIGURA 93 – PARADA EM SÃO FLORÊNCIO



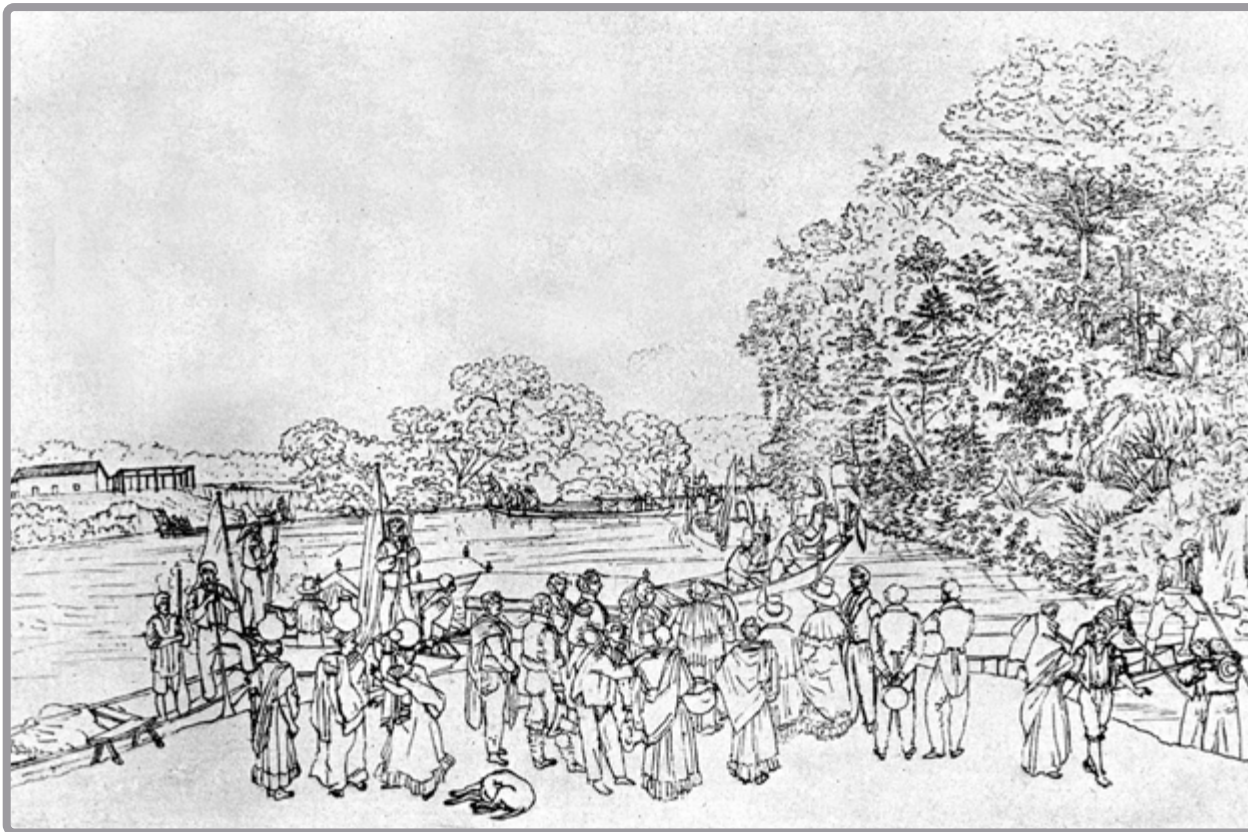
Fonte: Florence, H., 2007, p. 253.

FIGURA 94 – RAJADA NO RIO AMAZONAS



Fonte: Florence, H., 2007, p. 270.

**FIGURA 95 – PARTIDA DE UMA EXPEDIÇÃO MERCANTIL DE
PORTO FELIZ PARA CUIABÁ**



Fonte: Florence, H., 2007, p. 32.

FIGURA 96 – RIO PARDO. QUEIMADA NOS CAMPOS

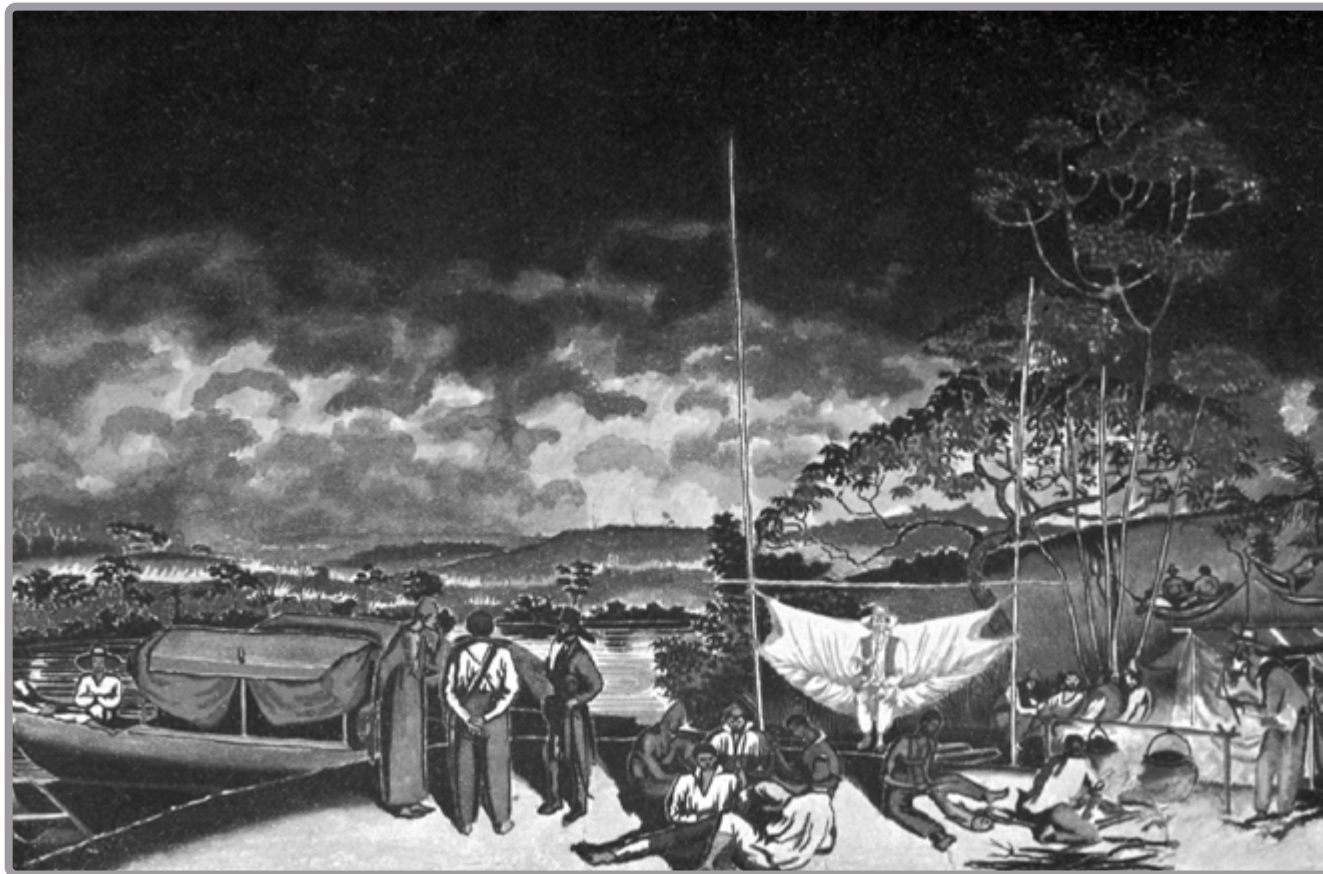
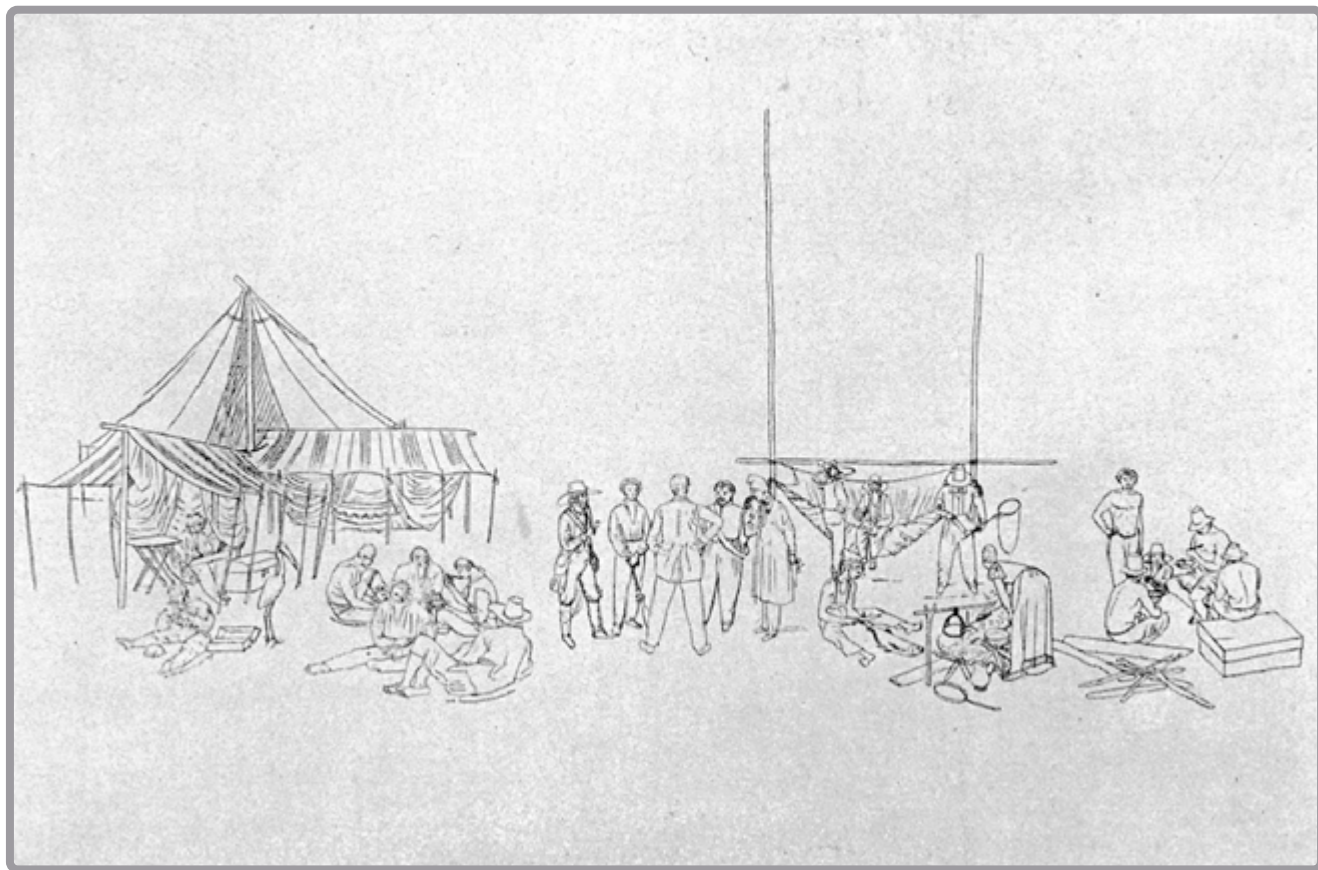
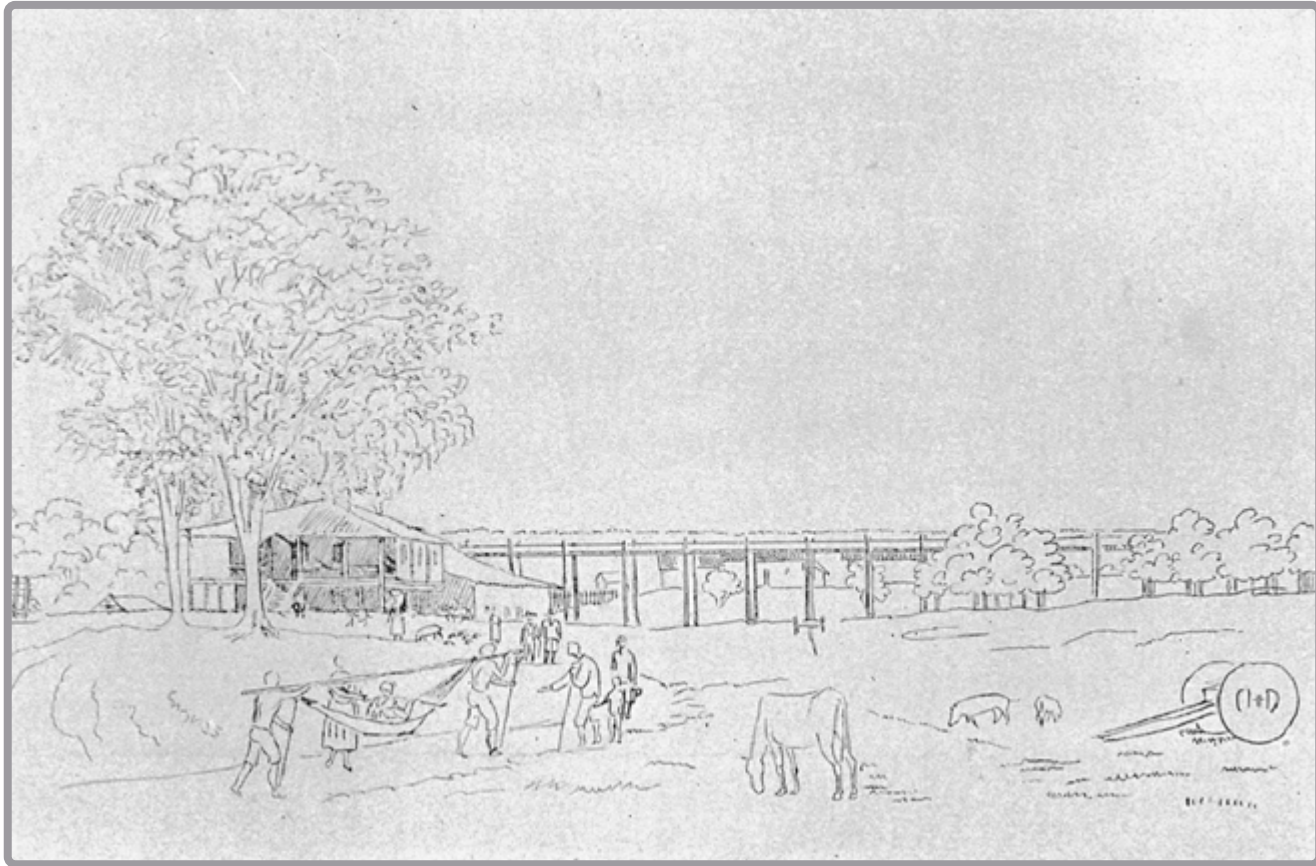


FIGURA 97 – ACAMPAMENTO NO RIO PARDO. GRUPOS DO DESENHO ANTERIOR



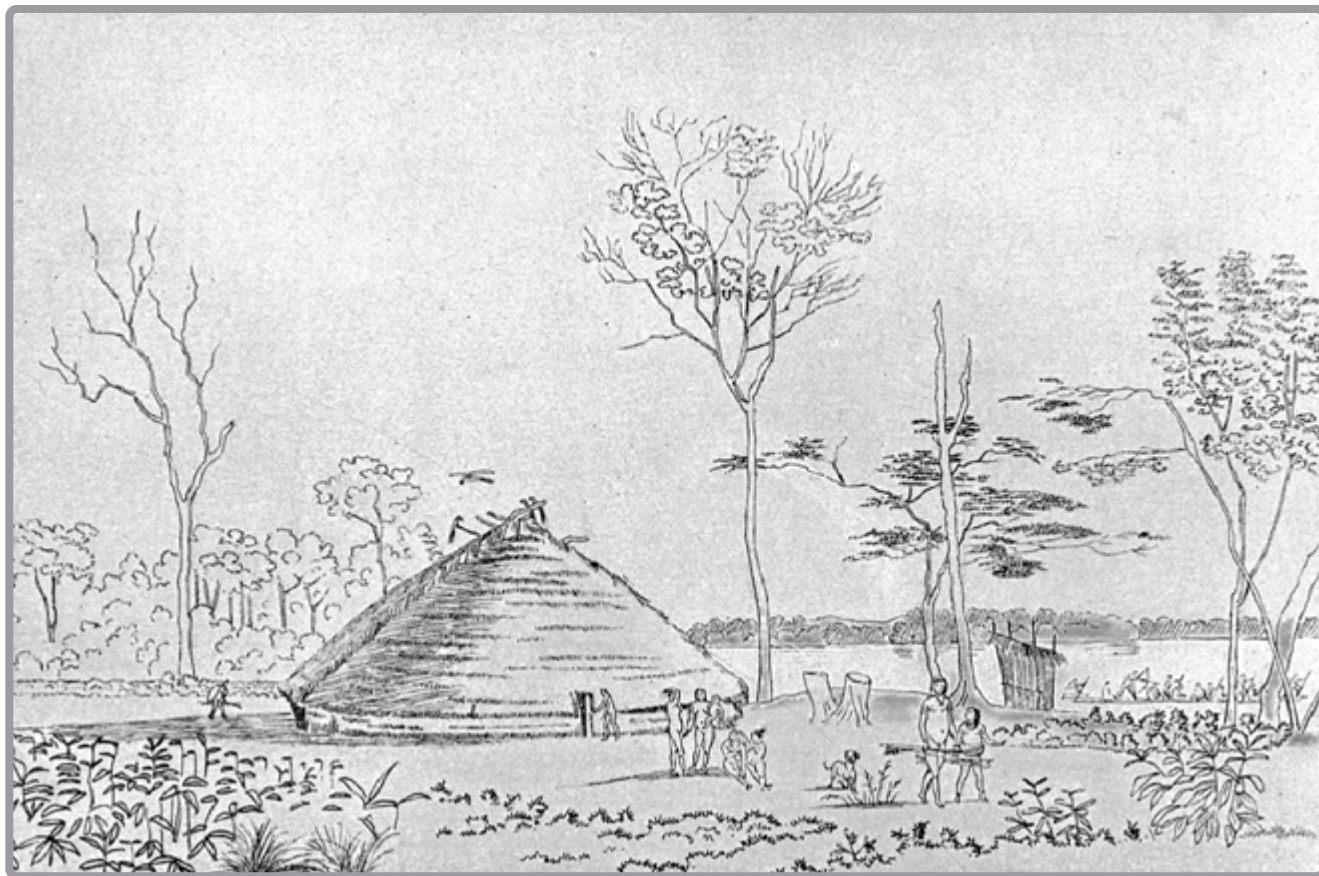
Fonte: Florence, H., 2007, p. 56.

FIGURA 98 – CASA DA FAZENDA BURITI



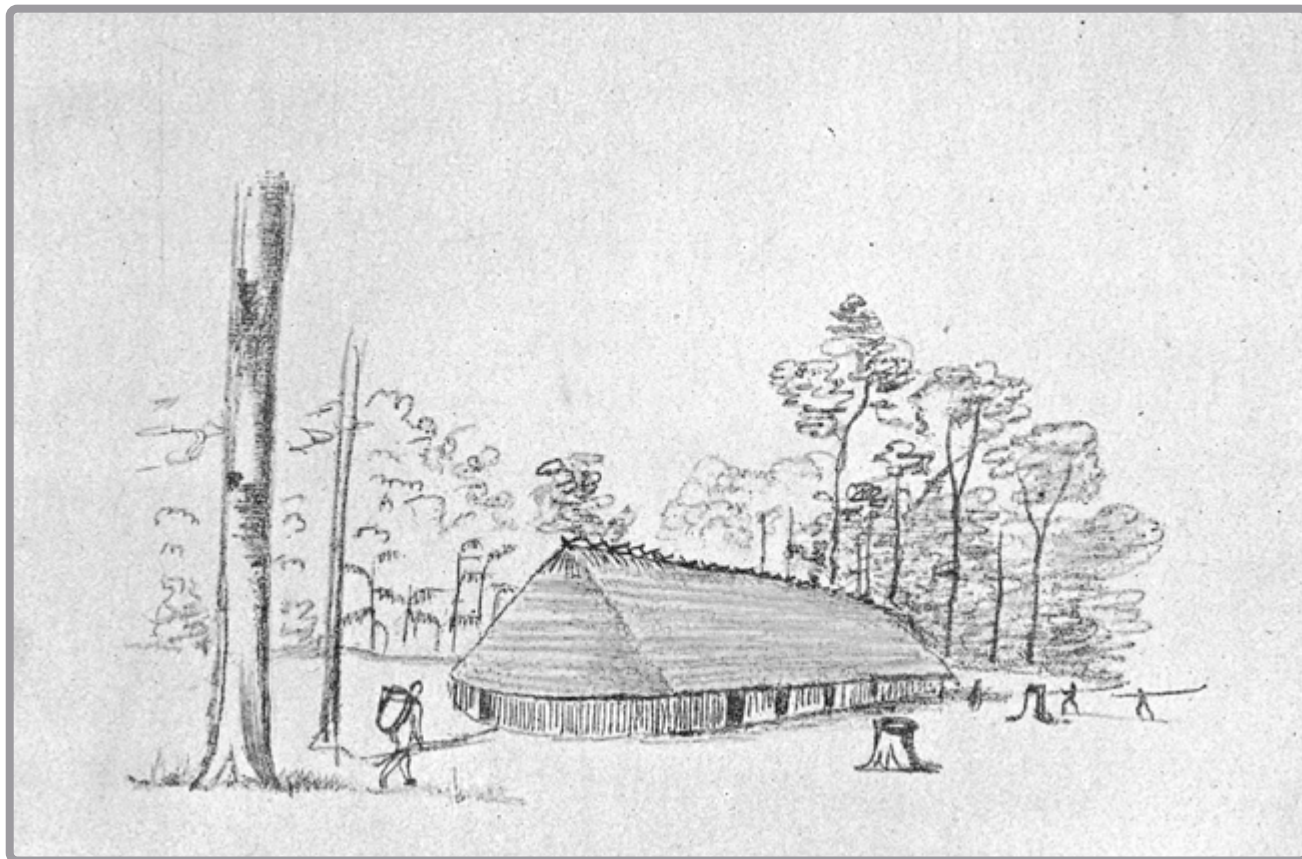
Fonte: Florence, H., 2007, p. 153.

FIGURA 99 – HABITAÇÃO DOS APIACÁS NO JURUENA



Fonte: Florence, H., 2007, p. 214.

FIGURA 100 – MALOCA DOS APIACÁS



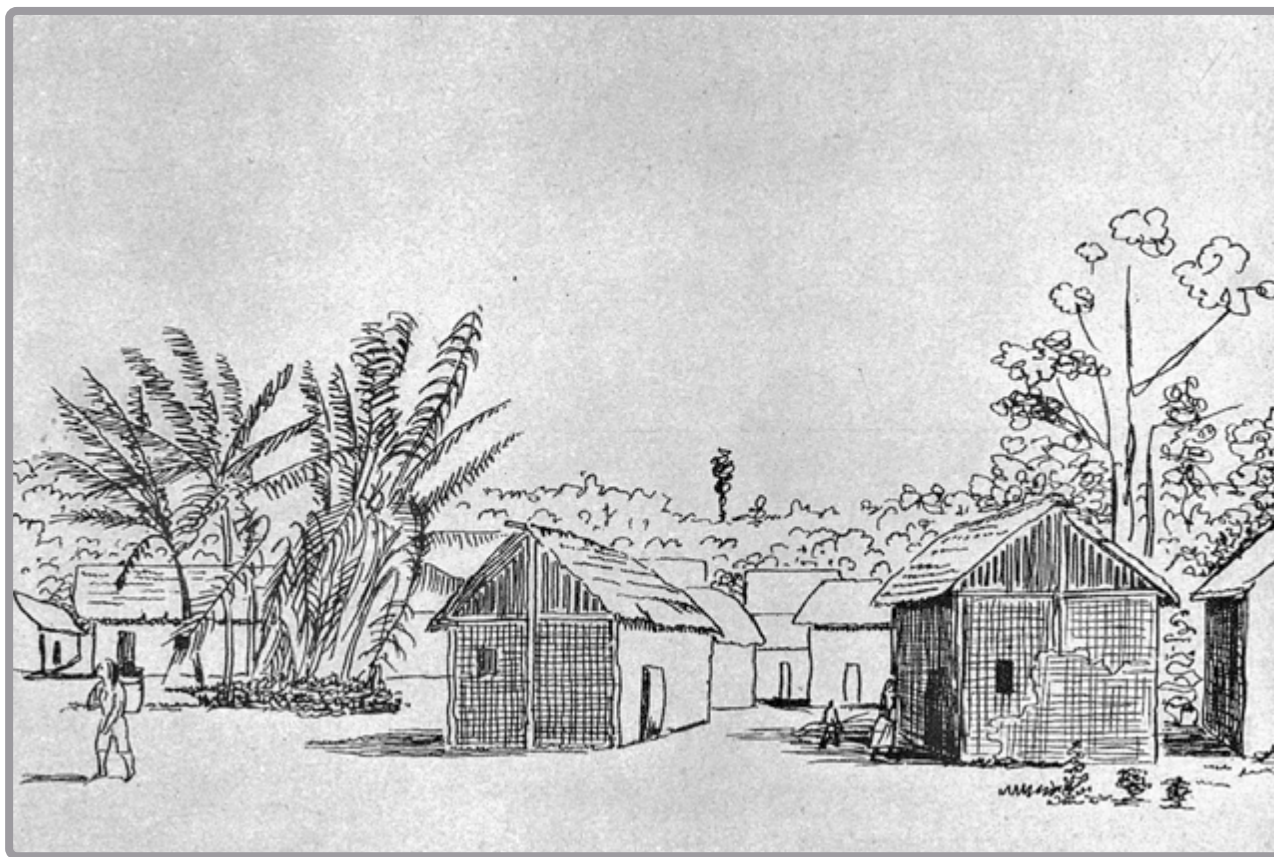
Fonte: Florence, H., 2007, p. 216.

FIGURA 101 – INTERIOR DE UMA CABANA MUNDURUCU



Fonte: Florence, H., 2007, p. 255.

FIGURA 102 – ALDEAMENTO DE ÍNDIOS EM SANTARÉM



Fonte: Florence, H., 2007, p. 256.

FIGURA 103 – PIRÂMIDE SUB FERDINANDO VI



Fonte: Florence, H., 2007, p. 189.

FIGURA 104 – APIACÁS. ORNAMENTO PARA USAR NA MÃO



Fonte: Florence, H., 2007, p. 211.

FIGURA 105 – APIACÁ COM AZAGAIA



Fonte: Florence, H., 2007, p. 212.

FIGURA 106 – CANOA NA CORREDEIRA

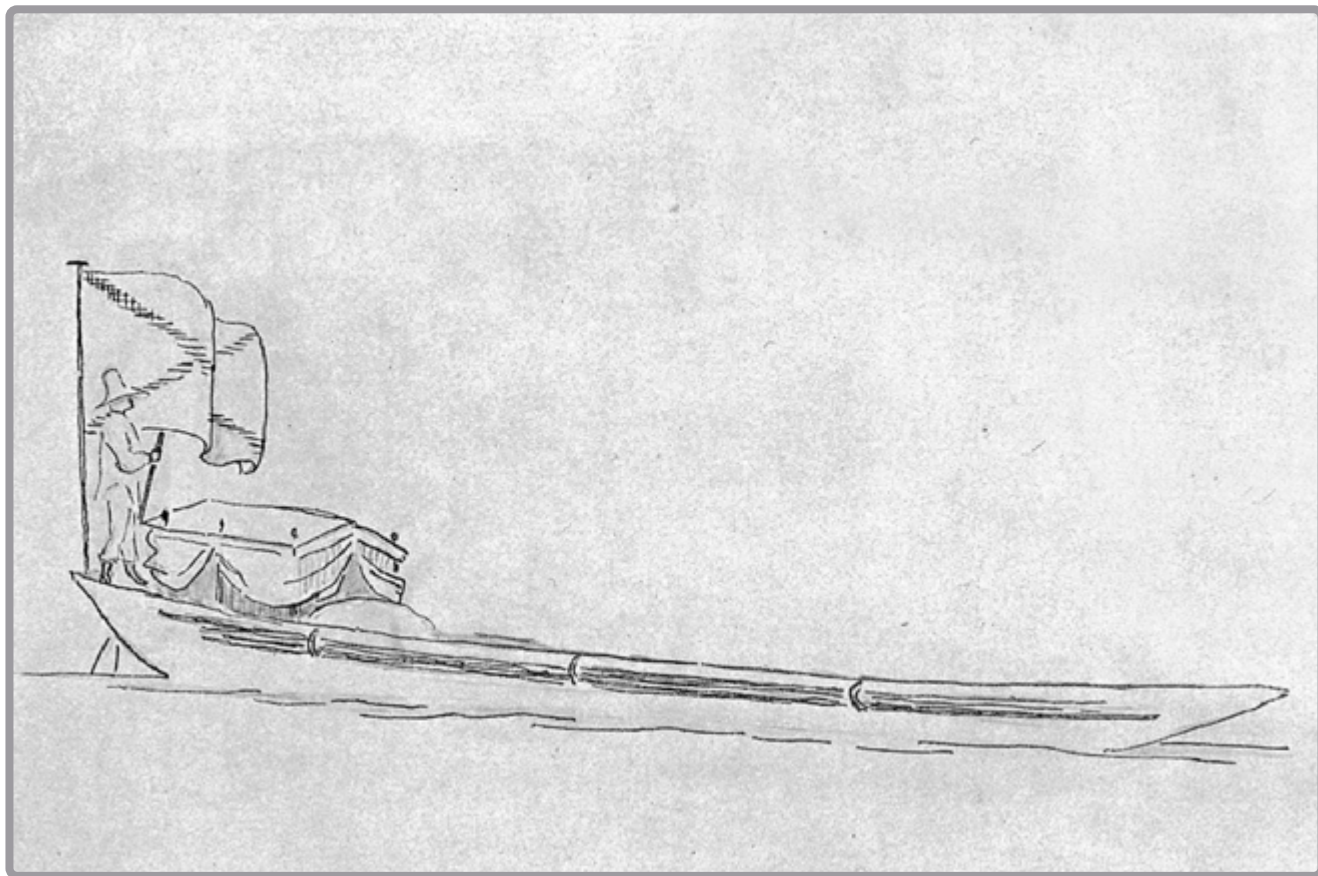


FIGURA 107 – CANOA CHIMBÓ

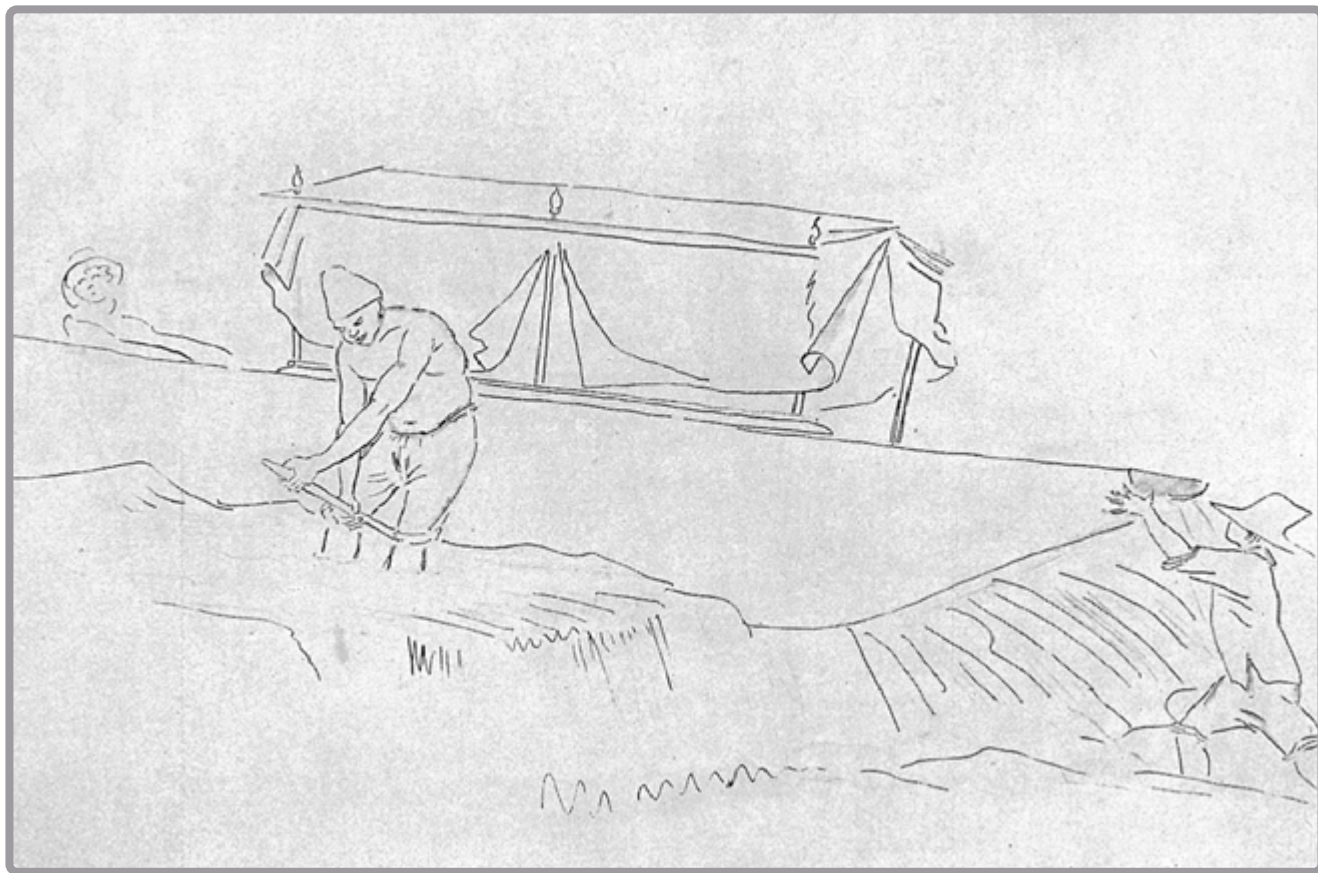


FIGURA 108 – CHIMBÓ E PEROVA ENCALHADOS



REFERÊNCIAS

ALONSO, Ania Rodríguez. Desvelando a expedição Langsdorff. *In*: CENTRO CULTURAL BANCO DO BRASIL. **Expedição Langsdorff**. São Paulo: Centro Cultural Banco do Brasil, 2010. Catálogo de exposição. 23 fev. 2010-25 abr. 2010. São Paulo. 10 mai. 2010-18 jul. 2010. Brasília. 2 ago. 2010-26 set. 2010. Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://www.bb.com.br/docs/pub/inst/dwn/Langsdorff.pdf>>. Acesso em: 19 set. 2017.

FLORENCE, Ataliba. Introdução. *In*: FLORENCE, Hercules. **Viagem fluvial do Tietê ao Amazonas de 1825 a 1829**. Tradução de Alfredo D'Escragnolle Taunay. Brasília: Senado Federal, 2007.

FLORENCE, Hercules. Esboço da viagem feita pelo Sr. de Langsdorff no interior do Brasil, desde setembro de 1825 até março de 1829. *In*: FLORENCE, Hercules. **Viagem fluvial do Tietê ao Amazonas de 1825 a 1829**. Tradução de Alfredo D'Escragnolle Taunay. Brasília: Senado Federal, 2007.

FONSECA, Dayz Peixoto. **O viajante Hércules Florence: águas, guanás e guaranás**. Campinas, SP: Pontes, 2008.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a História**. 6 ed. São Paulo, SP: Paz e Terra, 2000.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a História**. 8 ed. São Paulo, SP: Paz e Terra, 2008.

KOMISSAROV, Boris N. As relações diplomáticas e comerciais entre Rússia e Brasil na época de Langsdorff. *In*: SILVA, Danuzio Gil Bernardino (org.). **Os diários de Langsdorff**. Vol. 1. Tradução: Márcia Lyra

Nascimento Egg e outros. Campinas, SP: Associação Internacional de Estudos Langsdorff; Rio de Janeiro: Fiocruz, 1997.

KOMISSAROV, Boris N. Langsdorff: com o Brasil, para sempre. In: CENTRO CULTURAL BANCO DO BRASIL. **Expedição Langsdorff**. São Paulo, SP: Centro Cultural Banco do Brasil, 2010. Catálogo de exposição. 23 fev. 2010-25 abr. 2010. São Paulo. 10 maio 2010-18 jul. 2010. Brasília. 2 ago. 2010-26 set. 2010. Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://www.bb.com.br/docs/pub/inst/dwn/Langsdorff.pdf>>. Acesso em: 19 set. 2017.

KOSSOY, Boris. **Hercules Florence**: a descoberta isolada da fotografia no Brasil. 3 ed. São Paulo, SP: Edusp, 2006.

KOSSOY, Boris. **Hercules Florence 1833**: a descoberta isolada da fotografia no Brasil. 1 ed. São Paulo, SP: Faculdade de Comunicação Social Anhembi, 1977.

KOSSOY, Boris. **Hercules Florence 1833**: a descoberta isolada da fotografia no Brasil. 2 ed. São Paulo, SP: Livraria Duas Cidades, 1980.

MANIZER, Genrik Genriklovich. A expedição do acadêmico G. I. Langsdorff ao Brasil (1821-1828). In: XPRINTSIN, B. G. (org.) **Edição póstuma**. Tradução de Osvaldo Peralva. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967; Brasiliana Eletrônica. Disponível em: <<http://www.brasiliana.com.br/obras/a-expedicao-do-academico-g-i-langsdorff-ao-brasil-1821-1828/pagina/6/texto>>. Acesso em: 16 set. 2017.

MONTEZ, Luiz Barros. Relatos de viagens como objetos de reflexão historiográfica e da prática tradutória. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, n° especial, jul./dez., 2014.

TAUNAY, Alfredo D'Escragnolle. A expedição do Cônsul Langsdorff ao interior do Brasil. In: FLORENCE, Hercules. **Viagem fluvial do Tietê ao Amazonas de 1825 a 1829**. Tradução de Alfredo D'Escragnolle Taunay. Brasília: Senado Federal, 2007.

SOBRE O AUTOR



Marcelo da Silva Murilo

Historiador. Nasceu na cidade de Vila Velha, ES. É graduado em História e mestre em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). É Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo (FFLCH-USP) e pós-doutor pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Também é poeta, ator e capoeirista. É professor associado do Centro de Educação, Letras e Artes da Universidade Federal do Acre (Cela/Ufac). Fez parte da equipe responsável pela criação e coordenação do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros da Ufac (Neab/Ufac). Desenvolveu e coordenou os projetos Escolinha de Capoeira (Cela/Ufac) e Museu Vivo do Negro (Cela/Ufac). Integra a divisão técnica do Iphan, ES.



